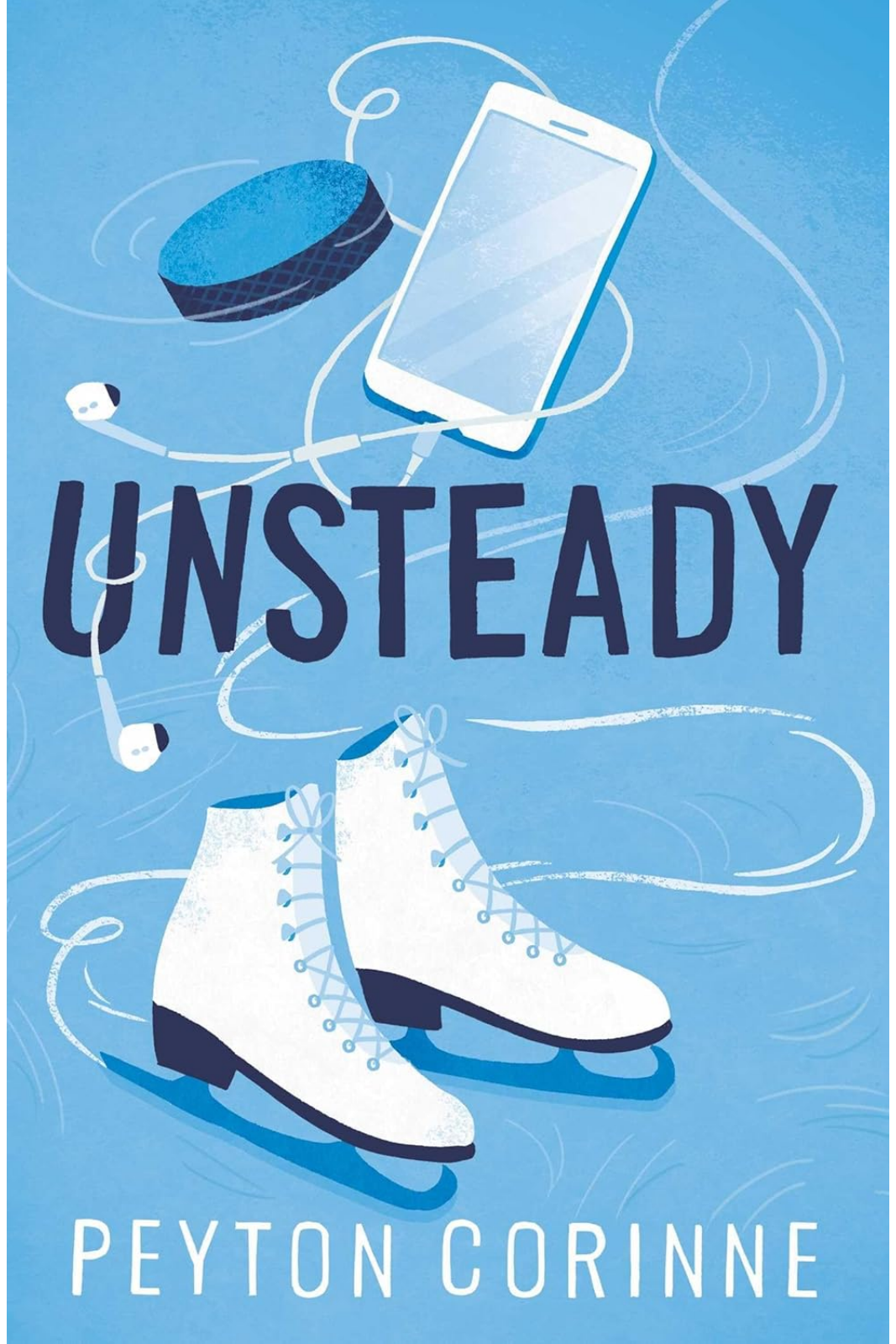


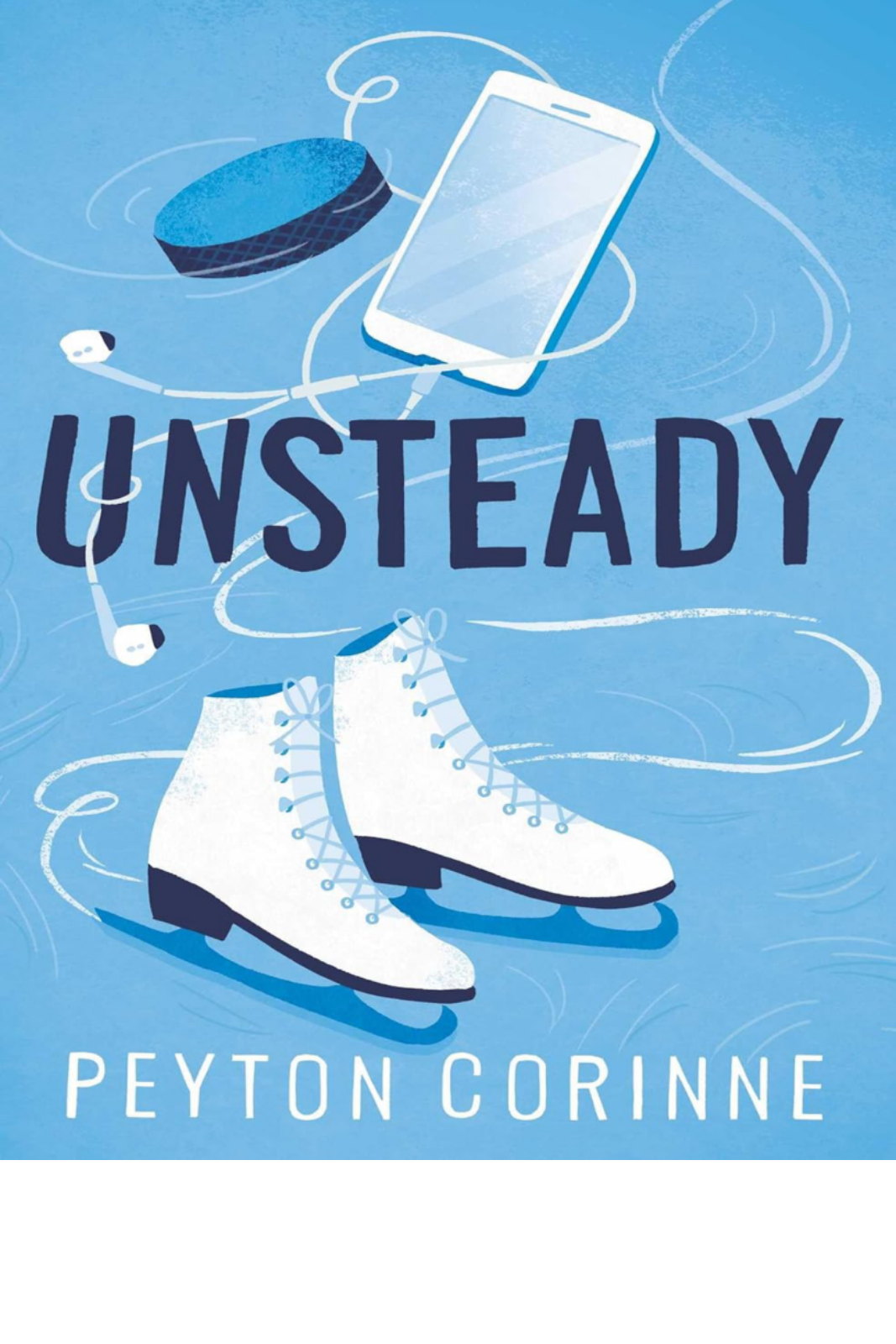
An illustration on a blue background featuring a white smartphone, a blue disc with a black grid pattern, and a pair of white lace-up boots. White, swirling lines resembling tangled wires or a path connect the objects and swirl around the central text. The smartphone is at the top right, the disc is at the top left, and the boots are at the bottom. A white cable with two earbuds is also visible, looping around the left side of the title.

UNSTEADY

PEYTON CORINNE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

An illustration on a blue background featuring a white smartphone, a blue textured disc, and a pair of white lace-up boots. White lines, resembling tangled wires or motion lines, swirl around the objects. The title 'UNSTEADY' is written in large, bold, dark blue capital letters across the center.

UNSTEADY

PEYTON CORINNE

UNSTEADY



UNSTEADY

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

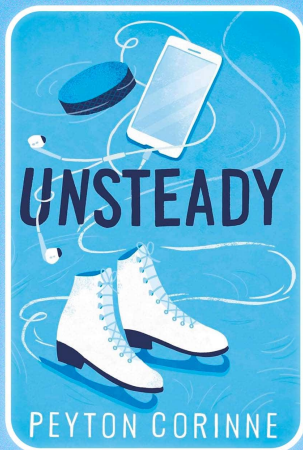
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

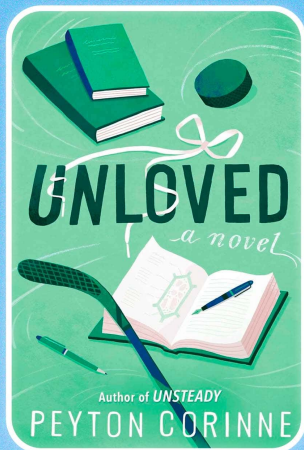


THE UNDONE

#1



#2

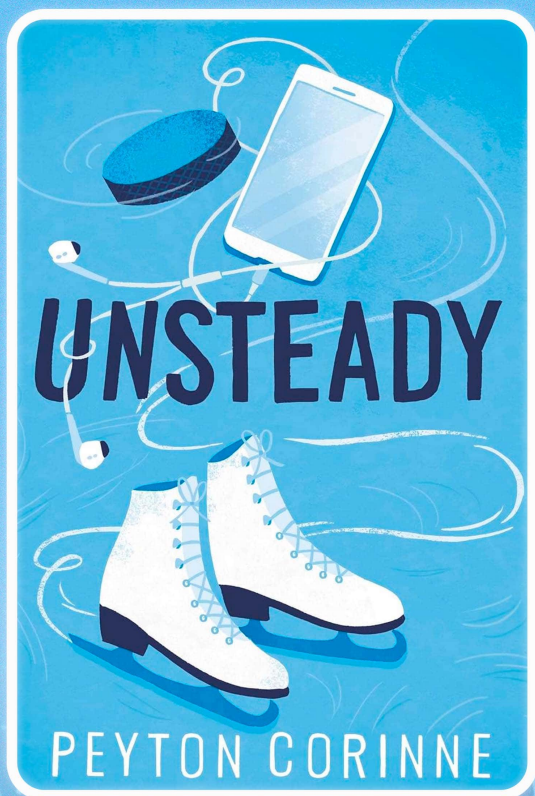


AG. LANÇAMENTO
04/02/2025



THE UNDONE

LANÇAMENTO



UNSTEADY

SINOPSE

Rhys está desesperado para sentir qualquer coisa.
Sadie quer parar de sentir tanto.

Rhys Koteskiy está de volta — pelo menos, ele deveria estar. Durante o Frozen Four do ano passado, o capitão de hóquei da Universidade Waterfell e legado da NHL levou um golpe brutal que o deixou com uma concussão e um novo desconforto no gelo. Atormentado por pesadelos e ataques de pânico toda vez que tenta patinar, Rhys se pergunta se ele vai jogar novamente — ou se ele vai querer jogar.

Sadie Brown está se mantendo focada neste semestre — não importa o que aconteça. Atualmente se afogando em dívidas, audiências de custódia para seus irmãos mais novos e treinos de patinação, ela está apenas tentando sobreviver ao dia seguinte. Uma patinadora artística brilhante conhecida por sua má atitude e frequentes desaparecimentos, Sadie tem uma reputação no campus. E não é nada bonita.

Quando ela acidentalmente testemunha um dos ataques de pânico do capitão de hóquei do garoto de ouro e tenta ajudá-lo, um estranho tipo de entendimento surge entre eles. Sem perguntas. Apenas conforto. Mas Rhys se vê atraído por Sadie. Onde ele se sente vazio, uma casca do homem e jogador que ele era antes, Sadie está tão cheia de tudo, que explode dela; cada emoção que ela sente parece estar explodindo no volume máximo. Rhys está desesperado para sentir qualquer coisa. Sadie quer parar de sentir tanto. Mas a cura não se mistura com segredos, e ambos estão patinando em gelo fino.



Para o meu pai,

Que passou a vida com um livro numa mão e a minha na outra.

Nunca importou sobre o que o livro seria, sempre seria para você.

PLAYLIST

It's Called: Freefall – Rainbow Kitten Surprise

Little Dark Age – MGMT

American Teenager – Ethel Cain

Cherry Waves – Deftones

this is me trying – Taylor Swift

Heartbeats – José González

Sleep Alone – Two Door Cinema Club

Juliet – Cavetown

No Sleep Til Brooklyn – Beastie Boys

Waterloo – ABBA

Fast Car – Tracy Chapman

The Difference – Flume

Make This Go On Forever – Snow Patrol

Uncomfortably Numb – American Football & Hayley Williams

The Hills – The Weeknd

Getaway Car – Taylor Swift

Losing My Religion – R.E.M.

Barely Breathing – Duncan Sheik

Let's Get Lost – Beck & Bat for Lashes

Gilded Lily – Cults

Meddle About – Chase Atlantic

Asphalt Meadows – Death Cab for Cutie

The Kids Aren't Alright – The Offspring

Sex – The 1975

Cupid's Chokehold \ Breakfast in America – Gym Class Heroes

Cherry Flavoured – The Neighbourhood

Peace – Taylor Swift

Yippie Ki Yay – Hippo Campus

Killer – Phoebe Bridgers

Revolution o – boygenius

Don't Look Back in Anger – Oasis

Savior Complex – Phoebe Bridgers

Sparks – Coldplay

California – Lana Del Rey

Your Best American Girl – Mitski

R U Mine? – Arctic Monkeys

When I Get My Hands On You – The New Basement Tapes

Matilda – Harry Styles

Family Line – Conan Gray

Boy With The Blues – Delacey

Heaven – Brandi Carlisle

Love song – Lana Del Rey

Bite the Hand – boygenius

Delicate – Damien Rice

Enter Sandman – Metallica

Repeat Until Death – Novo Amor

Wish You Were Here – Pink Floyd

Jackie and Wilson – Hozier

Space Song – Beach House

PRÓLOGO

Rhys

Três meses atrás

Eu não consigo respirar.

O gelo parece frio contra meu corpo, penetrando pela minha camisa. Posso senti-lo na minha barriga... *Porra*, estou de bruços na porra do gelo. *Eu desmaiei?*

— Filho, você está bem, pode levantar a cabeça para mim?

Tudo está preto. Fecho os olhos e os abro novamente. Nada. Continuo piscando; pelo menos, acho que estou... *Porra*, quanto tempo fiquei desacordado?

— Koteskiy, preciso que você respire — diz outra voz, antes que haja uma mão segurando meu braço. — Não o mova, Reiner, ainda não.

Um raspar de gelo contra uma lâmina, então eu ouço a voz do meu melhor amigo, Bennet:

— O que há de errado? O que aconteceu?

Quero chamá-lo, tento desesperadamente empurrar seu nome pela minha boca, mas parece que meus lábios se fundiram.

— Recuem, pessoal. Para trás!

— Não consigo ver — consigo balbuciar. — Não consigo ver. — A frase sai como um soluço sufocado.

— Acalme-se — Ben pede, sua voz suave, acalmando o medo e a adrenalina que correm por mim. — Fique calmo, Rhys, apenas respire.

— Onde está meu pai? Eu não consigo ver nada.

Minha voz é como uma coisa estranha, ecoando em uma caverna. Estou falando ou está na minha cabeça? *Por que não consigo ver?*

Tudo começa a ecoar novamente, e a dor lateja na minha cabeça ainda mais forte. Eu quero abrir meus olhos. Quero empurrar minha língua contra os dentes para verificar se estão todos lá e juro que usarei um protetor bucal na próxima vez. Quero voltar e prestar atenção, manter a cabeça erguida contra aquele golpe. Eu não quero estar aqui.

Eu não quero estar aqui.

Eu não quero estar aqui.

As vozes ao meu redor começam a se confundir enquanto eu caio na escuridão espessa que ainda me aprisiona.

UM

Rhys

Presente

— Só experimente hoje, e se você ainda se sentir um merda, não vou pedir de novo. Ok?

Mesmo com o volume do meu telefone tão baixo que deveria ficar mudo, a voz do meu pai é um eco estrondoso pelo alto-falante. Estremeço levemente, usando a memória muscular para puxar a calça preta sobre as pernas na escuridão do meu quarto. Colocando um moletom sobre a cabeça gentilmente, tiro o telefone de onde ele está na cômoda.

— Estou bem — eu digo. Não é realmente uma resposta, mas sei o que ele realmente está perguntando sob seu comando.

Meu pai e eu somos do mesmo jeito: ambos calmos sob pressão, ambos “mergulhados como Aquiles em um poço de confiança”, como minha mãe tantas vezes costuma dizer. Fui comparado a ele a minha vida toda – na minha aparência, no jeito que patino, no jeito que jogo – e, ao contrário de muitos dos outros herdeiros da NHL¹ com quem joguei, eu não ligo.

Meu pai sempre foi meu herói.

É por isso que, sabendo disso, ele me pediu para trabalhar hoje com a *First Line Foundation* – uma instituição de caridade que meu pai começou depois de se aposentar da NHL – apenas como uma forma de cuidar de mim. A fundação financia programas de bolsas de estudo para crianças que querem jogar hóquei, mas não têm meios para isso. Já trabalhei com o programa antes, até gostei, mas agora...

É assustador, como se eu soubesse mesmo agora que os sorrisos

das crianças não vão afastar o pavor constante que preenche o vazio do meu corpo.

— Rhys — ele chama novamente, sua voz ainda muito alta e eu respiro fundo, calçando meus sapatos e pegando minha bolsa antes de sair para o ar quente de junho. — Apenas tente. E então, se você quiser, pegue as chaves amanhã de manhã, antes que o ringue abra, e faça alguns exercícios.

Concordo com a cabeça, colocando a bolsa no banco de trás do meu BMW. Fui autorizado a dirigir há mais ou menos um mês, mas mal saí de casa durante todo esse tempo.

— Eu irei — eu finalmente digo, apertando as mãos no volante enquanto fico sentado em silêncio. Apenas o som agudo do alto-falante do meu pai me diz que ele está dirigindo com as janelas abertas em sua velha caminhonete, que a minha mãe chama de "aquela coisa".

— E se você não estiver pronto este ano, não há razão para se forçar. Um ano a mais pode ser bom, causa uma impressão melhor nos olheiros antes do próximo recrutamento...

Eu o interrompo antes que suas palavras possam me mandar de volta para o meu quarto com as cortinas blackout bem fechadas.

— Eu quero jogar. Sinto-me preparado para jogar de novo — minto. É uma mentira que venho praticando, então sai da minha língua mais fácil do que respirar. — Estou bem.

Um suspiro profundo ecoa na linha, antes de nos despedirmos rapidamente e eu finalmente ligar o carro.



A pista está lotada, especialmente para uma noite de quinta-feira na hora do jantar. Crianças com idades entre cinco e treze anos andam pela pista com alguns voluntários que reconheço de funções anteriores — alguns jogadores aposentados, alguns pais com experiência relevante. Eu até localizei Lukas Bezek — um dos novos craques dos *Bruins* — com a equipe de mídia social trabalhando com

alguns dos garotos mais velhos em *slapshots*².

Assim que piso no gelo, um pequeno borrão atinge minhas pernas com um grito tardio:

— Cuidado!

Eu pego o garotinho antes que ele ricocheteie das minhas coxas e caia no gelo.

Ele ri quando eu o puxo e o seguro pelas pequenas almofadas e camisa que ele está vestindo, esperando até que ele fique de pé novamente. Ele fica olhando para mim o tempo todo, com sardas e um sorriso desdentado que o faz parecer um mini jogador de hóquei. Ele desliza um pouco novamente, não sendo o melhor patinador do mundo, mas não franze a testa nem parece nem um pouco agitado.

—Desculpe — ele fala, um pequeno assobio saindo de seu dente da frente perdido. — Ainda estou melhorando as minhas paradas.

O velho Rhys teria rido e dito algo gentil ou engraçado, como *"Tudo bem, amigo. Eu também"*. Mas até a ideia de rir parece impossível, então ofereço o máximo de sorriso que meu rosto consegue.

— Que bom que nós vamos trabalhar nessas paradas hoje — anuncia uma voz alegre enquanto uma garota alta e bonita se aproxima e para perto de nós, com um bando de crianças atrás dela. — E bom trabalho, Liam, ao encontrar nosso treinador convidado especial para hoje!

Liam, o garoto ainda agarrado a mim com a mãozinha enluvada na minha perna, ri de novo e olha para mim.

— Ele é tão alto!

O grupo de crianças que agora nos rodeia dá risada e sorri para mim, esperando alguma coisa. O suor escorre pela minha nuca ao ver todos os seus rostos esperançosos olhando para mim, confiando em mim.

Talvez isso tenha sido um erro.

— Este é o Rhys. — A garota assume. — Ele é central dos *Waterfell Wolves*, então joga hóquei na faculdade, nos arredores de Boston! Ele joga desde a idade de vocês. E ele vai ajudar vocês com a patinação hoje.

— Vamos jogar hoje? — Uma garotinha pergunta com o capacete nas mãos, as bochechas corando imediatamente com a atenção de seus colegas de classe.

— Provavelmente não hoje. Vamos trabalhar principalmente na patinação, certo? — A garota explica ao grupo, sorrindo levemente enquanto todos comemoram. — Vamos aprender um pouco de manexo com o taco com o nosso capitão de hóquei aqui. — Ela acena para mim. — E então finalizar com alguns jogos divertidos. O que vocês acham?

Um consenso de aplausos e gritos começa antes que ela os dispense para algumas voltas de aquecimento.

— Espero que você não se importe que eu assumo o controle — diz ela, estendendo a mão para apertar a minha. — Eu sou a Chelsea. Um dos líderes me disse que você estaria ajudando hoje com os pequenos.

— Sim — eu respondo. Patinando suavemente ao lado dela, seguindo seu exemplo até o outro lado do rink, onde uma pilha de cones fica perto das tábuas, tento puxar todos para o centro. — Obrigado por isso. Eu estava um pouco fora de mim esta manhã.

— Eu entendo. — Ela ri. — Todos nós temos algumas noites assim.

Eu deveria rir, ou acenar com a cabeça e concordar — como se minha falta de emoção fosse apenas uma forte ressaca de uma noite difícil —, mas mal consigo dar um meio sorriso enquanto nos preparamos para os treinos.

— De qualquer forma, vou pegar leve. Para os pequenos, é principalmente uma aula de patinação. O grupo de dez anos ou mais está com os *Bruins* para a imprensa hoje. — Ela acena para a turma cambaleante que volta em nossa direção. — E o pequenino que tentou

te derrubar é o Liam, ele precisa de alguns cuidados extras, se você quiser se concentrar nele hoje. Então facilite.

Então eu obedeço.

Liam é fácil, um aluno ávido – embora desajeitado, mas nunca perde o sorriso. Ele se agarra a mim com facilidade, observando as outras crianças de vez em quando com uma carranca determinada.

— Meu irmão também é muito bom — diz ele, um pouco sem fôlego enquanto segura o bolso da minha calça de corrida mais uma vez. O garoto é um péssimo patinador, mas parece feliz.

Chelsea encerrou a sessão com uma rápida reunião, em que apenas metade deles conseguiu se ajoelhar, o restante estava esparramado no gelo com sorrisos felizes.

Fico esperando por aquele pequeno lembrete de mim mesmo nesta idade, segurando o taco de hóquei do meu pai e deixando ele me arrastar quase rápido demais pelo gelo. Assistindo aos jogos dele na TV, vestido com a camisa do time e gritando, assim como minha mãe. A primeira vez que marquei um gol sozinho, mesmo que tenha sido quase acidental. Eu espero... E, ainda assim, nada.

— É aquele?

O garoto olha por cima do ombro para o grupo mais velho terminando o treino do outro lado do gelo.

— Sim. Oliver. Acho que ele vai ficar com inveja de você ter patinado comigo hoje.

— Inveja? — Eu levanto uma sobrancelha para o garotinho.

Ele acena com a cabeça e outra risada escapa.

— Oh, sim. Você joga hóquei no *Wolves* e Oliver quer *muito* ir para lá.

Eu observo o rink com ele, agora me perguntando por que exatamente Liam não foi chamado pelo bando de pais que cercam as crianças se empanturrando de guloseimas na mesa de lanches. As

crianças mais velhas se espalham, todos indo em direção ao portão, exceto um – um garoto mais alto, com cabelo comprido o suficiente para sair do capacete, que está patinando bem na nossa direção.

Chelsea não está em lugar nenhum, na verdade o ringue se esvaziou. Pais e filhos cobrem as arquibancadas e se amontoam em volta da mesa de lanches, rindo e conversando tanto entre si que ecoa e reflete a iluminação nas paredes do ringue aberto. Espero que alguém se aproxime do vidro e note os dois garotos que ainda estão no gelo, mas ninguém vê.

— Ela não está aqui? — Pergunta o garoto mais velho, Oliver, tirando o capacete para pendurá-lo nas mãos. Seu cabelo é mais escuro, mas os olhos cinzentos são idênticos aos do irmão, é fácil de identificar a conexão em seus rostos jovens.

Liam balança a cabeça, em silêncio pela primeira vez durante toda a tarde.

Oliver faz um som frustrado, antes de olhar para Liam com as mãos nos quadris depois de um rápido olhar cauteloso para mim.

— Eu te disse, se ela não estiver aqui, você tem que me esperar perto dos lanches com a senhorita Chelsea.

Liam faz beicinho, sua mão me liberando para deslizar, ou tropeçar, até seu irmão.

— Mas ele é um *Wolf*! — ele explica com uma voz semi-sussurrada, soltando um uivo rápido. — Tipo, ele joga hóquei em *Waterfell*.

O garoto olha para ele, esperando que o irmão faça alguma coisa, mas Oliver parece envergonhado, quase irritado. Liam uiva de novo, depois vira a cabeça para mim e diz:

— Não é, Rhys?

Deixo escapar um sorriso e aceno.

— É sim, Liam.

— Ele vai me ensinar tantas coisas de hóquei que vou ser ainda melhor que você.

Oliver sorri, apesar das travessuras de seu irmão, enquanto Liam patina em pequenos círculos ao redor dele. Ele provavelmente sente que está voando, mas está tropeçando com um pé só.

É fácil ver a camaradagem entre eles e me faz lembrar de ter seis anos e perseguir Bennett como um lunático porque ele sempre foi maior, mas eu era mais rápido. Ele é meu irmão, mesmo que não de sangue, e uma dor emana do meu peito ao pensar nele, nas cem chamadas perdidas e mensagens de texto no meu telefone que ainda não ouvi ou respondi.

Não o vejo desde o hospital, apesar de saber que ele fez várias visitas à minha casa, apenas para ser rejeitado pelos meus pais repetidas vezes.

Meu telefone vibra no meu bolso e eu o pego.

BENNETT REINER

152 mensagens não lidas

Eu sei que você está vivo, idiota. Responda seu...

Não me preocupando em ler mais do que a prévia, coloco-o de volta no bolso e ignoro a pontada de culpa que me atinge, e concentro minha atenção nos garotos que estão olhando fixamente para mim.

Chelsea se junta a nós de repente. Ela está sorrindo abertamente para os meninos, dá um pequeno encolher de ombros antes de se inclinar para sussurrar em meu ouvido.

— Eles são sempre os últimos aqui. — Enquanto ela fala, olho e

vejo que a mesa de lanches está vazia e somos os únicos quatro no ringue inteiro. — Alguém tem que ficar com eles até...

Uma porta bate e há uma garota correndo pela rampa em direção ao portão.

Ela é magra, coberta com leggings pretas justas e um moletom azul enorme dentro do qual ela está praticamente nadando, o rabo de cavalo solto e afogado pelo capuz pendurado em seus ombros. É a expressão cansada em seu rosto que realmente me faz pensar quando foi a última vez que ela dormiu.

À medida que ela se aproxima, percebo o quão jovem ela parece ser, mas acho que talvez essa avaliação seja dura para uma mãe de dois filhos.

Observo o rosto de Liam se iluminar, seus joelhos dobrados como se ele pudesse pular de excitação se não tivesse medo de cair. Chelsea ao meu lado bufa e revira os olhos, dando-me um olhar que diz que está longe de ser a primeira vez que ela se atrasa.

— Estou aqui — ela grita, a bolsa balançando com força em suas costas, pendurada em seus ombros, enquanto ela corre para o gelo com tênis *slip-on*, deslizando sem rumo por um momento antes de recuperar o equilíbrio e caminhar rapidamente em nossa direção.

— Você está atrasada — Chelsea zomba. — De novo. — As mãos dela caem sobre os ombros de Oliver, em um gesto protetor, e o vermelho aquece a pele já corada da garota.

— Eu sei — ela diz, ajoelhando-se no gelo para ficar no nível dos olhos de Liam, que ainda está animado, sem nenhum sinal de frustração com sua... mãe? Ela parece muito jovem, especialmente porque o mais velho parece ter cerca de onze anos.

Ela olha em volta brevemente, e só então um lampejo de reconhecimento me atinge. Já a vi antes, mas não consigo identificar onde.

Ela não se dá ao trabalho de falar com Chelsea, apenas dá um grande sorriso para o garoto que está olhando para ela como se ela

fosse o mundo inteiro dele, antes de passar a falar diretamente com Oliver, cujo rosto está vermelho e inclinado para baixo, a decepção emanando dele.

— Sinto muito, amigo. — Ela morde o lábio com força, seus grandes olhos cinzentos implorando. — Eu tentei de verdade.

— Fiquei ainda mais rápido hoje — diz Liam, completo e alegremente ignorante à óbvia frustração de seu irmão.

Ela pisca para ele e esfrega sua cabeça levemente, bagunçando seu cabelo.

— Aposto que um dia você será ainda mais rápido que Crosby.

Quase bufo, em parte porque agora estou imaginando um pôster de Sidney Crosby no seu quarto de infância. Apesar do fato de meus lábios nem sequer começarem a subir — nenhum sinal de uma risada surgindo. Estou surpreso com a rapidez com que ela obteve qualquer tipo de reação em meu corpo vazio.

— Crosby não é o mais rápido. E você jurou que estaria aqui para ver — Oliver acusa, com a testa franzida, as bochechas quentes.

— Oliver, campeão, desculpe. Eu prometo que estarei aqui...

— Você diz isso toda vez, mas não aparece só por causa *dele*. — Ele cospe a palavra como veneno e a expressão dela se fecha.

Está claro que, quem quer que *ele* seja, é um problema constante para eles. Um namorado talvez? Cruzo os braços, concordando ligeiramente com Chelsea.

— Que tal você me mostrar agora? — Ela oferece, em um tom esperançoso tentando mudar a situação. — Me de um minuto para calçar meus patins e eu até aposto corrida com você...

— Na verdade — Chelsea a interrompe. — Precisamos sair do gelo agora. Eles têm que limpa-lo antes do jogo da liga da cerveja hoje à noite. Vamos, Oliver, vamos pegar um dos biscoitos na mesa de lanches. Guardei alguns para você.

Oliver segue Chelsea enquanto eles patinam juntos em direção à saída e só agora percebo que a garota está olhando para mim, com as sobrancelhas franzidas.

Constrangido de uma forma que eu nunca teria estado antes do acidente, fixo minha postura, endireitando minha coluna. Meus braços ficam soltos ao lado do corpo por um momento, mas de alguma forma isso parece pior. Então eu os cruzo, antes de me sentir ainda mais ridículo e deixá-los cair novamente, uma das mãos encontrando meu bolso.

— Quem é o grandalhão?

Ela olha para Liam, levantando uma sobrancelha para ele antes que ele sorria.

— Ah, sim, eu sei, alerta de estranho, mas esse é o Rhys.

— Eu não sei quem é Rhys, besourinho.

— Ele vai nos ajudar a ficar *realmente* bons no hóquei — diz Liam, no momento em que seu patins desliza debaixo dele e ele escorrega no gelo, com a barriga primeiro.

Estendo a mão para ele imediatamente, pegando-o facilmente e segurando seus braços até que ele fique firme novamente. É bastante fácil, especialmente depois de repetir esse processo cerca de vinte vezes na última hora.

— Você está bem? — Pergunto, abaixando-me até ficar na altura dele e enviando outro sorriso rápido, embora contido, para a garota que olha para nós. Espero por algo — um sorriso, um murmuro de aprovação, um "*Que fofo*" ou "*Você tem um jeito especial com crianças*". Todas as respostas usuais ao meu charme fácil de antes. Mas ela não me dá nada além de um longo olhar vazio.

Eu não estou gostando disso, sinto que seus olhos cinzentos em forma de gato podem ver tudo. Como se houvesse algo fisicamente errado comigo que sinalizasse todo o show de merda escondido sob minha pele.

— Estou bem — responde Liam, patinando na frente com as pernas trêmulas. — Rhys é, tipo, o melhor jogador de hóquei.

— Ahh. — Ela balança a cabeça, os olhos ainda irritantemente fixos em mim. — Tudo bem, então, diga adeus ao craque do hóquei, besourinho. Hora de ir para casa.

— Tchau, Rhys! Na próxima semana trarei meu capacete. Tem adesivos nele — Liam praticamente grita, levantando-se rapidamente de outra queda antes de tentar dar outro grito para mim. Eu sei que deveria me juntar a ele, fazê-lo pensar que sou seu amigo, mas há uma pressão no meu peito que me impede de me mover, muito menos de respirar.

Ele cai mais duas vezes no caminho para os bancos e arquibancadas onde Oliver está desamarrando os patins, observando cuidadosamente onde a garota ainda está, como se estivesse preocupado com ela apesar de sua raiva.

Ela sopra uma framboesa, sua franja e a infinidade de gavinhas soltas de mechas marrons e sedosas giram em torno de seu rosto. Espero um momento, pronto para me apresentar quando vejo a etiqueta na bolsa dela.

— Você estuda na *Waterfell*?

Não só a *Waterfell* em si, mas aquilo é um patins bordado no final do logotipo: uma patinadora artística.

Ela se vira para mim tão rápido que todo o seu equilíbrio é perdido. Eu a agarro, sem ficar espantado por ela parecer leve como o ar por ser tão pequena, e a coloco de volta no gelo sólido antes que ela possa piscar.

O nome dela foi esquecido por mim, se é que algum dia eu o soube, mas me lembro dela. Já a vi entrando e saindo do complexo antes, sempre com algum tipo de pressa, sempre mal se segurando em pé.

Mas a lembrança que mais me atinge é de vê-la irromper em nosso treino um dia que foi até mais tarde, gritando raivosamente com

nosso treinador desequilibrado, antes que um homem alto e de rosto severo a pegasse pela cintura e a levasse embora.

Lembro-me bem disso porque fiquei depois, demorando-me nos túneis por um momento enquanto ela começava a tocar uma música alta e vibrante e brilhava no gelo cortado, impedindo o nivelador de gelo de passar enquanto ela patinava como se quisesse matar alguém.

Pura paixão.

Ela é linda de perto, mesmo com sua aparência bagunçada, seu cabelo é brilhante e escuro, a pele corada, mas pálida, com uma pequena trilha de sardas sob o olho direito.

— Que bom que peguei você. — Tento sorrir, meu antigo charme me cobrindo como um casaco grosso, um escudo, antes que ela pisque uma, duas vezes, depois franze a testa em profunda frustração e se afasta de mim.

— Tenho certeza que você pega todo tipo de coisa.

Ainda sorrindo, apesar da falta de resposta habitual e do vazio que invade minhas entranhas, digo:

— Eu jogo hóquei na *Waterfell*.

— Tudo bem, crianças — ela diz, ignorando completamente minhas palavras e presença enquanto ela marcha para fora do gelo com o nariz arrebitado. Algo muda, seja pela rejeição dela àquilo que antes me tornou tão valioso, ou pela falta de qualquer reconhecimento. — Vamos.

Os dois garotos pegam sua bolsa de equipamentos compartilhada e desfilam atrás dela, Liam tão animado quanto antes, e Oliver igualmente desanimado. Isso dá um soco no meu peito, algo se contorce quando olho para sua expressão abatida e corro para fora do gelo, seguindo-os.

— Ei — eu chamo, esperando enquanto os três se viram. — Posso falar com você um minuto... uh, desculpe, você não disse seu nome.

Liam ri e aponta para a garota que o protege.

— Essa é Sadie.

— Valeu, *nugget*. — Ela revira os olhos, empurrando levemente o ombro dele enquanto olha para mim. — Sobre o quê?

— É sobre... Os meninos. Apenas... — Eu me interrompo enquanto ela se aproxima de mim. Quanto mais perto ela chega, mais rápido meu coração começa a acelerar com a ideia de discutir com ela.

— O que é? — Seu tom é tão agressivo quanto sua postura, braços cruzados e olhando para mim, como se *ela* fosse o central de 1,90m com três centímetros extras de patins.

— Eu sei que sou novo no programa de bolsas, mas Liam e Oliver são incríveis — mesmo sendo tão jovens.

— Eu sei.

Consigo manter o sorriso estampado no rosto, principalmente porque algo quente está vibrando em minhas entranhas.

— E, bem, acho que o apoio dos pais é importante para as crianças, especialmente no que diz respeito aos seus interesses...

— Vá direto ao ponto, campeão.

Tudo bem, tudo bem. Não há mais charme. Eu endureço meu olhar e cruzo os braços.

— Você deveria fazer um esforço para estar aqui. E não uma promessa esquecida.

Seus olhos se tornam flamejantes diante de mim, fogo sob a ardósia cinza, e, por um momento, penso que ela poderia me atacar, tentar me derrubar no chão.

Talvez isso ajude, talvez me force a sentir algo além do abismo vazio de nada que se abre por dentro. Talvez, se ela for mais forte do que parece, ela me derrubará no chão.

Sinceramente, espero que ela consiga.

— Anotado. Mais alguma coisa que você gostaria de sugerir de cima do seu pedestal? — Ela não espera nem um segundo antes de

continuar. — Ótimo! — Ela bate palmas com raiva. — Que bom que tivemos essa conversa.

— Espere. — Tento novamente, minha frustração aumenta quando tento agarrar seu pulso e impedi-la de recuar.

Ela se inflama, acendendo com o contato e se afastando do meu toque como se eu tivesse tentado atear fogo nela. Eu a solto imediatamente, apenas para ver sua mãozinha agora enrolada, tanto quanto possível, em meu pulso. Ela o está dobrando, como um valentão no parquinho, em alguma tentativa de movimento de autodefesa que me dá um arrepio na espinha.

— Nunca mais me agarre assim. — Ela torce me pulso um pouco mais, e quero pedir a ela para mantê-lo assim, porque esta é a primeira *coisa*, além de dor, que sinto em meses.

Mas não posso, porque no momento em que consigo engolir a saliva pela minha garganta e tiro a língua do céu da boca, todos os três já desapareceram.

DOIS

Sadie

Para mim, terça-feira é o pior dia da semana.

— Sadie, por favor.

Terças-feiras são dias de pagamento, o que significa que meu pai está mais inclinado a me pedir dinheiro abertamente, em vez de soltar dinheiros ou roubar do nosso orçamento alimentar.

— Não posso.

Tento não olhar, concentrando-me em amarrar meu tênis, no topo da escada, verificando novamente se minha bolsa tem tudo que preciso para o treino, além de roupas para a cafeteria. Enfiando um par extra de meias no bolso lateral com zíper, sou forçada a olhar para ele enquanto desço as escadas frágeis.

— Só mais alguns trocados. Eu só preciso de algo para me sustentar durante a semana.

Tento lembrar que houve um tempo em que não era assim. Quando meu pai era alguém que nos amava muito — que colocava a mim, e até mesmo ao bebê Oliver, em primeiro lugar.

— Eu já disse que não posso. — Respondo de novo, cruzando os braços e querendo passar por ele. Sua cabeça está levemente caída, o cabelo mais desganhado agora do que antes, mas seus olhos ainda são iguais aos meus, apesar de estarem avermelhados e escuros. — Oliver precisa de patins novos; seu pé estava sangrando ontem porque os velhos apertam.

Meu irmão tentou esconder, mas ontem à noite o peguei na cozinha colocando *band-aids* nos calcanhares.

A boca do meu pai se contrai e quase posso ouvir a discussão em sua cabeça, a linha sobre a qual ele se equilibra com tanto cuidado. Ele nunca nos bateu, nunca machucou fisicamente um de nós. Mas sua mera presença é suficiente para sentir como se alguém estivesse pressionando meus ombros. Ele quer argumentar que esta é a casa dele, e o dinheiro dele, mas na verdade não é. Não mais – não desde que consegui um emprego aos quatorze anos e economizei cada centavo até ter o suficiente para continuar patinando. Não desde que ganhei minha bolsa de estudos que garante que eu não preciso aceitar nenhuma de suas migalhas, se é que podem ser chamadas assim.

Minha mãe tem dinheiro, proveniente de um fundo que sua família rica lhe concedera muito cedo, antes que seus hábitos ficassem mais difíceis de quebrar. Ela paga pensão alimentícia ao meu pai, eu me esforço exaustivamente para encontrar os cheques no correio antes que meu pai possa gastá-los em uísque de primeira qualidade.

Antigamente, eu acreditava que eles tinham uma linda história romântica; a garota rica se apaixonando pelo garoto sem nada. Mas agora eu tenho mais discernimento.

Minha mãe não ama ninguém além de si mesma.

E meu pai pode nos amar no fundo, mas sempre amará mais seus vícios.

Talvez seja por isso que não consigo evitar de pegar os cinquenta dólares das gorjetas do dia anterior que estão no bolso da minha calça jeans e colocá-los na mão dele.

— Isso é tudo que você vai receber de mim durante a semana — eu aviso, um redemoinho de ansiedade ameaçando meu estômago enquanto seus olhos se iluminam. — Estou falando sério, tenho que pagar pelos patins do Oliver.

— Não tem problema — uma voz rouca bufa, meu irmão deslizando por baixo do meu braço e entrando na cozinha. — Posso ficar com os meus antigos por mais um mês.

— Você não pode, campeão. Além disso, você tem um torneio

chegando.

Antes que eu possa tomar a iniciativa, Oliver enche o filtro e prepara uma xícara de café para mim. Ele fica de costas para o adulto ainda parado na porta, como se pudesse fugir a qualquer momento.

— Quando é o seu torneio? — A voz do nosso pai está trêmula, os olhos ainda um pouco injetados enquanto ele caminha para dentro da cozinha, apreensão em cada movimento seu em direção a Oliver. Quando está bêbado, ele é destemido, mas sóbrio é quase como se tivesse medo de nós. — Talvez eu pudesse assistir...

— Não se preocupe — Oliver murmura baixinho, interrompendo-o. Eu aperto o ombro dele levemente enquanto pego o leite na geladeira e pego o copo para viagem que meu irmão de onze anos já está me estendendo com felicidade.

— O meu é no próximo fim de semana, se você quiser assistir — diz um sonolento Liam da porta da cozinha, antes de arrastar seu cobertor de Star Wars pelo chão com ele e sentar-se à mesa. — Você está fazendo panquecas de novo, irmãzinha?

Pego minha bolsa na mesa, jogando por cima do ombro antes de bagunçar os cachos de Liam por trás de sua cadeira.

— Hoje não, besourinho. Há alguns *waffles* torrados no freezer para vocês dois, e seus almoços estão embalados na segunda prateleira.

Liam afunda dramaticamente em sua cadeira.

— Sem panquecas significa um dia ruim, irmãzinha.

Oliver resmunga, empurrando duramente o prato de *waffles* já preparados com torradas de canela para seu irmão.

— Coma e cale a boca sobre as panquecas.

Puxo sua orelha quando passo por ele.

— Seja gentil — eu repreendo, antes de suavizar minha voz e dar um tapinha nele. — E obrigada.

— Que seja.

Uma pontada em meu coração faz meus ombros caírem, torcendo a coisa em meu peito até que um grito esteja quase borbulhando em meus lábios. Parece que meu corpo está pegando fogo por dentro, toda raiva, ressentimento e medo borbulhando como um vulcão ativo, e sei que vou explodir em cima *dele* se não sair desta sala agora.

Você não consegue ver o que está fazendo com eles? Eu quero gritar. Eu sei o que acontece a seguir porque já aconteceu comigo. E não posso fazer mais nada para impedir isso – acorda!

— Você tem que ir antes do ônibus chegar? — Liam pergunta, sua voz ainda muito alta para de manhã cedo, mas posso sentir o desconforto nela.

Você tem que nos deixar com ele? Essa é a verdadeira questão. Oliver pode se lembrar do papai antes de tudo isso, mas Liam não. Liam só conhece esse pai, aquele que não aparece, que continua a ficar mais fraco e mais próximo da morte a cada dia.

Oliver pode estar explodindo de raiva, mas Liam está lutando contra o medo.

Eu odeio deixá-los. Odeio mandá-los para acampamentos de verão e distrações intermináveis que cabem no nosso orçamento. Mas sem patinar, minha mensalidade não é paga, e os dois empregos que tenho atualmente mal são suficientes para complementar os cheques da nossa mãe.

Isto é tudo por eles. Um dia, talvez, eles entendam isso.

— Amo você, *nugget* — eu sussurro, beijando Liam com força na bochecha. Ele mergulha para um abraço e se agarra a mim até que eu faça cócegas em seus lados para fazê-lo me soltar. Oliver está encostado no balcão da cozinha, seu corpo cada vez mais magro e rígido, com os braços cruzados sobre a camisa de segunda mão do *USA Nationals*. Dou-lhe um aceno de cabeça, sabendo que ele não gosta de ser tocado, antes de passar pela figura inclinada do meu pai pela porta.

Ele abre a boca como se quisesse dizer alguma coisa, e eu espero,

porque uma parte de mim está agarrada à possibilidade de ele voltar.

Mas ele permanece em silêncio.

E eu quero gritar.



“*Cherry Waves*” do *Blaring Deftones* faz pouco no sentido de limpar a névoa da raiva, mas a visão com a qual sou saudada ao chegar ao complexo de gelo facilmente esvazia todos os pensamentos da minha mente.

Há um carro caro no estacionamento vazio e as luzes estão acesas.

Eu deveria ser a única aqui, considerando que uso a chave do treinador Kelley antes dos meus turnos nos dias de concessão para obter tempo extra no gelo. A patinação pública não começa antes das oito da manhã, então, verificando novamente meu telefone, ninguém deve estar aqui antes das seis da manhã.

E, ainda assim, dando uma rápida olhada nas grandes vidraças que dão para o gelo, posso ver uma figura azul – um maldito *jogador de hóquei* – sentado no canto do gelo.

Deixo cair minha bolsa, tiro o tênis pelo calcanhar e calço os patins, amarrando-os rapidamente. Meus fones de ouvido ainda estão tocando, apenas me estimulando, pronta para começar uma briga.

Irrompendo pelas portas, grito rapidamente:

— Ei! Você não pode estar aqui! — Vou em direção a ele e marcho para o ringue já iluminado, pronta para dar a qualquer idiota que esteja monopolizando *meu* tempo no gelo a rodada de gritos do século.

Só que algo está errado.

O homem no gelo não está sentado – ele desmaiou, como se estivesse ferido.

Ele está ofegante, o suor brilhando em sua pele onde está

exposta. Seu suéter de hóquei está meio puxado sobre um dos ombros, como se ele estivesse tentado tirar e não tivesse conseguido terminar.

O suor gruda em cada parte dele, grudando seus longos cabelos escuros na testa e na nuca. Seu abdome está flexionando continuamente, como se ele estivesse hiper ventilando. A pele dourada dele é tesa e perturbadora – tanto que balanço a cabeça para clarear minha linha de pensamento descarrilada.

Tiro meus fones de ouvido, e o som de sua respiração ofegante preenche imediatamente o silêncio do ringue. Deslizando os protetores dos meus patins, eu entro no gelo e patino até ele com uma parada brusca e áspera.

— Ei — eu chamo, minha voz mais trêmula do que eu gostaria. — Você está bem?

É uma pergunta estúpida, considerando as circunstâncias.

Minhas mãos, ainda nuas já que eu não tinha colocado as luvas, agarram seus braços e tentam parar seus tremores constantes. Seus olhos estão arregalados, absorvendo-me lentamente, quase como se ele não tivesse certeza se eu sou real.

De perto, eu o reconheço: o figurão do hóquei, *Rhys*, do outro dia. Cabelo castanho escuro, lindos olhos castanhos e um queixo pontiagudo como aço duro, com uma covinha na bochecha direita que me faz pensar se há uma covinha correspondente na esquerda quando ele sorri.

Ele cai para trás novamente, mas seus dentes começam a bater mais forte e ele rapidamente aperta os joelhos contra o peito, as lâminas dos patins cortando o gelo.

— Não consigo respirar — ele consegue dizer.

Ele consegue, ele está respirando agora mesmo, mas não sou estranha a um ataque de pânico. Minha mente se acalma, o foco em outra pessoa é sempre uma torrente bem-vinda contra os gritos intermináveis em minha própria cabeça.

— Ei — eu chamo, um pouco mais dura, mesmo enquanto esboço um lindo sorriso, tentando o meu melhor para parecer doce e calma, esperando que isso o tire de qualquer precipício perigoso de pânico em que ele está pendurado. — Olhe para mim.

Ele o faz, franzindo levemente a testa, olhos castanhos brilhando por baixo.

— Você consegue respirar.

Algo luta em seus olhos, antes que ele os feche e agarre seu suéter de treino pela metade com força, como se fosse arrancá-lo. Minha mão se fecha sobre a dele, liberando seu aperto e o impedindo de quase se engasgar com a gola em seu desespero.

— Sinto muito.

Preciso tirá-lo do gelo, mas sei que não conseguirei levantá-lo sozinha, e levará pelo menos uma hora até que alguém apareça.

— Vamos, campeão — eu tento, procurando algo entre exasperação suave e flerte, apesar do meu próprio coração acelerado, para, esperançosamente, relaxá-lo. — Você está bem — eu digo, como se dissesse a um bebê que ele está bem quando cai, para acalmá-lo. — Nós vamos ter que tirar você do gelo. Você consegue se levantar?

— S-sim — ele oferece, com a respiração difícil e rápida demais ao mesmo tempo. — Desculpe.

— Não se desculpe, apenas me ajude, ok? — Eu alcanço a cintura dele, agarrando o forro de suas calças de hóquei na parte inferior das costas e usando-o para mantê-lo firme enquanto ele lentamente encontra o equilíbrio novamente.

— Não sei se consigo patinar — ele murmura entre respirações ofegantes, os olhos bem fechados. — Eu...

— Tudo bem. Vou usar isso como uma desculpa para colocar minhas mãos em você — eu digo, meus nervos à flor da pele e minha boca falando qualquer coisa para distraí-lo. — Apenas fique em pé sobre seus patins. Eu seguro você.

Ele olha para mim novamente, os olhos castanhos ainda dilatados enquanto ele fixa meu olhar. Um pequeno aceno de cabeça me permite saber que ele está o mais estável possível, e eu enfio meu patins no gelo para avançar, lentamente com seu peso adicional.

Deus, ele é pesado, alto, embora mais magro do que a maioria dos jogadores de hóquei da sua altura.

Ainda assim, levo quase um minuto para chegar ao portão com minha patinação cuidadosa e carregando o dobro do meu peso. Ele não tira os olhos do meu perfil o tempo todo, quase posso senti-los queimando o lado do meu rosto. Lentamente consigo colocá-lo no último degrau da pequena arquibancada próxima.

Suas mãos alcançam os cadarços, os dedos tremendo tanto que continuam errando os laços até que ele solta uma maldição baixinho com uma expressão amarga de desesperança. Mas eu fui uma cuidadora durante toda a minha vida, e nenhuma quantidade de aborrecimento pode me impedir de me ajoelhar diante dele e segurar suas mãos nas minhas.

— Concentre-se em desacelerar sua respiração — ofereço, antes que ele possa abrir a boca para outro pedido de desculpas lamentável. Meus dedos estão dormentes, mas trabalho rapidamente com seus cadarços e puxo as línguas para que ele possa escapar facilmente.

Eu não cruzo o limite de puxar as botas de hóquei, sem dúvida fedorentas, dos pés desse estranho.

— Você consegue a partir daqui? — Eu pergunto, balançando em meus patins e olhando para cima para ver seus olhos ainda fixos no meu rosto.

— Você é a mãe do Liam.

Eu bufo. A coisa mais próxima disso.

— Irmã, mas sim. Nós nos conhecemos. Sadie. — Eu sorrio brilhantemente para ele, rezando para que ele realmente não se lembre de ter me conhecido.

— Rhys. — Ele respira fundo algumas vezes, quase como se fosse rir se conseguisse recuperar o fôlego. — Você queria me dar uma surra — ele diz com um sorriso e vejo uma covinha em sua outra bochecha. *Sabia.*

— Sim, bem... Você cuidou disso sozinho hoje.

Outra daquelas risadas leves e bufantes deixa sua boca aberta, mãos e braços ainda trêmulos. Ele fica em silêncio novamente, apenas o zumbido das luzes e dos sistemas como pano de fundo para minha segunda leitura dele. Quero falar, preencher o espaço com palavras de conforto, mas me vejo vazia delas.

— Você é a patinadora artística que parece fogo.

Minha testa franze.

— O quê?

Ele bufa e sorri preguiçosamente, parecendo mais um bêbado sonolento.

— Deixa para lá.

Por que ele está aqui? O que aconteceu com ele no gelo? As perguntas estão se acumulando, pressionando meus lábios para sair voando. Mas basta olhar para trás, para sua posição frouxa e vulnerável, e eu me fecho de novo.

Não é meu circo. Não é meu problema.

Desviando meus olhos da intensidade dele, verifico meu relógio.

Caramba.

6:30 da manhã

Prendo meu cabelo em um coque alto, tiro minhas calças, deixando-me de meia-calça por baixo do short, e as coloco em uma pilha a poucos metros ao lado do corpo descansando de Rhys. Parte de mim se sente péssima por deixá-lo aqui, mas a outra parte de mim — a parte de mim que sabe quão facilmente eu poderia perder *tudo* pelo que trabalhei se não me concentrasse — força o resto da minha

determinação. Com alguma sorte, o Sr. Figurão aqui vai se recompor e sair daqui.

Paro no portão, mordendo o lábio e olhando para ele.

— Você consegue ir embora sozinho? Você está bem agora?

Ele balança a cabeça lentamente, mal abrindo os olhos e me dando um rápido sinal de positivo com o polegar. Agarrando os patins com uma das mãos, ele apoia a outra no corrimão, apoiando-se pesadamente antes de deslizar a mão na parede para subir a rampa até as portas de saída.

Com o som da porta se fechando, eu centralizo novamente meu foco e conecto meu telefone ao alto-falante portátil que meu treinador me deu para que eu possa trabalhar na coreografia da minha curta apresentação antes do trabalho.

Pelo menos, eu tento.

Mas não importa o quão alto eu toque a música, ou quantas vezes eu caio ao tentar – e falhar – um eixo triplo, nada pode tirar meu foco do garoto do hóquei com olhos tristes.



Empurrando a porta, uma rajada de ar quente atinge minha pele rosada antes que eu pare ao ver o jogador de hóquei que eu presumi que já teria morrido.

É como se ele mal tivesse conseguido entrar, sentado contra a meia parede abaixo da janela, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás. A longa coluna de sua garganta engoliu em seco antes que ele abrisse os olhos para olhar para mim.

Eu deveria perguntar se ele está bem, mas a única coisa que sai dos meus lábios é um amargo:

— Você estava me vendo patinar?

Não é tanto uma pergunta, é mais como uma acusação.

Seus familiares olhos castanhos estão menos vidrados agora, mas sua pele ainda parece pálida, como se o pânico estivesse demorando muito para realmente desaparecer de seu sistema. Ele balança a cabeça e um sorriso minúsculo aparece em seus lábios tortos.

— Não, mas eu gostaria — ele ri, um pouco atordoado e desleixado. — Estou imaginando você patinando como Liam, já que isso é tudo que tenho para imaginar.

Não há como parar o sorriso que se estende pela minha boca porque eu sei, por mais que Liam adore “jogar hóquei”, ele mal consegue manter as perninhas debaixo dele.

— Bem, considerando que usei meu tempo de aquecimento ajudando um jogador de hóquei, não acho que sua imaginação esteja muito longe da realidade.

Eu quis dizer isso como uma piada, mas ao me ouvir, sei que parece uma reprimenda — pior ainda, notando o quase estremecimento de Rhys enquanto ele absorve o que eu acabei de dizer.

Deus, realmente ficou tão ruim assim? Ter as coisas sob controle nunca foi minha especialidade, nem a autopreservação. Sentir demais de uma vez até a barragem estourar é muito mais a minha praia.

Sento para desamarrar meus patins, puxando minha bolsa para mais perto.

— Não sei o que há de errado comigo. — Ele ri.

— Acho que você está sofrendo um colapso — ofereço, cruzando os braços. — É o que parece pelo grande ataque de pânico. Isso já aconteceu antes?

— Estou bem — diz ele, ignorando minha pergunta.

Minha coluna se arrepia, ansiosa novamente para brigar com ele, se necessário.

— Se *sim*, então foi realmente estúpido você estar lá sem ninguém por perto.

Espero um momento, mas ele não diz nada.

Finalmente, pergunto:

— O que você ainda está fazendo aqui?

— Eu estava tentando criar coragem para dirigir para casa. — Ele ri, mas estremece ao mesmo tempo. — Se você puder pegar minhas chaves. — Ele cambaleia, com o pé instável até cair novamente contra a porta de vidro.

— Sim, você definitivamente não vai conseguir dirigir, campeão.

— O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta, mas não há nenhuma agressividade em seu tom, apenas uma leve curiosidade. — Meu... Me disseram que ninguém estaria aqui tão cedo.

Tecnicamente, ninguém está autorizado a estar.

— Não sei do que você está falando, porque não estive aqui esta manhã. Assim como *você*, campeão, não teve um ataque de pânico e quase desmaiou sozinho no gelo.

Ele faz uma careta, mas acena com a cabeça, andando com cuidado com a bolsa no ombro e a outra mão apoiada quase dolorosamente no meu ombro.

— *Ninguém* esteve aqui tão cedo — admito, com um sorrisinho agradável nos lábios. — Essa é a única razão pela qual vou ajudar seu grande traseiro a chegar ao meu carro e levá-lo aonde quer que você precise ir.

— Eu posso dirigir, de verdade. Eu só preciso me sentar lá um pouco.

Não quero que ele dirija, mas sei que a qualquer momento o treinador Kelley e o resto da equipe de verão começarão a chegar, e eu não posso estar aqui, meu Deus, se eu tiver mais algum demérito este ano...

Pare.

Balançando a cabeça, eu me endireito. Seguir esse caminho só

me levará à minha própria sessão de choro no carro e a apressar meu tempo no gelo enquanto dou saltos desleixados.

Este ano não será como o ano passado. Este ano vai ser melhor.

— Tudo bem, se você jura.

Ele balança a cabeça novamente e parece tentar um sorriso encantador e infantil.

Atravessamos as portas do complexo de gelo, entrando na manhã fria. Meu surrado *Jeep Cherokee* parece quase ridículo ao lado de seu elegante BMW preto, mas consigo evitar que o comentário sarcástico que está na minha língua saia.

Soltando-o assim que ele segura a porta do motorista, cerro as mãos e balanço para frente e para trás sobre os calcanhares.

— Obrigado — ele começa, olhando para mim com a mesma intensidade abrasadora e irritante. Ele parece menos vulnerável agora, quase cansado, mas forçando algum tipo de máscara. —Eu realmente agrad...

— Me poupe. — Levanto as palmas das mãos para impedi-lo antes que ele possa me irritar mais. — Eu não estava aqui e você também não. Não se preocupe, campeão.

Suas sobranceiras franzem, a mesma tristeza de antes voltando aos seus olhos e por um momento, eu odeio isso. Cada palavra que sai da minha boca em relação a ele está infectada com insultos, e posso ouvir, mas não consigo impedir.

Espero que ele me repreenda ou rebata, mas ele parece cansado.

— Certo. Bem... tenho certeza que te vejo por aí.

A vulnerabilidade diminui um pouco quando ele suspira, destrancando seu BMW para entrar. Algo está revirando meu estômago, quase como se eu fosse vomitar quanto mais tempo eu olhasse para seu rosto, então eu me viro em uma névoa e marcho de volta em direção às portas.

E não importa o quão profundamente eu queira ver como ele está mais uma vez antes de voltar, mantenho minha cabeça no lugar. O desejo de provocar e beijar seu desespero é muito grande e só vai acabar mal para mim.

— Não se eu te ver primeiro — murmuro baixinho. Uma pequena promessa para mim mesma de ficar longe do garoto com olhos tristes antes de tentar tomar sua cura em minhas próprias mãos.

TRÊS

Rhys

Desde o acidente, acordar encharcado de suor se tornou meu novo normal, então não é uma surpresa quando me viro em lençóis encharcados e gelados. O que é uma surpresa é a voz suave da minha mãe, não o meu alarme me tirando de mais um terror noturno.

— Merda — murmuro, piscando através da mancha turva de umidade sobre meus olhos.

Minha mãe está inclinada sobre mim, sua mão roçando a lateral do meu rosto onde me virei em direção à sua voz.

— Você está dormindo de bruços de novo — ela começa, mantendo a voz suave como tem feito nos últimos meses. Isso faz meu peito apertar porque isso não é típico da minha mãe; ela é barulhenta e invasiva, e este verão dos meus demônios a transformou... nisso. — Você realmente me assustou esta manhã.

Merda.

Fecho os olhos um pouco mais forte, com medo da expressão que sei que está estampada em seu rosto. Embora meu pai seja mais parecido comigo, minha mãe é toda coração, sem nenhum exterior duro.

Enquanto crescia, ela tinha sido o porto seguro para eu descansar; inferno, até Bennett a deixou cuidar de cada arranhão e consertar cada perda com um sorriso orgulhoso e um beijo na cabeça enquanto nossos números foram pintados em suas bochechas. Agora, e especialmente nos últimos cinco meses, ela tinha sido quase esmagadora no seu cuidado comigo.

Quase ao ponto que eu poderia jurar que meu pai estava prestes a

entrar novamente na NHL e ser jogado contra traves para recativar a atenção carinhosa dela.

— Eu acordei você?

Ela está sorrindo gentilmente, ainda vestida com longas calças de moletom que arrastam pelo chão e uma das camisas surradas do time de Winnipeg do meu pai. Eu me apoio no cotovelo e viro completamente, pegando o copo de água oferecido em suas mãos.

— Não, seu pai está resfriado, então ele está roncando como um morto. — Dou um meio sorriso e vejo seu sorriso verdadeiro e genuíno surgir. — Você está bem, Rhys?

Se fosse meu pai perguntando, eu não hesitaria em mentir, mas minha mãe tem algo que arranca a verdade de mim, não importa o quão profundamente eu tente enterrá-la.

— Estou tentando ficar.

Ela balança a cabeça, sentando-se na beira da minha cama.

— A faculdade começará novamente em breve. Você vai ficar aqui neste semestre?

— Não — respondo, agradecido por ela estar me dando espaço para me distrair. — Vou voltar para o apartamento no próximo mês. — E estou com medo dessa conversa com Bennett mais do que do meu primeiro treino de volta. — Preciso voltar à minha rotina.

Embora não seja mentira, poderia muito bem ser. Entrar na minha rotina não vai ajudar, nada vai.

Exceto por um par de olhos cinzentos e um sorriso sedutor.

É como um tiro no estômago e tenho que cerrar as mãos na colcha para controlar a reação rápida.

Deus, Bennett vai ter que me amarrar à minha maldita cama para me impedir de procurar esse vício em particular. Posso sentir o pulsar do meu sangue só de pensar nela, o calor imediato que sua voz, seu perfume e seu rosto proporcionam.

Qualquer que fosse o controle que eu tivesse antes daquele jogo, ele se foi – talvez seja um pedaço de mim que morreu naquela noite, considerando que nada do que sobrou parece valer mais alguma coisa e ainda estou a um de fio de desistir.

A culpa ameaça os pensamentos obscuros e cheios de ódio que me atormentam, enquanto minha mãe fica sentada lá, tentando desesperadamente empurrar a luz do sol que brilha dela para mim. Não consigo dizer a ela que não sinto nada.

Você sentiu algo com Sadie.

— Sim — ela concorda, antes que um sorriso furtivo se espalhe por seu rosto e ela esfregue as mãos. — Quer fazer biscoitos e calda de chocolate?

— Que horas são?

— Quatro, mas quem se importa?

— Você sabe que vai acordar o papai no segundo em que ele ouvir o barulho de uma panela — eu aviso, mas já estou tirando os lençóis do meu corpo e indo até roupas limpas e não encharcadas de suor, para me trocar.

— Bem feito para ele, o pequeno *mudak*³.

Minhas sobranceiras se erguem e espero que o humor tire o riso do meu peito, do jeito que minha mãe sempre foi capaz de fazer. No entanto, nada surge.

Tento afastar o ódio por mim mesmo, encolhendo os ombros e virando-me para ir ao banheiro, oferecendo um rápido:

— Seu russo está melhorando, mas duvido que fosse para isso que ele esperava que você o usasse.

— Me xingar? — A voz estrondosa do meu pai está rouca de sono quando ele entra no meu quarto, sem camisa, vestindo apenas a calça de dormir. — Nah, é exatamente para isso que eu queria que ela aprendesse, minha pequena *rybochka*⁴.

Tenso até ter certeza de que meus ombros estão na altura dos ouvidos, cerro os punhos e respiro fundo e ofegante.

Eu me pergunto que tipo de tratamento aquela psicóloga esportiva cara recomendaria se eu dissesse a ela que até a voz do meu pai está se tornando um gatilho para mim.

— O que vocês dois estão fazendo acordados? — Ele fica atrás da forma ainda sentada da minha mãe, as mãos caindo em seus ombros para apertar antes de puxar levemente o rabo de cavalo solto de cabelo loiro morango. — Você está incomodando meu filho?

Meu filho.

Tento respirar novamente, intencional e lentamente, relaxando os punhos.

Como ela fala muito e não age quando se trata do marido, minha mãe apenas sorri para ele e acena com a cabeça.

— Sim. Estava desejando alguns biscoitos com calda de chocolate.

Ela não diz uma palavra sobre o que nós dois sabemos. Que meu pai não ronca. Que ela passou a ter o sono leve desde que me encontrou quase sufocado por um ataque de pânico durante o sono, meses atrás. Que esta noite ela acordou com sons de gritos abafados e provavelmente quase teve um ataque cardíaco quando percebeu que eu estava de bruços novamente.

Meu pai torce o nariz, porque por mais que adore qualquer coisa que minha mãe faça e comeria carne crua com prazer se ela servisse para ele, ele odeia calda de chocolate com afinco.

— Bem, então o que ainda estamos fazendo aqui? Só o pré-aquecimento do forno leva uma hora.

Os dois se levantam e vão em direção à porta, mas param e esperam por mim. Minha mãe é toda uma preocupação mascarada, agora sorridente e meio doente de amor nos braços de meu pai.

Mas os olhos do meu pai são implacáveis enquanto avaliam cada

músculo meu, vendo muito e ainda assim nada de uma vez. Ele vê um estranho onde antes viu um gêmeo?

— Preciso de um banho e já vou descer — digo, fechando os olhos e fechando a porta antes que possa ouvir qualquer outra coisa, desesperado por uma pausa para ficar vazio sem a pressão de fingir que não estou.



Buscar qualquer sentimento, até mesmo a dor, tornou-se claramente uma espécie de hobby meu, já que estou no ringue às cinco da manhã, dois dias depois. Ainda mais cedo que a minha última pequena visita.

Sigo novamente as instruções do meu pai, ativando os indicadores de desempenho e dizendo um rápido “*bom dia*” ao gerente do turno da noite, grato pelo status de celebridade de Max Koteskiy, proporcionando acesso ao gelo fresco e escorregadio e a uma pista vazia.

Faço meus aquecimentos fora do gelo com facilidade, alongando-me lentamente para liberar toda a tensão da minha horrível noite de sono.

Mas, sentado no vestiário vazio, basta uma onda de tontura para atrapalhar completamente meu foco. Minha visão fica embaçada, minhas mãos apertando o nada enquanto eu solto os cadarços que estavam quase enrolados em meus dedos. Tento parar enquanto sinto o pânico aumentar, inclinando-me para pendurar a cabeça entre os joelhos, os antebraços pressionados nas coxas para me manter um pouco ereto. Um arrepio percorre minha espinha enquanto luto contra o aperto em meu peito, o medo aumentando enquanto meus olhos piscam confusos novamente.

Eu os fecho.

— Isso é patético. Pare com isso.

Mas falar as palavras em voz alta faz pouco para abafar o som dos meus próprios gritos: “*não consigo ver*” como a porra de um disco quebrado na minha cabeça. Minhas mãos se estendem e seguram minha cabeça enquanto o latejar em minha têmpora aumenta para um nível doentio, e meus olhos não abrem porque tenho muito medo de que eles *não* funcionem.

— Recomponha-se, droga. — Aperto as mãos no cabelo, resistindo à vontade de me dar um tapa na cara.

— Temos que parar de nos encontrar assim, campeão.

Porra.

Até mesmo o som áspero de sua voz é suficiente para me trazer de volta para este lado dos vivos.

Eu gentilmente levanto minha cabeça, tentando me recompor o suficiente para lançar um sorriso em meu rosto pálido.

Sem pensar, meus olhos se abrem, piscando rapidamente para dissipar a névoa. Ainda assim, eu a vejo claramente. Seu rosto está calmo, a testa relaxada e a boca aberta em um sorrisinho doce – a imagem perfeita de tranquilidade despreocupada. Exceto por aquela pequena marca em suas sobrancelhas e pela preocupação em seus olhos cinzentos tão profundos que eu poderia nadar neles.

— Desculpe — eu falo.

Minha respiração já começou a se acalmar, distraído pela maneira como ela se movimenta pelo vestiário e se sente em casa, largando a bolsa em um canto perto de um dos longos bancos.

— Precisa que eu faça respiração boca a boca?

A provocação sedutora é tão repentina que funciona como um choque de água fria no meu sistema nervoso. Tudo se acalma, meu foco se desvia dos meus patins e se volta totalmente para ela.

Suas pernas musculosas estão envoltas em tecido preto liso, uma camisa atlética de manga comprida, justa na parte superior do corpo. Seu cabelo está solto hoje, grosso e liso, com uma franja escorrendo

atrás da orelha, que faz com que meu punho feche para evitar estendê-lo e prendê-lo para trás.

Em vez disso, tento focar meus olhos no aglomerado de sardas abaixo de seus olhos.

— V-você está flertando comigo? — As palavras escapam rapidamente, minha voz está longe de soar normal, ainda ofegante e fraca e eu quase quero voltar atrás porque sou uma concha vazia de nada e ela está tão *cheia*.

— Eu? Flertando com o jogador de hóquei gostoso que continua aparecendo no meu espaço? — Ela sorri para mim, tirando um dos fones de ouvido da orelha, o fio pendurado na mão. — Eu seria estúpida se não o fizesse.

Ela é tão franca, seja por raiva ou provocação, tão brutalmente honesta diante da minha fraqueza que isso me acalma.

Ou deixa completamente todas as células cerebrais que me restam em um frenesi absoluto, o que pode explicar por que de repente eu deixo escapar:

— Você quer fazer algo a respeito disso, então?

É mais uma provocação do que um flerte, e o velho eu *nunca* diria algo tão ousado. A versão antiga da minha personalidade controlada de capitão dentro e fora do gelo seguia uma regra estrita de três encontros antes de qualquer ficada, o que já era uma raridade. Eu não queria distrações — só queria hóquei.

Até o hóquei decidir que não me queria.

Talvez eu queira me distrair do quanto odeio o que o hóquei se tornou na minha cabeça.

Ela cantarola, um som que é ao mesmo tempo sarcástico e doce, seu corpo deslizando em minha direção.

— Coloque isso.

Pego o fone de ouvido de seus dedos estendidos, roçando

levemente a pele com os nós dos dedos enquanto faço isso, deixando a sensação de sua proximidade cobrir meus músculos tensos e esticados. Os fones de ouvido são velhos, o fio que os conecta fica pendurado entre nós enquanto ela se senta no banco ao meu lado.

Desesperado, abro as pernas até que minha calça de moletom fique levemente pressionada contra a carne coberta pela leggings. Ela não se afasta, apenas me observa pacientemente enquanto coloco o fone no ouvido esquerdo.

Há uma quietude silenciosa na música – calmante e repetitiva o suficiente para abafar a massa de pânico antigo que toma conta do meu cérebro. Como se o som vindo do fone apenas no meu ouvido esquerdo fosse suficiente para superar todo o resto.

Exceto pelo calor dela ao meu lado. De alguma forma, isso é maior.

QUATRO

Sadie

Vê-lo assim dói.

Já experimentei um ataque de pânico antes, mas os piores não foram meus – foram de Oliver. A ponto de eu mal conseguir ajudá-lo a funcionar antes da medicação. Agora, os ataques são cada vez menores, mas a visão de Rhys enrolado em si mesmo, ofegando como se não conseguisse controlá-los, traz de volta memórias de colocar um saco de ervilhas congeladas no peito do meu irmão para que ele pudesse acalmar seu sistema nervoso.

Só que não tenho ervilhas congeladas no momento.

— Isso está ajudando? — Pergunto, enquanto as batidas suaves de José Gonzalez ecoam em nossos ouvidos.

Ele balança a cabeça, seus olhos brilhando em um pequeno padrão em mim – olhos, boca, o aperto da minha mão na dele.

Olhos. Boca. Mãos.

— Você está ajudando — ele deixa escapar, com as bochechas vermelhas, seja por vergonha ou esforço.

Eu concordo.

— Ok.

— Ok.

Nós nos sentamos, como se cada movimento estivesse sincronizado, conectado entre nós pelo fio do fone de ouvido.

A música toca, até que ele desacelera a respiração e eu desacelero meu coração. Perco a noção de há quanto tempo estamos aqui.

— A música me ajuda. — Ao Oliver também, embora eu não acrescente isso, mesmo quando o vejo por um momento em minha cabeça, colocando fones nos ouvidos enquanto seu diretor e eu discutindo verbalmente sobre seu “comportamento impróprio” na escola e “falta de orientação” fora dela

Sinto cócegas na minha pele e olho para baixo, vendo a mão de Rhys distraidamente brincando com meus dedos de uma forma muito familiar.

Eu fico de pé, recuando.

— Você patinou? — Pergunto, de repente desesperada para preencher o silêncio carregado.

Ele sorri daquele jeito sonolento, enquanto continua a sair do êxtase.

— Nem consegui chegar ao gelo.

— Você quer patinar comigo?

Desta vez é um sorriso arrogante.

— Isso é uma cantada. Agora eu *sei* que você está flertando comigo.

— Não estou.

— O que quer precise dizer a si mesma, Sadie — ele bufa.

— Estou oferecendo para... — *O que estou oferecendo?* Seus sorrisos e provocações estão me deixando tonta. — Para dividir o gelo.

— Ok. — Ele balança a cabeça, ficando de pé sobre mim com seus patins agora amarrados, transformando-se de uma bola de ansiedade em uma torre de homem. — E a música também.

— O quê?

— Eu quero sua música. — Ele dá de ombros. — É boa. Me ajuda a me concentrar, eu acho.

Algo em suas palavras me faz querer abraçá-lo, uma leve

queimadura atrás dos meus olhos.

— Tudo bem — eu concordo.



Vendo Rhys vindo em minha direção, percebo que talvez não tenha sido tão esperta quanto pensei ao tentar escapar do gelo enquanto ele estava de costas.

Por um momento, penso em bater a porta de metal na janela para poder gritar: “Estamos fechados!” quando ele se aproxima.

Infelizmente, isso significaria esmagar os dedos da mão desavisada que parece prestes a adormecer em cima do meu balcão enquanto eu deslizo o café para ela.

— Obrigada — ela oferece, levando a segunda xícara de chocolate quente e conduzindo dois garotos hiperativos do hóquei para fora.

— Não sabia que você trabalhava aqui também. — Ele sorri, passando a mão pelo cabelo que está um pouco molhado, como se ele tivesse mergulhado a cabeça na pia depois de terminar seu passeio matinal. Algumas mechas continuam roçando seu rosto, curtas demais para ela passar pela curva das orelhas.

Cerro as mãos, porque alguma parte estúpida do meu cérebro quer eu mesma empurre esses cabelos para trás.

— É assim que eu tenho uma chave. — Eu dou de ombros. Não é por isso que eu tenho uma chave, não acho que trabalhar na barraca de concessão geralmente reservada para estudantes do ensino médio justifique uma chave de entrada para o complexo de gelo.

Só as tenho porque faz parte do meu compromisso para todos os verões com o treinador Kelley. Ele não vai me arrastar por todo o país quando meus irmãos estiverem fora da escola, se eu continuar a praticar no rink local e enviar a ele imagens atualizadas de minhas rotinas semanalmente.

— Posso tomar um café?

Eu sorrio, mas o calor percorre minha espinha.

— Estamos sem.

— Sem café às sete e meia da manhã?

— Infelizmente — digo, mexendo o creme no copo à minha frente.

— Não sobrou nem um pouquinho para o seu cliente favorito?

Ele sorri e isso me faz parar, duas marcas de covinhas combinando em suas bochechas esculpidas, um pouco de luz se infiltra em seus olhos castanhos geralmente tristes. Quero ficar com aquele sorriso como uma flor enfeitando-se ao sol.

— Rhys, você nem está entre meus dez primeiros. Além disso, duvido muito que em sua vida de escola particular você já tenha comprado alguma coisa em uma barraca pública de concessão de um complexo de gelo.

Sua mão bate em seu peito, como se o que eu disse fosse profundamente doloroso.

— Considere-me agora um membro titular do clube de fidelidade do estande de concessão.

— Bom, nesse caso. — Pego um copo de isopor antes de deslizar-lo na direção dele.

— O que eu devo a você? — Seus olhos brilham para mim.

— Uma pausa da sua presença contínua no meu local de trabalho.

— Esse é um preço alto.

— Eu sou cara.

Ele toma um gole de café preto e pragueja.

— Maxwell House — digo, tomando outro gole.

Rhys balança a cabeça.

— Isso é um café de merda.

— Muito — eu concordo.

— Acho que acabei de ser enganado.

Eu não posso deixar de sorrir.

— Enrolar meu cliente favorito? Nunca.

Sua risada explode, linda e tingida com a vulnerabilidade infantil de uma criança conversando com sua paixão escolar. Isso me faz querer piscar e ruborizar — o que só me deixa enjoada quando percebo que sua presença está me transformando em mingau.

— Favorito, hein?

Eu dou de ombros: — Você dá a melhor gorjeta.

Ele ri de novo e pega uma nota alta e desliza na minha direção, antes de se inclinar para mim nos cotovelos.

— Eu acho que sim.

Seria tão fácil beijá-lo. O cara é um perigo para meus limites pessoais e minha saúde.

— Como eu disse, sou cara.

Sua boca se abre por um segundo, antes de se fechar enquanto ele se levanta e se afasta.

— Desculpe, eu vou... hum, vejo você.

Ele se vai tão rápido que me deixa espantada

Olho em volta por um momento, minhas bochechas esquentando com o quão perto eu me inclinei em direção a ele. Meus olhos passam por um homem alto e bonito de meia-idade e um grupo de jogadores vestidos com camisetas e bonés de hóquei *Waterfell*, e meu rosto fica vermelho com a clara implicação.

Boa o suficiente para um rápido flerte matinal, mas constrangedora na frente dos amigos.

Esqueça ele.



“*Hóquei Rhys Waterfell*” está na barra de pesquisa do meu navegador, o indicador piscando, esperando que eu tome uma decisão quando Rora aparece ao meu lado.

— O que é isso?

— Jesus Cristo, Rora — eu me viro, com a mão no peito para parar meu coração acelerado. — Precisamos conseguir um sininho para você.

Ela ri, tirando um pirulito de cereja — meu favorito — do avental e me entregando.

— Eu não precisaria de um se você não estivesse tão distraída com... — Ela começa, arrastando a palavra e inclinando-se sobre mim com sua forma de membros longos e apertando o botão *Enter* na barra de pesquisa — “Rhys Maximillian Koteskiy”. Nossa, esse é um nome grande.

Eu só posso acenar com a cabeça, minha língua de repente presa no céu da boca com a imagem dele exibida na minha tela.

Rhys Maximillian Koteskiy: 1,91m — 90kg. C. Destro.

— Você está com aquela expressão de que está pensando no quanto quer fodê-lo.

— Só estou pensando em como é desagradável escrever ‘*Reece*’ assim. Deus, ele poderia ser mais clichê? — Meu dedo bate na tela abaixo de suas estatísticas, no histórico da escola preparatória sobre a qual eu estava brincando. — Escola Berkshire? Essa é uma escola particular de hóquei, Rora. E veja, o pai dele é um jogador do hall da fama da NHL. Ele foi criado como um pequeno prodígio perfeito.

As palavras parecem pesadas, mas eu as cuspo mesmo assim, ignorando a imagem dele ofegante e aterrorizado, deitado no gelo. A

imagem dele corado, em pânico por não conseguir respirar contrasta profundamente com a foto na minha tela.

Ele parece mais jovem, vestindo um suéter azul-marinho de hóquei, o lobo da Universidade Waterfell uivando em seu peito, parecendo maior que a vida com um sorriso destinado a estar na frente do mundo. Covinhas. Cabelo mais curto e bem cuidado e olhos claros.

— Sadie?

Balanço a cabeça, saindo da tela o mais rápido que posso, antes de olhar novamente para Aurora.

A garota é linda, e não é apenas sua figura esbelta e atlética e seus cachos que de alguma forma sempre parecem perfeitamente estilizados de mil maneiras novas e diferentes; é algo mais profundo, como se o sol brilhasse dentro de sua pele morena e brilhante, estendendo-se sobre tudo o que ela vê.

— Sim?

— Vai me dizer por que você está pesquisando-o?

— Porque eu não sabia quem ele era, e ele tem... me incomodado ultimamente.

— Chegaremos à segunda parte, mas vamos começar por aqui: Como é que *você* vai para Waterfell e *não* reconhece aquele cara! Até eu sei quem ele é e nunca fui a um jogo.

Tento revirar os olhos, porque embora isso seja verdade, Rora é mais bem informada do que eu. A pequena “*wallflower*” sabe muito porque escuta e observa tudo.

— Você está naquela arena o tempo todo, onde tenho certeza de que retratos dele em tamanho real estão alinhados nos túneis e corredores, se os enormes pôsteres de seu rosto no campus servirem de referência.

Deus, eu tinha estado tão mal no semestre passado?

Sim. Posso ouvir a voz do treinador Kelley invadindo meus

pensamentos, dizendo-me exatamente o quão ausente eu estive, o quanto minhas duas apresentações foram decepcionantes nas finais.

— Eu não tinha notado, eu acho — respondo apenas, sem entusiasmo, porque não vou falar sobre isso. Estarei melhor este ano, pela minha equipe, por Oliver e Liam, mas não vou mais falar do ano passado.

Rora tem aquela expressão no rosto agora, as sobrancelhas arqueadas perfeitas sobre os olhos verdes brilhantes e os lábios franzidos. Ela exhibe todas as suas emoções em seu rosto, e *esta* é a sua expressão de preocupação.

— Então tá, bem, você disse que ele está incomodando você — ela me lembra, deixando morrer o que quer que fosse dizer antes de pegar as canecas multicoloridas encharcadas na pia. Pego a toalha quadriculada de sua mão estendida e a ajudo a secar. — Vai me contar sobre isso?

— Apenas encontrei ele algumas vezes ultimamente, nos meus treinos matinais. Ele tem uma tendência de chegar antes de mim ao pré-treino. — Encolho os ombros novamente, me sentindo ridícula quando me viro para ela.

O grito de Rora é imediato e sinto vontade de cobrir sua boca, apesar do café fechado e vazio ao nosso redor. Qualquer olhar penetrante que eu dei a ela parece ser o suficiente enquanto ela se acalma.

— Isso é muito fofo — ela diz, balançando a cabeça excessivamente enquanto começa de novo com uma caneca caseira em formato de girassol que começou a perder a cor. — Quero dizer, garoto do hóquei e patinadora...

— Não — respondo, interrompendo-a e estendendo a mão para drenar a água da pia grande. — Pare com isso, você não pode sair por aí romantizando tudo — quantas vezes temos que ter essa conversa?

Ela olha para mim como se eu tivesse chutado um cachorrinho, mas Rora é uma romântica incurável e é minha amiga há três anos —

minha única amiga, na verdade. Mas não importa quantos caras ela me veja levar para o banheiro ou sair do dormitório pela manhã, ela está convencida de que minha história de amor está por aí.

— Entendido? — Eu pergunto enquanto lavo minhas mãos. Ela balança a cabeça quase agressivamente, movendo-se para o lado para tirar o avental e me dando espaço.

Rora espera apenas um minuto para que eu coloque meu avental no pequeno cubículo ao lado do dela e pegue minha mochila antes que a represa estoure de seus lábios fechados e pressionados.

— Então... podemos ir a um jogo de hóquei?

Desta vez, não consigo evitar o sorriso e o leve revirar dos olhos. Mas, a risada que sai de mim e a sensação do braço dela passando por cima do meu ombro enquanto saímos juntos, rindo de alguma piada interna, isso faz eu me sentir normal e bem. Como uma estudante universitária normal de 21 anos, mesmo que apenas por um momento.

CINCO

Rhys

— Não.

— Rhys — meu pai chama, o som de sua voz fazendo meu punho ficar branco com o aperto no balcão de mármore. — Por favor. Eu irei com você. Não patinamos juntos desde... — ele para, passando a mão pelo cabelo escuro grisalho.

—Eu sei. — respondo, imediatamente me arrependendo quando as palavras escapam. — Eu sei que você quer dar uma olhada em mim e ver como estou patinando, mas preciso fazer isso sozinho, ok?

Há uma vulnerabilidade em meu pai por um momento, antes de ele concordar e voltar para a cara máquina de café expresso, trabalhando silenciosamente, quase taciturno.

— Outro café tão cedo? — Pergunto, tentando aliviar a tensão que mantém meus pés presos no chão da cozinha.

— Para sua mãe. — Ele sorri, lentamente preparando para ela o café com leite excessivamente complicado, completo com algum tipo de arte de espuma que ele mal termina quando minha mãe entra levemente na sala. Ela está vestida com um roupão felpudo com pequenas frutas e vegetais pontilhando o material, com óculos grossos no topo da cabeça, emaranhados no cabelo.

— Bom dia — eu falo, recebendo um sorriso feliz em minha direção enquanto ela se acomoda na banqueta ao lado de onde estou.

— Como você dormiu? — Ela pergunta, bocejando apesar da preocupação clara e oculta que sua pergunta apresenta.

— Bem.

Não é mentira. Tive uma noite inteira de descanso, uma ocorrência rara que estou tentando me convencer que não tem nada a ver com os pensamentos perturbadores de uma certa patinadora artística.

— Que bom. — Mamãe sorri. Meu pai se aproxima dela, coloca a xícara fumegante na frente dela e beija o topo de sua cabeça, massageando seus ombros.

— Qual é o desenho hoje? — Eu pergunto, inclinando-me para eles.

— Eu acho que... uma flor?

Meu pai franze a testa.

— Era para ser um coração.

— Parece uma grande bolha de cogumelo — diz minha mãe, em tom afetuoso.

Eu rio, um riso real que faz meus pais olharem para mim. Há uma culpa que afasta o que é bom quase imediatamente. Tenho estado tão vazio, mesmo com eles?

— Estou atrasado — eu digo, pulando e pegando minha bolsa ao lado da porta.

— Para um rinque vazio? — Minha mãe sorri.

— Eu... ah, sim. — Sem me preocupar em explicar, pego minhas chaves e vou para a garagem.



Quase espero que o rinque esteja vazio quando entro, que Sadie seja apenas uma invenção da minha imaginação, inventada para que eu não me sinta tão sozinho em minha ansiedade e vazio.

O que vejo no gelo apenas começa a provar essa afirmação.

Ela patina com a mesma energia que me lembro de antes, cheia de paixão, como ver fogo vivo no gelo. Nenhum de seus movimentos parecem fluídos demais, são todos enérgicos e delicados movimentos de dança que parecem de uma bailarina híbrida poderosa e elegante, mas funcionam.

A música está tocando em um pequeno alto-falante Bluetooth no canto, a batida pesada e alta, e não o que eu imaginei para ela. O telefone dela está virado sobre o banco, então toco na lateral, acendendo-o onde posso ver o título da música, “*Run Boy Run*” rolando na parte superior. Tento me impedir de ler abaixo da música, mas ao ver uma mensagem de “NÃO RESPONDA” não consigo me conter.

“Por favor, Sadie, preciso do seu...”

O resto da mensagem não está visível. Algo se agita em meu estômago, deixando-me enjoado com as infinitas implicações. Mesmo olhando para ela, deslizando no gelo, não consigo superar a vontade avassaladora de trancar nós dois neste ringue aberto e silencioso para sempre, sem nunca ter que enfrentar nada fora dele.

Estou psicótico. Acho que quase morrer no gelo não tirou minha mentalidade de maníaco por controle.

Ela está indo rápido, girando para trás e inclinando-se como se estivesse se preparando para um salto, que dá três voltas no ar, antes de bater com força suficiente para deslizar de bunda em direção à curva das tábuas dos cantos.

Eu passo por cima das tábuas antes de perceber, patinando até ela e parando como se fosse uma estranha reversão daquele primeiro dia em que ela me salvou – só que ainda sou eu quem está em pânico.

— Sadie?

Minha voz parece vazia, minhas mãos dormentes.

Ela pisca para mim, sentando-se ligeiramente.

— Ei, campeão.

O alívio explode através de mim tão rapidamente que quase me junto a ela deitando no gelo.

— Você caiu muito forte. Você está bem?

— Essa foi facilmente a queda que *menos doeu* esta manhã. — Ela sorri, uma curva suave de seus lábios que faz meu estômago embrulhar e minha nuca esquentar.

Não *consigo* deixar de tocá-la. Agarro seus bíceps e a levanto suavemente, até que seus patins fiquem firmes sob seu corpo.

Há preocupação misturada com o leve humor ainda em seu rosto, como se mesmo agora ela estivesse *mais* preocupada *comigo*. Aquela pequena marca entre as sobrancelhas aparece, inclinando-se contra seu lindo sorriso.

— Você estava me observando?

— Talvez.

— Você continua chegando nos meus piores momentos — ela resmunga, patinando lentamente. Eu a sigo, tentando não ofegar como a porra de um cachorro atrás dela.

— É justo — acrescento. — Considerando que hoje pode ser o único dia em que você não vai precisar tirar minha grande bunda do gelo.

— Já vi maiores.

Tudo em mim se anima com a discussão verbal, a oferta de flerte. Cada parte do meu entorpecimento habitual começa a desaparecer com a promessa *dela*.

— Já? Esse é seu tipo?

Ela para e sorri.

— Não particularmente. Mas já ouvi muito sobre jogadores de hóquei terem *gigantes*...

Minha palma bate em sua boca, empurrando-a e nos fazendo aterrissar levemente contra as tábuas. Ela é uma coisa pequena,

mesmo a altura de suas lâminas não lhe dá nada, já que eu também estou usando as minhas. Pequena, mas não delicada, e bem torneada de uma forma que posso ver facilmente através de todo o material preto e apertado que cobre seu corpo musculoso.

Ela ri na minha mão, os olhos cinzentos enrugando de humor com o efeito de sua provocação.

— Tirou do seu sistema?

Ela concorda, mas eu permaneço mais um momento, desesperado pela sensação dela pressionada contra mim. Quero agarrá-la, acariciá-la e tocar cada centímetro dela.

Eu não deveria – ela é minha *amiga*, pelo menos eu acho. Mas agora estou na órbita dela e ela está se tornando meu maldito centro de gravidade. Quer ela perceba ou não.

— E você?

— Quanto a mim?

— Você vai me dizer por que eu continuo tirando sua bunda grande e linda do gelo?

Eu sorrio.

— Então você *está* verificando minha bunda.

Ela fica em silêncio, com um meio sorriso ainda no rosto, mas há claramente uma rápida busca minha refletida em seus olhos. Ela está preocupada comigo *de novo* e um nó começa a se formar na minha garganta.

Ela me empurra de repente, mudando nossas posições e me pressionando contra as tábuas e acrílico de uma forma muito mais suave e sensual do que estou acostumado, o topo de sua cabeça apenas espanando meus ombros.

— Tudo bem, campeão, vamos fazer um acordo.

Não é necessário acordo – se ela continuar me olhando assim, farei tudo o que ela disser.

— Eu não pergunto sobre suas merdas, você não pergunta sobre as minhas. Nós compartilhamos o gelo

—E a música, — eu intrometo.

— E a música. — Ela ri e meu peito fica mais leve. — Mas isso é tudo. Nada mais, apenas... parceiros.

Ela se afasta de mim e dá uma pequena volta, mantendo os olhos nos meus.

— Não me pesquise — acrescento desesperadamente, enquanto ela começa a patinar para o seu lado.

Sua testa se enrug e sua boca se abre como se ela pudesse provocar ou fazer uma pergunta complementar, mas ela não o faz. Algo que ela vê no meu rosto deve ser suficiente.

— Ok.



— Acho que consegui! — Liam grita, caindo novamente enquanto seu taco desliza para longe junto com o disco.

Eu sorrio, patinando para pegá-lo e segurar seus braços enquanto ele tenta firmar as lâminas sob seu corpinho.

Voluntariar-me novamente foi originalmente ideia da minha mãe, depois de ouvir meu pai me importunar todas as manhãs sobre patinar juntos. Isso e, como ela me disse, ter que distraí-lo todas as manhãs para que ele não me seguisse.

Não solicitei veementemente nenhum detalhe sobre essa distração. Meus pais sempre foram afetuosos o suficiente para me deixar enjoado normalmente.

Então agora eu patino tensamente com Liam, tentando desesperadamente ignorar o olhar do meu pai do outro lado da pista. Ele está ajudando as crianças mais velhas, o que significa que está com

Oliver, então não posso deixar de verificar os dois.

Meu pai, alto e forte, ainda é o craque da NHL que era antes de se aposentar, sem os cabelos grisalhos que agora cobrem seus cabelos escuros e as rugas nos cantos dos olhos. Assim como sempre que ele esteve no gelo comigo, ele está sorrindo enquanto trabalha com os jogadores em exercícios de pivô em torno de dois cones laranja brilhantes.

Eu manobro Liam para que ele segure o bolso lateral baixo da minha calça de corrida, antes de oferecer minha mão depois de tirar a luva.

Uma risada alta irrompe do círculo que espera na área de treinamento, alertando-me sobre o grupo de garotos pré-adolescentes cercando Oliver.

Ele é um pouco alto para sua idade, mas principalmente pelo que vi na última hora de ensino distraído, Oliver é talentoso. Bom o suficiente para ser observado pela fila de treinadores conversando na lateral do rinque.

— Ah, não — Liam murmura, suspirando como uma mãe exausta por causa de seu filho desobediente.

— O quê? Oliver?

Liam acena com a cabeça, olhando para mim e soltando minha mão.

— Sim. Ele às vezes briga com aqueles garotos, aqueles de camisa vermelha.

— Ele não gosta deles?

— Eles nem sempre vêm aqui. Só quando eles estão com o pai, eu acho. Oliver não gosta de ninguém, mas ele realmente *não* gosta deles.

O garoto é observador, eu percebo. Tenho que me impedir de pedir a ele que me conte tudo o que consegue lembrar sobre sua irmã mais velha.

— Você sabe por quê?

— Não mesmo. — Ele suspira novamente, imitando minha pose com os braços cruzados. — Mas uma vez eu estava brincando de pega-pega com todo mundo e com a Chelsea, e os ouvi falando sobre Sadie.

Meu estômago embrulha enquanto vejo Oliver tirar as luvas e atacar uma das crianças. Quero começar a torcer e assobiar como se estivesse assistindo a sua primeira luta na NHL, mas consigo me controlar.

Em vez disso, digo a Liam para se segurar nas tábuas enquanto patino e me insiro entre eles.

— Parem com isso — eu falo, separando-os facilmente. — Acalmem-se.

Meu pai tenta segurar o ombro de Oliver, mas ele se afasta como se tivesse se queimado.

— Não me toque, idiota.

Eu solto um suspiro. *Jesus, esse garoto.*

— Acalme-se, Oliver — tento, minha voz um pouco mais suave enquanto seguro o colarinho do garoto de camisa vermelha.

O olhar aquecido de Oliver se volta para o meu, novamente como um animal enjaulado pronto para arranhar. Ele se parece com Sadie, defensivo e enérgico.

— Eles começaram — ele cospe, a raiva saindo dele em ondas. Mas posso ver a vulnerabilidade em seu olhar me implorando para acreditar nele.

— Eu sei — eu digo calmamente, soltando o outro garoto com um empurrão em direção ao meu pai. — Deixe o treinador Max lidar com eles. Vamos tomar um ar.

Algo pisca em seus olhos, antes que ele suspire e abaixe a cabeça.

— Ok — ele diz e me segue até onde Liam está agora deitado no gelo.

A sessão está quase acabando, mas eu pego um canto do ringue para nós três, arrastando Liam enquanto corrijo as curvas de Oliver.

Só quando meu pai se junta a nós é que percebo que o ringue está vazio.

— Onde está Chelsea?

— Eu a mandei para casa; disse a ela que esperaríamos pelos pais deles.

Concordo com a cabeça, ainda mantendo meu olhar em Liam perseguindo Oliver ao redor do círculo que ele está criando com suas bordas. Se eu olhar para meu pai, verei a pergunta que sei que existe, sobre essas crianças e minha conexão com elas.

Mas ele não incomoda. Em vez disso, meu pai dá um passo à frente com seu taco, tirando Oliver de seu padrão atual e muda seu foco para acertar um golpe rápido com seu *backhand*⁵. Demora alguns minutos, mas ele nos alcança com facilidade, acompanhando cada correção que lhe é dada. Posso ver a faísca acender em meu pai, reconhecendo o nível de talento que o garoto tem agora como um potencial brilhante.

Eu a vejo intuitivamente, como se ela fosse um farol, sempre me atraindo de volta para seu penetrante olhar cinza. Ela para no meio do caminho, sua bolsa caindo de seus ombros enquanto ela observa Oliver com apreensão em seus olhos e sua guarda levantada.

Liam está gritando por ela enquanto eu o pego e patino nós dois. Oliver faz uma pausa, mas meu pai o faz executar o exercício atual novamente.

Sadie o observa com os olhos brilhantes – como se isso não fosse algo que ela vê com frequência.

— Ele é talentoso — eu digo, deixando Liam descer de mim.

O garoto mais novo grita: — Observe-me! — E tenta se juntar ao irmão no ringue. Mesmo com sua resiliência e recuperações rápidas, ele nunca conseguirá.

Posso dizer que Oliver está se exibindo um pouco e Sadie está grudada em cada movimento dele. Isso desperta algo em mim, como se eu devesse me desculpar pelo que a encurrei naquele primeiro dia. Talvez eu tenha lido esta situação errada.

Mas, então, penso naquela ligação para o telefone dela.

— Seus pais não vêm? — Pergunto, mas parece que estou testando um campo em busca de minas terrestres.

— Temos um acordo, campeão — ela responde, recusando-se a olhar para mim. — Eles estão ocupados. Posso cuidar dos meninos. Alguma outra pergunta?

Milhares. Tipo, por que você está com tanta raiva? Por que você anda de patins como se estivesse pegando fogo? Quem é tão ruim que você o listou como NÃO RESPONDER no seu telefone? Você está segura? Você está bem?

Ainda assim, balanço a cabeça.

Migalhas.

Vou comer até a última delas.

SEIS

Rhys

Já se passaram duas semanas dessa rotina, ficando de pé novamente sem ataques de pânico enquanto amarrava os patins. Duas semanas acordando com a promessa de vê-la acalmando meu estômago, patinando ao som de seu gosto musical eclético que vai de Steely Dan a Ethel Cain e Harry Styles na mesma hora.

Agora, sinto que o que ela seleciona primeiro é como posso ler seu humor. Posso dizer que ela precisa se confortar quando coloca Phoebe Bridgers, ou desesperada por uma dança rápida quando ela toca Two Door Cinema Club e MGMT consecutivamente, geralmente sorrindo com endorfinas enquanto faz *freestyle* em seu lado do gelo.

Mas às vezes ela começa com “*Fast Car*” de Tracy Chapman. Nesses dias ela não costuma falar comigo, apenas me encara quando entramos, com olhos que sempre parecem meio cheios de lágrimas.

Tento ouvir mais nesses dias, como se as letras que ela ouve pudessem ser outra linguagem para ela, captando as menores dicas, desesperado por tanto dela quanto posso consumir.

Hoje, porém, ela está atrasada.

Na maioria dos dias em que Sadie chega atrasada, ela está tendo um dia de raiva, então me preparo para atirar e correr no ringue ao som de qualquer coisa barulhenta. Mas hoje não parece ser um daqueles dias.

A ansiedade de estar no gelo sem ela diminui quando a ouço chegando, ecoando do túnel para o ringue silencioso.

Preciso de todas as minhas forças para não me virar e olhar quando ela entra, para esperar até ouvir seus patins cortando o gelo

antes de olhar.

Ela está vestindo sua roupa habitual: uma camisa cinza surrada da Universidade de Waterfell e leggings com um alargamento sobre os patins brancos, o cabelo puxado para cima e quase todo fora do rosto.

Ela patina até mim no mesmo estilo; um pouco irritado, gracioso, mas com um toque de vingança.

— Eu fiz uma coisa para você — ela diz, e há aquela marca entre suas sobrancelhas, como se ela estivesse frustrada ou questionando tudo quase constantemente. Suas mãos não seguram nada, mas ela as estende para mim como se fosse eu quem tivesse um presente.

— O quê?

— Seu telefone.

Abro e entrego a ela, observando por cima do ombro, onde ela se acomoda bem ao meu lado, enquanto abre o aplicativo, seleciona seu perfil e clica na primeira playlist.

Há uma foto de um beagle de aparência muito triste com um chapéu de festa na cabeça, mesmo enquanto ele está deitado no chão, mas em letras cintilantes o nome do álbum está brilhando.

— "Canções de Sadie para o triste cérebro cheio de demônios do Reece" — leio em voz alta, antes de acrescentar: —Você escreveu Rhys errado.

— Seus pais escreveram seu nome errado na certidão de nascimento. Do seu jeito se parece com *Rise*. Então, na verdade, eu consertei. — Ela revira os olhos, mas seus dentes apertam o lábio um pouco constrangida. — Eu fiz ontem à noite. Eu... bem, design gráfico não é minha área de especialização.

Meu coração aperta por um momento, como uma facada persistente ao pensar nela em seu quarto, acordada a noite toda selecionando músicas e fazendo arte para a capa, para que ficasse assim. Para mim.

— Pensei que talvez você pudesse ouvir enquanto patina e... não

sei. É estúpido...

— Não é — eu a interrompo veementemente. — Você me fez uma playlist.

— Sim. — Ela balança a cabeça, balançando seus patins em um amplo círculo para frente e para trás, empurrando meu peito a cada vez. Desta vez eu a agarro quando ela retorna, minhas mãos em seus pulsos para mantê-la me tocando. Transfiro seus pulsos para um dos meus, egoísta tanto com seu toque quanto com seu tempo. Tirando o segundo conjunto de *AirPods* do bolso, coloco-os em seus ouvidos e gentilmente a solto.

— Você quer escolher primeiro?

— Eu acho que você deveria apenas embaralhar. Isso é o que eu faço, então você se concentra nisso em vez de entrar em pânico.

Passo o dedo sobre o botão enquanto ela começa a patinar para o outro lado, antes de vê-la fazer uma pausa e girar para trás.

— Pode não funcionar, e eu realmente não sei o que está incomodando você, mas a música me ajuda.

Ela para aí, mas as palavras não ditas são igualmente altas. Na verdade, seus olhos dizem isso facilmente; é que *eu queria ajudar e isso é tudo que tenho e vejo você*.

— Obrigado — ofereço, mas parece insuficiente.

Aperto “aleatório” e dou uma risadinha quando “*No Sleep Till Brooklyn*” começa a soar em meus ouvidos.

Ela patina rapidamente, ziguezagueando e se aquecendo, focada como sempre. Mas quando ela passa por mim novamente, seus olhos encontram os meus e ela murmura junto com as palavras que tocam em nossos fones de ouvido.

Uma risada ressoa em meu peito. Eu quero ficar assim com ela para sempre.



— Seu pai mencionou algo interessante — *droga!*

Eu olho para cima de onde estou sentado na bancada, observando minha mãe enquanto ela passa o dedo sob a torneira e o molho fervendo borbulha na panela atrás dela.

— Você está bem? — Eu sorrio, observando enquanto ela limpa as mãos no avental e volta para o fogão.

Meu pai pode ter sido um jogador de hóquei incrível, mas minha mãe era bem conhecida por seus próprios méritos. “*Queridinha da Arquitetura*” de acordo com muitos artigos de notícias e revistas, Anna Koteskiy é mais conhecida por projetar grandes gazebos e jardins extravagantes. Agora, ela passa a maior parte do tempo administrando algumas instituições de caridade para projetos habitacionais sustentáveis.

Mesmo assim, minha mãe adora cozinhar, por mais perigoso que seja para ela e para todos na vizinhança.

De alguma forma, a entrada do meu pai a assusta o suficiente para deixar cair a panela em seu antebraço, gritando um pequeno palavrão e ainda conseguindo segurá-la. Meu pai e eu corremos em direção a ela. Enquanto tiro uma luva do balcão para pegar a panela, papai a adora como se ela tivesse sofrido um ferimento com risco de vida.

Enquanto ele murmura para ela em uma mistura de russo e inglês, minha mãe e eu reviramos os olhos.

— Talvez eu assuma o jantar. — Ele suspira, deixando-a ir com outro beijo na pele queimada. — Está bom lá fora, leve nosso filho para o pátio e ponha a mesa.

Mamãe pega a pilha de pratos de cerâmica verde-escuro enquanto empilho talheres, guardanapos e outros utensílios de mesa em meus braços, e nós dois saímos da grande cozinha pela estufa de vidro anexa e saímos para o pátio dos fundos. As luzes de corda já estão

acesas, uma luz dourada e quente lançando um brilho adicional ao âmbar do sol das seis horas.

A mesa personalizada de carvalho precisa de uma leve desempoeirada o que é comum nesta época do ano, com a quantidade obscena de flores e árvores florescendo perto do perímetro externo do pátio rebaixado.

— Então, quem é a garota?

Eu engasgo com o gole de água na boca, tossindo repetidamente enquanto minha mãe – a traidora – ri e espera que eu recupere a compostura.

— O que você está falando?

— Claramente há uma garota.

Meus dedos dançam ao longo da transpiração do meu copo.

— Papai disse alguma coisa?

Seus olhos brilham como se eu tivesse confessado meu amor por quem ela está imaginando.

— Ele deveria ter dito?

— Não.

— Rhys, se seu pai souber de uma garota antes de mim, eu nunca vou te perdoar. — Ela me encara por um minuto, antes de relaxar com um sorriso conhecedor. — Além disso, pensei que você ainda o estava mantendo na casa do cachorro quando se trata de sua vida amorosa após o incidente do baile.

Um arrepio de corpo inteiro surge até mesmo com a menção do baile de formatura, empurrando as memórias de volta para trás da parede de tijolos em meu cérebro.

— Não me lembre. — Balanço minha cabeça novamente. — O que faz você pensar que existe alguém, afinal?

Espero por sua provocação leve, mas sua voz se transforma no sussurro suave que ela usou em cada falha e arranhão ou hematoma

quando criança.

— Porque você é meu filho; um pedaço do meu coração, amor, e você tem estado *se afogando*. Talvez você ainda esteja.

Sinto-me enjoado. É claro que minha mãe saberia, salvando-me de pesadelos com a frequência que ela salva.

— Provavelmente. — Eu suspiro, meu joelho levantando, saltando ansiosamente.

— Mas ultimamente você parece diferente.

Ela está esperando que eu preencha os espaços em branco, mas não sei o que dizer. Que existe uma garota, pelo menos para mim, mesmo que ela me mantenha à distância para sempre. Tudo bem, vou ficar a um braço de distância sempre enquanto isso ainda significar que ela está perto de mim, expulsando as sombras que aglomeram meu corpo vazio.

Eu sei que não é saudável. Eu simplesmente não me importo.

— Sadie é apenas uma amiga.

— Sadie? Nome bonito.

Menina bonita, também. Mordo minha língua, passando a mão sobre meu joelho para tentar diminuir o tremor.

— Estamos dividindo nosso tempo no gelo pela manhã. Ela é patinadora artística, em Waterfell, na verdade.

— Sim?

— Eu não acho que ela realmente goste de mim — eu bufo, incapaz de parar de falar sobre ela agora que comecei. — Mas ela é engraçada. E ela tem bom gosto para música.

— Parece uma garota legal.

— Eu gosto de patinar com ela. — As palavras escorrem como vômito.

— A irritada? — Meu pai pergunta, deslizando ao meu lado para

colocar a berinjela no centro da mesa. — Os irmãos dela são adoráveis.

— Ela tem irmãos? — Pergunta mamãe, dando um beijo rápido na bochecha de papai antes de nos acomodarmos enquanto passamos uma mistura de vegetais assados, salada Caesar e macarrão.

— Oliver e Liam — eu ofereço. — Oliver é muito bom.

— Mais do que bom. Esse garoto é uma estrela. E o pequeno Liam é o garoto mais fofo que eu já vi, *rybochka*, com todas as suas sardas e falta de dentes.

Terminando de comer, mamãe espera antes de acrescentar:

— Eles estão no programa, então? Isso é bom.

— Não sabia que você estava patinando com alguém no ringue de manhã. — Não há uma acusação em suas palavras, na verdade não, mas minha guarda levanta de qualquer maneira.

A mentira saí rapidamente.

— Eu a convidei. Nós, uh, tivemos uma aula juntos no ano passado.

— O prêmio de pior mentiroso do mundo ainda pertence a você, Rhys. — Mamãe suspira, pegando a garrafa de vinho do outro lado da mesa. Meu pai chega antes dela, enchendo o copo para ela.

É bom falar sobre ela, pelo menos um pouco, mas é mais um lembrete de que não importa quantas vezes eu pense nela — na maneira como seus olhos cinzentos pousam em mim, na música que ela toca em meus fones de ouvido depois de outro pesadelo, na fantasia dos quadris dela em minhas mãos assombrando minha cabeça vazia — Sadie não significa nada para mim. Duvido que ela nos chame de amigos.

Enquanto isso, fico desesperado, nem que seja para estar perto dela.

SETE

Sadie

É uma boa noite. Muito, muito boa.

O ar quente do final de julho passa pelas janelas abertas enquanto “*Waterloo*” toca nos auto-falantes estáticos. Liam canta cada palavra a plenos pulmões em sua cadeirinha e, embora eu não saiba de onde veio sua obsessão pelo ABBA, eu definitivamente a encorajei. Até Oliver sorri e cantarola em sua cadeira.

Paro no *drive-thru* do fast food favorito de Oliver, que ele jura que faz as “batatas fritas perfeitas para milk-shake”. Seu rosto se ilumina com outro sorriso brilhante que eu gravo na memória; eles são tão raros hoje em dia.

Mas esta noite, ele está cheio deles.

Ele jogou o jogo da sua vida, de quase 12 anos, esta noite, marcando dois dos três pontos da vitória do time. Mesmo jogando neste time misto de exibição, Oliver brilha; e eu sei que no outono ele vai brilhar ainda mais com o time da escola.

O Oliver assim: cabelo molhado secando no calor do verão, boca manchada com restos do milkshake de chocolate, sorrindo através de mordidas grandes de waffle frito; esse é o irmão de quem me lembro. Aquele que está enterrado sob a dor.

Ele joga o jogo do alfabeto com Liam sem reclamar, as risadas de ambos me dão mais sustento do que o sanduíche de frango grelhado picante que estou comendo.

Deixo o carro estacionado por um tempo depois que todos terminamos, observando o pôr do sol no topo de uma pequena colina que desce até um pequeno parque e um lago popular onde patinamos

muitas vezes quando congela. É em momentos como este que consigo imaginar outra vida para todos nós, onde sou atingida pela vontade de dirigir em direção ao pôr do sol, perseguindo a luz até chegarmos a algum lugar novo. Eu nunca mais patinaria se isso significasse um suprimento infinito de noites como essa para meus irmãos.

Meu telefone toca, cortando a música baixa de fundo.

Mitchell Hanburgh.

O advogado.

Peço licença, saio do carro e vou para a cobertura de uma árvore, longe o suficiente para que suas orelhinhas não possam ouvir, perto o suficiente para vigiá-los.

— Olá, aqui é Sadie.

— Sadie. — Ele suspira. Quase consigo imaginá-lo do jeito que vi na videochamada antes. — Escute, eu ainda preciso da certidão de nascimento de Oliver...

— Eu encontrei — eu o interrompo. — Posso enviá-la amanhã se eu passar pela escola.

— Ótimo — ele concorda, mas há hesitação suficiente para que eu saiba o que vem a seguir. — E seu pai? Você falou com ele?

—E-eu não tive tempo.

— Senhorita Brown, preciso da assinatura dele nos documentos de consentimento. E eu nem toquei no assunto do Liam...

— Eu sei. — Respondo, depois passo a mão pelo cabelo, prendendo-o nos emaranhados antes de soltá-lo. — Desculpe, eu só... vou ver o que posso fazer.

— Tudo bem — ele suspira, renunciando. — Eu vou deixar você ir. Envie o que você tem e verei o que posso fazer com os papéis da custódia.

— Obrigada — respondo, antes de encerrar a ligação.

É como se meu momento perfeito de globo de neve congelado

tivesse sido destruído. Então, o sorriso que dou aos meus irmãos não é tão brilhante como antes.

Odeio que Oliver perceba, ainda mais que ele não pergunte. Observar seu sorriso afundar e escurecer, até desaparecer completamente – a tensão em seu corpo quando começo a dirigir em direção a casa – faz lágrimas brotarem em meus olhos.

A emoção é avassaladora, tanto que, no momento em que paramos na garagem, sei que não conseguirei dormir sem alguma coisa – alguma coisa que empurre para fora tudo o que está borbulhando dentro de *mim*.

Minhas mãos estão tremendo enquanto digito uma mensagem rápida:

EU

Ocupado hoje à noite?

Mando para um ficante regular. Eu não espero por uma resposta antes de sair do carro, vendo Oliver já desafivelando Liam do cinto de segurança.

A casa parece silenciosa, mas isso não é um bom ou mau sinal, algo que meu irmão mais velho e eu conhecemos bem.

Eu odeio que a porta da frente esteja destrancada, porque isso significa que Liam, ainda tagarelando e cantando baixinho, é o primeiro a passar pela soleira. Não importa que eu grite para ele parar e esperar, ele sai correndo, Oliver e eu o perseguimos até que todos colidimos uns com os outros como peças de dominó.

— Ele está dormindo...?

A pergunta de Liam é interrompida pela mão de Oliver sobre sua boca.

Nosso pai não está dormindo – na verdade, ele está desmaiado.

Há uma caixa rasgada de latas de cerveja vazia no chão da sala, uma garrafa de uísque vazia e meio quebrada no canto da cozinha, pouco antes da escada.

Não, percebo com meu coração pulando na garganta. Ele está chorando.

— Leve Liam para o meu quarto.

Isso é tudo o que Oliver precisa para conduzir Liam, agora quieto, pelas escadas rangentes.

— Pai? — Eu começo, avançando lentamente em direção a ele, incapaz de decifrar seu humor. — Eu...

— Oh Deus — ele grita, levantando a cabeça do apoio de seus braços. Seus olhos estão vermelhos e fundos, as bochechas rosadas de intoxicação e molhadas de lágrimas. — Sadie, sinto muito. Eu simplesmente...

— Eu sei. — Na verdade eu não sei, mas quero detê-lo agora, antes que meus pedaços ainda unidos se quebrem completamente. — Achei que você estava sem dinheiro. Como você conseguiu tudo isso?

— Por favor. Desculpe-me — ele choraminga, ignorando ou sem ouvir minha pergunta, sua mão segurando firmemente meu pulso.

— Não toque na minha irmã — Oliver zomba, invadindo a cozinha e tirando a mão do meu pai do meu braço.

— Eu sou seu pai — ele retruca, passando de pateticamente triste para irritado em um piscar de olhos.

— Que pena — Oliver cospe de volta, mas ele está me puxando para longe da cozinha. Ele fala com coragem quando enfrenta o papai, mas o medo está em seus olhos; ele ainda está assustado. Todos nós estamos.

— Está tudo bem? — Pergunto, virando a esquina em direção às escadas.

Oliver balança a cabeça.

— Tem uma porra de uma mulher lá em cima dizendo que é a mãe do Liam e agora ele está se escondendo.

Meu estômago cai.

Liam não sabe, e Oliver provavelmente mal se lembra. Foi há cinco anos e eu acordei cedo para um treino antes da escola, na esperança de trazer Oliver comigo para evitar qualquer coisa com nosso pai. Mas quando desci as escadas, papai estava desmaiado no sofá, abraçado a uma garrafa, e um bebê estava no chão, olhando para mim com grandes olhos castanhos.

Eu fiquei apavorada, uma estudante do ensino médio de dezesseis anos já com muitas responsabilidades com Oliver; e de repente, há um garotinho saltitante para adicionar ao show de merda da minha vida.

Meu treinador se adiantou. Ele sabia que eu precisava manter tudo em segredo até pelo menos completar dezoito anos, ou seríamos todos levados embora e separados. Então, ele me ajudou a encontrar babás e me ajudou a lidar com meu pai para que eu pudesse patinar e continuar vencendo.

Eu devo tudo a ele.

O buraco no meu estômago se enche de raiva, enquanto eu sigo em direção ao quarto do meu irmão com passos barulhentos. Oliver está em meus calcanhares e, por mais que seja meu irmão mais novo, ele é um protetor por completo — por trás de toda aquela raiva.

A mulher está claramente bêbada, balançando sobre as mãos e os joelhos enquanto tenta tirar Liam do esconderijo debaixo da cama.

Eu a agarro pela gola da camisa, arrastando-a de volta. Tenho certeza de que se ela estivesse de pé, eu estaria em desvantagem de altura. Mas eu sou forte e ela está nervosa.

— Dê o fora, maluca! — Oliver grita.

Consigo arrastá-la para fora, exigindo que Oliver verifique Liam, antes de empurrá-la para o topo da escada como se eu pudesse afastá-

la.

— Você é realmente a mãe dele? — Eu pergunto, odiando a palavra. — Você deu luz a ele?

— Sim, eu...

— Prove.

— Acho que tenho a certidão de nascimento. Não posso...

— Eu não ligo. Você tem duas opções. Ou você fica sentada aqui enquanto eu chamo a polícia e meu advogado para garantir que você pague os anos de pensão alimentícia devida. Ou você vai para casa e me manda aquele documento. E você assina a porra dos meus papéis de custódia.

Leva apenas um minuto antes que ela diga: — Tudo bem. Apenas me deixe ir.

Assim que ouço a porta se fechar atrás dela, entro em ação. Minhas mãos não param de tremer enquanto coloco as roupas de Liam em uma bolsa. Oliver vê o que estou fazendo e vai para seu quarto, deixando Liam empoleirado na cama.

— Festa do pijama?

— Sim — eu respiro, empurrando seu cabelo para trás de seu rostinho sardento. — Você está bem, besourinho?

— Sim... aquela senhora estranha se foi?

— Sim. Ela não vai voltar.

— Ela disse que era minha mãe.

— Ela não é. — Eu digo, fervorosamente.

— Oh. — Ele balança a cabeça, pensando muito. — Você acha que talvez um dia eu terei uma mãe?

Meu coração dói.

— Talvez um dia, besourinho.

Suas palavras me assombraram durante todo o caminho, tanto que devem estar escritas em meu rosto, a julgar pela reação de Rora. Nós os colocamos na cama e Rora me diz para tomar banho no quarto dela enquanto ela começa um filme para eles. Ela já está tocando Tracy Chapman nos alto-falantes ao lado da cama.

Eu choro até não conseguir respirar.

Por um momento, enquanto estou deitada na cama de Rora esperando por ela, penso em tentar entrar em contato com Rhys. Como se algo nele tornasse isso melhor – o que é ridículo, considerando quem ele é e com o que está lidando consigo mesmo. Mas não consigo afastar o pensamento.

Aurora alisa minhas costas e me abraça até eu adormecer.

OITO

Rhys

De alguma forma, ela chegou aqui antes de mim, o que me faz correr para entrar no gelo como uma criança ansiosa para seu primeiro jogo de verdade.

Eu nem me preocupo em tentar apagar o sorriso brega que aparece no meu rosto quase constantemente perto dela. Ela transforma cada hesitação em excitação, cada ansiedade em quase felicidade, como costumava ser para mim neste gelo.

Eu me pergunto se eu conseguiria convencê-la a *entrar* no time de hóquei, como no filme “Ela é o cara”, para que eu nunca tenha que estar no gelo sem ela.

Deus, preciso me recompor se quiser ser o “Capitão Rhys” novamente no mês que vem.

Tento não perturbá-la no meio da rotina, porque posso dizer que é importante pela intensidade de seus movimentos, a arte entrelaçada tão lindamente que faz meu peito doer. Cerro os punhos para prender o monstro ansioso em minha cabeça que está tão desesperado por mais dela, preocupado que se eu olhar para ela por muito tempo, não serei capaz de me impedir de fazer algo insano, como prendê-la nas tábuas de novo.

Ou ver como ela é leve em minhas mãos. Posso segurá-la com uma mão enquanto a outra pressiona...

Um barulho alto e um estrondo forte me impedem de repetir meus sonhos inapropriados, eu viro minha cabeça para o lado como um tiro com um terror gelado no meu corpo, enquanto vejo Sadie deslizar de barriga para baixo nas tábuas, com força.

Ela não se move.

Ela está de bruços no gelo e não se move.

Porra.

Acho que vou ficar doente.

Estou gritando por ela em pânico cego, pulando nas pranchas ainda com meus tênis e correndo até sua figura esparramada. Resumidamente, pergunto-me como ela conseguiu manter a calma naquele dia em que me encontrou deitado no gelo, porque estou enlouquecendo apenas com a imagem dela aqui agora.

Quando chego ao lado dela, ela está tremendo.

— Sadie? — Minha voz é baixa quando me ajoelho para puxá-la para cima. Ela é como água em minhas mãos, desossada e escorregando enquanto tento pelo menos apoiá-la nas tábuas.

Minhas mãos pairam no ar sobre seu corpo, desesperadas para verificar se ela está ilesa, mas com muito medo de assustá-la ou aumentar sua ansiedade.

Ela está chorando, quase soluçando, como se não conseguisse respirar. O pânico ainda corre em minhas veias, mas tento me concentrar nela.

— Ei, respire, lembra? — Minha mão pressiona as mechas soltas e emaranhadas de seu cabelo que escaparam do rabo de cavalo. — Eu sei que parece que você não consegue, como se estivesse morrendo, mas concentre-se em minhas mãos.

Eu me abaixo e pressiono as mãos dela nas minhas. Pela forma como suas bochechas e pescoço estão corados, suas mãos parecem o gelo em que estamos sentados.

— Experimente o método dos três — eu digo, em um sussurro na vastidão do rinque. — Meu terapeuta me diz para pensar em três coisas que você pode ouvir, três coisas que você pode ver e três coisas que você pode sentir.

— Ok — ela bufa, sua voz presa no soluço.

— Comece com o que você pode ouvir.

— Minha música. — Ela faz uma pausa e fecha os olhos com força. — Sua respiração. O ar condicionado.

— Algo que você pode ver.

Seus olhos piscam novamente, tingidos de vermelho, mas apenas com algumas lágrimas escapando.

— Você.

Não consigo evitar o sorriso que escapa.

— Tente ser específica.

— Suas covinhas quando você sorri. As pontas rosas nos cadarços do meu patins. Uma antiga bandeira com o logotipo dos Bruins.

— Bom, último. O que você pode sentir?

— O gelo sob minhas pernas, as tábuas atrás de mim. — Ela mantém os olhos fixos nos meus. — Você segurando minha mão.

— Boa menina. — Aperto as mãos dela nas minhas. — Você está bem, Gray?

A pergunta a faz sorrir enquanto ela se acalma ainda mais e ela balança a cabeça, as lágrimas escorrendo apenas levemente pelo seu rosto. Odeio ver isso, incapaz de me impedir de arregaçar a manga e enxugar seus olhos.

— Gray?

— Cinza, como seus olhos. — Eu sorrio.

Ela ri, mas se transforma em um soluço.

— Desculpe — ela diz.

— Não. Não precisa pedir desculpas. — Estremeço quando minha boca se abre novamente. — Eu sei que dissemos sem perguntas...

— Rhys...

— Mas tenho que perguntar, porque isso é novo.

Ela começa a ficar de pé, subindo em mim como se meu corpo estivesse lá apenas para apoiá-la – um pensamento que me intriga mais do que deveria. Eu a ajudo, ainda me elevando sobre ela, mesmo sem meus patins, enquanto ela se firma nas lâminas.

Finalmente liberando o lábio entre os dentes, ela bufa e deixa as palavras caírem de sua boca como uma cachoeira.

— Estão cortando o horário da área de concessão durante o resto do verão, o que significa que vou perder esse emprego. E não posso fazer dar aulas no horário que eles ofereceram, então não terei isso para substituir. Sem mencionar que eu não seria assim se pudesse transar, mas aparentemente isso não vai ser possível para mim agora. Então, estou tentando trabalhar o tempo todo. Mas, meu trabalho perto do campus só tem algumas horas até o início do semestre. E Oliver precisa de patins novos...

Seu peito começa a arfar. Pressiono a mão com firmeza em seu esterno, tentando trazê-la de volta.

— Pare por um segundo. — Ela acena para mim em agradecimento. — Vamos para outro lugar hoje.

Ela já está balançando a cabeça.

— Eu preciso praticar. Você precisa de tempo de gelo...

— Um dia não nos matará.

Se Bennett ou alguém da equipe pudesse me ouvir agora, pensariam que entraram em um universo alternativo.

Em vez de esperar que ela concorde, deslizo minhas mãos sob suas pernas e a pego no colo. Ela grita levemente, mas não reclama enquanto caminho lentamente de volta ao portão e todo o caminho até o vestiário.

— Faça o que você precisa fazer e depois vá para o carro. Vou esperar lá.

E sem pensar, dou um beijo em sua testa e pego minha bolsa de equipamentos, virando para sair da sala antes que possa pensar em quão ridículo esse movimento pode ter sido.



— Cream cheese extra? — Pergunto, fingindo um enjoo que é rapidamente recompensado com um empurrãozinho raivoso.

— Sem cream cheese? — Ela finge um vômito olhando meu saboroso sanduíche de café da manhã. — Doce em vez de salgado sempre.

Estamos no meu carro, estacionado ao lado de um lago perto da cidade, que Sadie sugeriu, relutantemente. É lindo e movimentado, e mesmo com a luz dourada da manhã brilhando como um halo sobre a vista em estilo de pintura, estou distraído.

Por ela.

Ela é tão bonita; lábios escuros e cílios grossos sobre seus olhos intensos e intensos. Aquela pequena mancha de sardas que quero tocar quase constantemente. Cabelo castanho sedoso que imagino que sentir exatamente assim se eu passar os dedos por ele.

— Estou feliz que você pareça melhor.

— Obrigada pela comida. Acho que estava com fome.

Eu não acho que seja tão simples assim. Mas não consigo evitar a sensação calorosa que só alimentá-la me dá.

— Claro. — Eu concordo. — Mas, quero dizer, sou ótimo em ouvir. Se você quiser conversar sobre alguma coisa.

Especialmente a parte sobre transar.

Eu mordo minha língua.

— Preciso de outro emprego, eu acho que esse é o ponto principal. — Ela cora, mas desaparece rapidamente quando ela se

afasta de mim. — E normalmente, eu não sou tão... sensível. Eu consigo controlar melhor as coisas quando não estou tão... efervescente

— Efervescente?

Ela revira os olhos, engolindo outro gole de seu café gelado.

— Eu só preciso desabafar umas coisas... transar, sabe. Os atletas fazem isso o tempo todo.

— Eu não — eu deixo escapar, imediatamente desejando poder voltar atrás. Mordo a língua com um pouco mais de força para não perguntar se ela quer que *eu* ajude com isso.

Se ela quisesse você, ela teria perguntado. Porra, olhe para ela, ela não tem medo de nada.

Mas a imagem dela vulnerável, no gelo, olhando para mim pisca. Não quero que mais ninguém a veja desse jeito.

— Namorador em série? — Ela bufa.

— Mais como monogâmico em série. Mas não mais. Eu não... — Dou de ombros, parando porque não tenho certeza do que dizer.

— Talvez você precise transar também.

Meu rosto queima, fica vermelho e minha mão se atrapalha para deixar o lado do ar-condicionado mais frio, antes de coçar a nuca.

— Eu o quê...

— Eu não estava oferecendo, campeão. — Ela sorri, mas se afasta com a mesma rapidez. — Confie em mim. Isso simplesmente... Não é uma boa ideia.

— Certo. — Tento rir com ela. Mas não consigo evitar a vergonha que mancha minhas bochechas.

Claro que não. Olhe para ela e olhe para você.

Patético.

— Para que fique claro — digo, olhando ao longo do lago para toda a vida ao nosso redor. — Estou oferecendo.

Ela fica em silêncio. Mas ela está sorrindo e balançando a cabeça, evitando todo contato visual que estou direcionando para ela.

Mas não consigo me arrepender.

NOVE

Sadie

— Espiral linda — diz a treinadora Moreau, com um sotaque forte apesar do timbre leve de sua voz.

Celine Moreau, medalhista de bronze canadense e metade de uma dupla irmão-irmã muito famosa, é a atual treinadora da equipe de pares. Atualmente, apenas duas duplas treinam como parte da equipe de *Waterfell*, além das oito de solos. Hoje, ela é a única treinadora presente nos treinos da primeira temporada; na verdade, é mais um aquecimento misturado com união de equipe.

Meu treinador está estranhamente ausente, mas tento não pensar nisso. Preciso não deixar que essa ansiedade crie raízes.

Em vez disso, infelizmente, me pego pensando em Rhys.

Suas mãos enormes, seus lindos olhos estúpidos de corça e seu sorriso com covinhas. Tudo. Estou distraída, desleixada, no mínimo, e sei que o treinador Kelley não ficaria satisfeito, que eu seria repreendida e me faria tentar de novo até ficar perfeito. Eu preferiria isso, é disso que preciso, então deixo os elogios rolares pelos meus ombros, passando pelos meus ouvidos como ruído de fundo.

Eventualmente, o treino termina, e toda a equipe se reúne para uma reunião rápida. Estou com os olhos fechados e, graças ao presente extravagante de Rhys, que implorei para ele pegar de volta na última patinação, música ainda toca nos fones sofisticados em meus ouvidos — e é a única razão pela qual não o ouço se aproximar.

Ele tira um fone do meu ouvido.

— Isso é música de sexo — sussurra Luc. Dou uma cotovelada nele discretamente, ainda fingindo ouvir o incentivo de sua treinadora.

Luc Laroux é um patinador de duplas bonito e, infelizmente, habilidoso. Se ele tivesse parado de namorar suas parceiras, ele poderia estar em sua turnê olímpica agora. No entanto, ele está aqui, com um conjunto de habilidades que as outras duplas obviamente tem inveja, e uma reputação contínua de partir corações.

Atualmente, ele está sem parceira novamente.

— Eu vi Rose na capa de uma revista outro dia. Ainda é orgulhoso demais para rastejar?

Sua mandíbula se aperta, toda a alegria desaparece de seu rosto com a menção de sua parceira de longa data, a agora popular perspectiva olímpica atualmente espalhada por todo o mundo da patinação ao lado de seu novo parceiro cativante.

O próprio rei do gelo quase parece com ciúmes.

— Ah — eu choramingo. — Você sente falta dela?

Há um brilho em seus olhos, antes que ele os cubra com um sorriso malicioso que eu sei que o colocou sob as saias de muitas mulheres.

— Por quê? Você está se oferecendo para ser minha nova parceira?

Eu finjo um enjoo.

— Nem morta.

Ele ri, abafado pela as palmas duplas de Moreau sinalizando o fim do treino.

— Tem certeza? Por que eu estava precisando praticar meus levantamentos. Estava procurando uma parceira.

Reviro os olhos enquanto avançamos lentamente atrás do resto do time. A insinuação é uma que infelizmente estou familiarizada. Normalmente sou bastante repetitiva no meu lema de não misturar negócios com prazer, mas neste caso já misturei. O que torna mais fácil dizer sim.

E ainda assim, estou hesitando.

E um estúpido par de olhos castanhos está tomando conta de todo o meu cérebro.

Então balanço a cabeça e empurro o ombro de Luc.

— Eu tenho que ir para casa.



É um dia de café da manhã com panquecas, o que, pelos padrões do meu irmão, garante que será um bom dia.

A Sra. B, nossa vizinha que sempre nos ajuda, se ofereceu para cuidar deles hoje. Normalmente não preciso dela nos fins de semana antes do meio-dia, mas o treinador Kelley convocou um treino de última hora no outro ringue em um e-mail à meia-noite.

O que significa que preciso chegar algumas horas antes para ter certeza de que meu combo de salto atual – e minha espiral – seja o mais certo possível. Estou desesperada para que este ano seja diferente; começando com não decepcionar o treinador Kelley.

Mas, então, eu vejo o carro dele.

As emoções passam por mim muito rapidamente para focar em apenas uma: raiva, frustração, medo, preocupação... Animação e antecipação.

Quero vê-lo, percebo, tanto quanto quero gritar para ele sair do meu ringue e da minha cabeça.

Você não pode tocá-lo. Pare com isso.

Tento repetir isso enquanto entro no ringue e desço até os vestiários, pronta para ser firme. Para dizer a ele que não podemos mais patinar juntos, pela minha sanidade.

Porra.

Ele está encostado em um conjunto de armários, curvado e suando, de patins, com as pernas abertas enquanto respira fundo como se estivesse se afogando.

Minha bolsa cai do meu ombro. Minha raiva se transforma em nada.

O som o alerta, olhos castanhos disparando em minha direção em pânico – depois fechando as pálpebras quando ele percebe que sou só eu.

— Temos que parar de nos encontrar assim — ele murmura, seus lábios cheios se arqueando no que presumo ser algum tipo de sorriso, mesmo que seja de exaustão. Meu estômago dói. Encontrá-lo assim de novo... uma semana antes de ele voltar a jogar...

Meu coração parece que está alojado na garganta.

— Rhys — eu mal pronuncio, minha mão alcançando seu rosto. Só quando ele gira meu pulso é que percebo que estou tremendo.

— Preocupada comigo, Gray?

— Aterrorizada — admito. — Achei que estava melhor.

— Eu também. — Ele geme, a cabeça caindo na palma da minha mão, como se fosse a única coisa que mantém seu pescoço ereto. — Hoje é apenas um dia ruim.

— Eu deveria ter trazido panquecas para você — digo, sem perceber o quão insano isso soa por si só.

Ele ri, sem fôlego, mas feliz.

— Por favor, explique isso.

— Liam acha que quando eu faço panquecas, será um bom dia.

Ele sorri para mim, os olhos brilhando, covinhas profundas.

— Vou tentar isso da próxima vez. Aposto que você faz as melhores panquecas.

— Vou fazer umas para você, algum dia — eu sussurro, sentando

ao lado dele enquanto ele limpa a testa e se inclina para trás. — Você está bem?

Ele concorda. Sentando-se, ele toma alguns goles de água.

— Sim. Mas apenas um aviso justo, eu estou aceitando as panquecas. Eu adoro comida de café da manhã.

— Achei que você gostasse de salgado em vez de doce.

— Eu gosto de tudo quando se trata de você — ele confessa e meu coração aperta.

Sua mão mergulha no bolso, entregando-me um fone de ouvido. Só então percebo que ele está com meu antigo par nos ouvidos, que estava ouvindo música.

— Não consegui encontrar o meu rápido o suficiente — ele suspira.

Pego o fone de ouvido oferecido, deixando o fio se conectar entre nós enquanto ele me entrega seu telefone para selecionar a música.

DEZ

Sadie

Ele poderia muito bem ter uma placa colada na testa dizendo “*me beije*”. E eu deveria estar usando uma que diz: “*esta é uma ideia horrível*”.

Nada disso saiu de acordo com meu plano.

Vê-lo assim, curvado apenas com a calça de moletom e uma camiseta esportiva esticada na largura do peito, com a cabeça entre as mãos, os dedos raspando os cabelos castanhos grossos e rebeldes, e a respiração falhando na linha tensa de seus lábios.

“*Make This Go On Forever*” está tocando no meu ouvido direito, a música do Snow Patrol aumentando a intensidade a cada poucos momentos, apenas alimentando a energia entre nós.

Toda minha experiência anterior de namoro foi rápida, prática e sombria, geralmente finalizada antes de realmente começar. Uma distração pessoal favorita quando eu sentia tanto que estava vazando da minha vida doméstica para todo o resto.

Mas o modo como Rhys olha para mim não é apenas luxúria, é aquele desespero que conheço tão bem, nas partes mais sombrias da minha mente, que me isola de tudo.

A necessidade de sentir algo, apenas para me firmar.

Tenho que me lembrar do que é isso antes de me atrever a tocá-lo. Deixar-me ser isso para ele. Ele é um jogador de hóquei popular com uma máscara que deve ser tão boa quanto ouro. Já o vi vulnerável repetidamente e sei que *ele* não perguntará abertamente, mesmo quando se inclina um pouco mais perto.

Então, eu o imito, respiração por respiração, movimento por

movimento, até que sua testa tensa esteja pressionada contra a minha, o suor em sua testa agora frio no ar gelado da sala.

Seu hálito é mentolado e fresco enquanto sopra contra meus lábios, e eu sei o quão terrível isso é, o quanto eu realmente deveria me afastar, pegar meus fones de ouvido e centralizar meu foco, desviar de minhas emoções borbulhantes como costume fazer; mas algo está me mantendo aqui, atraída para seu poço profundo de desesperança como uma mariposa para uma chama.

Eu não posso salvá-lo. Mesmo se eu quisesse, porque se alguém precisa ser salvo, são Oliver e Liam antes de ser eu; e definitivamente não é minha função tentar segurar o garoto do hóquei que está se afogando na minha frente agora.

Ele precisa de mim.

Sim. Claro. Para isso, talvez.

Não é lento, apenas um suspiro antes de me empurrar nele, lábios encontrando os dele sem hesitação, apenas necessidade.

Um gemido baixo sai de sua garganta que soa como alívio absoluto, e então ele responde, devolvendo-me a paixão que estou alimentando nele até parecer que fazemos parte de um ciclo contínuo. Suas mãos alcançam minha cintura, puxando quase com força antes de eu me sentar em seus quadris, com as pernas escarranchadas sobre ele no banco baixo. Suas costas batem no tijolo atrás dele, encontrando estabilidade enquanto os patins meio amarrados em seus pés cravam no piso de borracha.

Afastando-me para olhar para ele, observo cada detalhe. A espessa mecha de seu cabelo escuro caindo sobre sua testa, o rubor rosado de suas bochechas e a escuridão de seus lábios inchados que estão levemente abertos e ofegantes. Suas mãos ainda estão segurando meus quadris, fazendo eu me sentir como uma pena pela maneira como elas cobrem toda a minha cintura.

— É isso que você quer? — Ele respira, a voz rouca enquanto olha para mim com os olhos semicerrados. Estendo a mão para ele, mas ele

pega meu pulso e o segura. — Diga para mim.

Minha voz sumiu, minha boca está tão seca que parece que passei meses sem uma gota d'água. Eu só posso acenar com a cabeça.

Um sorriso de tirar o fôlego que eu nunca vi antes surge em seus lábios, duas covinhas aparecendo em suas bochechas enquanto ele ri e fecha os olhos antes de pressionar a boca na pele do meu pulso e murmurar contra o meu pulso: — Que bom. Eu também.

Não consigo decidir o que quero fazer com ele primeiro.

Deslizando minhas mãos por seus ombros, pescoço e cabelo, eu o agarro levemente e mergulho de volta, desta vez apenas na forte coluna de sua garganta, lambendo-a e beijando-a rapidamente. Ele geme novamente, arrastado e alto, onde seus lábios estão bem na minha orelha e eu tremo, causando arrepios na minha pele. Os movimentos de nossos corpos são bruscos o suficiente para desalojar os dois fones de ouvido, meu telefone caindo no chão, dando lugar a um silêncio ecoante.

Suas mãos formam um padrão na parte inferior das minhas costas e, por um momento, elas vagam para o sul. Espero que ele faça *alguma coisa*, qualquer coisa – só preciso de mais. Mas depois de uma breve hesitação, as palmas das mãos dele deslizam pela minha coluna coberta e atingem os cabelos da base do meu pescoço, embalando meu rosto em suas mãos enquanto ele me beija novamente.

Agarro suas palmas enormes em minhas próprias mãos, com força e insistência enquanto as deslizo para baixo, e para baixo, e mais, para segurar minha bunda.

Ele geme, apertando-me, e eu sorrio, engolindo o som enquanto mergulho em seus lábios inchados novamente.

É inebriante a sensação de estar em cima dele e no controle total. Estamos apenas nos beijando, mas parece mais do que qualquer um dos meus encontros noturnos anteriores.

Minutos, horas, dias – não há nenhum conceito real de tempo enquanto estou aqui, em cima de suas coxas. A única coisa que me

mantém sã é o espaço que mantenho entre nós, meus joelhos plantados em cada lado dele, pairando na distração proeminente abaixo de mim. Não vou nem me permitir olhar.

Essa é possivelmente a única razão pela qual ouço o barulho alto e ecoante da porta traseira batendo, sinalizando a chegada de alguém.

Eu salto de cima do colo dele, me jogando no chão.

— Jesus — ele murmura, mas não consigo olhar para ele quando meu telefone acende.

Mal são seis horas, então, na verdade, não deveria haver ninguém movimentando-se pelos corredores dos fundos a esta hora. Ainda assim, é suficiente lembrar que estas não são mais nossas manhãs de verão juntos, esta é a vida real.

O que significa que alguém muito específico estará aqui antes que eu possa remover a mancha de rubor das minhas bochechas.

Pressionando para ficar de pé, prendo meu cabelo em um coque bagunçado e giro de volta para o garoto do hóquei que, infelizmente, estará estrelando minhas fantasias de agora em diante.

Sento no banco em frente a ele, como se nada tivesse acontecido, ignorando a sensação abrasadora do seu olhar sobre mim mais uma vez.

— Sadie

O feitiço está quebrado. Tudo que estava quente em meu estômago está apodrecendo quanto mais eu olho para ele, a culpa tomando conta.

Você não pode ajudar ninguém. Você vai arruiná-lo para sempre.

— Eu preciso ir treinar. — Calço meus patins e os amarro rapidamente, minhas mãos tremendo agora, como se eu tivesse absorvido cada pedacinho de sua energia ansiosa em meu corpo. Ele abre a boca, mas levanto a mão para impedi-lo. — Sério, Rhys, não mencione isso. Foi bom.

— Então por que você está indo embora? — Odeio a vulnerabilidade em sua voz quase tanto quanto me odeio.

Porque isso muda tudo o que construímos nas nossas manhãs tranquilas. Não posso ser sua salvadora se estiver puxando você para baixo comigo.

Eu preciso me concentrar. Oliver, Liam, Rora, patinação, trabalho, escola. É isso que importa.

Não decepcione o treinador Kelley. Não deixe que este ano seja como o ano passado.

Não se distraia.

Oliver, Liam, Rora. Patinar, trabalhar. escola.

Quero dizer algo, mas as únicas palavras que conseguem sair dos meus lábios inchados são frágeis: — Preciso treinar. — De pé sobre meus patins cobertos, finalmente olho para ele mais uma vez. — E eu preciso me *concentrar*. Isso não pode acontecer novamente.

Sua testa se abaixa, observando-me enquanto eu ando pela sala, jogando meu moletom na bolsa e quase correndo pelo túnel até o gelo.

Eu só patino por trinta minutos antes de voltar, esperando que ele esteja onde o deixei — pratico o pedido de desculpas na minha cabeça uma ou duas vezes, porque desculpas não são exatamente um evento regular para mim, mas antes mesmo que eu possa virar a esquina no túnel para o vestiário, ouço duas vozes.

Uma delas, uma voz masculina agora familiar.

A outra eu também, infelizmente, reconheço.

Virando a esquina, vejo Rhys de pé, sem patins, esticado em toda a sua altura, elevando-se sobre o corpo ágil vestido de *spandex* de Victoria. Ela é linda, com músculos magros fáceis de ver com suas meias bege e saia com babados, completa com uma jaqueta azul bebê e polainas. Ela se parece com os pôsteres de meninas que eu tinha em meu quarto quando criança, com os atletas olímpicos recortados de revistas que coleí no interior das minhas pastas escolares. Ela parece

exatamente como eu pensei que seria agora.

Graciosa e forte, mas linda.

Não essa patinadora cansada, excessivamente emotiva e até odiosa que me tornei.

Ela fica bem com ele, eu percebo. Ambos com membros longos; seu coque loiro apertado, lábios carnudos e firmes e a pele ainda bronzeada do verão na costa italiana que assisti com inveja nas redes sociais enquanto estava debaixo do edredom do meu quarto, comendo muitas cerejas com cobertura de chocolate.

E Rhys, com sua máscara de perfeição, todos os vestígios de medo e vulnerabilidade desapareceram. Em seu lugar está o belo astro do hóquei universitário que imagino que ele normalmente seja; cabelo bagunçado como se tivesse acabado de sair de um treino duro, pele corada e um sorriso que parece estrela – brilhante e cintilante. Até brilha em sua íris, as pequenas manchas avelã mais brilhantes enquanto seus olhos se enrugam e covinhas aparecem.

Ele é exatamente o garoto de ouro do campus que eu imaginei. Uma versão um pouco mais robusta da foto de sua equipe que minha pesquisa proibida na Internet rendeu.

Algo sobre isso faz meu estômago doer.

Victoria coloca a mão delicada no braço dele enquanto fala novamente.

Uma onda irracional de ciúme faz minha coluna se endireitar, antes de me sentar o mais longe possível dos dois no banco, batendo minha bolsa no chão com mais força do que o necessário.

— Oh! — Victoria se anima ao me ver, virando-se ligeiramente para poder encarar os dois, suas mãos segurando levemente a alça de sua bolsa, onde ela abre e fecha sua presilha de garra rosa. O som está irritando meus ouvidos, mas mais irritante é sua risada animada.

— Bom dia, Sadie. Eu não vi você. Você conhece o Rhys? — Ela gesticula para ele, inclinando o ombro em seu bíceps como se eles

fossem familiares.

Enquanto eu ainda posso sentir o gosto dele.

Eu lambo meus lábios.

Meus olhos deslizam para encontrar seu olhar curioso, fixado em meu rosto da mesma forma que tem sido continuamente.

— Ainda não. Não sabia que era o dia do “traga seu namoradinho para o trabalho”, caso contrário eu não teria aparecido de mãos vazias. — Enquanto as palavras são ditas para Victoria, é Rhys quem eu quero que ouça. A rápida contração de sua mandíbula e o alargamento de suas narinas são a única prova de que consegui.

Meu telefone toca de novo e finalmente o agarro, atendendo sem sequer olhar.

— O que?

— Sadie. — A voz chorosa do meu irmão mais novo atravessa o alto-falante e meu coração bate no estômago. — Você-você tem que voltar.

Não há nem um momento de hesitação, antes de eu sussurrar no receptor: — Estou a caminho, besourinho — e desligar.

Minhas costas ainda estão viradas para eles, encolhida no canto como se eu pudesse desaparecer nele, ouço o suspiro audível e pesado de Victoria.

— Sinto muito — diz ela, sua voz é um sussurro suave destinado apenas a Rhys nesta sala ecoante. — Sadie é... meio solitária. Ela realmente não se dá bem com os outros.

Dei-me muito bem com ele por um mês.

A maneira como ela fala de mim, como uma espécie de criança problemática, só aumenta minha raiva crescente por seu rosto bem descansado e sua beleza de olhos brilhantes, até que ela começa a borbulhar pela minha boca.

— Bem, só há espaço para uma pessoa no pódio do primeiro

lugar, Vicky — eu respondo, com um sorriso odioso no meu rosto pálido e taciturno. — Mas talvez você chegue lá um dia.

— Sadie.

O meu estômago cai e o suor brota na minha testa.

Treinador Kelley, está de pé, com um olhar carrancudo e sobrancelhas franzidas. Sua decepção sempre foi uma grande fraqueza minha; a única figura masculina que admirei durante a maior parte da minha vida.

Ele me contratou aos onze anos, depois de me ver ter um acesso de raiva por ter perdido minha sequência de primeiro lugar, sem nenhuma figura parental que me impedisse de arrancar a coroa de plástico do cabelo penteado para trás da outra garota. Sua carreira de treinador era de apenas cinco anos na época, começando imediatamente após uma ruptura do ligamento cruzado anterior e nunca se recuperando de volta ao status de *quad lutz* de sua corrida olímpica anterior.

Ele me acompanhou dos juniores até a faculdade, quando perdi as eliminatórias olímpicas. E sua decepção ao saber que sua premiada aluna nunca patinaria pela equipe dos EUA foi algo que me assombrou. Foi parte do que me fez entrar em espiral.

E parte da razão pela qual estou agora em liberdade condicional é que não posso competir até aumentar minha frequência para pelo menos setenta por cento.

— Treinador. — Faço uma careta, quase incapaz de engolir devido ao pânico.

Deus, por que todo mundo está aqui tão cedo hoje?

Estendo a mão para desamarrar meus patins para evitar todos os olhares agora direcionados para mim.

— Teremos problemas novamente este ano?

Mantenho minha cabeça erguida, mas minhas bochechas estão quentes de vergonha quando a óbvia reprimenda surge. Pior ainda, na

frente de Victoria e Rhys.

— Nós conversamos sobre... — ele começa, antes de perceber que estou *desamarrando* meus patins, as sobrelanceiras subindo em sua testa. — O que você está fazendo?

Balanço a cabeça, frustração, raiva e medo girando a tal ponto que meus olhos ardem.

Isto é culpa sua. Você o beijou. Você se distraiu.

Você os deixou sozinhos.

— Eu não vou poder. — Balançando a cabeça, cerro os dentes até ter certeza de que meu maxilar vai quebrar. — Eu tenho que ir.

— Sadie — ele responde, agarrando meu braço enquanto tento passar por ele. — Você conhece as regras. Você ainda está em liberdade condicional. Você não pode perder...

— Eu sei. — Eu me livro de seu aperto, sem me preocupar em olhar para trás enquanto corro para fora e em direção ao meu carro.

— Sadie — uma voz chama, assim que minha mão segura a maçaneta da porta do motorista. — Espere, onde você está indo?

Com os olhos bem fechados, digo rapidamente: — Me deixe em paz, Rhys.

— Nós deveríamos conversar...

— Não precisamos conversar. — Jogo minha bolsa no banco do passageiro. — Eu preciso ir e você precisa relaxar. Você está ficando pegajoso, campeão.

Eu odeio essa versão de mim mesma — a garota desesperada, movida pelo medo e odiosa que quer tudo e todos longe dela porque é demais. Mas ele precisa ver isso, para perceber o erro que foi aquele momento no vestiário.

E tudo que ouço é a vozinha de Liam como um disco girando na minha cabeça.

Batendo a porta e trancando-a, tento ligar o carro, apenas para

ouvir o barulho estridente do meu motor se recusando a ligar.

— Não — eu bufo, lágrimas ardendo em meus olhos. — Não, não, não!

De novo e de novo.

Nada.

Há um “*tap, tap, tap*” na minha janela, antes que o menino dourado do hóquei com olhos tristes esteja colado na lateral do meu carro, gesticulando para que eu abaixe a janela. Quero ignorá-lo, mas esse medo acelerado faz com que minha mão alcance a alça para abaixá-la manualmente.

— O quê?

Ele suspira, passando a mão pelos longos e lindos cabelos de uma forma que me distrai irritantemente.

— Eu sei que você disse que não somos amigos.

Estou sendo ridícula, mas não consigo evitar de cuspir: — Ponto bem estabelecido aí.

Uma risada estranha sai dele e quase parece que está lhe causando dor.

— Certo, bem, foi você quem enfiou a língua na minha garganta, gatinha, então acho que posso lidar com seu tipo de não-amizade.

— Gatinha? — Eu cuspo, antes mesmo de deixar o constrangimento de seu comentário grosseiro me dominar completamente. — Cuidado. Gray já era ruim o suficiente.

— São os seus olhos. — Ele sorri, e por um momento posso vê-lo, de antes. Talvez nossos caminhos já tenham se cruzado antes, porque agora ele parece exatamente o herói do campus, o garoto de ouro do hóquei e exatamente o tipo de caso de uma noite com quem eu estaria ficando.

Ele levanta as mãos, como uma rendição rápida.

— Vou escolher outro apelido para você, então.

— Sem apelidos — eu respondo. Os apelidos são muito íntimos.

Ele bufa.

— Diz a garota que fica zombando de mim como o campeão do hóquei. Tentando me dar um complexo?

— É difícil te dar algo que você já tem.

Na verdade, *não* o conheço. Na verdade, tudo o que vi dele até agora só deve provar que ele não é o *campeão do hóquei* que gosto tanto de chamá-lo. No mês em que patinei com ele, ele foi terrivelmente doce ou devastadoramente em pânico e triste.

Nenhuma parte que ele compartilhou comigo foi a do capitão de hóquei, Rhys Koteskiy — até hoje.

— Certo.

Mas seu rosto parece um pouco desamparado, e eu gostaria de poder voltar atrás, porque odeio isso, mas escolho morder meu lábio com força, na esperança de evitar que qualquer outra coisa horrível seja vomitada da minha boca.

Meu telefone toca novamente, os rostos sorridentes de Oliver e Liam iluminando a tela e enviando uma onda quente de ansiedade através de mim novamente. Eu atendo rapidamente, esperando com os olhos bem fechados pelos pequenos soluços de Liam, mas desta vez é Oliver.

— Sadie?

— Ei, campeão — eu mal consigo pronunciar. — Você está bem? Estou a caminho agora.

— Perdemos o ônibus para o programa inicial. E Liam fez xixi nas calças novamente. Vamos ter problemas já que é o primeiro dia de aula?

Um suspiro de alívio passa pelos meus lábios e eu aceno, mesmo que ele não possa ver.

— Tudo bem, tudo bem. E não, você não terá problemas. Não se

preocupe. Estarei em casa em breve e vamos resolver isso.

Desligando, empurro todo o meu corpo em direção à janela aberta, as mãos agarrando o parapeito.

— Você ia me oferecer uma carona? Porque eu aceito.

— Sim. — Sua expressão é uma mistura de confusão e alívio, provavelmente devido à minha atitude extremamente controversa.

— Ótimo! — Salto do carro, quase o derrubando com o empurrão inesperado na minha porta. Ele vacila apenas por um momento, antes de agarrar a alça e segurá-la para mim.

Ele tira minha bolsa do meu ombro, puxando-a em direção ao seu carro elegante e brilhante – que eu já admirei uma vez esta manhã – antes de abri-lo e deixar minha bolsa no banco de trás enquanto caminha.

O couro é agradável na minha pele. Eu me inclino para trás, como se já tivesse estado aqui neste carro com ele um milhão de vezes antes.

A bolha que se forma ao meu redor em sua presença privada começa a se formar quando ele se acomoda ao meu lado e anota meu endereço, com os olhos voltados para a câmera de ré e depois para a estrada, como se tivesse acabado de tirar sua carteira de motorista.

— Eu odeio dirigir — ele bufa depois de alguns minutos de silêncio, com as bochechas brilhando e os olhos arregalados, como se não tivesse a intenção de dizer isso em voz alta.

— Por que você se ofereceu?

Sua testa franze novamente, as mãos apertando com força o volante antes de respirar fundo, afofando o grosso cabelo caindo sobre a testa. E então ele sorri, aquele mesmo sorriso de estrela brilhante e com covinhas e eu percebo que não é falso, ele é simplesmente lindo demais.

— Você precisava da minha ajuda.

Não confio na minha boca para dizer nada.

Está tranquilo no carro, mas meus ouvidos estão atentos à música que ele toca, como sempre. Ainda assim, é apenas a principal estação pop, apresentando os maiores sucessos. É como se ele estivesse muito concentrado em dirigir para notar qualquer outra coisa. Ele não canta junto, nem mesmo bate os dedos, enquanto todos os músculos do meu corpo estão tensos com a restrição de apenas cantar todas as músicas ou dançar no meu lugar. A música, assim como o sexo, é uma forma de liberação para mim. Quando tudo parece demais, é um lugar seguro para canalizar tudo – muito mais seguro do que minha tendência de me entregar a pegações noturnas em festa no banheiro ou a casos de nem uma noite inteira.

Música, qualquer estilo, faz eu me sentir bem.

Estou tão tensa com a tensão rodopiante na cabine do carro que saio pela porta como um brinquedo de mola no segundo em que ele chega um pouco perto da minha garagem.

— Jesus Cristo! — Ele grita, pisando no freio com tanta força que a porta aberta quase me bate, apesar de eu segurar a maçaneta. — Deus, Sadie, por favor, nunca mais faça isso.

Quero dizer algo sarcástico, mas há medo genuíno em seus olhos e seu rosto parece abatido, como se ele tivesse acabado de ver um fantasma.

A mesma cara que ele me deu quando caí nas tábuas.

Então, mordo o lábio e murmuro um pedido de desculpas, complementado com um agradecimento, enquanto aponto por cima do ombro para o duplex de tijolos vermelhos de má qualidade atrás de mim, a grama muito alta e cheia de ervas daninhas. Não tenho vergonha, já estou cheia disso para uma vida inteira, mas Rhys em um BMW preto brilhante grita colheres de prata e dinheiro do papai; mesmo que ele tenha um profundo poço de segredos e traumas emocionais sob o lindo cabelo e o lindo sorriso. Mostrar a ele minha casa, onde estão todos os *meus* segredos, não está na lista de coisas que

eu gostaria de fazer com o garoto do hóquei.

— Eu preciso ir. Sério, obrigad, Rhys.

Ele estende a mão pelo console, sua envergadura enorme se esticando até que ele consegue me impedir de fechar a porta. É surpreendentemente atraente e minhas bochechas ficam vermelhas de calor.

— Tem certeza de que está bem? — Ele pergunta, com a testa firme. Ele deixa o resto sem dizer, mas posso ver em seus olhos. Eu o ajudei quando ele não aguentou, ele está se oferecendo para fazer o mesmo.

Mas sei que convidá-lo como meu apoio, para minha prisão, só colocará em perigo aqueles que confiam em mim. E revelar tudo o que consegui conter durante anos. Sem mencionar que ainda posso *sentir*-lo — e sei que continuar me permitindo ficar perto dele só vai piorar as coisas. Mesmo agora, tudo o que quero fazer é deixar suas mãos agarrarem meus quadris e me puxarem pelo console até seu colo com a força que sei que ele tem, e me pressionarem contra o volante...

Não. Não com ele. Pare com isso.

— Eu tenho que ir. Obrigada — repito, fechando a porta.

Na manhã seguinte, antes mesmo de pensar no que farei para ter meu carro de volta, saio e vejo que meu carro está na garagem, recém-consertado e dando partida sem qualquer reclamação.

ONZE

Rhys

— Lembre-se do que o médico disse sobre o barulho e a bebida, Rhys — minha mãe divaga, com a voz cristalina no sistema de som do meu carro. Minha cabeça permanece levemente pressionada contra o material excessivamente macio do meu assento, tentando manter a respiração uniforme no interior fresco, apesar do sol bater na minha janela. — Na verdade, por que não mando tudo isso para o querido Ben? Ele ficaria feliz em ajudar...

— Mãe. — Tento novamente, minha quinta tentativa de encerrar essa conversa alimentada pela ansiedade desde que estacionei em frente à casa de tijolos vermelhos. — Eu vou ficar bem, não há necessidade de dar nada ao Ben, certo?

— Rhys — ela soluça ao telefone e todo o meu peito se contrai. — Se você quiser voltar, você pode e nós podemos trabalhar em outra coisa...

— *Uspokoit'sya*⁷, meu amor.

Fecho os olhos com força, as mãos segurando o volante enquanto a voz do meu pai ecoava no espaço macio do carro, de repente fazendo tudo parecer menor. Fazendo eu me sentir menor.

— Deixe meu filho ir agora, sim? Você conversou com ele desde que ele saiu, há meia hora, certo. Ele precisa de tempo.

— Estou bem, mãe. — Eu concordo, engolindo em seco com o nó na garganta. — Prometo. Ligo para você amanhã.

Com essa promessa, ela finalmente concorda em desligar, o som das palavras calmas em russo de meu pai ecoando enquanto ele aperta o botão *de encerrar chamada* para ela.

Um baque alto chama minha atenção para a janela, vendo o choque exagerado de boca aberta no rosto de Freddy, onde ele se inclina para bater nas minhas janelas fechadas, antes de tirar os aviadores de seu rosto e abrir minha porta.

Matthew Fredderic, lateral esquerdo e constante perturbação na minha vida. Com nossos capacetes, deslizando sobre uma camada de gelo, poderíamos ser gêmeos – mesma altura e constituição, o que faz maravilhas para nosso ataque de primeira linha como ala e centro. Mas sob a luz somos noite e dia. O lateral esquerdo é loiro, com olhos verdes inocentes e um sorriso excessivamente sedutor para combinar com a personalidade de “ame-as e deixe-as” que continua a deixar uma série de corações partidos em seu rastro. Ele já tem uma reputação, desde o primeiro ano e, segundo rumores, ele era igualmente promíscuo no ensino médio.

O tipo de cara que você está preocupado em apresentar à sua mãe, quanto mais à sua irmã.

— Eu sabia que estava morrendo. — Ele suspira dramaticamente, apoiando o peso do corpo contra a porta aberta enquanto eu saio. — Aqueles tacos de peixe daquele caminhão finalmente acabaram comigo, Reiner. Estou tendo alucinações.

Eu apenas consigo sorrir, antes que meus olhos se fixem na figura iminente atrás dele, de braços cruzados, ainda de pé ao lado de sua caminhonete.

Bennett Reiner é meu melhor amigo desde que tínhamos cinco anos. Nossos pais jogaram juntos nos juniores e na NHL por apenas um ano antes de o pai de Ben romper um ligamento cruzado anterior e encerrar sua carreira na temporada de estreia. Nossa primeira aula de patinação nos uniu antes do hóquei, antes da escola. Éramos inseparáveis, a ponto de sermos vendidos como um pacote para treinadores sofisticados de academias de hóquei de prestígio na região. Enquanto minhas habilidades e velocidade evoluíram para posições ofensivas, eventualmente me colocando no centro, Ben continuou ficando cada vez mais alto sem nenhum jogo agressivo, antes que os

treinadores o colocassem no gol.

Ele é o melhor goleiro que já tive, alguém em quem posso confiar para permanecer calmo e equilibrado, não importa o placar. Metódico, principalmente com sua rotina, Bennett é uma presença sólida.

Alguém em quem não me permiti apoiar, antecipando que o puxaria para baixo comigo.

— Oi — eu digo, balançando a cabeça, deixando Freddy fechar a porta atrás de mim. Há muita coisa que eu poderia dizer, palavras confusas dentro da minha cabeça.

Sinto muito, Ben. Eu mal conseguia abrir os malditos olhos, muito menos olhar no rosto do meu pai.

Falar com você, ser honesto com você, foi como escalar o Everest, porque a ideia de nunca mais estar no gelo novamente foi de repente tão assustadora quanto estar no gelo novamente.

Eu me odiava quase tanto quanto o hóquei me odeia, e não queria sentir nada nem remotamente confortável, e você é um salvador, um protetor — você não poderia me proteger disso.

Quero dizer a ele: você é meu melhor amigo, e eu nunca quis te machucar, mas tudo dentro de mim ficou preto, deteriorado e ainda não é nada bom. Não sou mais nada e é egoísta, mas não queria que você visse isso.

Em vez disso, passo a mão pelo cabelo novamente, antes de enfiar as mãos nos bolsos do short, balançando a cabeça.

— Como você esteve?

Ele está em silêncio, olhando para mim sem se mover, uma quietude que só eu vi nele.

— Vou colocar as cervejas na geladeira — Freddy oferece, seu sorriso vacilando enquanto ele dá um tapa no meu ombro. — É bom ter você de volta, Rhysie.

Ele para perto de Bennett no caminho de volta, apertando seu ombro com força e ignorando a maneira como o maior dos dois joga o ombro ligeiramente para trás para desvincular seu toque. Freddy pega o mantimentos pela porta ainda aberta da caminhonete de Bennett, passando por nós e entrando em casa com os braços cheios de sacos de papel.

O silêncio se estende entre nós, assim como o imaculado jardim verde que eu sei que Bennett provavelmente cortou esta manhã. Rotinas, mesmice, é isso que mantém Bennett vivo.

— Bennett, olhe...

Sua mão enorme se levanta, impedindo qualquer palavra que eu estivesse prestes a vomitar da minha boca.

— Não é tão difícil atender um telefone, Rhys. Mesmo que seja apenas uma mensagem. — Ele espera, silencioso e estoico, mas seus olhos azuis são uma grande profundidade de mágoa e traição. — Achei que você fosse morrer.

Ele poderia muito bem ter me dado um soco no estômago.

— Ben...

— Não. — Ele balança a cabeça, apertando os lábios e passando a mão pelos cabelos cacheados castanho-mel. Ele tira os óculos escuros da camisa, colocando-os como se bloquear a vermelhidão de seus olhos fosse fazer qualquer coisa para me impedir de ouvir a dor em sua voz. — A última vez que te vi, você estava na porra de uma cama de hospital. Você percebe isso? Você me deixou no escuro, implorando por qualquer informação à sua mãe. Indo para o intensivo de verão sem você, mantendo o ímpeto da equipe, dizendo a eles que você estava em algum acampamento de reabilitação? Eu me senti um idiota, excluído pelo meu melhor amigo.

Cada palavra que sai de sua boca parece uma chicotada, mas ficarei feliz em aceitar todas. Na verdade, isso apenas alimenta a coisa purulenta dentro de mim.

Você fez isso com ele. E você nem consegue se sentir mal por

isso, porque você está vazio. Não sobrou nada, nem mesmo para o seu melhor amigo. Egoísta.

Então, em vez de qualquer outra coisa, eu concordo. Bennett não gosta de ser tocado, caso contrário eu já o teria puxado para um abraço. Ele carrega suas emoções na manga, escritas em seu rosto e facilmente visto mesmo meio coberto pela barba bem cuidada e pelos *Ray-Bans* escuros.

— Não vou me desculpar agora porque vai parecer que não estou falando sério. — Dou de ombros, antes de assentir resolutamente. — Mas, estou de volta. Vou me mudar para casa novamente, vamos sair hoje à noite ou algo assim, e treinar na segunda-feira. Eu não vou embora.

Não vou deixar você de novo, não é dito, mas posso ver que ele aceita minha oferta de paz enquanto reajusta os óculos escuros enfiados na camisa e fecha a porta de sua caminhonete preta e brilhante. Pego minhas malas no banco de trás e me viro para ele, pronta para deixá-lo tentar novamente. Ele vem para o meu lado, ficando alguns metros atrás como sempre faz, mas segue atrás de mim quando entro na casa.

— Bem-vindo de volta, capitão — ele oferece calmamente enquanto manobra na minha frente para abrir a porta da frente. — Ainda estou bravo com você.

É ainda mais silencioso, mas traz uma sensação de lar através do meu corpo. Porque *isso* eu posso consertar.

— Fico feliz por estar de volta, Reiner.

E mesmo que seja só por um momento, passageiro e pequeno, aquele calor no meu peito é suficiente.

Tem que ser, por enquanto.



Não acabamos em uma festa, mas em uma cabine da nossa lanchonete local favorita. Bennett está sentado à minha frente, Freddy à minha direita enquanto comemos as sobras do nosso pedido excessivamente grande. Três pratos com asinhas de frango, fatias de batata e tigelas de vegetais espalhados pela mesa, a peça central era um pretzel gigante quase demolido, o último pedaço mal pendurado no gancho em que foi entregue.

Bennett está sorrindo agora, um sorriso genuíno que mostra todos os seus dentes enquanto Freddy reconta a história de dar em cima da coordenadora de desenvolvimento dos jogadores do Bruins durante o intensivo de verão e quase sendo derrubado pelo namorado dela da NHL no gelo logo depois.

— *De jeito nenhum* aquele cara “ficou de te avisar” sobre ajudá-lo com seu drible chique — diz Bennett enquanto engole outro gole de sua IPA local quase laranja. Ele é um esnobe de cerveja, recusando-se a dividir a jarra meio vazia entre mim e Freddy.

— É chamado de *O Michigan*.

O sorriso de Bennett só aumenta.

— Deveria ser chamado de missão impossível. De jeito nenhum você vai conseguir usá-lo em um jogo.

A discussão deles força um sorriso quase com muita facilidade, sabendo que no ano passado Bennett estava pronto para ignorar o garoto, farto de sua arrogância e obsessão por jogadas sofisticadas no estilo drible. Nada que ele pudesse fazer durante o calor do jogo, mas Freddy *adorava* irritar nosso goleiro geralmente calmo tratando os aquecimentos e os treinos como uma maldita disputa de pênaltis.

— Tem notícias de *Tampa*?

A pergunta vem de Bennett e tenho que engolir em seco antes de balançar a cabeça.

Fui convocado antes de *Waterfell* por *Tampa*, sabendo que depois que meu diploma fosse garantido, eu teria minha vaga com eles. Mas, então, após a lesão, eles rescindiram a oferta, o que me deixou

desesperado para provar a qualquer outra equipe interessada que sou tão bom quanto, se não melhor.

Posso sentir meu melhor amigo me observando de perto, acompanhando minha bebida de uma forma que me faz questionar se ele recebeu uma mensagem de minha mãe, mas tento ignorar. Mesmo assim, o suor começa a acumular-se na minha testa e a onda de calor no meu pescoço me faz puxar o colarinho.

Se alguém pode sentir algo errado comigo, esse alguém é Bennett Reiner.

— Você só pode estar brincando — Freddy resmunga com a boca cheia de pretzel, antes de gemer e cair contra a cabine, batendo o telefone na mesa pegajosa.

— O quê?

— Malditas maria-patins arruinando minha vida — ele geme, mordendo o resto do pretzel como um homem das cavernas, enfiando-o em sua boca já cheia. — A história com Paloma está fazendo eu me arrepender de ter ouvido vocês dois idiotas.

As narinas de Bennett se dilatam, a mandíbula travada enquanto ele reprime uma resposta. Normalmente, este seria o minuto em que trago alguma conversa de paz para o grupo, mas estou distraído com o vídeo reproduzindo em loop na tela do telefone de Freddy.

Não a loira na frente da câmera, girando em um pequeno círculo para que toda a festa da fraternidade seja exibida, mas por uma morena familiar à luz do flash que se move sobre ela muito rapidamente.

Ela fica lá apenas por um breve segundo, antes que a imagem passe para vários cliques de copos e brindes, e antes que eu possa pensar melhor, pego seu telefone da mesa e clico na tela esquerda para voltar, pausando o vídeo com meu polegar pressionado com força.

É ela.

Sadie, sentada no braço de um sofá vermelho de aparência

questionável, sua postura terrível e caída, com o queixo apoiado na palma da mão, as unhas batendo na bochecha enquanto ela olha vaziamente para o cara sentado nas almofadas ao lado dela, com as mãos dele subindo e descendo pelas panturrilhas dela.

Ela parece terrivelmente entediada e tão bonita, com a carranca, que agora estou tão acostumado, a brincar nos lábios pintados. Ela está perto o suficiente de trás de Paloma para que eu possa ver seu rosto inteiro, olhos esfumados, seu cabelo penteado para trás em um lindo rabo de cavalo trançado com um vestido cinza colante que parece ser para uma noite sofisticada e não tanto para uma festa de fraternidade.

Meu peito dói, um estranho sangramento de pânico percorre minha espinha.

Não mencione isso. Foi bom.

Isso foi o que ela disse. Mas não foi bom o suficiente, já que ela não me procurou novamente. Não apareceu para nossa patinação matinal ou na segunda noite do “Aprenda a Patinar”.

Eu não a culpo. Eu sei que tenho sido uma casca quando se trata de desejo ou paixão, com muito medo de tentar qualquer coisa comigo *mesmo*, muito menos com outra pessoa.

Já pensei sobre isso, mas o vazio e a depressão que corroíam minhas entranhas superaram qualquer desejo. Mesmo no chuveiro, quando tentei uma ou duas vezes, a dor invadindo minha cabeça e a falta de algo em que pensar que fosse remotamente *bom* fizeram eu me sentir ainda mais quebrado.

Patético.

Mas eu senti *algo* com ela, algo real e quente que afugentou cada pedaço de sombra escura de mim enquanto eu me concentrava nela. Somente ela.

— Jesus Cristo, Rhys — Freddy late, balançando meus ombros e pegando seu telefone do meu aperto muito forte. — Você está bem?

Minha respiração sai um pouco alta demais para minha preferência, aumentando com a preocupação já espalhada pelos rostos de meus dois amigos. A testa de Bennett está de alguma forma franzida ainda mais, um pouco de frustração e raiva misturando-se com a angústia.

— Você está ficando com ela de novo? — Bennett pergunta, sua voz baixa e calma.

Demoro um momento para perceber que ele não está falando sobre Sadie, porque é claro que não está. Ele não a conhece, muito menos sabe nada do que aconteceu entre nós.

Não, Bennett está perguntando sobre Paloma, a extraordinária maria-patins e uma das minhas experiências anteriores. Foi apenas por algumas semanas, e eu poderia contar nos dedos das mãos as vezes em que dormimos juntos, mas todo mundo falou sobre isso durante meses, como se Paloma Blake tivesse alcançado oficialmente sua meta definida de conquistar o capitão.

— Não. — Balanço a cabeça, segurando as coxas por baixo da mesa para reprimir os tremores que agora as percorrem. — Não, eu não estou.

— Você conhece ela? Sadie?

Minha cabeça se vira para Freddy, dando-me uma dor de cabeça instantânea com o movimento muito repentino. Seus olhos brilham enquanto ele captura a tela congelada e puxa a foto, jogando seu telefone para um Bennett curioso, mas quieto.

— Como *você* conhece ela? — As palavras saem antes que eu possa impedi-las, os músculos muito tensos enquanto espero pela resposta de Freddy.

— Eu mal a conheço. Apenas a vi em algumas festas, só isso. — Ele acena para mim, antes de sorrir largamente. — Agora, como você a conhece?

Ela tirou meu corpo do gelo depois que eu tive um maldito ataque de pânico só de tentar patinar, o que não consigo mais fazer

sem perder a cabeça, então flertou e sorriu para mim até que eu conseguisse respirar direito.

Ela me beijou a tal ponto que quase senti que não estava mais quebrado.

— Sim — acrescenta Bennett, agora terminando sua leitura de Sadie, deslizando o telefone de volta pela mesa lotada. — Considerando que você ficou trancado durante todo o verão.

Eu estremeço, mas deixo para lá, assim como acontece com cada alfinetada que Bennett dá. Eu mereço.

— Ela é uma patinadora artística

Freddy estala os dedos e aponta para mim.

— Eu sabia que a reconhecia de algum lugar.

— Você acabou de dizer que a viu em uma festa.

— Quero dizer, tipo, em *outro lugar*. De qualquer forma, continue.

— Estou passando um tempo particular no gelo no ringue comunitário e, aparentemente, ela teve a mesma ideia.

— Vocês estão...?

— Absolutamente não.

Freddy levanta as mãos em rendição silenciosa.

— Só perguntando. Quero dizer, é você quem está olhando para o meu telefone como se fosse a porra da Stanley Cup⁸.

Não nego, mas opto pelo mínimo de honestidade.

— Ela parece legal. Eu mal a conheço, mas... sim.

— Então, deveríamos ir para a festa?

Um lampejo de alguma fantasia enche minha cabeça de aparecer no lugar, entrando e roubando a atenção e tempo dela, colocando minhas próprias mãos em sua pele nua, muito mais a mostra do que eu

já vi no ringue. Ver se o batom dela vai manchar minha pele para que eu acorde dos pesadelos com alguma lembrança tangível de algo bom.

Não mencione isso.

A rejeição dela funcionaria como um tiro na cabeça, mas para o qual não estou preparado, então percebo o *sim* saindo da minha boca e balanço a cabeça.

— Preciso dormir um pouco antes da nossa reunião de pré-temporada amanhã.

— Vamos, Rhys — Freddy implora. — Nós apenas passaremos por lá, nem sequer beberemos. Prometo.

As promessas de Freddy são tão confiáveis quanto as de um político, mas uma onda emocionante arrepia os cabelos da minha nuca até mesmo com a ideia de rastrear a garota que assola minha psique.

DOZE

Sadie

Levar Rora a uma festa é como arrancar dentes, mas, de alguma forma, tirá-la dessa situação é ainda pior. Especialmente esta noite, porque apesar dos meus esforços para mantê-la sóbria, ela está muito bêbada.

Bato na porta do banheiro novamente, com a testa franzida em preocupação.

— Rora? — Eu ligo novamente. — Você está bem?

Há um longo momento de silêncio e por um momento penso em tentar arrombar a porta. Em vez disso, pressiono minha orelha contra a porta novamente e brinco com uma mecha de cabelo do meu rabo de cavalo, agora não trançado, girando-o sem parar, enrolando-o entre os dedos em um padrão.

Finalmente, um barulho alto e então: — Estou bem! — Ela grita um pouco alto demais de dentro. Ouço a pia funcionando e me encosto na parede, fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás.

Vir à festa foi originalmente ideia minha, mas Aurora concordou depois que eu dei uma olhada em sua lista de desejos da faculdade e acrescentei participar desta festa específica comigo. É parcialmente por mim, mas também para ela sentir algo bom novamente em vez de se perder em sua cabeça — suas reclamações de “eu tenho um namorado agora” foram ouvidas e descaradamente ignoradas porque de jeito nenhum *eu* iria tolerar a maneira como o vi tratá-la nas poucas vezes que nos encontramos durante o verão.

Tyler ainda está em um programa intensivo de engenharia biomédica. Rora não quis me contar o que aconteceu, mas vi as mensagens por cima do ombro dela enquanto arrumava o cabelo no

banheiro do dormitório. Ela contou a ele sobre ir comigo à festa, enquanto ele pedia fotos dela e então desapareceu no meio da conversa após uma mensagem irreverente que dizia "ok".

Ela não está tão abertamente triste agora, enterrada sob as doses de tequila que tomamos antes de dançar, até que tudo o que ela conseguia era pensar em puxar a bainha alta de seu short lilás estampado, e tudo em que consigo pensar é em enfiar minha lâmina de patins no pescoço dele na próxima vez que o vir.

— A festa está tão ruim assim?

Sua voz parece seda fresca contra minha pele aquecida e corada.

Abro os olhos e sou saudada pela visão de Rhys, parecendo completamente controlado e muito invulnerável – uma novidade em nossas interações.

Como não o vejo há semanas, a vontade de perguntar se ele está bem, se teve outro ataque de pânico ou se está pronto para seu primeiro treino de verdade novamente – ainda marcado com caneta azul em meu calendário – é avassaladora.

Meus olhos o devoram. Seu corpo longo e magro está vestido com jeans escuro e uma camiseta preta que se molda levemente a seus bíceps enquanto ele se inclina contra a parede à minha frente. Percebo o brilho de seus olhos e um leve rubor em suas bochechas; ele não está bêbado, mas bebeu alguma coisa. O que é de alguma forma mais confuso porque eu não o tinha notado em nenhum lugar desta casa.

— Por que diz isso? — Eu pergunto, pressionando minhas mãos na saia do meu vestido, puxando levemente a bainha. Eu odeio a onda de autoconsciência que vibra através de mim enquanto ele me observa, seus olhos rápidos ao examinar meu vestido de seda cinza muito curto e meu *Converse* de plataforma branca com palmilhas duplas para meus pés doloridos.

Posso parecer um pouco exagerada em um mar de jeans e couro, mas pareço mil vezes mais gostosa do que realmente me sinto, sem falar que o vestido torna muito mais fácil entrar e sair dessa festa com

o que vim buscar – uma distração rápida.

O que minha mente traidora agora pensa que deveria ser o figurão que apareceu ao meu lado como um desejo sendo realizado.

— Porque é quase uma da manhã e você não parece nem tonta.

— Como pareço então, campeão? — Pergunto, sorrindo, apesar das minhas promessas anteriores de esquecer o garoto triste.

— Como se você estivesse com dor — ele retruca, com mais fogo nele agora do que ele teve em nossas interações anteriores. A aspereza de suas declarações e o brilho em seus olhos só me deixam subitamente mais quente, deixando minha pele pálida vermelha.

Como se você estivesse com dor.

Jesus Cristo.

É assim que acontece então? Toda a profundidade da verdade que vi em seus olhos e seu óbvio pânico só são refletidos para mim — onde eu via através dele tão facilmente, ele agora pode ver através de mim, como um espelho retorcido e quebrado.

— Que jeito de arruinar o clima de festa — consigo gritar sob uma súbita onda sufocante de náusea antes de me virar para bater na porta novamente, rezando por uma fuga do tormento de seus olhos aconchegantes da cor de chocolate.

— Você não estava com clima de festa.

— Não? — Eu estalo, olhando para ele por cima do ombro, jogando meu rabo de cavalo com a rapidez do meu movimento. — Por que você pensa...

A porta se abre e uma Rora embriagada sai cambaleando, rindo e soluçando como uma fada bêbada. Ela nos vê, seus olhos se arregalam enquanto ela termina de fixar a blusa listrada sem alças nela nos shorts do conjunto combinando, antes de calçar suas botas altas creme claro que lhe dão alguns centímetros extras sobre mim, que ela realmente não precisa.

Agarrando-me pelos ombros, ela se inclina e oferece a mão para Rhys, que a segura suavemente.

— Eu sou Rora. — Ela sorri, continuando a me olhar de lado e balançando as sobrancelhas.

— Rhys — ele oferece. O sorriso dele para ela é deslumbrante, e vejo a embriagada e excessivamente romântica Rora parecendo uma pequena estrela atingida.

— Rora. — Eu sorrio, mas sai mais como uma careta. — Você pode nos dar um minuto? Vou descer e encontrar você, e podemos ir.

— Eu pensei que você e Sean...

Minha mão bate em seus lábios recém-pintados, antes de afastá-la rapidamente e limpar o resíduo pegajoso em minhas pernas nuas. Rora franze a testa dramaticamente para mim, suas bochechas queimando enquanto ela olha meu rosto enquanto eu obedientemente ignoro o calor do olhar de Rhys na minha pele.

— Diga a Sean que mudei de ideia. Já que seu colega de aula de inglês está por aqui, talvez você possa conversar com ele.

O rosto de Rora fica ainda mais vermelho enquanto ela ri e recua para se segurar na parede – mas não é uma parede que ela agarrou, é um menino. Um que eu também reconheço.

O corpo alto, magro e musculoso para, deixando Aurora moldar-se completamente a ele enquanto tropeça e se agarra a ele. Ele coloca as mãos nos quadris dela para pegá-la tropeçando, seu rosto infantil brilhando com estrelas em seus olhos como se um prêmio perfeito tivesse caído em seu colo – e, para falar a verdade, meio que caiu.

— Desculpe — Rora respira, seu rosto se inclinando em direção a ele. Seus cachos caem em cascata pelas costas, os prendedores de flores que passei uma hora colocando meticulosamente deslizando pelos fios, mal conseguindo mantê-los até a metade agora.

O homem que a segura abre outro sorriso largo, o famoso que faz com que todas as garotas da festa – caramba, quase todas as garotas do

campus – sucumbirem. Não é difícil adivinhar por que – alto, um deus do hóquei alto e musculoso, sim –, mas Matt Fredderick parece ouro puro. Um rosto bonito, de alguma forma angular e suave ao mesmo tempo, com linhas de sorriso esculpidas como uma versão supermodelo do jovem Heath Ledger.

Definitivamente não ajuda o fato de ele estar vestido como se tivesse saído de algum anúncio de férias no estilo grego, a camisa de linho branco de manga curta compensando sua pele dourada e desabotoada frouxamente na parte superior, uma corrente e um medalhão de ouro brilhando na penumbra do corredor...

— Não tem problema, princesa. — Sua boca se curva, as mãos tocando as pontas de seus cachos que descem por suas costas. — Precisa de alguma ajuda?

— Não — respondo, agarrando a mão de Rora e puxando-a para longe do problema com P maiúsculo. Eu sei com certeza que se ela estivesse sóbria, todo o seu corpo teria se afastado deste homem no segundo em que ela acidentalmente o tocou... — Sem gracinhas, bela adormecida, agora vá. Eu irei encontrar você.

Rora resmunga com o apelido, mas solta onde ainda segura o playboy atrás dela no pulso e desce as escadas, embora instável. Matt a observa com aquele mesmo brilho nos olhos.

— Absolutamente não — Rhys e eu dizemos rapidamente e exatamente ao mesmo tempo.

— Eu não fiz nada! — Ele late, levantando as mãos em sinal de rendição. — Eu só estava aqui procurando por você, idiota. — Ele aponta um dedo acusatório para Rhys. — Mande uma mensagem de volta para Reiner, ele não acredita em mim que eu não deixei você bêbado.

— Vou dizer a ele que estaremos em casa em breve.

— Por quê? — Eu pergunto, arrependendo-me de falar imediatamente quando Rhys olha para cima, um pouco em estado de choque e um pouco confuso, mas os cantos de sua boca se levantam

ligeiramente. Freddy está sorrindo, andando para trás e desaparecendo. — Quero dizer...

— Quer que eu fique? — Ele pergunta, o sorriso dolorido para explodir mal é contido. Ele fica onde está, como se eu pudesse me assustar se ele chegasse muito perto.

— Eu gostaria de ver sua resistência quando você não acabou de sair de um pico de adrenalina.

Ele solta uma risada rápida, tão espontânea que parece quase chocado com isso, antes de balançar a cabeça e fechar os olhos, vindo em minha direção.

Antes que ele chegue até mim, um corpo diferente o interrompe, pressionando-me contra a parede e me esmagando — ignorando a companhia presente e alheio ao meu desinteresse.

Sean — sobrenome omitido porque não consigo me lembrar dele — pareceu uma boa ideia quando ele se juntou a mim na pista de dança no início da noite, considerando que ele tinha sido meu companheiro regular durante a queda absoluta da minha vida amorosa no último semestre. Pareceu ainda mais uma boa ideia quando ele começou a desenhar círculos e massagear minhas panturrilhas enquanto conversava sobre nada que eu gostasse de ouvir. Suas mãos são fortes, ásperas o suficiente para deixar marcas, então eu sutilmente insinuei isso antes.

Mas parece que depois de ver apenas Rora voltar, ele tomou isso como um convite.

— Você está tentando me engolir? — Eu respondo, empurrando-o apesar do constrangimento de isso acontecer enquanto Rhys pode ver.

Odeio aquela pontada de constrangimento tanto quanto odeio o rubor imediato e óbvio em minhas bochechas. Não é de ficar com vergonha — nunca tive vergonha da minha sexualidade; minhas escolhas de fazer o que quero com quem eu quero. Apenas ficar, esse é o meu MO9 e me recuso a me desculpar por isso; se os homens não precisam, por que eu deveria?

Eu me divirto e consigo o que preciso – na maior parte do tempo.

Então, por que a presença de Rhys aqui faz meu estômago doer?

— Esse é o plano, querida. — Ele sorri, se aproximando de mim novamente. — Está pronta?

Meu rosto fica ainda mais vermelho quando eu o empurro novamente.

— Não estou interessada, na verdade. Vaza.

— É isso que estou tentando fazer. — Ele ri, recuando apenas um centímetro, mas o suficiente para notar alguém escondido atrás dele. Girando, ele se apoia na parede, apoiando-se em meu ombro como se pudesse passar por mim a qualquer momento, balançando a cabeça na direção de Rhys com um sorriso rápido. — Ah, merda. Koteskiy, oi.

O prolongado “oi” não faz nada para apagar a tensão ao redor dos olhos de Rhys. Ainda assim, ele coloca um sorriso na boca e abaixa o queixo em um reconhecimento rápido e frio, antes de voltar a olhar para mim. É difícil lutar contra o desejo em meu peito, fazendo meu coração palpitar com o esforço de não correr em direção a ele e usá-lo como um escudo pessoal contra o fantasma dos meus momentos mais baixos.

— Vai chegar ao *Frozen Four*¹⁰ este ano?

— Esse é o plano — responde Rhys, com as mãos enfiadas nos bolsos, levantando uma sobrancelha diante da minha postura tensa. — Tudo bem, Gray?

Sua pergunta para mim não é mais suave, mas algo nela é diferente... familiar. Genuíno, mas silencioso, como a tristeza suave gravada permanentemente em seus olhos, que ninguém além de mim parece ser capaz de ver.

— Gray? — Sean zomba, rindo, seu braço caindo sobre meu ombro como um peso pesado. Eu me pergunto se eu parasse de tentar ficar de pé, eu afundaria no chão? — Oh, estou interrompendo alguma coisa?

— Sim — diz Koteskiy, ao mesmo tempo em que deixo escapar:

— Não.

O olhar de Rhys fica mais sombrio, uma façanha que eu não achava possível, antes de encolher os ombros de Sean e me afastar de ambos.

Sean gargalha alto, o som irritando meus ouvidos.

— Koteskiy, hein? Aumentando a competição este ano, Sadie? — Ele me bate com o quadril, os olhos verdes em chamas enquanto me olha novamente.

É minha culpa que ele se sinta assim, porque o que ele está dizendo não está errado — é completamente verdade. No semestre passado, passei uma quantidade exorbitante de tempo brincando com seus amigos bêbados de fraternidade só para conseguir algum tipo de fogo embaixo dele, para que ele me puxasse para cima e me destruísse em vez de tentar me namorar. Se Sean vê Rhys Koteskiy como uma espécie de jogo entre nós, é só porque eu coloquei esse pensamento ali.

Eu deveria ser mais gentil com isso, mas de alguma forma estou com mais raiva — de mim mesma, de Sean. Até mesmo de Rhys, por qualquer dança dolorosa que estejamos fazendo um com o outro.

— Não é isso — finalmente admito, odiando que uma parte de mim ainda queira agarrar Sean pela mão e levá-lo para o banheiro agora vazio, deixá-lo deslizar para dentro do meu corpo enquanto fecho os olhos e só penso em Rhys. Seus profundos olhos castanhos olhando para mim sentada em seu colo e o som de sua respiração pesada contra minha pele...

Seria muito mais fácil ir embora depois disso, abaixar o vestido e dar o fora desta casa sufocante.

Mas, eu *não consigo*.

— Escute...

O que quer que Sean vá dizer é interrompido bruscamente quando Rhys agarra seu ombro e o impede enquanto ele tenta me

cercar novamente.

— Está tendo problemas para ouvir? — Ele diz, empurrando Sean para trás com força suficiente para que ele tropece, apesar do fato de Rhys mal ter se movido. — Ela disse para você sair de cima dela repetidamente. — Sua voz é calma mesmo quando as tempestades se acumulam em seus olhos.

— Você não conhece Sadie, é tudo uma merda de jogo para ela, cara.

Cada pedaço de confiança com que entrei aqui esta noite se foi, em pedaços. Espero que Rhys se afaste, mas ele apenas olha para mim. Como se ele quisesse que eu refutasse as afirmações, em vez de ficar aqui, evitando seu olhar, completamente encolhido em mim mesmo.

Normalmente, eu faria. Eu adoraria arrancar a cabeça do Sean com uma mordida. Mas me sinto tão cheia de tudo que *preciso* de uma liberação...

— Tudo bem — Rhys oferece, aproximando-se de mim. Sua postura é toda poderosa, elevando-se sobre a forma muito relaxada de Sean e me semi-protégendo. Sua mão pousa na minha cintura, deslizando para pressionar contra a parte inferior das minhas costas. — Então ela pode jogar comigo. Dê o fora daqui.

O calor crescendo em meu peito se espalha por todo o meu corpo, da cabeça aos pés, meu pulso acelerado. O calor pesado de sua palma está queimando a seda fina do meu vestido.

Quero beijá-lo, como uma estudante que teve sua virtude protegida, como se ele fosse um cavaleiro de armadura brilhante.

— É a minha casa.

Os olhos castanhos calorosos ficam quase pretos, os punhos cerrados, e pelo passo involuntário de Sean para trás, percebo que talvez esse comportamento errático não seja normal para a estrela do hóquei. Pego a mão de Rhys rapidamente, envolvendo seu pulso.

— Estamos indo embora — digo, com mais confiança do que

sinto, jogando todo o meu corpo para frente com força suficiente para sacudir Rhys contra mim. Suas mãos se moldam à minha cintura, mantendo-me em pé e me deixando hiperconsciente de quão grandes suas palmas se comparam à minha cintura.

Paro quando Sean passa por nós dois e desce as escadas, seus murmúrios furiosos quase inaudíveis acima da música tão alta que as paredes tremem.

A respiração de Rhys vibra em meu cabelo na abertura da escada onde parei abruptamente.

— Algum tipo de aviso seria bom da próxima vez, *babe*. A menos que você queira me fazer ficar no banco na minha última temporada.

O uso desse nome desdenhoso funciona como uma droga, relaxando todos os músculos tensos do meu pescoço, costas e braços. É quase ridículo o quanto posso dizer que ele está tentando me acalmar, quando mal reconheço minha ansiedade em relação a tudo isso.

Eu bufo sem querer, inclinando a cabeça para ele enquanto digo: — Uma queda na escada encerraria toda a sua temporada? Achei que vocês, garotos do hóquei, fossem indestrutíveis.

Leva apenas um momento para perceber que disse algo errado, cruzei algum limite tácito com minhas palavras. Seu rosto se contrai, os olhos se enchendo novamente com aquela dor profunda que eu vi neles, na maioria das vezes, antes que ele ajustasse a máscara e me concedesse um pequeno e rápido sorriso.

— Preciso encontrar minha amiga. — É a única coisa que consigo pensar em dizer.

Ele acena com a cabeça em direção às escadas que levam à festa.

— Eu também.

Mas nenhum de nós se move.

Algo está me fazendo hesitar, mantendo meu corpo pressionado contra o dele enquanto “*The Hills*” do The Weeknd começa a tocar lá embaixo. Eu deveria descer, encontrar Rora, voltar para casa e me dar

um orgasmo. Eu deveria...

Girando, agarro o pulso de Rhys e o puxo novamente, direto para o banheiro ainda vazio, batendo a porta e trancando-a atrás de mim. Não há muita luz, apenas um brilho vermelho empoeirado das lâmpadas pintadas que alguém instalou para a festa. As paredes tremem com o baixo vindo de baixo, a música sangrando alto pelas frestas da porta enquanto agarro o tecido preto de sua camisa.

— Sadie, eu...

— Sim ou não, campeão. — É mais uma afirmação do que uma pergunta, mas todo o meu cérebro parece estar pendurado por um fio, mal conseguindo manter a sanidade em meio aos pensamentos opressores que poderiam ter sido abafados pelo toque de outra pessoa agora.

Rhys parece quase com dor, seus olhos castanhos dilatados, a luz vermelha tremeluzindo sobre seu belo rosto esculpido, onde sua mandíbula afiada permanece tensa. Observo a espessa coluna de sua garganta trabalhar, ficando ainda mais quente com a imagem dele enquanto ele toma sua decisão.

—Só farei isso se conversarmos depois.

—E se eu não quiser?

—Sadie — Ele tenta novamente, agarrando meu cabelo com a mão e me mantendo imóvel enquanto inclina a boca para minha orelha. — Eu não faço isso... em banheiros de festas? Isso não é...

A rejeição dói, e eu me solto de seu aperto, ignorando a leve dor em meu couro cabeludo enquanto arranco minha cabeça de seu aperto.

— Mas nos vestiários não tem problema? Desde que seja para acalmar a sua merda, não a minha, certo?

Ele não registra o que eu disse, o que revelei, até que estendo a mão para a maçaneta, desesperada para escapar.

TREZE

Rhys

Pela primeira vez, não estou pensando. Não enquanto eu a segui cegamente escada acima. Não enquanto a deixei me levar para um banheiro vazio. Não agora, enquanto agarro seu ombro para impedi-la de sair e a giro, prendendo facilmente seu pequeno corpo contra a porta.

— Isso é o que você quer? — Pergunto, certificando-me de que desta vez ela possa me sentir inteiramente. Cada pedaço do meu corpo está completamente pressionado contra o dela, conectando-se como uma peça perfeita de um quebra-cabeça.

Ela é muito menor do que eu, e com nossas interações anteriores sendo principalmente eu no chão olhando para ela como alguma divindade que veio me salvar, é algo que eu realmente só noto agora, eu me elevando sobre ela com minha mão larga contra sua cintura elegante. .

— Eu só... — ela começa, mas desaparece novamente. Suas pupilas estão dilatadas e a falsa luz vermelha de alguma forma apenas destaca as sardas abaixo de seus olhos, o formato angular de seu rosto.

— Diga — quase imploro. Talvez seja a música muito alta que me dá uma enorme dor de cabeça, ou a luz vermelha que torna isso quase como um sonho nebuloso, mas não consigo calar a boca. — Porque eu vou lhe dizer. Não consigo parar de pensar no vestiário...

Ela me cala, batendo seus lábios nos meus. Estou muito ansioso para retribuir, inclinando-me para passar meus braços em volta dela cintura pequena e levanto-a para mais perto de mim, pressionando-a de volta contra os painéis da porta. Suas pernas musculosas se enrolam em volta da minha cintura em troca, mantendo-se em pé com

facilidade enquanto esfrega levemente minha barriga, perseguindo a fricção como uma solução.

Sadie é como uma maldita droga, o efeito é igualmente imediato, minha mente relaxa e algo *bom* expulsa a escuridão de minhas veias até me sentir como *o velho Rhys* novamente; até minha dor de cabeça diminui a um nível ignorável. Eu engulo sua presença como se fosse ar depois de emergir do afogamento. Eu absorvo tudo, sabendo, pelas minhas experiências anteriores com ela, que o interruptor irá mudar.

Isso não será suficiente para ela, e eu entendo isso. Quase não sobrou o suficiente de mim para ser um humano completo. Por que eu seria capaz de mantê-la inteira quando ela está se tornando aquela que me mantém intacto?

Meus lábios demoram, diminuindo seu início frenético, pressionando e passando minha língua por sua boca. Meus dentes roçam levemente, puxando seu lábio inferior carnudo para sugar entre os meus, antes de soltar e seguir para o sul. Dois beijos no canto de sua boca, uma passada de língua por baixo de seu queixo, antes de pressionar com mais força, sugando lentamente beijos na pele de seu pescoço.

O gemido que ela solta é suave e leve, tão oposto ao intenso arranhão de suas unhas em meus braços e na minha nuca, sob a leve penugem do meu cabelo um pouco longo demais.

Meu estômago está revirando, náusea por causa da dor de cabeça que eu esperava ao entrar na festa barulhenta em casa, agitada com intensa luxúria, e minha ansiedade em fazer isso aqui, com ela, neste maldito banheiro.

Afasto-me para dizer isso a ela, para pedir que me siga até em casa, que *fale* comigo; mas ela se agarra ao meu pescoço, chupando e lambendo a pele tão rápido que minha visão fica embaçada e eu tropeço na parede, as mãos deslizando por baixo do vestido para agarrar a parte superior das coxas e manter algum tipo de controle sobre ela.

Ela é tão forte que sinto que poderia soltá-la completamente e ela seguraria firme, mantendo-se de pé facilmente.

Há uma batida na porta, e Sadie rapidamente diz: — Vá embora!

Eu sorrio em seu pescoço, sentindo-me embriagado dela.

Mas a pessoa do outro lado é insistente, gritando pela fresta com uma voz aguda e melódica.

— Sadie Brown! Você pode falar com Sean mais tarde.

Uma onda de frustração passa por mim, como se eu tivesse algum direito automático sobre ela, como uma maldita aluna da terceira série. *Eu a lambi então ela é minha.*

— O que você quer, Victoria?

— Aurora vai pular na piscina como uma maluca!

Isso a faz parar, caindo completamente dos meus braços, puxando o vestido para baixo no momento em que um lampejo preto me espia. Sem pensar duas vezes em seu pescoço avermelhado, lábios inchados ou rabo de cavalo solto, ela abre a porta e sai quase correndo.

Fico paralisado por um momento, vendo-a escapar de mim como se estivesse pegando fogo. Meus olhos piscam para o espelho, a luz da sala meio brilhando nas lâmpadas do teto no corredor, meio vermelha me cortando quase no meio. Meu colarinho está mais solto agora, a camisa torta, com marcas da boca dela no meu pescoço.

Não consigo evitar o calor que irradia pela minha espinha e deixa minhas bochechas levemente vermelhas.

Acho que gosto de como as consequências de Sadie Gray ficam em mim.

Victoria olha da porta, os olhos arregalados e um lindo sorriso no rosto.

Já nos cruzamos antes, ambos capitães de nossos esportes em nossos primeiros anos, ambos formandos em comunicação com algumas turmas juntos. Nunca dormi com ela, mas ela era meu tipo

antes. Perfeitamente controlada em todos os momentos. Inteligente, gentil, elegante; loira.

—Rhys — ela finalmente consegue falar. — Eu não sabia que você estava aqui... com Sadie? — Ela diz isso como se fosse uma pergunta e, se fosse qualquer outra pessoa, eu poderia refutar a afirmação. Mas aquela interação no vestiário vem à mente muito rapidamente, a atitude defensiva magoada de Sadie me faz querer protegê-la, mesmo sabendo que ela não me deixaria se estivesse aqui.

—Sim, só estou aqui para buscá-la. — *Literal e figurativamente, eu acho, já que a bunda dela estava apenas em minhas mãos.* — Eu deveria ir ver se ela precisa de ajuda.

Victoria sorri para mim, mesmo que seus olhos pareçam um pouco menos brilhantes, e eu a contorno e desço as escadas.



Felizmente, a música é mais baixa na grande varanda dos fundos, apenas dois alto-falantes tocando “*Wasted*” no volume máximo. Vejo Sadie facilmente, agachada sobre os joelhos na borda da piscina, apenas cinco centímetros entre a bainha do vestido e a bunda nua.

É esse pedaço de pele pálida que me faz descer a pequena escada de madeira para ficar atrás dela, bloqueando-a do pequeno público que se forma atrás dela. Só então percebo que Aurora, amiga de Sadie, não é a única na piscina; Freddy está bem atrás dela, a poucos metros de distância, mas perto o suficiente para saber, seja qual for a situação, meu lateral estava envolvido.

Olho para ele rapidamente, balançando a cabeça e pressionando o polegar para trás, por cima do ombro, tentando desesperadamente removê-lo.

Ele apenas balança a cabeça, cruzando os braços como uma criança fazendo beicinho e lança um olhar rápido e hesitante para uma Aurora muito molhada, seus cachos agora puxados para o alto da

cabeça em algum nó maluco que parece estar amarrado com... um cadarço?

Tento prestar atenção na discussão sussurrada entre as duas garotas, mas estou muito distraído com o fato de meu amigo estúpido estar cada vez mais perto das duas.

Sadie recua da conversa sussurrada, batendo as costas nas minhas canelas. Isso não parece assustá-la – longe disso, ao que parece – quando ela agarra minha calça jeans e começa a se levantar.

Em vez disso, agarro seus bíceps com facilidade e a coloco de pé novamente.

— Você pode trazer uma toalha?

— Sim — concordo, sem hesitação, apesar de saber que não tenho ideia de onde posso encontrar uma.

Girando para longe, meu pé bate nos dois pares de sapatos perfeitamente assentados à beira da piscina, um par de botas creme; o outro, um conjunto imaculado de Air Forces branco e azul-marinho com um cadarço faltando.

— Não toque nos meus sapatos — Freddy late, e estou a segundos de empurrá-lo de volta para a água por ter sido rude comigo agora. Ele passa direto por mim depois de gritar a ordem, indo em direção a uma cadeira de vime e uma mesa colocada sob a saliência da varanda, onde estão duas toalhas de banho.

— Se planejou, não foi?

Freddy sorri, aquele mesmo sorriso estúpido que está gravado quase permanentemente em seu rosto, e pega uma toalha para pendurar no ombro, levando a outra de volta para as garotas que vêm em nossa direção.

Um rápido “claro” é tudo o que recebo dele, antes de ele entregar a toalha para Rora. Ela se atrapalha com a toalha por um momento, antes que Sadie, preocupada, a agarre e a envolva como um cobertor sobre seus ombros.

— Obrigada por cuidar dela — diz Sadie, embora com relutância, enquanto guia Aurora em direção à escada de madeira. Freddy assente, passando a toalha no cabelo e deixando-a descansar sobre os ombros também.

— Não é nenhum sacrifício deixar uma mulher bonita encharcada — ele brinca, antes que eu possa lhe dar uma cotovelada no estômago, ou fechar sua boca com fita adesiva, ou encontrar uma maneira de voltar no tempo e nunca deixá-lo se tornar meu amigo.

Sadie e eu saltamos simultaneamente, latindo ao mesmo tempo.

— Meu Deus, Freddy.

— Nem pense nisso, Matt.

Mas há uma risada alta e soluçante que irrompe da garota afogada, cortando cada reprimenda que está na minha língua.

— Essa foi boa, Freddy — Rora concorda, deixando cair a toalha e tropeçando enquanto tenta calçar as botas. — Pelo menos eu achei. — Ela quase cai de novo, mas Freddy envolve a mão em seu braço para firmá-la enquanto ela calça os sapatos sobre as panturrilhas molhadas.

Meu olhar encontra Sadie imediatamente, com os braços cruzados e os lábios franzidos, parecendo muito menor do que há poucos minutos, montada em mim contra a parede suja do banheiro.

— Você está bem, Gray? — Eu pergunto novamente.

A pergunta parece sacudi-la por um momento, seus olhos fixando-se nos meus com tanta nitidez que um arrepio percorre minha espinha. Ela morde o lábio e minhas mãos apertam dentro dos limites dos meus bolsos, impedindo-me de estender a mão para soltá-lo.

— Sim. Só precisamos chamar um Uber.

Estou balançando a cabeça antes que ela possa terminar.

— Não. Vamos levá-las de volta para...?

— Os dormitórios, — ela termina. — Não é longe. Honestamente, poderíamos caminhar...

Freddy silencia ela, fazendo se formar aquele pequeno buraco entre sua testa novamente enquanto ele passa por ela e bate em sua cabeça como uma criança.

— Rhys é um louco superprotetor, e Rora aqui está andando como uma girafa bebê, então não discuta, certo?

É claro que ela está lutando contra seu acordo, mas não há nenhuma maneira de ela voltar para casa sozinha. Se ela não aceitar nossa oferta, farei com que Freddy dirija lentamente ao lado delas até que voltem para os dormitórios.

— Ok — ela balança a cabeça, enquanto sua amiga pula para cima e para baixo no lugar, usando o braço de Freddy como estabilizador gritando um refrão de “*Oba!*”.

Freddy também se junta facilmente, com um brilho de travessura em seus olhos semicerrados que tenho certeza que agora está permanentemente preso ali.

Sáímos rapidamente, amontoando-nos no antigo SUV de Freddy que não deveria ser permitido nas estradas. Demora alguns minutos para sair do estacionamento lotado na rua, o que Freddy faz com uma mão enquanto abre o telefone e o joga para Rora, que tem que se apoiar no console para usá-lo enquanto ele permanece conectado ao cabo no sistema desatualizado.

— Não tenho internet, mas tem muita coisa baixada. Toque o que quiser, princesa. — Ele sorri, piscando por cima do ombro para a garota já corada. Dou uma cotovelada forte na lateral dele, mas ele apenas sorri ainda mais. — Mas que seja bom pelo menos.

Rora franze os lábios, olhando rapidamente para Sadie, que suspira profundamente como uma mãe — mas é mais por diversão do que por estar irritada — e ela se inclina para frente para apoiar o queixo no ombro de Rora.

As duas sorriem ainda mais quando ela clica em algo e coloca o telefone de volta no console.

— Ah, caramba! — Freddy grita quando a música começa,

augmentando o volume a um nível absurdo e abrindo todas as quatro janelas para que o ar quente da noite de verão entre. Todos eles cantam em a plenos pulmões ao som da música de Taylor Swift tocando, tão alto que não consigo distinguir suas vozes no refrão misto.

Meus olhos oscilam entre o retrovisor e os espelhos laterais, onde posso vê-la dançando de um lado para o outro, com as mãos para cima, o rabo de cavalo selvagem atrás dela, os olhos fechados. Eles se abrem novamente, o corpo dela se esticando no banco de trás enquanto ela e Rora se dão as mãos e gritam o refrão na cara uma da outra, rindo juntas.

Quantas vezes eu a vi, ela só sorriu para mim duas vezes. Mas esse sorriso... isso é diferente. É tão grande, seus lábios vermelhos desbotados e macios se esticando, as maçãs de suas bochechas afiadas suavizando e vincando a coleção de sardas sob seus olhos que estou tão desesperado para tocá-las quanto para chegar perto o suficiente para contá-las.

Muito distraído pelo caminho indecente dos meus pensamentos, todo o meu corpo estremece quando ela de repente agarra meus ombros, inclinando para a frente tanto quanto o cinto de segurança permite. Suas mãos se acomodam e apertam, e é embaraçoso o quão difícil se torna conter um gemido.

Seus lábios estão quase no meu ouvido enquanto ela grita por cima da música:

— Por que você não está cantando?

Sadie é contagiante, tanto que um sorriso que combina com o dela dança rapidamente em meu rosto.

— Eu não conheço a música.

— Você não conhece “*Getaway Car*”? — Rora se junta, se aconchegando ao lado de Sadie, que apenas pressiona sua bochecha na minha por um segundo, o canto de seus lábios atingindo minha pele como um maldito atizador de fogo.

Freddy graciosamente abaixa o volume.

— Ele realmente não é um fã da Taylor Swift; a menos que esteja tocando na arena, duvido que ele conheça. E mesmo assim, Rhys está concentrado demais para ouvir qualquer coisa além de “Colocar. O. Disco. Na. Rede.”

Sadie revira os olhos com a impressão robótica, compartilhando um olhar comigo como se ela entendesse o quão profunda essa implicação é para nós.

Se você tocar, eu ouvirei.

Ela gesticula com o queixo em direção a ele.

— E você não está focado?

— Eu sou um bom multitarefa — ele diz, mas no estilo usual de Freddy, está arraigado com o duplo sentido perverso, fazendo Sadie e eu gemermos, enquanto Rora ainda bêbada ri novamente.

Aperto o botão e ligo a música novamente para salvar todos nós da implacabilidade de Matt Fredderic, deixando a música tocar enquanto atravessamos o *South College* e nos dirigimos para o limite do campus.

— Ficaremos no Millay — diz Sadie antes que qualquer um de nós possa perguntar, apontando para os prédios de tijolos vermelhos, um de frente para o outro em ângulo, a fonte e os bancos entre eles mal iluminados pelas luzes laranja da calçada, interrompidos apenas pelo estrondoso néon azul de uma caixa de emergência.

Freddy para no meio-fio e eu quase salto do carro, com medo de que se eu não tentar algo agora, ela vai escapar dos meus dedos mais uma vez.

Sadie parece um pouco chocada ao me ver de pé, mas mantém o braço em volta da cintura de Rora e não diz nada enquanto eu levo as duas até a entrada do dormitório. Sadie passa seu ID *Waterfell* e deixa Rora passar com uma ordem estrita de esperar, antes de voltar para mim.

— Obrigada pela carona — diz ela. — E pelo meu carro. Eu não

mencionei antes, mas isso foi... Você não precisava fazer isso, então, obrigada.

Minha cabeça está tremendo antes que ela termine a frase.

— Claro.

Do meu ângulo no chão e seus dois degraus acima, ela é um pouco mais alta que eu, então tenho que olhar para ela. Eu estive olhando para ela em todos os sonhos induzidos pelo pânico que tive desde aquele dia no gelo, como se ela estivesse destinada a estar lá.

Um maldito anjo da guarda, eu acho. O que é algo que nunca direi em voz alta porque nunca me permitiria esquecer disso. Especialmente considerando o quanto eu anseio por isso dela.

Como se ela *quisesse* me salvar.

Patético.

O ódio por mim mesmo gira novamente, e agora quero fechar minha boca com fita adesiva antes de dizer algo estúpido como:

— Você poderia me retribuir tomando um café. Comigo, quero dizer.

Minha risada é igualmente autodepreciativa, e quero dizer a ela que eu costumava ser *bom* nisso, que era charmoso e não seja lá o que for essa coisa trêmula e lamentável que substituiu essa parte de mim.

Sadie não ri, mas começa a balançar a cabeça.

— Eu não sou realmente a garota que vai tomar café... honestamente, não sou realmente o tipo de garota que vai tomar qualquer coisa junto. E definitivamente não sou a garota para namorar alguém como você.

Eu sorrio, completamente forçado e falso, de alguma forma aceitando o chute no estômago que sua resposta representa. Minha boca começa a se abrir, implorando para ela não dizer mais nada, mas ela continua.

— Esta noite foi...

Um gemido sai de mim, minhas mãos cobrem meu rosto enquanto imploro: — Por favor, não diga bom, acho que não posso lidar com isso de novo.

Ela ri levemente, descendo para o meu nível.

— Tudo bem, devidamente anotado — ela diz, colocando a mão no meu bolso e pegando meu telefone. Ela não pergunta nem diz nada, mas vira o aparelho na minha cara para desbloqueá-lo, mandando uma mensagem para si mesma com o emoji usado mais recentemente, que, infelizmente, é um taco de hóquei. Seus olhos se voltam para os meus com um rápido revirar de olhos, como se dissesse “*típico*”.

— Para que é isso? — Pergunto, pegando meu telefone de sua mão estendida. Passamos mais de um mês juntos, mas nunca ultrapassamos os limites da comunicação fora do rinque.

Não quero ter muitas esperanças.

Ela dá dois passos subindo a pequena escada antes de se virar para olhar para mim e encolher os ombros.

— Eu não sei ainda. Tenha uma boa noite, campeão.

Não consigo evitar o pequeno sorriso que aparece. Apesar de tudo, agora tenho algo dela.

— Boa noite, *kotyonok*¹¹.

QUATORZE

Sadie

Assumir o turno da manhã no café é sempre uma aposta, especialmente uma semana antes do início das aulas. Com todos retornando ao campus, é um mistério o quão ocupadas serão as manhãs das cinco às nove.

Felizmente – pela minha leve dor de cabeça e pela pontada de ansiedade na espinha – esta manhã é lenta. Eu tinha alguns frequentadores regulares, a turma de verão de moradores da cidade que se tornarão escassos novamente quando o semestre preencher as paredes quentes com painéis marrons com estudantes sonolentos como ponto de encontro matinal.

Como já são dez e meia, começo outra torra do novo, mas popular, blend etíope, jogando um dos sacos no moedor enquanto tenho um momento vazio no caixa.

— Aqui — Luis, nosso principal, e, na verdade, único, chef, chama da fresta da janela da cozinha. Ele prepara um prato de torradas crocantes de abacate com dois ovos escalfados e flocos extras de pimenta, um fiozinho de mel em forma de coração que sei que *ficará* picante quando atingir minha língua. Como se fosse uma deixa, meu estômago ronca e eu lhe ofereço um grande sorriso.

— Obrigada — digo tão enfaticamente quanto posso, porque estou morrendo de fome a ponto de ficar quase tonta. Meu cabelo está uma bagunça semi-lisa e perdi meu confiável elástico de pulso, então só posso colocar os dois lados atrás das orelhas e levantar os ombros para evitar que meu cabelo interrompa minha refeição.

Ele sorri e se apoia nos antebraços através da janela enquanto eu sento na bancada para equilibrar facilmente meu prato no colo e

comer, enquanto ainda tenho uma vista de todo o café.

George, um escritor local, toma um gole de seu café, que sei que já esfriou, enquanto um trio – os pais e uma caloura – desfruta de uma refeição completa porque a mãe estava muito animada em mudar a filha para a universidade para não pedir tudo no menu para provar. Apenas uma mesa ficou vazia nos últimos minutos, o tampo da mesa estava repleto de uma caneca de cerâmica pontilhada de mirtilo e alguns pacotes de açúcar vazios.

— Eu estava pensando em experimentar minha receita de cilbir¹² em Rora.

Eu sorrio, engolindo outro pedaço grande demais de torrada bagunçada.

— Ela vai adorar, especialmente sabendo que ela não precisa voar até a mãe para conseguir uma boa comida turca.

Luis assente novamente, limpando novamente o topo de aço da janela. Tenho certeza de que ele tem uma queda por Aurora, mas é gentil com isso. Se Rora soubesse, mesmo que por um momento, o que ele sente por ela, provavelmente nunca mais apareceria para trabalhar; não por causa dele, ou mesmo pelo fato de ele ser um estudante do ensino médio apaixonado, mas porque, apesar de toda a sua personalidade radiante, ela de repente é um molusco quando se trata de relacionamentos.

A garota poderia ler cenas de sexo sujas de um capítulo inteiro sem vacilar, mas diga a ela que um garoto a acha bonita e ela se transforma em um tomate.

O toque da porta soa no momento em que coloco o último pedaço da minha torrada na boca, deslizando o prato na mão calejada estendida de Luis. Meu olhar se volta para os dois clientes agora na caixa registradora enquanto meu estômago dá um mergulho livre em um penhasco em algum lugar.

Claro que é ele.

Claro que é Rhys, parecendo um maldito sonho molhado em

calça de moletom cinza e uma manga longa Dri-Fit azul marinho que abraça cada centímetro de sua parte superior de seu corpo apertado. Seu sorriso é suave e um pouco sonolento enquanto ele continua a falar com seu grande amigo que espera pacientemente no balcão. Seu cabelo parece úmido, como se ele tivesse saído do chuveiro pouco antes disso – o que é um pensamento perigoso, porque agora estou imaginando-o sob a ducha de alta qualidade, lavando o abdômen e as coxas grossas.

Meus olhos o percorrem novamente, antes que alguém pigarreie e eu comece a engasgar com a mordida que nem mastiguei, muito impressionada com o soco cármico absoluto que é vê-lo.

Ele está olhando para mim agora, seus olhos como fogos ardentes que queimam minha pele enquanto eu engulo a água e pulo do balcão.

— Bom dia — eu ofereço, passando a mão sobre meu meio avental preto amarrado em volta da minha calça jeans preta.

Sinto aquela pequena pitada de ansiedade crescendo enquanto Rhys me examina, assim como eu fiz com ele, seus olhos observando minha manga curta cinza apertada que provavelmente está cheia de manchas de café e, sim, migalhas de massa fermentada. Prendo o cabelo atrás das orelhas novamente, passando as costas da mão na boca e encontrando uma mancha amarela no canto dos lábios.

Jesus .

— Não é o tipo de garota que ‘toma um café juntos’, hein? — Rhys brinca, nenhum indício de hesitação ou desconforto da noite passada presente em sua expressão agora.

— Só do tipo ‘serve com um sorriso’ — brinco.

Ele sorri ainda mais, de forma mais genuína, enquanto puxa sua boca, mostrando a marca de uma covinha.

— Por alguma razão, duvido da parte do ‘sorriso’. Não me lembro dele da última vez que você me serviu café.

Minha boca se abre em um sorriso exagerado com todos os

dentes enquanto me ofereço para anotar o pedido.

Brincar com ele diminui minha ansiedade, acalmando-me de uma forma quase perturbadora, em que anseio pela próxima pequena interação entre nós. Talvez seja a rapidez disso, o poço profundo e permanente de tristeza em seus olhos ou o fato de que ele é perturbadoramente lindo como uma antiga estátua de mármore grega de *beleza masculina*.

— Sentem-se e eu levo para vocês — eu digo, girando o iPad na direção deles com o total. Rhys tenta pegar sua carteira, mas o homem grande e mal-humorado ao lado dele é mais rápido, batendo rapidamente seu cartão de metal pesado no sistema antes de sair do balcão sem dizer mais nada.

Rhys se inclina sobre o balcão e eu imito seu movimento, observando um leve rubor em suas bochechas.

— Eu, hum... tive meu primeiro treino esta manhã.

— Sim? — Tenho vontade de agarrar sua mão e segurá-la. — E, aí ? Tudo certo?

A ideia dele em pânico e sozinho faz meu estômago doer. Não consigo explicar, mas sinto uma intensa proteção em relação à dor dele.

— Tudo certo. Eu ouvi aquela música. Aquela do vestiário com um nome de banda estranho?

Minha garganta parece entupida.

— “*Rainbow Kitten Surprise*.”

— Sim. — Ele sorri; covinhas.

Eu quero beijá-lo. Em vez disso, congelo, porque se eu me mover, vou beijá-lo; pegar suas mãos geralmente trêmulas. Colocar meus punhos contra seu pescoço até que o calor de sua pele os libere de seu aperto. Espalhar ele sobre o balcão e moldar todo o meu corpo ao dele. Ver se o capitão menino de ouro consegue liberar seu controle rígido para mim.

— De qualquer forma, vou esperar lá. Obrigado, Sadie, por tudo.
— Rhys permanece por um momento, fixando-me em seu olhar novamente antes de se afastar e seguir seu amigo até uma mesa limpa próxima.

Eu os estudo enquanto faço seus pedidos; um café preto gelado com três colheres de sopa de leite de amêndoa para o mal-humorado – Bennett Reiner, que atende pelo nome no pedido do ingresso – e uma bebida gelada especial, que consiste em xarope de bordo, nozes carameladas e um pouco de leite condensado, para Rhys... o que quase me fez engolir a língua enquanto o ouvia pedir minha bebida preferida.

Os dois estão conversando baixinho, tanto no telefone quanto fora dele, e apesar da discussão constante fluir facilmente entre eles, ambos possuem uma tensão nos ombros, enquanto Rhys balança a perna por baixo da mesa.

Nunca vi Bennett Reiner antes, mas nunca sentirei falta dele depois disso - só sua altura é como um cartão de visita. Ele deve estar perto dos 1,98m – o que é assustador para meus poucos centímetros acima de um metro e meio. Rhys é alto, mas Bennett é como uma montanha, com ombros largos e coxas de tronco de árvore combinando. Ele não parece um estudante universitário, na verdade – não apenas pelo seu tamanho, mas por suas características hiper masculinas que o fazem parecer um pouco como se ele estivesse liderando reuniões de conselho abafadas e escalando montanhas em seu tempo livre.

Seu cabelo castanho claro em uma confusão de ondas e cachos bagunçados, uma barba bem cuidada, fina o suficiente para ver a quadratura masculina de sua mandíbula. Seus olhos estão puxados sob sobrancelhas grossas, como uma ruga permanente, mesmo com um sorriso no rosto enquanto ele fala baixinho com Rhys.

— Aqui — tento me anunciar enquanto vou até a mesa deles, colocando as bebidas com cuidado.

Bennett pega o dele imediatamente, deslizando um porta-copos sob o plástico e um suporte de espuma sobre o copo suado. Rhys pega o

dele diretamente de minhas mãos, sorrindo para mim novamente. Desta vez, é mais gentil, menos falso do que já vi, com aquela tristeza levemente sangrenta como lágrimas invisíveis em seu rosto.

— Obrigado. — Ele toma um gole rápido. — A propósito, este é Bennett. Ben, esta é Sadie.

— A patinadora. — Ben acena para mim, sem encontrar meus olhos.

— E cafeteira, aparentemente — Rhys fornece.

— Uma boa cafeteira, você quer dizer. — Eu sorrio. — A melhor xícara de café que você já tomou.

— Devo me levantar e anunciar isso para todos? Melhor café em *Waterfell*?

O sino da porta toca e eu mal tenho um momento para me endireitar de onde me inclinei para frente, com uma mão nas costas da cadeira de madeira de Rhys, antes que um pequeno corpo balance em minhas pernas com uma risada de prazer.

— Você quase me derrubou, nugget — eu repreendo, mas um sorriso feliz se solidifica em meu rosto enquanto me inclino e bagunço o cabelo de Liam. Ele tem metade de uma máscara de Darth Vader pintada no rosto, o que eu sei que é graças às habilidades artísticas de Rora. A artista em questão está falando levemente com Oliver enquanto eles entram no café em um ritmo mais normal. A tinta preta está um pouco manchada agora, parte dela em seu braço, onde ele deve ter esfregado antes, mas o garoto adora Guerra nas Estrelas.

Acredito firmemente que tudo começou porque Liam testemunhou Oliver amar os filmes primeiro e estava desesperado para ser igual a seu irmão mais velho. Agora, vejo a mesma coisa acontecendo com o hóquei.

— Desculpe, irmãzinha. — Liam suspira pesadamente, sem se preocupar em descansar por um momento antes de começar toda a história de sua manhã normal, como se estivesse contando uma história de aventura ousada. Ele termina a história rápida com um

apressado: — Você está fazendo panquecas?

Antes que eu possa responder, ele congela de repente, antes de soltar um uivo tão alto que tenho que deslizar a mão sobre sua boca. Ele está chorando pela minha mão, apontando freneticamente para Rhys.

Oliver se junta ao meu lado, já bastante alto, quase igual a mim aos doze anos de idade. Ele balança a cabeça levemente, colocando a bolsa ainda mais no ombro.

— Ei, campeão — Concordo com a cabeça, soltando a boca de Liam, mas mantendo um aperto firme em seu ombro. — Ele se comportou hoje?

Liam ainda está quase gritando, em êxtase por ver Rhys novamente. É um pouco enervante.

Oliver assente.

— Tudo correu bem. Meu treino se estendeu, mas Rora o manteve ocupado.

Minha cabeça concorda com o que Oliver está dizendo, embora ele pareça hesitante por um motivo que pretendo descobrir mais tarde. No momento, estou mais focada na preocupação de que, se eu soltar Liam, ele pulará no colo de Rhys.

— Desculpe — eu ofereço rapidamente. — Liam, lembre-se do que conversamos.

—Rhys não é um estranho, certo?

Rhys ri.

— Certo.

— Você não é? — Bennett pergunta, com um pequeno tique na boca. — Desde quando?

Apesar da pergunta ser feita ao amigo, meu irmão mais novo decide intervir novamente com um grito:

— Desde que ele está me ensinando hóquei. Rhys é

provavelmente o melhor jogador de hóquei do mundo.

Bennett sorri levemente.

— Humilde também.

Rhys balança a cabeça, olhando para Bennett e depois para mim, antes de se voltar para Liam. Há uma nova tensão nele, porém, eu noto. Seus ombros estão contraídos, seu sorriso tenso, falso, usando a máscara mais uma vez. Fico irritada quando percebo que a paixão de Liam por Rhys pode ser desconfortável.

Agarrando a mão de Liam, aceno em direção ao balcão, a mesa maior ao lado aberta.

— Quer relaxar por um minuto enquanto eu fecho?

— Claro. — Oliver dá de ombros. Ele pega o braço de Liam e o puxa atrás dele. — Vamos, Anakin, deixe eles em paz.

Os lábios de Liam se curvam, sua cabeça balançando para frente e para trás entre seu irmão e a mesa dos deuses do hóquei, como se ele não conseguisse decidir exatamente por qual lutar. O que acaba saindo de seus lábios é:

— Não estou com minhas vestes Jedi, Oliver. Eu sou Darth Vader.

Viro-me para Rora e dou-lhe um aperto de braço agradecido.

— Só vou levar um minuto para fechar e trocar de roupa, você se importa? Vai ser rápido.

— Eles podem sentar conosco se você precisar, — Rhys diz, levantando-se antes que eu possa discordar e arrastando a cadeira de Liam, com ele ainda nela, de volta para sua mesa pequena demais. Liam dá uma risada, os olhos brilhando enquanto olha para o perfil de cabeça para baixo de Rhys.

Rhys olha para mim, ainda sorrindo.

— Somos amigos, certo?

Quero impedi-los, discutir com Rhys, mas Rora me impede

quando sorri e agradece rapidamente, afastando-nos para nos trocarmos.

— Eu não...

— Relaxe. — Ela suspira, arrastando a palavra quatro sílabas extras. Suas mãos apertam meus ombros enquanto ela me força a contornar o balcão, batendo na minha bunda para me mandar para a sala de descanso.

— Vou fechar suas coisas — diz ela, puxando um avental do pequeno gancho abaixo do ponto de venda e amarrando-o antes de prender o cabelo cacheado em um rabo de cavalo elástico no topo da cabeça. — Você pare de tentar controlar tudo e deixe os garotos legais do hóquei brincarem com seus irmãos enquanto você reserva um momento para *não* ser a mãe deles.

Ela bate com o punho em um ritmo suave no topo do balcão, não que fosse necessário, já que Luis já está olhando para ela.

— Luis, você pode cobrir a frente por alguns minutos?

— Claro — ele responde, um pouco rápido demais, enquanto tira as luvas e a rede de cabelo. É uma loucura que ele aceite isso, considerando que sua família é dona de todos os cafés e restaurantes de ambos os lados, mas seu olhar sonhador é toda a resposta que preciso.

Entramos na pequena sala de descanso que funciona como escritório do gerente e se conecta às outras salas dos fundos do restaurante à nossa direita. Sento-me em uma das cadeiras, respiro fundo e olho para onde Rora está sentada na mesa.

— Então — ela começa. — Como foi sua reunião?

— Tudo bem. — Respiro, balançando a cabeça como se isso me deixasse mais confiante. — Eu acho. Quer dizer, foi curta? Então eu não sei. Vou encontrá-lo na próxima semana para conversarmos mais e trazer os documentos que tenho. Ele disse que isso seria tudo que precisamos para Liam.

— Isso é bom, Sade. Honestamente.

— Certo? Acho que é um bom sinal, tem que ser.

Tem *que* ser. Estou ficando sem outras opções e me arrastando entre os dormitórios do campus e minha casa, desembolsando dinheiro do já apertado orçamento para babás quando nossa vizinha, a Sra. B, está ocupada – está acumulando e as aulas ainda nem começaram.

Rora ajudou a me desembaraçar desde o ano passado, mas me recuso a me colocar nessa posição novamente. E este é o único caminho que resta.

— Sim. — Ela sorri, toda tranquilizadora e solidária. — E se ele não aceitar você, ainda temos toneladas na lista, ok?

Aurora é minha melhor amiga, não importa meus esforços para mantê-la à distância. Ela abriu caminho no primeiro ano, não se intimidando com minha atitude ou tentativas de me livrar dela. Em vez disso, ela grudou como cola, até ficar tão apegada que eu não poderia existir sem ela. Então ela me viu sofrer um ataque de pânico paralisante e me segurou durante todo o processo, embalando nós duas na pequena cama de solteiro em nossos dormitórios de calouros.

Depois disso, mostrei tudo a ela. Era como se eu não conseguisse parar.

Ela aceitou tudo com calma, boca franzida e sobrelance determinada, cuidando de mim e me ajudando a levar os pequenos para a escola enquanto eu equilibrava patinação artística, escola e tudo mais. Ela me deu aulas particulares quando entrei em liberdade condicional para minhas aulas, tirou-me do chão do banheiro quando meus ficantes não conseguiram afastar a pressão em meu peito.

Farei qualquer coisa por ela, vou protegê-la infinitamente, para sempre.

Oliver, Liam, Rora. Minha família.

— Ok.

Rora se levanta, me abraçando com força e me deixando respirar

por alguns momentos. Suas mãos passam suavemente pelo meu cabelo, penteando pequenos nós e tranças, trançando-o frouxamente pelas minhas costas.

— Certo? — Ela pergunta. Aceno com a cabeça em sua barriga, antes de me afastar e colocar os fios soltos atrás das orelhas.

— Certo.

— Ok, então vá buscar os meninos e aproveite algum tempo com eles. Por que você não os leva para o dormitório para uma festa do pijama? Podemos fazer um forte de travesseiros e levá-los tarde para a escola amanhã.

— Soa perfeito.

QUINZE

Rhys

Com nosso primeiro treino de equipe na pré-temporada e nos reunindo, sinto-me um pouco leve ao entrar em nosso segundo treino da temporada.

No primeiro dia eu acordei tarde de propósito, para que Bennett não tentasse nos levar juntos, mesmo que eu apenas tivesse esperado até que ele saísse da nossa rua para sair. Eu precisava de um tempo no espaço silencioso do meu próprio carro para me acalmar, decidindo que um conjunto todo preto poderia esconder o suor de ansiedade que quase pingava de mim – pelo menos até ter que trocar de roupa.

Quase liguei para papai, deixando meu dedo pairar sobre seu contato por três minutos antes de jogar meu telefone no chão do lado do passageiro e dirigir em silêncio.

De alguma forma, nada quebrou – nem meu telefone, nem minha mente – mesmo durante a primeira patinação semi-fácil junto do time. Passei um tempo conhecendo os novos calouros, pedindo desculpas por ser o capitão ausente nos acampamentos intensivos de verão e agradecendo a Holden, um defensor que assumiu como meu substituto após a lesão.

O treinador pediu a Bennett para ser capitão mais vezes do que eu poderia contar, mas ele recusou todas as vezes.

Não estou suando tanto agora, pelo menos não de ansiedade, mas sim por causa do ritmo acelerado enquanto dou a volta no ringue, trabalhando o disco no meu taco nas curvas fechadas antes de fazer uma parada rápida enquanto Freddy decola, nossa equipe de revezamento mais rápida e mais suave que as outras. O treino acabou oficialmente, mas isso significa apenas que é a minha hora de fazer

exercícios de formação de equipe antes que o condicionamento se estenda.

Inclinando-me contra as tábuas, aceno para Bennett, onde ele está sentado sem a gaiola, borrifando água na boca.

— Eles parecem bons.

Bennett assente.

— Melhor do que neste verão. Aquele garoto Sinclair é rápido pra caralho.

— É? — Eu sorrio para seu rosto claramente descontente. — Também tem um *backhand* insano.

Bennett balança a cabeça novamente, o ombro esquerdo se contraindo até a orelha, mesmo que isso apenas mova as ombreiras um fio de cabelo.

— Você também percebeu, certo? Tive que me acostumar com o zigue-zague em que ele corre, mas ele só conseguiu passar alguns discos por mim. Ele está acabando com o Mercy.

Isso me faz sorrir um pouco, lançando um olhar para o reserva de Bennett, Connor Mercer, “*Mercy*” carinhosamente, que parece exausto e encharcado, já tendo esvaziado a garrafa de água na cabeça.

— Mercy precisava de um pouco de ação.

— O técnico quer treinar ele mais nesta temporada e o colocar em mais jogos.

Isso me faz parar, mas em vez de oferecer uma reação — porque conheço Ben — apenas levanto uma sobrancelha.

Ele dá de ombros.

— Não me incomoda.

— Olheiros?

— Eles vão me ver. Eles me viram no ano passado também. — Ele toma outro gole de água. — Além disso, deveríamos ser uma dupla e

joguei 26 dos 34 jogos do ano passado na temporada regular.

— Porque você é quase perfeito.

Ele dá de ombros.

Freddy patina, respirando fundo com um sorriso malicioso enquanto puxa sua própria gaiola.

— Do que estamos falando, senhoras?

— Bennett não está falando com você depois daquela merda estúpida que você estava fazendo nos treinos de arremesso.

Meu tom está cheio de risadas inéditas, mas Ben parece estar pronto para quebrar o taco de Freddy, se não sua coluna.

— Vamos, Reiner, você não pode ficar bravo comigo por mantê-lo alerta.

— Eu estive no estilo borboleta por tanto tempo que achei que tinha distendido alguma coisa, seu idiota.

Freddy levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não é minha culpa que os novatos queiram ser como eu.

— Você fez todo o seu time de malditos laterais ficarem oscilando por toda a minha zona.

— Você fez? — Pergunto, sorrindo apesar do tom fervilhante de Bennett. — Todos eles simplesmente fizeram o que você disse?

— Apenas me chame de papai. — O sorriso malicioso de Freddy cresce, os dentes e brilhando como a camada de gelo em que estamos. Holden engasga, apenas pegando a última pérola da nossa conversa.

Enquanto o resto do time termina a corrida, vencendo o ataque por um pouquinho, eu convoco uma rápida reunião e planejo um churrasco da equipe em nossa casa para quarta-feira. Primeiro dia de aula, mas não no primeiro fim de semana, para que os calouros não tenham uma ideia errada do que é esse evento – união, não bebedeira.

O vestiário está levemente agitado depois do treino, e sinto

vontade de participar e brincar, mas cada vez que alguém tenta interagir comigo, só há exaustão. Uma dormência profunda até os ossos.

É algo que conheço facilmente agora; de toda a terapia cara que meus pais pagaram – *mascaramento*. A Dra. Bard chama isso de *mecanismo de enfrentamento negativo* e diz que é um sintoma de TEPT¹³, que eu definitivamente não tenho e ela não vai me convencer do contrário.

Eu levei uma pancada praticando um esporte – eu não estava em uma maldita guerra.

É mais fácil assim, fingir ser quem eu era antes daquele jogo, ser o mesmo jogador e líder do time que ganhou o C na minha camisa no segundo ano. É quem eu sou, quem eu deveria ser – está apenas perdido sob a nuvem escura que insiste em me seguir por toda parte.

Saindo sob o sol quente do lado de fora do complexo de atletismo, paro para esperar por Bennett – que provavelmente está empilhando seu uniforme na ordem exata que prefere.

Meu telefone acende novamente, uma mensagem do meu pai.

PAI

Almoço?

Acima dele há uma trilha de longos parágrafos e citações ridículas e edificantes que parecem o interior de um diário de autoajuda, junto com respostas rápidas de uma palavra da minha parte.

Hesito em minha resposta, esperando por uma desculpa.

Não é que eu não queira passar tempo com ele. Meu pai é meu herói, sempre será. É apenas confuso e complicado agora. E não consigo tirar o eco da voz dele da minha cabeça.

Meu filho.

Bennett sai pela porta, com o cabelo perfeito, vestindo calças e uma camisa pólo verde escura que parece um pouco deslocada, considerando que deveríamos voltar para casa para nos empanturrar de comida e descansar. Seu telefone está pressionado contra o ouvido, usando a mão livre para deslizar seus *Ray-Bans* sobre os olhos contra a luz do sol.

— Eu disse que ia me atrasar — ele murmura, com a mandíbula tensa de uma forma que rapidamente me diz exatamente com quem ele está falando. — Eu te disse da última vez que *esta* semana era a primeira semana de treinos, então precisava adiar o almoço.

Ele está perto o suficiente agora para que eu possa distinguir o tom áspero e idêntico do outro interlocutor.

— Está tudo bem, Bennett, posso esperar.

Adam Reiner: ex-candidato à NHL, atual advogado corporativo cruel.

Bennett vem de mais dinheiro do que jamais saberia o que fazer, o tipo que garante que gerações possam escolher não trabalhar e ficarem bem. Seu pai era um bebê de prata com um fundo fiduciário maior do que uma lista completa de contratos da NFL, o que torna um tanto surpreendente que ele tenha se tornado o melhor amigo do imigrante russo que morava em um apartamento sujo depois de completar dezoito anos em um orfanato para meninos e estava aprendendo a falar inglês com um professor universitário idoso que morava acima dele.

O central riquinho, cujo futuro não dependia de nada, e o defensor pobre e briguento, cujo futuro dependia inteiramente daquele ano de estreia – e, ainda assim, eles nunca haviam interrompido essa amizade.

Não tenho problemas com o pai de Bennett, nunca tive — mas depois do divórcio, Bennett mal suportava ficar no mesmo espaço que ele.

Então, seu pai perdeu mais jogos do que compareceu, parando completamente durante nossa estada em Berkshire. Agora, eu sei que uma vez por mês Bennett encontra o pai no Bar Mezzana em South End.

Além dos presentes extravagantes que muitas vezes abençoam nossa casa ou garagem – mais recentemente, o novo Bronco totalmente não usado, parado em nossa garagem com uma lona ainda o cobrindo – Bennett e seu pai não têm um relacionamento.

— Não se preocupe — ele retruca. — Volte ao trabalho. Não vou dirigir até a cidade para ficarmos vinte minutos olhando um para o outro e comendo comida estupidamente cara.

Ele desliga sem pensar duas vezes.

— Perdendo outro almoço? — Eu pergunto, percebendo depois disso que eu não saberia de qualquer maneira.

Bennett balança a cabeça, reorganizando o cabelo e os óculos novamente, as mãos se movendo trêmulas.

— Fui ao último, mas foi a primeira vez que o vi durante todo o verão.

— Ainda está ruim?

— Eu só estou... Minha mãe está feliz, finalmente. Ela e Paul irão passar as próximas duas semanas na Europa. Não quero me lembrar disso.

— Entendo.

Eu não entendo, na verdade. O divórcio dos pais de Bennett sempre foi um assunto estranho para mim.

Meus pais estão apaixonados e sempre estiveram. Para o mundo, não há nada que Maximillian Koteskiy ame mais do que hóquei. Mas para quem realmente o conhece, ele desistiria de todas as vitórias da Stanley Cup e de toda a sua carreira se isso significasse manter a minha mãe.

— Vai voltar para casa? — Ele pergunta, segurando o botão na lateral do telefone para desligá-lo completamente.

— Eu acho que sim...

— Festa na piscina no Zeta — anuncia Holden, andando ombro a ombro com Freddy. Ambos estão coincididamente vestidos de uma forma que quase os faz parecer gêmeos; em que Freddy é todo sorriso de playboy e Holden tem uma inocência infantil.

— Estou bem — eu digo. Tenho outros planos em mente, chamados de tentar roubar mais uma hora do tempo de um as certa patinadora artística punk.

— Eu irei — diz Bennett, surpreendentemente. Ao meu olhar, ele dá de ombros. — Preciso de algo para fazer.

— Justo. Vejo vocês em casa mais tarde.

Com algumas últimas elevações de queixo e acenos no caminho para o carro, eu me aconchego e disparo um rápido “*hoje não posso*” para meu pai.

Minha mão está na maçaneta antes de xingar, percebendo que deixei as chaves no armário.

Felizmente, tudo está vazio agora, tornando mais fácil entrar correndo, pegar as chaves do cubículo e sair sem precisar parar e conversar com ninguém.

O escritório do treinador está iluminado, a única sala com luzes ainda acesas, a porta entreaberta. A princípio não ligo para isso, mas a conversa é alta o suficiente para me fazer parar encostado na parede antes de atravessar.

— Você jurou que não estava no cronograma — uma voz profunda rosna. — Você disse que era um jogo em casa.

— E era — o treinador suspira. — Olha, se você realmente não vai jogar...

— Qual é a consequência de não jogar?

Minhas sobrancelhas mergulham. Um jogador então, mas não reconheço a voz. Não é tão surpreendente, considerando o quão ausente tenho estado.

Uma batida com a mão na mesa e então:

— Não estarei naquela maldita arena nem mesmo com a possibilidade de ela...

— Ok, Tor. Ok.

Não reconheço o nome, um indício de familiaridade que não consigo acompanhar, mas ele parece maluco. E eu confio no treinador o suficiente para não ter alguém assim mexendo com o clima do nosso time.

Saio, silenciosa e rapidamente, de volta ao meu carro antes de dirigir para minha nova cafeteria favorita, esperando ter a menor chance de avistá-la.



É Rora que encontro dentro do aconchegante e famoso *Brew Haven*, parada no balcão conversando com um cara bem vestido.

Fico atrás dele por apenas um momento antes de Rora me notar e a estranha expressão reservada para a garota entusiasmada que conheci recentemente desaparecer de seu rosto. Talvez ela seja mais reservada quando não está louca, bêbada e gritando Taylor Swift no ar da noite.

— Rhys Koteskiy. — Ela sorri, mas seus olhos seguem para o cara que ainda está ao nosso lado, encostado no balcão. — Aqui para tomar um café ou por uma garota?

— Vocês dois se conhecem? — O cara pergunta, sobrancelha levantada enquanto ele faz sua pergunta para mim em vez de para ela.

Estendo minha mão com meu sorriso de capitão.

— Rhys — eu ofereço, estendendo minha mão para ele. Ele pega, uma sacudida forte e rápida antes de me soltar.

— Tyler. O namorado de Aurora.

Entendi. Mantenho o sorriso estampado em meu rosto enquanto olho para Aurora, sua expressão nervosa fazendo eu me sentir um pouco enjoado. Então, eu me inclino e pergunto incisivamente:

— Sadie não está trabalhando hoje?

Tyler ri, acenando para mim com um brilho renovado nos olhos.

— Sadie realmente tem um tipo, hein? Surpreende a mim que ela não seja quem está suspirando por...

— Tyler, pare. Por favor — Rora implora baixinho, antes de olhar para mim. — Ela não está, mas está nos dormitórios, pelo menos, eu acho. — Ela clica na lateral do telefone, onde ele fica no balcão. — Sim, ela ainda está lá, mas ela irá para casa no fim de semana, então...

Ela para com um pequeno encolher de ombros.

— Então eu deveria mandar uma mensagem para ela em vez de aparecer sem avisar e deixá-la em uma espiral?

Rora sorri de novo, de alguma forma mais amplo, como se a ideia de eu entender algumas das complexidades de sua querida amiga a deixasse em êxtase.

— Exatamente.

— Entendi. — Concordo com a cabeça, enfiando uma nota de cinco no pote amarelo excessivamente decorado com flores multicoloridas desenhadas por toda parte. — Vejo você por aí, tenho certeza.

— Espero que sim. Ela merece algo bom.

Algo aquece em mim o fato de essa garota enigmática, a melhor — e honestamente acho que a única — amiga de Sadie, aprovar a mim. Mesmo que a própria Sadie não saiba.

Eu mando uma mensagem para ela, mais tarde naquela noite,

depois de me empanturrar com a refeição pré-preparada marcada com meu nome, que Bennett cozinhou no início da semana. Deitado na minha cama mal arrumada, olhando para o teto com um filme passando no meu PS4 na TV montada, não consigo tirá-la da cabeça. Eu ouvi a *playlist* até que eu consegui gravá-la na minha cabeça como um arquivo, tocando minhas músicas favoritas e tentando imaginar o que ela estava pensando quando as adicionou.

“*Barely Breathing*”: a maneira como ela desamarrou meus patins quando minhas mãos tremiam.

“*Don’t Look Back In Anger*” : o olhar furioso em seus olhos quando ela faz seu longo treinamento.

“*Sleep Alone*”: seu sorriso, sua risada.

Minha favorita no momento, “*Let’s Get Lost*” de *Beck and Bat for Lashes*, toca no meu alto-falante enquanto meus dedos puxam o contato dela e disparam a mensagem antes que eu possa pensar duas vezes sobre isso.

RHYS

Ei.

SADIE

Isso é o equivalente a um
mensagem de 'Você está
acordada?' para um
Koreisky?

RHYS

Você quer que seja?

Em pânico, mando outra mensagem logo em seguida.

RHYS

Estou apenas deitado na
cama ouvindo música.

Em vez de uma mensagem de texto de volta, recebo uma foto dela que me faz sentar na cama, deixando cair meu telefone das minhas mãos repentinamente escorregadias antes de puxá-lo até meu rosto, como se eu fosse esquecer ela se fechar os olhos por um segundo sequer...

Ela está deitada, com o cabelo em uma confusão de ondas espalhadas por uma confusão de lençóis azuis e um edredom branco. Não sorrindo, na verdade, mas seus lábios se contraem levemente em um canto de sua posição ligeiramente franzida. Seus olhos são penetrantes, o cinza escuro penetrando até mesmo através de uma tela, a pele levemente corada e o fio desgastado de seus fones de ouvido antigos – que ela deve ter roubado de volta – pendurado em suas clavículas afiadas.

Meus olhos percorrem seus ombros nus, uma das alças de sua blusa se desprendendo pela metade, dando lugar a uma infinidade de sardas espalhadas como estrelas por sua pele.

Eu me pergunto quanto tempo seria muito para não responder, se eu tenho tempo para tomar um banho enquanto imagino meus dedos tocando cada sarda que posso encontrar em uma busca muito minuciosa.

Balançando a cabeça, vejo a mensagem abaixo da foto – depois de salvá-la no meu telefone e ficar olhando para ela por um período de tempo embaraçoso.

SADIE

Engraçado, estou fazendo a mesma coisa.

Sinto-me ridículo por um momento enquanto redigito minhas mensagens quatro vezes, sabendo muito bem que ela pode ver os pontinhos aparecendo e desaparecendo repetidamente.

RHYS

Pena que não fico tão bonito
quanto você fazendo isso.

SADIE

Sim, se ficasse Freddy poderia
tentar dormir com você.

Uma risada ameaça estourar, puxando meus lábios, mesmo só
isso, apenas suas palavras escritas são suficientes para afastar um
pouco da ansiedade que está neste quarto tão vazio.

SADIE

Estou tão exausta
quanto pareço, então
provavelmente vou
dormir em breve e
fantasiar com você.

Demoro mais um tempo para decidir o que dizer, finalmente
decidindo:

RHYS

Você não parece exausta.

Eu espero, sentando-me, meu telefone longe de mim por alguns minutos, depois trazendo-o inutilmente para o meu rosto e de costas para a cama, como se isso me impedisse de verificar de novo e de novo. Mas a falta de resposta dela deve significar que ela está dormindo agora.

De pé, deixo o telefone no meu quarto e vou para o banheiro grande e escuro que foi limpo impecavelmente neste verão por Bennett a tal ponto que parece que ninguém nunca morou aqui. Eu tiro a roupa e fecho a porta atrás de mim antes de deixar o chuveiro bem quente.

Por um momento, olho no espelho enquanto passo a mão pela leve cicatriz acima da minha sobrancelha, uma menor abaixo do olho que é quase invisível a menos que seja tocada; ambas por lesões na viseira durante o golpe, ambas as quais não me lembro de ter recebido.

Meu corpo está curado, totalmente, cada pedacinho dele inteiro novamente. Minha mente é a coisa que está quebrada permanentemente.

Tem um vídeo do jogo e da lesão. Tentei assistir uma vez, mas fiquei enjoado e não consegui passar do primeiro intervalo. Não conseguia me lembrar de quando aconteceu, a expectativa constante me deixou tão doente que desisti.

Eu me pergunto se Sadie viu, mas estou com muito medo de perguntar a ela. Basta uma pesquisa no Google.

Balançando a cabeça, entro no chuveiro quente e fumegante, deixando a água quente rolar sobre meus músculos contraídos, mergulhando a cabeça sob o jato e afastando todo o cabelo da testa.

A mudança de temperatura me deixa tonto por um momento, e tento me firmar, apoiando as duas mãos na parede de azulejos ainda fria.

Sadie.

Sadie com sardas nos ombros nus com suas ondas bagunçadas,

rosto nu e olhando para mim com seus olhos cinzentos de gato.

Isso me acalma imediatamente, só de pensar nela, a imagem gravada em minha mente dela pairando sobre mim no vestiário, como uma rainha no topo de um trono. Ela sabe que eu me ajoelharia para sempre se isso significasse que ela me olharia daquele jeito?

Meu pau fica pesado entre minhas coxas, pulsando enquanto meus pensamentos me levam além de cada momento em que toquei sua pele macia e flexível. Ela está gravada em todos os meus pensamentos, como um doce perfume que traz de volta todas as *boas* lembranças que guardei.

Imagino-a aqui, no meu chuveiro, sob o jato quente, porque a quero no meu espaço. Quero sentir que ela é totalmente minha, mesmo que por um minuto. Ela é tão pequena, mas maior que a vida para mim.

— Rhys — ela respira.

Na minha cabeça, eu a pressiono contra o azulejo e caio de joelhos, imaginando-a acima de mim enquanto minha mão desliza para cima e para baixo em meu eixo, lentamente. Constante.

Com ela, nunca será lento e constante.

Não. Imagino ela se debatendo descontroladamente enquanto luto para mantê-la imóvel, até colocar suas pernas sobre meus ombros. Sua pele provavelmente também parece seda aqui, mesmo com os músculos duros por baixo.

Deus, eu sei que ela tem um gosto bom, e só de pensar nisso me faz agarrar com mais força e mais rápido. Imagino-a subindo comigo, seus suspiros e gemidos ficando cada vez mais altos até que toda a casa ouça que ela é minha. Que *eu* a faça se sentir assim, como um maldito homem agradando sua mulher até que ela não consiga evitar gritar.

Persigo o orgasmo com a Sadie na cabeça, só querendo sentir a euforia que sei que *posso* fazê-la sentir. Estou desesperado para agradá-la e adorá-la assim, para controlar isso — para ter a patinadora artística selvagem à *minha* mercê pelo menos uma vez.

Seus olhos cinzentos e provocadores fixaram-se sempre nos meus enquanto fecho os olhos e minhas pernas se fecham sob o efeito da fantasia dela. Apoio a mão no ladrilho, a cabeça confusa, mas sem dor.

Na minha cabeça, ela diz meu nome novamente, aquele mesmo gemido leve e sussurrado e isso me faz voar alto quando gozo com o nome dela gravado em meus lábios como um apelo desesperado.

Minha testa pressiona o azulejo e quase desmorono sob o relevo.
Maldito inferno.

Talvez eu devesse sentir vergonha de pensar nela assim, mas é difícil não sentir quando ela é tudo de bom. Pela primeira vez desde março, sinto-me... vivo. O que é de alguma forma mais perigoso, porque agora não acho que posso *deixá*-la ir.

Quero me agarrar a ela, para provar que o que resta de mim vale alguma coisa.

Envio mais uma mensagem para ela antes de conectar meu telefone ao carregador.

RHYS

Você é linda.

DEZESSEIS

Sadie

Meus patins deslizam novamente, sem pegar a borda nem um pouco, e eu caio de costas no gelo.

Fecho os olhos e ele está lá novamente.

Um lampejo de uma covinha, olhos como chocolate, mãos enormes segurando minha cintura com tanta força que juro que posso sentir até agora. Rhys, usando meu corpo, jogando-me como se eu fosse leve como o ar, sua voz era uma provocação suave em meu ouvido. Chamando-me de sua “nova distração favorita” antes que ele me vire e me pegue novamente por trás.

A mesma maldita fantasia que me assombra há dias.

A mesma fantasia que lamentavelmente tive ontem à noite, sozinha na cama, com os dedos presos entre as coxas.

Apenas o pensamento dele me fez gozar mais forte do que em meses.

Tento recuperar o fôlego e tirar da minha cabeça a imagem dele, aquela imagem inventada que eu poderia jurar que ele nunca seria de verdade na cama.

Rhys é bondoso demais para me foder com força suficiente para que eu não sinta nada.

É por isso que ele te assusta.

Fechando os olhos com força, tento me concentrar na música que ainda está tocando antes de parar.

Porra.

O treinador Kelley está parado ao meu lado agora, com os braços

cruzados e os olhos estreitados, mesmo quando me recuso a olhar para ele, como uma criança evitando uma repreensão.

— Você ficou mais desleixada — diz ele, abaixando-se e empurrando meu ombro com força para me fazer sentar. Dou de ombros e me levanto sozinha, patinando até o banco para pegar água.

— Eu só estou cansada.

Ele segue atrás de mim e só quando está quase no meu ouvido acrescenta:

— Pesagem. Amanhã.

Odeio a facilidade com que isso me ameaça, a sensação doentia que me irrita com a implicação óbvia. Caí porque não estava prestando atenção na minha vantagem, tratando o giro como se fosse uma segunda natureza para mim, quando é o meu pior salto. Eu caí porque estava distraída.

Não caí porque ganhei uma quantidade minúscula de peso.

— Faça mais uma vez, Sadie. Faça com que seja perfeito — ele sussurra em meu ouvido, antes de recuar.

Ele dá a deixa para a música e pega a garrafa de água das minhas mãos, jogando-a no banco.

É sempre assim com ele. Meu horário agendado é sempre o último para que ele possa nos atrasar, bagunçando minha agenda pessoal cuidadosamente criada.

É por isso que me sinto grata pela chegada tardia de Victoria, o que significa que nos sobrepomos e ela tem os últimos quinze.

Termino minha rotina – quase perfeita para meus próprios padrões e quase nenhuma melhora para os do treinador Kelley. Mesmo assim, ele *precisa* se concentrar em Victoria agora, então descanso delicadamente no banco, raspando o gelo das lâminas com as proteções de plástico.

— Achei que sua atitude fosse só para mim no gelo, mas parece

que você é igualmente espinhosa aqui.

Meu coração dispara, meu corpo inteiro se ilumina como uma árvore de Natal ao som de sua voz.

Ele ainda é *meu* Rhys, mas agora é mais: Rhys Koteskiy, capitão do time de hóquei da Universidade *Waterfell*. Seu cabelo está penteado, ainda um pouco desgrehado, os olhos brilhantes e sem a profunda tristeza de sempre. Ele quase parece revigorado.

Sua mão dá um tapinha em seu peito enquanto ele olha para mim afetuosamente.

— Estou ofendido, Gray.

Não posso deixar de combinar o sorriso dele com o meu.

— Acho que você sobreviverá, campeão. — Dou um tapinha no banco. Ele se senta ao meu lado, pressionando sua coxa na minha. — Além disso, guardo minhas atitudes realmente *ruins* para você. Não há necessidade de ficar com ciúmes.

A música de Victoria é interrompida, seguida por alguns gritos altos que se espalham facilmente pelo rinque cavernoso. Por mais que a garota me irrite, ela aceita suas correções brutais com calma, com um rápido aceno de cabeça e um sorriso congelado, com as mãos entrelaçadas.

— Ele é sempre assim? — A boca de Rhys está quase na pele da minha orelha, hálito fresco. Eu estremeço.

— Assim como?

— Tão intenso?

— Não — eu digo, um pequeno sorriso falso enfeitando meus lábios. A parte que não digo é que ele costuma ser pior, principalmente comigo.

Mas eu preciso disso. O apoio inabalável e severo do treinador Kelley apenas mostra sua dedicação ao meu sucesso. Ele é assim porque acredita em mim. Ele é o único que o faz.

— Chegou cedo então? — Pergunto enquanto ele coloca seu corpo contra o meu.

— Na verdade. — Ele sorri. — Você é quem está na minha hora de gelo.

Como se fosse planejado, o treinador de hóquei de rosto severo que vi algumas vezes sai do túnel com um suspiro de frustração. Sua mão bate levemente no ombro de Rhys enquanto ele passa por nós para falar com o treinador Kelley, que está descaradamente tentando ignorá-lo.

—Dê-me cinco minutos e iremos embora — meu treinador finalmente responde, trovejando sobre a voz surpreendentemente suave do treinador de Rhys. Ele não discute com ele, apenas volta para nós.

— Kotesky. — O treinador assente, coçando a barba. — E?

— Sadie — eu ofereço.

Tomo um gole de água e quase vomito quando seu treinador pergunta:

— Namorada?

Rhys cora e de repente me vejo com vontade de dizer *sim* e abordá-lo para beijar sua pele aquecida. Meus dedos se contraem porque só de pensar é intensamente avassalador: ver o rosto chocado de Victoria, o treinador Kelley furioso com meu comportamento nojento e pouco profissional.

Senti-lo novamente... de repente, minhas bochechas são as que esquentam.

— Amiga — Rhys corrige. — Os irmãos dela jogam. Eles, hum, praticam na fundação.

Meu estômago se revira, a implicação dos meus irmãos como casos de caridade brilha como um sinal luminoso anunciando cada vergonha que carrego todos os dias. Eu odeio isso.

A garota que beija sua tristeza e precisa de ajuda com seus irmãozinhos.

Patética.

— Na verdade, eu tenho que ir. — Eu pulo do banco com meus protetores nas lâminas. — Vejo você por aí, campeão.

Eu não preciso dele ou de sua ajuda.

Ou suas covinhas estúpidas.

Mal atravesssei o túnel, indo em direção ao vestiário feminino, que fica a uma distância ridícula do gelo — principalmente porque o time de hóquei ocupa a maior parte do espaço da arena, quando ele me pega, agarrando meu braço.

— Escute, Rhys...

— Que humilhante — uma voz diferente zomba em meu ouvido, os dedos curvando-se em meu bíceps. — Meu escritório, agora.

Ele me empurra com força e eu abaixo a cabeça seguindo o corpo magro do meu treinador enquanto ele avança. Victoria passa por mim, olhando para mim com simpatia.

Quando ele entra em seu escritório, faço uma pausa, mas apenas porque Victoria está me alcançando.

— Seu horário de treino acabou. — Ela limpa a garganta, olhando para mim um pouco hesitante. Eu não a culpo; além de não sermos amigas, acho que nunca fui legal com a garota.

Ela olha em volta novamente, antes de baixar a voz.

— Você não precisa segui-lo até lá. Ele é nosso treinador, não nosso pai.

Ele tem sido mais um pai para mim do que meu próprio pai, penso, mas não digo.

Em vez disso, encolho sua preocupação revirando os olhos.

— Eu posso lidar com Kelley. Preocupe-se com você mesma.

Endireito minha postura, como se estivesse me preparando para uma marcha de batalha, antes de entrar em seu escritório e fechar a porta atrás de nós.

— Desculpe, eu estava distraída...

— Quem é o garoto? — Ele me interrompe duramente. Viro-me e observo enquanto ele tira os patins e calça tênis excessivamente caros, jogando os patins pretos na bolsa.

— O quê? — Eu empalideço, meu rosto queimando.

Ele zomba de mim.

— Quem é o garoto do hóquei que você está perdendo tempo dando em cima no meu treino?

— Eu não... eu não estou...

— Faça de novo, e você estará de volta em liberdade condicional — diz ele, estalando os dedos para mim. Como se essa conversa tivesse acabado.

— Você não está sendo justo.

Não estou discutindo sobre Rhys, mas um dia estando um pouco descentralizada não vai destruir anos de habilidade na patinação, anos de dedicação total.

— Não estou sendo justo? — Ele bate o punho na mesa de metal entre nós, ficando de pé e pairando sobre mim. — Victoria acerta seu giro melhor do que você todas as vezes. Quer falar sobre justiça? — Sua voz aumenta com cada palavra, a ansiedade percorre minha espinha. — Eu investi *anos* de dinheiro, tempo e esforço em *você* e você é tão ingrata que não consigo prender sua atenção por uma hora.

— Kelley...

— Você está de volta em liberdade condicional.

Abro a boca, sentindo todo o meu corpo tremer com o esforço de conter um grito, talvez até uma birra total.

— Se as próximas palavras que saírem da sua boca não forem

obrigado ou sinto muito, então não quero ouvir, porra.

Eu seguro tudo por um minuto, azedando meu estômago, como se engolissem bile.

Tudo fica quieto por um momento, e lágrimas de raiva começam a queimar o fundo dos meus olhos, até que uma traidora escapa.

Kelley suspira, levantando-se e cruzando os braços enquanto dá a volta na mesa e fica na minha frente.

— Meu terror, venha aqui.

Seus braços se abrem e ele me envolve em um abraço apertado. Mais lágrimas escapam, meus braços parados ao lado do corpo enquanto absorvo o conforto que nem sei se quero.

— Agora — ele diz, inclinando-me para trás e acariciando meu cabelo. — Vá para casa. Durma. E então volte aqui amanhã de manhã. Cedo.

Meu estômago dói de tanto segurar tudo o que quero dizer, gritar. Mas, como sempre, de alguma forma eu me seguro.

Ele é o único que se importa. Quem sabe tudo sobre a minha vida fodida. Ele me ama.

— Sinto muito — eu digo, as palavras queimando como ácido enquanto caem dos meus lábios.

DEZESSETE

Rhys

Não é incomum o treinador Harris pedir para se encontrar comigo em um dia de folga; como capitão, faz mais ou menos parte das minhas responsabilidades.

O que é incomum é a presença de meu pai sentado à minha direita, enfiado em uma cadeira agora inclinada contra a parede devido às batidas incessantes de seus pés. Eu não estava ansioso ao dirigir, mas agora, sem nada para distrair minha mente, alimento-me de sua inquietação.

A porta se abre e o treinador Harris entra e circula a mesa com um rápido aperto de mão para meu pai, os dois familiares.

— Max. — Harris assente, sentando-se e apoiando os cotovelos pesadamente no carvalho escuro. — Rhys. Obrigado por ter vindo.

Algo está errado.

Uma sensação inquietante começa a pairar em meu estômago, girando como desconforto na sala cada vez menor.

Por que está tão quente aqui?

— Eu queria conversar com vocês dois em particular sobre isso antes do primeiro treino oficial dele. — Harris faz uma pausa e levanta a palma calejada, como se estivesse me impedindo. — Eu sei que você está ciente de que Davidson saiu, então perdemos um defensor na primeira linha com Doherty.

Embora a informação não seja novidade, ninguém discute a queda repentina de Davidson. A maioria só sai do time mais cedo se eles foram convocados – ele não foi. Agora, Holden está sem seu habitual *line match*. Eu presumi que um calouro iria substituí-lo.

O treinador Harris limpa a garganta, antes de firmar o rosto de uma forma que só arrepia ainda mais os cabelos da minha nuca.

— Então, conseguimos uma transferência de Michigan. Toren Kane.

Uma onda de náusea me atinge, o enorme nó na minha garganta é a única coisa que me impede de vomitar meu café da manhã.

Toren Kane.

O grande defensor do time de hóquei de Michigan. O melhor candidato para NHL por três anos consecutivos, mas erros consistentes o impediram de entrar no elenco. O jogador que quase me matou na primavera passada.

E ele quer que eu jogue com ele, não apenas no meu time, mas na minha maldita linha?

— Você está falando sério?

Não sou eu quem fala, mas meu pai, sua voz um sussurro ameaçador enquanto suas mãos apertam os braços da cadeira.

— Eu sei...

— Você está louco? — Sua voz é mais alta desta vez, elevando-se sobre a do meu treinador. — Você *sabe* o que ele fez com meu filho, Harris. Ele é um maldito pesadelo.

Parece que esta é a última discussão que Harris quer ter, e eu sei as palavras que vêm antes de ele pronunciá-las.

— Foi um golpe legal, Max. Ele é um talentoso de...

— Ele é um risco, é o que ele é. Todo o time dele concordou conosco, queriam que ele fosse suspenso.

— Max...

— Há uma razão pela qual ele não foi para o *draft*¹⁴, lembra? Várias vezes. Esse escândalo estava *por toda parte!* — A voz de meu pai aumenta novamente, o tom leve de seu sotaque fica mais nítido enquanto ele mistura palavrões russos em seus gritos.

— Max...

— Milhares de garotos virão depois deste, melhores do que ele, mas você precisa *dele*? A que custo? Estamos falando do meu *filho*, capitão deste time!

O treinador não levanta a voz nem tenta acalmar meu pai, apenas balança a cabeça e olha de mim para meu pai, e vice-versa.

Levanto abruptamente, derrubando acidentalmente minha cadeira para trás. Os dois param por um momento, mas a sala continua encolhendo até que estou convencido de que vou sufocar se ficar aqui por mais um momento.

Eu saio, ignorando seus chamados em inglês e russo, indo para o canto perto da porta rápido demais e batendo meu ombro. Os corredores estão vazios, minha cabeça baixa mesmo quando as batidas começam a dominá-la. Tento me concentrar; para aplicar as técnicas de ancoragem que aprendi para interromper o verdadeiro ataque de pânico antes que ele comece.

Meu corpo bate em alguém e mal murmuro um pedido de desculpas antes de sair, minha visão turva e se estreitando enquanto tropeço para frente.

Uma mão agarra meu pulso com força, pequenas unhas quase pressionando minha pele e quase gemo porque conheceria a sensação de sua pele, mesmo se fosse cego.

Eu giro com facilidade, deixando ela me apoiar na parede de tijolo pintada de azul atrás de mim. Ela parece tão poderosa assim, sem se importar com o fato de que eu estou fisicamente acima dela – ela parece tão no controle, como se pudesse me acalmar com uma rápida pressão de sua pele na minha.

Percebo, enquanto meu olhar percorre seu rosto, que ela está falando comigo.

— Desculpe. — Eu respiro, tão patético e trêmulo como sempre. Aparentemente, este será meu novo normal. Nunca fui agressivo, sempre controlado dentro ou fora do gelo, mas agora quero socar

alguma coisa.

Não consigo evitar a risada autodepreciativa que escapa.

Deus, não me admira que ela não me queira. Patético.

— Rhys, o que há de errado? — Ela pergunta, de uma forma que me dá certeza de que ela já perguntou isso, e eu estou assustando-a agindo como um paciente psiquiátrico em algum estado catatônico. — Você está tremendo.

— Eu...

Não estou com medo – não de Toren Kane – estou chateado. Eu me sinto traído por alguém que me protege desde o primeiro ano, alguém que nunca me tratou como se eu fosse apenas um mini clone do meu pai; que ficou comigo durante minha lesão. Não importa que eu saiba que meu time vai me apoiar, por que ele o traria aqui?

Meu time alegou golpe sujo, e o time dele também, mas os árbitros disseram que foi limpo. Então ele foi inocentado – não importa que ele possa ter me custado minha carreira se eu não conseguir controlar essa merda, ou que ele tenha roubado tudo de mim; e ele teve coragem de aparecer no meu time, na minha faculdade?

Não estou mais pensando porque tudo na minha cabeça está girando como água por um ralo, deixando-me com aquela estranha dormência vazando para as pontas dos dedos.

Estendo a mão para ela, pegando-a facilmente, enquanto tiro sua mochila de seu ombro. Um segundo de preocupação toma conta de mim de que ela poderia muito bem me rejeitar novamente – e quem a culparia – mas ela não o faz. Suas pernas deslizam sobre meus quadris, apertando-se para se sustentar enquanto pressiono meus lábios nos dela. Uma, duas vezes, depois mordendo seu lábio inferior macio e acalmando o beliscão com a língua.

— Rhys — ela meio sussurra, meio geme. — Aqui não.

Isso me faz parar por um momento, porque ela está certa:

estamos no meio de um corredor no complexo de gelo durante o dia. Meu pai veio até aqui comigo, caso contrário eu estaria na metade do caminho para casa com ela no banco do passageiro, criando algum motivo na minha cabeça para mantê-la no meu quarto, na minha cama – em qualquer lugar, desde que fosse no meu espaço.

— Acho que você está brava comigo por alguma coisa, mas eu...

— Eu estava. — Ela suspira rapidamente. — Eu superei.

Ela não parece de superado de verdade, mas me sinto um pouco desesperado e tonto demais para investigar.

— Eu preciso de você — explode em meus lábios, porque é tudo que preciso. Não me importo em ficar exposto, ser pego. Mas se ela se importa, então importa para mim.

Ela salta dos meus braços e envolve a mão em volta do meu pulso, os dedos pressionando meu pulso enquanto ela me arrasta pelo corredor até o chuveiro.

Está vazio, mas ela me empurra para a cabine mais distante, puxando a cortina para nos fechar com velocidade e luxúria explodindo em seus olhos, apenas alimentando o monstro em minhas veias.

Eu nunca fiz nada assim, nunca fui como Freddy ou Holden com seus encontros com maria-patins. Sempre fui do tipo que namora. O mocinho, atleta famoso, o aluno perfeito para levar para casa, para os pais. Um monogâmico em série.

Não mais.

Outra risada me escapa enquanto suas mãozinhas macias sobem pela minha barriga e peito.

Eu quebrei mais do que meu corpo naquele jogo, minha mente está fragmentada.

Quando ela pressiona mais perto de mim, suas mãos subindo rapidamente por baixo da minha camisa e deslizando pelas presilhas do meu cinto, eu recuo.

Não. Não preciso dela no controle – preciso do controle, de algo em que me agarrar enquanto estou girando.

Eu mudo nossa posição, deixando seus ombros baterem no ladrilho enquanto deslizo a mão para a pele macia da parte interna de sua coxa, deslizando um dedo ao longo da linha de seu short de *spandex*, pressionando com força, exigindo beijos em sua boca, pescoço, no local atrás da orelha dela.

— Eu sei que você gosta de ter o controle — eu sussurro, pressionando meus lábios contra a pele de sua bochecha. — Mas eu não sou um garoto que você está usando tentar não sentir nada; você vai sentir tudo comigo. — Meus dentes apertam o lóbulo de sua orelha, apenas um beliscão antes de interromper seu gemido com outra pressão forte da minha boca na dela.

Ela segue meu exemplo facilmente, lutando comigo pelo domínio mesmo assim.

Eu caio de joelhos na frente dela, dando beijos em sua barriga, coberta com aquela maldita camisa Waterfell que só alimenta minhas fantasias dela em uma camisa que parece quase idêntica, exceto pelo meu nome nas costas.

Pouco antes de eu poder avançar mais, a mão dela agarra meu queixo e inclina minha cabeça para trás.

— Estou exausta — ela confessa, relaxando contra os azulejos e olhando para mim, enquanto nossa respiração ainda falha, as mãos percorrendo o corpo um do outro. — Rhys, estou treinando há horas. Eu deveria tomar banho...

— Ótimo. Tenho energia suficiente para nós dois. — Viro minha cabeça em sua palma e dou um beijo de boca aberta ali. — Apenas relaxe e deixe eu cuidar de você.

Coloco minhas mãos por baixo da longa blusa dela, as pontas dos dedos dançando ao longo da parte superior de seu short.

— Diga para mim, Gray. O que você quer?

Seus olhos brilham, percebendo por um momento que farei tudo o que ela me disser.

— Eu quero que você me chupe.

Um gemido sai da minha garganta antes que eu possa pará-lo.

— Graças a Deus — eu sussurro, puxando seu short até que ele se acumule em torno de seus tornozelos. — Você confia em mim?

Suas sobrancelhas franzem, os dentes soltando seu lábio inferior.

— Para me comer? Eu acho que sim. — Seu tom ainda é atrevido, mas cheio de uma sofreguidão distinta, uma névoa de desejo tomando conta de seu rosto.

Uma parte de mim — distintamente o velho Rhys — quer parar nessa resposta, forçar-me a me afastar dela até que ela possa dizer sim. Confiança e sexo são a mesma coisa, especialmente para mim.

— Por favor.

Eu estou acabado por essa garota.

— Ok, Sadie Gray — eu sussurro, antes de levar minhas mãos aos joelhos dela e separá-los ligeiramente.

DEZOITO

Sadie

Suas mãos parecem fogo ao longo da minha pele fria e nua, cada pedaço gelado de mim derretendo enquanto ele passa os dedos sobre cada pedaço meu.

Eu não deixo os caras com quem fico me comerem. Não são muitos os que oferecem. Principalmente porque, para o que eu quero, é uma perda de tempo. E geralmente não é bom – não o suficiente para fazer a intimidade valer a pena.

Meu coração está acelerando.

Ele alcança a tira fina da minha calcinha sem costura enquanto enrola os dedos em torno do tecido e o puxa com força, de modo que uma explosão de pressão acende contra o meu clitóris. Isso me surpreende tanto que grito, antes que ele a puxe para baixo sobre meus quadris, puxando-a mais devagar quando chega aos meus tornozelos.

Seus olhos estão ardentes, olhando diretamente para os meus enquanto ele tira meus pés de cada buraco de perna, seu aperto quente em cada tornozelo. Cada grama de confiança que normalmente sinto nesta situação se transformou em nada além de vulnerabilidade.

Ele pode ser quem está de joelhos, mas é ele quem está no controle.

Quero tocá-lo, mas não tenho certeza por onde quero começar.

Ele levanta as mãos, uma delas agarrando meu quadril com uma pressão sólida. A outra flutua suavemente, quase reverentemente, contra o pele da parte interna da minha coxa quando ele finalmente desvia meu olhar e olha para minha boceta nua.

— Porra, Gray — ele sussurra e posso sentir sua respiração contra

a pele excessivamente sensível bem ali. — Isto é para mim? — Ele sorri, todo arrogante e convencido, um lampejo daquele capitão de hóquei famoso que sei que ele pode ser quando quer.

Eu bufo.

— É mais fácil manter depilado para meus figurinos. — Tento usar as palavras para construir um muro porque tudo com esse garoto já parece perigoso, como se eu estivesse suspensa em uma corda bamba, com a ameaça de me apaixonar por ele permanentemente iminente.

Ele me cala ao mergulhar o polegar na sua própria boca antes de brincar levemente ao longo da minha fenda.

— Não foi isso que eu quis dizer — ele diz. Ele afasta a mão para me mostrar.

Estou quase pingando, vergonhosamente molhada, considerando que ele não fez nada além de me beijar. Mas ele é lindo, uma confusão da imagem perfeita que ele já teve antes.

O pânico desapareceu dele, as mãos firmes e os olhos brilhantes, mas isso o torna mais bonito. Seus olhos castanhos parecem mais quentes mesmo sob a luz amarela dos chuveiros. Ele parece igualmente grande, suas coxas grossas esticadas contra a calça de moletom cinza e uma protuberância que me distrai o suficiente para que eu vire a cabeça. E aquelas malditas covinhas em plena exibição. Ele é uma mistura de excitação infantil e autoconfiança viril enquanto desliza minha coxa facilmente sobre um ombro largo.

Estou totalmente exposta, minha pele ficando rosada sob o calor repentino e sufocante da sala e de sua atenção.

— Tão linda — ele sussurra. Antes que eu possa tentar qualquer resposta, ele lambe uma faixa molhada ao longo da minha fenda, passando a língua levemente contra meu clitóris e depois puxando para trás para soprar levemente.

— Merda — eu choro, mordendo meu lábio porque meu controle está escorregando.

Ele olha para mim, os olhos semicerrados, mas queimando como chocolate quente.

— Isso é tudo que é preciso? — Ele provoca, mas há uma pergunta em seus olhos.

A resposta sai antes que eu possa pará-la.

— Eu normalmente não faço isso.

— O quê? Ficar no banheiro? — Ele sorri para mim novamente, os olhos brilhando. — Engraçado, toda vez que coloquei minha boca em você foi no banheiro.

É agora, quando ele está tão relaxado, que posso ver a brilhante estrela cadente que é Rhys Koteskiy.

Isso vai queimar. Ele vai me queimar.

Exceto que eu não me importo. Vou deixá-lo me queimar se continuar me tocando assim.

Balanço a cabeça, inclinando-me para trás enquanto ele pressiona o nariz na carne pálida da minha boceta, logo acima de onde eu mais preciso dele.

— Por favor — imploro, odiando-me por isso, mesmo enquanto minhas pernas tremem sob suas mãos.

Ele lambe outro longo golpe, antes de circular meu clitóris.

Meu Deus, vou derreter no chão. Meu corpo inteiro está em chamas e já estou vergonhosamente perto. Continuo evitando olhar para ele, minha cabeça inclinada para trás contra o tijolo.

— Isso é exatamente como eu imaginei. — Ele inspira, quase como se não quisesse dizer isso.

Minha cabeça se inclina em direção a ele com um sorriso malicioso em meus lábios – como se eu pudesse recuperar o controle.

— O quê? Um vestiário sujo?

Ele solta uma risada, seus olhos brilhando com malícia enquanto

ele pressiona toda a boca no meu clitóris, chupando com força.

— Porra — eu suspiro.

Eu escorrego um pouco, o suficiente para que minhas mãos o alcancem, antes de afundar em seu cabelo castanho macio. Minhas unhas raspam um pouco seu couro cabeludo enquanto ele me circunda em algum padrão de feitiçaria que me deixa ofegante como se estivesse debaixo d'água e estivesse apenas emergindo da superfície.

Ele geme, sacudindo minha coxa mais alto, logo acima de seu ombro. Suas grandes mãos estão me segurando quase completamente fora do chão, meus dedos dos pés lutando e meus sapatos rangendo enquanto eu me contorço.

Uma mão ainda fundida na minha bunda, apertando a cada poucos momentos, ele pega a mão direita e gentilmente me separa, deslizando um dedo em mim. Eu grito, alto demais, mas ele deixa um ruído de satisfação sair de sua boca macia contra meu clitóris. Eu estremeço, mas ele me firma, deslizando outro dedo, acelerando os lábios e a língua para contrastar com o toque firme e lento de seus dedos.

Ele os enrola, só um pouco, e cometo o erro de olhar para ele.

Seus olhos castanhos estão brilhando, fixos intensamente em meu rosto, observando cada movimento meu. E então ele sorri, deixando-me ver apenas uma maldita covinha.

Eu gozo como um foguete.

— Já? — Ele brinca, enquanto eu pulso em torno de seus dedos, apertando-os. Meu sapato range novamente contra o piso abaixo de mim quando ele me coloca de volta no chão. Então, em ambos os pés, depois ele beija suavemente a parte interna da minha coxa enquanto a puxa do ombro. — Fodidamente perfeita. Tão bonita.

Um nó fica preso na minha garganta.

Ele ainda está de joelhos, suas mãos gentilmente na curva das minhas panturrilhas. Suas mãos encontram minha calcinha descartada

e, depois de me ajudar a vesti-la, ele a puxa para cima das minhas pernas.

Meu coração dispara quando ele dá outro beijo no tecido, este mais reverente do que sensual e odeio o jeito que isso me faz doer. A pergunta: “*Você quer voltar para casa comigo?*” quase se derrama dos meus lábios. Sinto-me vulnerável, desfeita e, de alguma forma, mais cheia de sentimentos do que antes – não o vazio e a restrição habituais que sinto depois de um encontro.

Perigo, meu cérebro repete, mas meu corpo está pronto para derrubá-lo no chão.

Então, depois que ele me ajuda com meu *spandex*, deslizando-o lentamente sobre minhas pernas, alisando as palmas das mãos sobre a pele coberta e descoberta, agarro seus pulsos e o puxo para ficar de pé. Pronta para retomar o controle. Pronta para...

Ele levanta a mão, o pulso ainda preso na minha, e pressiona os dedos na boca.

Seja qual for o barulho que sai dos meus lábios, algum tipo de gemido no fundo da minha garganta, deixa minhas bochechas escarlate. No entanto, não consigo desviar o olhar enquanto ele tira os dedos longos dos lábios inchados.

Ele é tudo.

A maneira como penso nele me assusta. Preciso de distância antes que isso realmente doa. E ainda...

— Devíamos fazer mais isso.

Seu sorriso é como ouro fiado.

— É?

— É — Repito, sentindo-me um pouco como se estivesse fluuando. — Sim, na verdade, acho que seria bom para nós dois. Você precisa de uma distração e eu preciso de... alívio.

Algo morre em seus olhos, suas covinhas desaparecem. Sinto um

pouco de dor no peito, mas ignoro.

— O que você quer dizer exatamente?

Dou de ombros e toco a barra da minha camisa.

— Tipo... ficar? A menos que você não...

Sua mão se levanta para me parar.

— Amigos coloridos. É isso que você está sugerindo.

Eu concordo.

— Eu realmente não... — Ele para, parecendo estar envolvido em algum tipo de batalha mental. — Deixa pra lá, não vou perder minha chance. Sim.

— Sério? — Eu sorrio brilhantemente.

Ele imita.

— Se é isso que você quer, Gray, então sim.

Ele beija minha testa ao sair, com um silencioso “me liga” pressionado contra minha pele.

DEZENOVE

Rhys

— Você está bem, capitão?

É uma pergunta difícil de responder, mas Freddy parece preocupado – caramba, todo o vestiário parece apreensivo. Quero dizer que não, mas a tensão já está forte e eu sei, como capitão, deveria estar neutralizando a situação, e não piorando.

Hoje é nosso último treino antes do nosso primeiro jogo de exibição, fora de casa contra uma pequena faculdade em Vermont, cujo treinador é próximo do nosso – o que prevejo ser parte do motivo pelo qual o jogo será tão cedo em nossa pré-temporada.

É também o nosso primeiro treino com o nosso novo defensor.

As notícias se espalharam rapidamente, graças principalmente às bocas grandes de Freddy e Holden, o que tornou muito mais fácil para mim bancar o ignorante e me afogar em Sadie.

Nada mais aconteceu ainda, apenas beijos rápidos no meu carro, mãos pressionando a roupa ou a pele, nós dois desesperados por alívio. Alguns dias, nós apenas patinamos. Alguns dias não chegávamos ao vestiário, nos tocando de forma intensa e áspera no porta-malas largo de seu jipe, por cima do cobertor que ela me disse ser para “emergências de cinema *drive-in*”.

Quando eu disse a ela que nunca tinha ouvido falar de tal coisa e nunca tinha ido a um cinema *drive-in*, ela pareceu profundamente magoada e eu ri mais alto do que em meses, um sorriso esticando minha pele até minhas bochechas doerem.

Então, depois da aula naquela noite, ela me encontrou do lado de fora do dormitório e exigiu que pegássemos o carro *dela*. Ela dirigiu, o

que ela sempre pede para fazer, e eu me pergunto se é porque ela se lembrou de como eu deixei escapar minha nova ansiedade ao dirigir naquele dia.

Entramos em um cinema *drive-in*, para minha surpresa, dando ré e abrindo o porta-malas novamente para ficar ali deitados. Comprei dois hambúrgueres e uma infinidade de doces provavelmente vencidos de uma adolescente no único estande de concessão, depois ri e falei e mal olhei para a tela distorcida e tremeluzente do filme duplo, absorvendo cada pedaço dela como água na grama depois de um período de seca.

Ela me disse no final que não era um encontro.

Mas eu não me importei; parecia *um*. E nós nem tínhamos nos beijado nenhuma vez.

É fácil fingir quando somos só nós, que talvez ela seja completamente minha. Minha namorada. Que eu poderia convencê-la a ficar em meus braços repetidas vezes, de alguma forma contrabandear minha camisa para seu corpo, suborná-la para torcer por mim e ficar nos assentos frios da arquibancada porque ela quer mostrar a todos que sou dela.

E eu quero ser dela, quase mais do que quero que ela seja minha.

— Tem certeza que não quer dizer nada antes? — Freddy pergunta, investigando minha falta de resposta.

Bennett encolhe os ombros, tirando a almofada da perna.

— Para quê? Todo mundo sabe que ele está vindo. Todo mundo aqui apoia Rhys.

— Com certeza. — Holden assente.

Eu balanço minha cabeça.

— Ele será seu parceiro, Dougherty. Não há razão para não aproveitarmos todas as vantagens que temos este ano.

Nós vamos para o *Frozen Four*. E nós vamos vencer — um

jogador não vai mudar isso.

A porta se abre, fechando-se atrás da figura corpulenta de Toren Kane.

Ele não olha para ninguém, com os olhos baixos enquanto caminha até seu cubículo designado ao lado de Holden, jogando sua bolsa de equipamentos no chão e começa a se trocar.

Além da primavera passada, através da grade do meu capacete, eu só o vi através de fotos no *Elite Prospects* no mesmo complexo de ensino médio espalhadas pela Internet durante o auge de seu escândalo anos antes.

Os jogadores de hóquei, em geral, tendem a ser mais altos – a maioria tem pelo menos um metro e oitenta ou mais. Altura e tamanho são uma vantagem tão grande quanto a velocidade e a habilidade.

Ainda assim, Toren Kane é alto – não tão corpulento quanto o largo Bennett, mas quase; provavelmente chegando perto de 1,98m. Como capitão, seu tamanho e físico obviamente afiado deveriam me deixar feliz por tê-lo na primeira linha de defesa, na frente de Bennett.

Mas a única coisa que sinto é ódio – uma fonte estranha e indesejada dele.

O silêncio no vestiário é ensurdecedor, todos fingem não nos observar, os olhos oscilando entre nós.

— Kane — eu chamo, ganhando algum controle sobre o tsunami dentro de mim. — Nós deveríamos conversar.

Ele pisca os olhos para mim rapidamente, antes de tirar a camisa e pegar uma camiseta Dri-Fit da bolsa.

— Não podemos fingir que nada aconteceu. Se você quiser fazer parte desse time, temos que conversar.

Eu odeio isso. Odeio ter que ser o homem mais maduro aqui, quando foi ele quem estragou tudo, mas estou tentando. Afundo no entorpecimento, esperando que a coisa que mais odeio me impeça de quebrar os dentes dele e bagunçar tudo.

Kane me encara, puxando a camisa sobre o abdômen e sacudindo o cabelo preto úmido.

— Nada para falar, Koteskiy. Apenas supere.

Meus punhos cerram, meu corpo se inclina em direção a ele. *Lá se foi a dormência.*

— Você está maluco?

Freddy bufa, vindo para ficar ao meu lado.

— Comprovadamente, pelo que ouvi.

Há um ligeiro aumento na tensão no ombro de Kane enquanto risadas ecoam pela sala. Lembro-me de que as notícias que cobriram o incidente o chamaram de psicopata, que ele não demonstrou nenhum remorso, apenas repetiu o mesmo sentimento indefinidamente.

— Foi um golpe limpo — diz ele.

— Besteira.

— Ele é maluco.

— Golpe limpo, minha bunda!

Um coro de apoio e descrença ressoa atrás de mim.

O peso das palavras que quero dizer – mas não consigo – parece sufocante, e por um momento sou Atlas. Pronto para tirar todo o peso do mundo dos meus ombros, mesmo que isso signifique apenas um minuto de alívio.

Ainda assim, recuso-me a arrastar qualquer um deles para baixo. Recuso-me a ver piedade em seus olhos ou, Deus me livre, suas risadas à custa da minha dor; sua descrença na minha capacidade de liderá-los, mesmo que eu mesmo tenha perdido essa crença. Como qualquer um deles admiraria um capitão e confiaria em mim para liderá-los, se soubessem que a cada segundo no gelo estou travando uma guerra interna?

— Golpe limpo? — Freddy pula, cruzando os braços enquanto dá um passo à frente. — Seu próprio time, diabos, seu *próprio treinador*,

queriam que você fosse expulso.

— Os árbitros disseram que foi limpo. Eu não fiz nada. Cresça, porra.

Bennett resmunga com isso, sua voz ainda baixa, mas estrondosa no vestiário porque é raro ele realmente falar.

— Assuma alguma responsabilidade por si mesmo.

O rosto bronzeado de Kane fica vermelho de raiva, seus olhos se estreitam enquanto ele nos observa, percebendo que está encurralado.

— Não estou aqui para lutar. — Ele sorri. — Fora do gelo, claro. Só estou aqui para jogar hóquei. — Ele encolhe os ombros novamente, continuando a desfazer as malas e a ficar confortável.

Algo na casualidade disso, como se ele não tivesse encerrado minha temporada, ou não pudesse facilmente ter acabado com minha vida, me inflama.

Eu disparo para frente, batendo minhas mãos em seu peito, derrubando-o de volta em seu armário e batendo sua cabeça contra a prateleira de cima.

— Esta é a porra do meu time. Mostre algum respeito.

— Vá se foder — ele zomba, sorrindo de novo como se estivesse me desafiando a realmente bater nele.

Eu bato meu punho em seu rosto como uma reação instintiva. Ninguém vai me parar ou me puxar de volta. No mínimo, eles participarão. Esta é a minha equipe.

Você tirou tudo de mim.

— Basta.

A única voz que pode impedir isso não está crescendo; é suave e firme como só o treinador Harris consegue ser.

Levo um momento para perceber que ainda estou atrelado a Toren Kane, as mãos agarradas em sua camisa enquanto ele apenas sorri com um fio de sangue deslizando sobre os dentes brancos, lábios

e queixo.

— Solta ele — diz Bennett. — É inútil lutar assim.

Sigo as instruções de Ben, o contrário de como foi entre nós por tanto tempo, deixando que ele me leve embora.

O técnico Harris fica no centro do vestiário, prendendo nossa atenção com facilidade, como sempre faz. Até, eu noto, a de Toren Kane.

— Eu sei que há muitas emoções aqui agora, mas se controlem. Descontem no gelo; não um no outro. — Ele olha para mim e suspira. — Toren faz parte desta equipe agora, e espero que você aja corretamente e o trate como qualquer outro membro desta equipe. O que quer que você precise fazer para chegar a esse ponto, eu não me importo. Só não faça essa merda no meu gelo ou no meu vestiário. Inferno, em nenhum lugar do meu maldito complexo. Estou compreendido?

— Sim, senhor — todos concordamos.

— Será um longo treino. Deem o fora daqui.

VINTE

Sadie

Sucumbir ao Rhys é como imagino que seja sucumbir a um vício.

Tudo com ele parece mais fácil. Esta não é a primeira vez que tenho algum tipo de acordo de amizade colorida com alguém, mas é a primeira vez que me sinto assim. Antes era tudo só para me livrar do fervor dentro de mim, uma forma de exercício e alívio. Com Rhys, esperar mais de um *dia* para vê-lo novamente, tocá-lo, parece uma tortura.

Estou dividida entre amar a sensação de estar com ele e odiar o quanto amo a sensação de estar com ele.

Sem falar que o homem come minha boceta como se fosse a porra do *trabalho dele*.

Mesmo atualmente, enfiado em um armário antes de todos os pais das turmas de “Aprenda a Patinar” terem desocupado o prédio – quando faria mais sentido logístico para mim estar de joelhos para ele – ele me deixou meio içada no ar, seu rosto pressionado entre minhas coxas enquanto meus tornozelos nus cravam nos músculos de suas costas.

Estou à beira, posso *sentir* minhas pernas começando a tremer, quando ele se afasta e eu quase lhe dou um tapa enquanto minhas mãos agarram seu cabelo sedoso para empurrá-lo de volta onde eu mais preciso dele.

— Que diabos, campeão? — Eu suspiro, a voz choramingando tanto quanto tento torná-la dura. — Estou tão perto.

— Meu aniversário é na próxima semana — diz ele, como se agora fosse o momento perfeito para ter essa discussão.

— Feliz aniversário — rosno, agarrando seu couro cabeludo com um pouco mais de força, o que só o faz sorrir.

— Obrigado — ele suspira, dando um beijo na parte interna da minha coxa que me faz lutar contra a parede novamente porque estou tão perto que ele poderia *respirar* um pouco mais forte no meu clitóris e eu entraria em combustão. — Mas imaginei que você poderia me dizer isso no próprio dia.

Meu estômago embrulha um pouco quando percebo o que ele está pedindo. E ainda assim, meu corpo traidor ainda está reagindo como se este homem não estivesse segurando meu orgasmo sobre minha cabeça como uma cenoura.

— Rhys. — Eu respiro.

Ele lambe um golpe sólido e forte contra minha boceta e eu solto outra maldição.

— Se você quiser gozar — ele ameaça, sua voz caindo quando vejo a escuridão que ele está sempre tentando conter, sangrando nas bordas de sua personalidade de menino de ouro. — Então você concordará agora mesmo em estar lá, como meu presente de aniversário, se isso tornar as coisas menos sérias para você.

Eu mal consigo registrar suas palavras porque ele as está *respirando* na minha boceta, olhos castanhos escuros vidrados e semicerrados, olhando para mim. Aquela covinha teimosa puxando seu sorriso torto.

— Por favor, Rhys.

— Preciso de uma resposta, Gray. Então você pode ter o que quiser.

Fecho os olhos com força, tentando inutilmente apagar a imagem dele de joelhos que está gravada para sempre em meu cérebro. Eu não deveria. Eu *realmente* não deveria, porra. Mas...

—Tudo bem — eu lamento. — Ok, ok, ok. *Por favor.*

Ele ri e dá um beijo forte no meu clitóris, antes de se inclinar

para trás.

— Essa é minha garota. — Ele sorri, antes que sua mão que estava apoiada na minha coxa de repente pressione dois dedos direto no meu centro gotejante.

Eu gemo, alto e desesperadamente – alto demais para onde estamos escondidos, mas não me importo. Mal leva um minuto de sua atenção total novamente para tirar o orgasmo de mim, meu lábio machucado enquanto eu mordo com força suficiente para romper a pele enquanto todo o meu corpo entra em combustão.

Desço do alto e caio contra a parede enquanto ele cuida de mim com tanta delicadeza que faz um nó se formar na minha garganta. Fazemos essa dança todas as vezes. Ele, muito doce, carinhoso e gentil. E eu, afastando seu abraço com alguma desculpa tímida para ir embora enquanto tento fingir que não vejo a tristeza aparecendo novamente em seus olhos.

Desta vez, não digo uma palavra, beijando ele com força e mordiscando levemente seus lábios enquanto carrego meus patins descartados para fora.

Ele segue rapidamente atrás, tirando os patins em velocidade recorde e seguindo atrás de mim. Jogando a bolsa no ombro, ele chega perto o suficiente para bater no meu ombro.

Não posso ignorá-lo completamente. Nossos carros estão estacionados um ao lado do outro.

— Então, você vem? — Ele pergunta, e eu me sinto como se estivesse jogando um cachorrinho no lixo se eu o rejeitar agora.

— Sim. — Concordo com a cabeça quando chegamos aos nossos carros no terreno baldio. — Sim, vou... vou tentar.

Ele sorri e acena com a cabeça, ficando na ponta dos pés. Mesmo com minha resposta um pouco evasiva, ele ainda está tão animado como se eu tivesse aparecido com um *banner* e balões.

— Ver você será a melhor parte do meu aniversário. — Ele sorri

um pouco timidamente, como se não quisesse dizer isso. Então esfrega as costas de seu pescoço e se despede rapidamente de mim antes de entrar em seu carro.

E, como sempre, ele espera até meu carro dar a partida e dirige para me seguir para fora do estacionamento.



Quase não apareço.

Mas cerca de duas horas depois da festa que ele me mandou uma mensagem no início da semana, eu apareço na *Hockey House*¹⁵, sentindo-me um pouco ridícula por estar *tão* desarrumada – meu vestido de seda cinza com uma jaqueta de couro enorme – para aparecer *tão* tarde.

Verifiquei meu batom duas vezes antes mesmo de sair do carro, mas faço isso mais uma vez agora na tela do meu celular; usando uma camada de maquiagem mais pesada do que costumo usar, mas é uma ocasião especial.

É mesmo? Então Rhys é especial?

Afastando os pensamentos conflitantes sobre o triste capitão de hóquei que constantemente atormentam meu cérebro, atravesso a porta entreaberta e entro na multidão aglomerada de pessoas. Alguns eu reconheço, outros não.

Mas definitivamente não vejo Rhys Koteskiy.

Voltando para a cozinha depois de uma varredura completa no andar de baixo, vejo pelo menos dois rostos familiares, Freddy e Bennett – ambos olhando para mim com desagrado enquanto entro.

— Matt. — Eu cumprimento. — Ei, vocês viram o Rhys?

— Olha quem finalmente decidiu aparecer. — Matt engole o resto do que está em seu copo vermelho. — Um pouco tarde para ele, na verdade.

Eu franzo a testa, brincando com a bainha do meu vestido um pouco constrangida, sentindo-me menor mesmo com os sete centímetros de salto proporcionados pelas minhas botas pretas.

Bennett não fala, mas parece desconfortável enquanto evita meus olhos de sua posição no banco do bar, ombros enormes curvados para dentro enquanto ele lentamente retira o rótulo da garrafa de cerveja que está bebendo.

— Eu sei que estou atrasada. Mas preciso falar com ele.

Matt zomba, com as bochechas coradas o suficiente para que eu possa dizer que ele está um pouco mais relaxado com suas reações.

— Não vai acontecer. Vá embora.

— Freddy — Bennett responde, seus olhos se voltam para mim brevemente antes de se voltarem para seu companheiro de equipe. — Pare com isso.

— Não. — Matt esmaga o copo vermelho em suas mãos, jogando por cima do ombro em um arco perfeito na lata de lixo, o que atrai aplausos inoportunos dos caras ali reunidos.

O playboy do campus parece furioso — uma expressão que não estou acostumada a ver em seu rosto de modelo, enquanto ele apoia as mãos no balcão e olha para Bennett.

— Você o viu, Reiner. — Ele ficou olhando para a porra da porta a noite toda esperando por ela. Matt se vira de volta para mim, os olhos escuros enquanto me avalia novamente. — Você já o machucou uma vez esta noite. Considerando o seu histórico, acho que seria melhor se eu a parasse agora. Você não dá a mínima para ele.

Eu não o conheço bem o suficiente para doer tanto, e talvez seja sua conexão com Rhys que faz as palavras caírem como um tapa.

Eu me pergunto o quanto Matt Fredderic divulgou sobre nossos caminhos se cruzarem no semestre passado. Quantas vezes ele me viu levar um de seus amigos atletas ao banheiro em uma das festas em casa, ou me sentar no colo de alguma estrela de futebol só para não

sentir nada. Mal me lembro do semestre passado, estava fora de controle e desesperada para não sentir tanto de uma vez.

Este ano é diferente. Rhys é diferente.

— Se eu não desse a mínima para ele, Matt, acho que você saberia. Mas isto não é como no semestre passado. — Eu empurro as palavras com os dentes cerrados, odiando a vulnerabilidade de tudo isso. Meus olhos piscam para Bennett por um momento, mas ele é apenas um estóico. — E Rhys é... diferente.

— Por favor. — Matt bufa, revirando os olhos.

A fúria sobe pela minha espinha.

— Eu amo sexo tanto quanto você, *Freddy*, e isso não é um maldito crime só porque sou uma garota. Mas *garanto* que me importo mais com Rhys do que você *já* se importou com uma garota em quem colocou seu pau.

Agora é Matt quem parece ter levado um tapa, um pouco atordado.

— Ele está no quarto dele — Bennet interrompe, sacudindo um pouco o ombro.

Vou embora antes de qualquer um deles tente mudar de ideia e me impedir.

Pelo que me lembro, nunca estive na *Hockey House* — e definitivamente não enquanto Rhys Koteskiy era um de seus habitantes. Mesmo assim, encontro o quarto dele à primeira vista, com um pôster 51 colado na parede e assinado por todos os seus companheiros de equipe. Olho um pouco mais de perto e vejo que todas as assinaturas estão marcadas com “*fique bem logo*” ou “*estou pensando em você*” ou “*você é mais forte que isso*”.

“*Ó capitão, meu capitão*” escrito em tamanho maior e assinado por Matt Fredderic em uma caneta que parece ridícula perto do tamanho de todos os outros.

Levanto a mão e bato levemente na madeira.

— Pela última vez, Freddy... — Ele bufa, lançando sua voz como se estivesse longe da porta. — Eu sabia que ela poderia não vir, ok? Você tem razão. Foi estúpido da minha parte pedir.

Minha testa franze e eu bato novamente enquanto ele ainda está falando.

— Ela não é minha...

Ele abre a porta no meio da frase, furioso enquanto procura o culpado da batida e só me encontra.

— ...namorada.

VINTE E UM

Rhys

Ela é tão linda que sinto cada grama de raiva dela desaparecer quanto mais olho para ela.

Sadie Gray está na minha casa, na porta do meu quarto, parecendo todas as fantasias que já tive, enrolada em um laço de seda.

— Oi — eu sufoco, com a garganta rouca enquanto meus olhos examinam a extensão de suas pernas pálidas, do joelho até o corte alto de seu vestido de seda muito curto. Já toquei naquela mesma seda antes, percebo, e há uma parte obscura e possessiva em mim que se aquece ao vê-la.

— Desculpe pelo atraso — diz ela, e percebo que estou sorrindo como uma idiota.

Engulo de volta a insistência imediata que quero fazer, de que está tudo *bem*. *Não se preocupe, estou feliz que você esteja aqui.*

Ela poderia ter aparecido com uma camisa que diz “*PARE DE TENTAR, CAMPEÃO. NÃO SOU SUA NAMORADA*” e eu ainda ficaria muito feliz em vê-la.

Porque desejo Sadie como um vício.

— Você está aqui agora — é o melhor que posso fazer, porque não quero perder o tempo que tenho com ela com nada além de conforto. Ela me faz sentir quente e sólido, inteiro novamente.

Dou um passo para o lado e estico o braço atrás da cabeça, minhas bochechas ficando rosadas com a leve desordem do meu quarto. Não é bagunçado, mas é bem usado, já que mal saí do quarto esta semana.

A ansiedade tem estado pior. O suficiente para faltar dois dias de aulas, totalmente incapaz de sair da cama. Passei por vários pesadelos, acordando para lavar o suor no chuveiro e lavando os lençóis todos os dias porque estavam encharcados.

Mas agora tudo parece parado. E ver Sadie parada no meio do quarto, tirando a jaqueta de couro e pendurando-a na cadeira da minha escrivaninha, há uma correção inata nisso. Como se ela finalmente estivesse onde deveria estar.

Aqui. Comigo.

— Feliz aniversário, campeão — ela diz, mas há um tom de desculpas em sua provocação geralmente inflamada. Isso acaba com o ressentimento persistente até que eu quero jogá-la na cama e empurrar aquela seda até sua barriga.

Eu me pergunto se ela percebe que é a música *dela* tocando suave e baixo através do meu som *surround*, *The Neighbourhood* cantando “*A Little Death*” no fundo desta fantasia que ganha vida.

— Obrigado. — Eu sorrio, genuíno e pequeno, passando por ela e me sentando na cama. Ela é apenas um pouquinho mais alta do que eu assim, os saltos de suas botas, couro preto que não vou conseguir tirar da porra da minha cabeça de agora em diante, dão a ela uma altura adicional. Ela fica entre minhas pernas, segurando uma pequena sacola atrás das costas que a vi tirar do bolso da jaqueta.

— Eu trouxe uma coisa para você.

A outra mão dela agarra a minha pela coxa, antes de colocar a sacola na minha mão. Puxo a fita para abrir o plástico, despejando o conteúdo na palma da mão.

Um disco de hóquei preto e uma pulseira elástica. Aperto o disco de hóquei na palma da mão, observando-o ceder e saltar.

— É, hum... uma bola anti-stress. Tipo, você aperta e isso ajuda a distrair seus pensamentos ou centralizá-los? Meu irmão tem uma e isso ajuda com a ansiedade dele — diz ela, encolhendo os ombros e prendendo o cabelo para trás novamente.

— Isso é... isso é muito legal — eu digo, sentindo-me idiota quando as palavras saem dos meus lábios. É mais do que isso. É *tudo*. É um pedaço de mim que só ela tem a chave. É a aceitação de mim como sou, pela única pessoa que importa neste momento. — E a pulseira?

Ela ri enquanto eu puxo a pulseira de contas azuis e cinza para inspecioná-la, onde pequenas contas em letras maiúsculas soletram *campeão*.

Uma risada explode em mim e eu a coloco imediatamente.

— É uma piada.

Não para mim, quero dizer. Eu nunca vou tirar isso.

Em vez disso, eu a envolvo em meus braços e a puxo para meu colo com um gemido.

— É hora de mostrar meu agradecimento, certo? — Eu pergunto, respirando levemente em seu ouvido e dando beijos logo abaixo dele. — Deite.

Ela me empurra rápido demais e eu luto por ela, mas ela escapa das minhas mãos.

— Tire suas calças.

Estou de pé antes mesmo de pensar nisso, olhando para ela enquanto ela preguiçosamente se apoia nos cotovelos na cama. Ela, assim mesmo, com a alça fina caindo de seu ombro sardento, puxando o tecido cinza o suficiente para que eu esteja perto de ter um vislumbre de seu mamilo rosado e empinado.

Minha boca enche de água quando ela estende a mão e puxa todo o cabelo para o alto, esfriando o pescoço, antes de deixar os fios escuros se espalharem por sua pele.

Puxo minha calça jeans até os tornozelos, saindo dela sem tropeçar enquanto me recuso a tirar os olhos dela por um segundo. Suas mãos hesitam apenas uma vez, seus dedos se curvam na parte superior da minha cueca boxer e ela olha para mim em busca de

segurança.

Eu aceno como uma porra de um boneco gemendo quando ela a puxa para baixo para esticar sobre minhas coxas e libertar meu pau.

— Oh. — Ela respira, seu rosto tão perto que posso sentir. Meus quadris flexionam involuntariamente, e ela gagueja o movimento enquanto sua mão me agarra pela base.

— Você é... muito grande. — Ela cora, e é a primeira vez que a vejo parecer intimidada.

Não sou pequeno, mas ela é trinta centímetros mais baixa que eu e tão pequena que me faz parecer enorme em sua mãozinha. Delirante demais para falar, apenas aceno com a cabeça.

— Eu nunca... quero dizer, os caras com quem estive...

Minha mão segura seu queixo com força, o ciúme fervendo em minhas entranhas com a sugestão.

— Termine essa frase, eu te desafio. Garanto que desta vez será você de joelhos, não eu.

A leve ameaça e meu aperto forte parecem acordá-la de sua timidez.

Ela morde o lábio e cai de joelhos na minha frente com um sorriso sensual.

— Você está agindo como se esse não fosse o plano o tempo todo.

Sem aviso, ela me leva fundo, e minha respiração falha em um gemido de maldição, minhas mãos agarrando seu cabelo porque sinto que meus joelhos vão ceder.

Quando recupero o equilíbrio, olho para baixo e vejo sua atitude perversa ainda brilhando através dos olhos cinzentos de gato, lacrimejantes e ainda fixos em meu rosto.

Eu vou gozar muito rápido.

Isso, ou dizer a ela que a amo ou algo pior.

Então eu a afasto de mim, tentando não me concentrar na maneira como a saliva escorre de sua boca e em seus lábios ainda perfeitamente coloridos. Ver a mancha de batom dela na porra do meu pau me faz apertar a base para me acalmar.

Empurro-a de volta para a cama, cobrindo seu corpinho com o meu enquanto puxo aquela seda entre meus dedos, empurrando-a até sua barriga para segurar sua boceta.

— É meu aniversário, então posso escolher meu presente, você não acha?

Seus olhos estão vidrados, toda a luta da minha patinadora impetuosa desapareceu. Seu corpo sempre relaxa sob meu toque, e isso me enche tão plenamente de satisfação e posse que tenho que sufocar a vontade de bater no meu peito.

Puxo as alças de seus ombros para baixo, vendo seu peito descoberto para mim. Sem sutiã, a pele corada até os malditos mamilos. Minha boca os procura primeiro, lambendo e chupando suavemente, quase provocando de uma forma que a deixa louca.

Para uma garota tão feroz, ela prospera com um toque mais suave.

Seu corpo estremece e eu agarro sua cintura nua com um pouco mais de força em minhas mãos.

— Hum. — Eu cantarolo contra sua pele. — Você gosta disso, Gray?

Ela balança a cabeça e eu agarro seu queixo novamente, me afastando para olhar para ela.

— Diga — eu imploro.

Em vez disso, ela tira a mão do lado do corpo, lambendo a palma e se abaixando para agarrar meu pau.

Eu instintivamente empurro seu punho, choramingando em seu pescoço enquanto ela me trabalha.

Porra. Porra. Porra.

Ela cantarola um pouco mais alto e meus olhos se abrem para olhar para ela, tão pequena abaixo de mim e ainda assim em total controle novamente.

— Você gosta disso, campeão? — Ela provoca e eu gemo.

Isso. O embate para ter controle. *Deus*, eu a quero para sempre.

— Você está me matando, Gray — eu rosno, levantando-a. Já estou tão perto e ver sua pele corar enquanto ela me dá prazer só piora as coisas. Seus olhos estão brilhando, um pequeno sorriso aparecendo no canto de sua boca vermelha.

Eu a beijo, forte e insistente enquanto nós dois gememos na boca um do outro com o contato. Sua língua não perde tempo em se enroscar na minha até que ela esfrega a mão sobre a cabeça do meu pau e eu me afasto com um suspiro.

Seus lábios descem pelo meu queixo e espero que ela deixe uma marca em mim.

Como se para realizar meu desejo de aniversário, os dentes de Sadie afundam na pele da base do meu pescoço com uma pequena mordida e eu gozo com força, estrelas brilhando atrás dos meus olhos.

Demoro mais do que o normal para descer do alto, mas o faço, caindo de volta no colchão enquanto Sadie empurra meu peso para baixo e sobe em cima de mim. Ouço seus saltos no chão, o som da pia ligando e desligando, e então olho em direção ao meu banheiro para vê-la encostada no batente da porta.

Ela ainda está vestida, as tiras de seda puxadas para trás sobre os ombros, as botas de couro ainda calçadas, enquanto eu estou nu, esparramado na cama.

Meu pau se contorce ao vê-la.

Eu levanto minha cabeça, flexionando meu abdômen levemente enquanto ela caminha em minha direção.

— É *meu* aniversário, lembre-se — digo, com os olhos brilhando.
— E eu ainda quero sobremesa.

Ela se inclina sobre mim e nos beijamos novamente, lento e constante.

— O que você quiser, campeão.

Eu deveria dizer a ela para subir em cima de mim e sentar na minha cara do jeito que venho pensando há semanas.

Em vez disso, digo: — Passa a noite comigo?

Ela congela por um segundo, seu corpo imóvel enquanto ela se acomoda montada em meu abdômen. Posso sentir o calor dela contra minha pele e por um momento quero dizer *deixa pra lá* e arrastar seu corpo para devorá-la.

Mas eu espero, e ela finalmente respira fundo.

— Tudo bem — ela sussurra. — Eu ficarei esta noite.

Eu a faço gozar mais três vezes — como uma recompensa por sua resposta, ou uma prova de por que sou digno de seu tempo — antes de adormecermos nus sob os lençóis da minha cama.

Mas quando meu despertador toca na manhã seguinte, ela se foi e os lençóis estão gelados.

VINTE E DOIS

Rhys

Nada ajuda os tremores em minhas mãos enquanto estou sentado no ônibus durante a última hora de nossa viagem.

Eu fingi ter dormido durante a maior parte do caminho até Vermont, evitando conversar com Freddy à minha esquerda. Enquanto crescia, Bennett sempre foi meu parceiro de assento, o que era perfeito para meu foco.

Isso não mudou em *Waterfell*, apesar do ligeiro desconforto dos nossos corpos enormes enfiados nas cadeiras. Não creio que Bennett pudesse mudar um ritual se fosse necessário.

Freddy aumenta o volume do alto-falante Bluetooth em sua mão depois que o treinador acena com a cabeça, o que significa que estamos perto o suficiente da arena para isso.

Gym Class Heroes começa a tocar, “*Cupid's Chokehold*” reverberando por todo o ônibus e chamando a atenção de todos. Sorrisos para todos os veteranos, interesse confuso despertando os calouros. Ninguém sabe realmente onde a tradição começou, mas a música toca no ônibus nos jogos fora de casa e em todos os vestiários – antes do jogo e depois da vitória. Alguns começam a gritar e cantar junto, enquanto Holden e Freddy começam a bater para frente e para trás, dançando ao redor do ônibus.

Quando eu era calouro, era divertido criar laços, um rápido entusiasmo. Agora, com Freddy e Dougherty, tudo se desenrola como uma produção completa.

— Ele está ficando estranhamente bom nisso — murmuro para Bennett, passando os dedos pela pulseira em meu pulso.

Ele mexe no boné de beisebol e dá de ombros.

— Não é tão estranho. Freddy adora isso.

— O quê?

— Atenção.

Eu rio, mesmo sabendo que Bennett não está tentando ser engraçado. É uma sensação boa por um minuto, como se eu fosse eu de novo.

Só quando estou com todo o equipamento e me enfiando em um armário de equipamentos para esconder os sinais de um episódio que se aproxima é que me lembro que este é meu primeiro jogo de volta.

Porra.

O telefone na minha mão está tremendo, balançando meu corpo.

Eu ligo antes que eu possa pensar duas vezes sobre isso.

— Ei, campeão — ela responde rapidamente, com um sorriso em sua voz que escorre pelo receptor como xarope. — Já está com saudades de mim?

O aperto no meu peito começa a diminuir imediatamente.

— Ei — eu respiro.

Fico em silêncio por um longo momento, antes que sua risada silenciosa queime minha pele e arrepie meus braços.

— Só ligando para respirar no meu ouvido?

— Trabalhando na minha imitação de Darth Vader. — Eu flerto, com uma facilidade que me lembra de antes. — O que está achando?

Ela suspira profundamente, algo farfalhando como se ela estivesse encostando no tecido. Imagino-a na cama, com lençóis cinzentos que imitam a sombra dos seus olhos.

— Não sei. Você não disse nada sobre ser meu papai, quero dizer, pai.

Uma risada explode em meu peito, cheia, surpreendente e me aquecendo completamente.

— Ainda estou aperfeiçoando. É icônico demais.

— Verdade. É melhor focar apenas na respiração.

Há uma certeza silenciosa por trás da piada, o suficiente para que quase pareça que ela está pressionando a mão diretamente no meu peito, como fez antes, me acalmando enquanto me escondo em um depósito de equipamento mofado em pleno funcionamento.

Devo ficar em silêncio por muito tempo novamente, quando ela suspira ao telefone novamente, não condescendente, mas silenciosamente gentil. Como soprar na minha pele superaquecida.

— Tem certeza de que está bem, Rhys?

Quero pedir a ela que diga meu nome novamente, mas consigo me controlar, mordendo os lábios até ter certeza de que há sangue.

— Sim. — Balanço a cabeça, uma risada escapando, reverberando na sala. — Sim. Na verdade, tenho um jogo hoje.

— Seu jogo de exibição contra Vermont.

— Sim. — Eu respiro. Eu amo que ela saiba. — É agora.

— Você vai ficar bem, campeão. Depois de Oliver, você é o melhor jogador que conheço.

Eu rio, o tom descontraído e conversacional de sua voz me acalma.

— É uma boa companhia para se estar.

— Preciso que você jogue seu jogo e ganhe para que possa voltar para o quarto do hotel para mim. Caso contrário, não posso lhe dar sua surpresa.

— Surpresa? — Eu pergunto, me sentindo um pouco como uma criança com a forma como meu coração dispara com a ideia. Como se ela tivesse me prometido sorvete para ser um bom menino.

E farei tudo o que ela disser.

— Sim, mas só se você desligar comigo agora. Ok?

— Tudo bem — eu digo, mas espero ela clicar em encerrar.

Ela faz uma pausa e nós dois estamos apenas respirando novamente.

— Chute a bunda deles, campeão.

Volto para o vestiário com um sorriso radiante no rosto. O mesmo sorriso que permanece no meu rosto durante todo o aquecimento. A carícia de sua voz gira em minha cabeça enquanto jogo meu primeiro jogo desde o acidente.



Não jogo muito, só um pouco com minha primeira linha.

O treinador passa a maior parte do tempo deixando os novos garotos se acostumarem com suas posições. Holden e Kane são os que jogam mais, registrando altos tempos de gelo no final de cada período. Os primeiros turnos são uma bagunça, a ponto de o assistente técnico, Johnson, estar perto de arrancar os cabelos.

Cada vez que eles voltam para o banco, Johnson se inclina sobre o corpo curvado de Toren e o repreende. Holden faz algumas correções, mas é fácil ver que Kane assume a culpa por sua terrível coordenação.

Isso me faz sorrir.

Até que o técnico Harris puxa Johnson pela gola e assume o treinamento do defensor no terceiro período.

Eu odeio o quanto isso ajuda, a diferença óbvia quando Holden e Kane aprendem mais sobre os padrões um do outro. A diferença em Toren agora é que o treinador lhe oferece leves elogios e correções úteis.

E, então, eu odeio o quão bom ele é, quão perfeito.

Brigar em um jogo da NCAA é uma penalidade severa, que Kane recebe com bastante frequência. Ele parece o pior pesadelo de um time nas notícias, mas é um sonho no gelo.

Se ele não fosse meu pesadelo pessoal, talvez eu fosse capaz de...

Não. Paro antes que essa noção ridícula possa se firmar. *Não é problema meu.* Toren Kane é um incômodo, um problema para minha equipe. Nada mais.

Não é um amigo ou companheiro de equipe, ele é um parasita, que pretendo me livrar se puder. E se não, pelo menos me proteger o máximo que puder do seu veneno.

O jogo termina com uma vitória fácil. A pequena escola particular em Vermont é uma equipe nova, ainda aprendendo a se unir e se mover como uma só, e é por isso que o treinador agendou a exposição com eles.

Pernoitaremos, pois faremos mais uma exibição com eles pela manhã.

As regras do hotel são rígidas e, como sempre, estou com Bennett.

Eles tentaram nos separar uma vez no primeiro ano, dizendo que precisávamos fazer outros amigos no time, mas isso arruinou a rotina do goleiro ranzinza o suficiente para perdermos o jogo e o técnico Harris quase demitiu o coordenador de desenvolvimento que tomou a decisão.

Deliciamo-nos com a comida servida numa das salas de conferências do hotel, repleta de carne, vegetais e, acima de tudo: massas.

Todos os nossos pratos estão empilhados, correspondendo aos nossos níveis de fome e energia. Por um momento, é bom estar de volta.

Bennett levanta dois pratos perfeitamente preparados enquanto

passa pelos empurrões de nossos companheiros de equipe, sentando-se à minha esquerda enquanto Freddy ocupa o assento do outro lado. Ele está animado agora, contando todos os movimentos que gostou de usar e alguns novos que aprendeu de um zagueiro falante do outro time.

Kane aparece como uma nuvem escura ao fundo, um prato cheio na mão enquanto examina as duas longas mesas antes de sair da sala.

Só vejo Dougherty notar, observando seu parceiro sair um pouco cauteloso.

Depois do jantar, todos nós nos separamos para nossos quartos e eu saio correndo para tomar banho antes que Bennett consiga abrir a boca.

Visto um short esportivo, meu cabelo pingando sobre os ombros enquanto afofo os travesseiros, inclino-me para trás e olho para o meu telefone.

Bennett me olha novamente com a bolsa no ombro enquanto se dirige para o chuveiro, com as sobrancelhas inclinadas.

— Você me diria se algo estivesse errado?

Meu coração bate no meu estômago.

— Sim — minto, odiando o quão fácil é. — Claro.

VINTE E TRÊS

Sadie

A vibração incessante no meu estômago é a única culpada pela rapidez com que consigo colocar Liam na cama.

Eu verifiquei o placar pela última vez no sofá com Oliver e Liam mais cedo, que Oliver prontamente olhou por cima do meu ombro. Ele tentou parecer calmo, mas pude ver o sorriso furtivo que ele reprimiu depois de ver a vitória em Waterfell.

A divisão de pontos mostra Matt Fredderic como artilheiro, junto com outros dois nomes que não reconheço. Enquanto eu folheio sem pensar, o nome de Rhys aparece na minha tela com uma chamada de vídeo recebida.

Eu me verifico no espelho do meu banheiro enquanto tiro o enxaguante bucal da minha boca.

O telefone continua a zumbir, apenas acendendo ainda mais o enxame de abelhas que atacam minha barriga. Apago a luz do banheiro e deslizo no chão de madeira do corredor com minhas meias felpudas, praticamente saltando para dentro do meu quarto. Atendo o telefone assim que a porta se fecha.

— Ei. — Eu me verifico no canto superior, certificando-me de que ele possa me ver mesmo sob a luz fraca da sala.

— Ei, Sadie Gray. — Ele sorri.

Ele é de tirar o fôlego, mesmo através da tela do meu telefone, com o cabelo úmido e bagunçado, descansando sobre uma pilha de travesseiros brancos e brilhantes de hotel. Sua pele está brilhando com um leve rubor, covinhas brilhando com um sorriso animado que agora reconheço.

— Onde você está? — Ele pergunta, e eu me lembro quantas vezes ele esteve no meu dormitório entre e depois das aulas. O suficiente para que ele reconhecesse minhas paredes decoradas ou minha roupa de cama azul xadrez.

— Em casa. — Movo-me um pouco e encontro um lugar confortável na minha cama, afundando-me no velho colchão de solteiro. — Parabéns pela vitória, campeão.

Sua boca se abre para falar, mas uma voz profunda vinda do fundo o interrompe.

— Não o parabenize. Ele torceu o tornozelo no primeiro turno e descansou a maior parte do jogo.

Minha sobrancelha se enrugou, as palavras que Bennett disse rolando na minha cabeça enquanto tento entendê-las. A expressão tímida no rosto de Rhys não ajuda a insinuar a descrença.

Mas então ele sorri, com os olhos vidrados.

— Eu adoro isso — diz ele.

— O quê?

— Quando você fica com aquela pequena ruga nas sobrancelhas. Como se você estivesse pensando muito sobre alguma coisa.

— Sobre você. — Reviro os olhos, deixando cair o celular para apontar para o teto, escondendo o rubor e chutando os pés.

Nunca fui assim com ninguém. Ver meu pai lamentar minha mãe, que está muito viva — afogando lágrimas em álcool, drogas e mulheres desde os meus doze anos — deixou um gosto ruim na minha boca para relacionamentos. Inferno, para pessoas em geral.

Mas com Rhys é diferente.

Real.

— Você não jogou? — Eu pergunto.

Bennett chega perto o suficiente para que eu possa vê-lo fora do enquadramento.

— Quer que eu traga alguma coisa para você? — Ele pergunta, colocando um boné de beisebol na cabeça enquanto sai de cena novamente.

— Estou bem — responde Rhys. A porta bate e ele relaxa visivelmente quando somos só nós.

Como ele sempre faz.

— Então. — Ele suspira, um brilho travesso em seus olhos. — Minha surpresa.

Eu rio — não é um som que faço com frequência, mas há uma emoção nisso.

Não estou nervosa, estou animada — e um pouco preocupada com a possibilidade de me arrepender disso mais tarde, quando ele tiver uma namorada de verdade e sua grande carreira.

Ainda assim, aproveito este momento para ser egoísta.

— Não me lembro de nada sobre isso. — Eu provoco, tirando o decote esticado da minha camiseta grande do meu ombro com um encolher de ombros estratégico.

Seus olhos acompanham o movimento, os ombros caindo enquanto ele relaxa ainda mais na cama.

Abro a boca, mas ele me interrompe.

— Você é tão linda.

Algo quente e indesejável se contorce em meu peito. Então, em vez de responder, tiro a camisa do corpo de uma só vez. Isso não é romântico. Não somos um casal — isso é apenas sexual.

— Oh, merda — ele xinga, com os olhos arregalados enquanto observa o conjunto de lingerie azul bebê que Aurora me deu de presente no meu aniversário no ano passado.

— Gostou?

Ele balança a cabeça como um boneco.

— Bom. Eu gosto que você goste. — Eu sorrio quando ele quase reflexivamente flexiona seu abdômen. — Você quer se tocar?

— Eu quero tocar em *você* — ele responde imediatamente. O calor em meu estômago tenta se apoderar novamente.

Empurro para longe, encontrando um lugar para apoiar meu telefone, antes de deslizar as mãos pelo material translúcido contra minha barriga.

Ele rastreia cada movimento meu, agora claramente segurando a câmera com uma mão.

Observo com fogo nos olhos enquanto seu braço se move para cima e para baixo.

Eu senti e vi exatamente o que ele está guardando lá embaixo, mas mesmo assim mordo o lábio para me impedir de pedir para assistir.

Lentamente, deslizo as alças do corpete pelos ombros, aproximando-me da câmera para ter uma visão melhor. Dessa forma parece mais seguro, cortando minha cabeça de vista, para que ele não possa ver meus olhos. Já baixei demais a guarda — sou eu retomando o controle. Eu preciso disso desesperadamente, antes que eu me afogue completamente em tudo *dele*.

Ele solta um gemido baixo enquanto eu descubro meus seios para ele, seu braço acelerando, empurrando a câmera.

— Porra, Gray — ele grita, antes que a porta clique e o telefone voe com um grito desagradável de Rhys.

Desligo o telefone, puxando o edredom para cima e cobrindo a cabeça, vestindo-me como um esquimó, com apenas meu rosto agora visível.

Bennett é o próximo na minha tela, atendendo o telefone. Vejo um flash de suas bochechas vermelhas e coradas, antes de um movimento rápido e Rhys na câmera novamente.

Ele caminha para algum lugar, parece um banheiro, antes de

suspirar e se desculpar continuamente.

— Está tudo bem — murmuro do meu casulo.

Ele sorri para o meu novo conjunto ainda mais do que para a lingerie. E tento desesperadamente esmagar o calor crescente quando ele diz:

— Você está tão adorável.

Mas esse calor está ocupando espaço permanente no meu peito. E ele também.

VINTE E QUATRO

Rhys

Há apenas um leve frescor no ar agora, o suficiente para os não-nortistas vestirem uma jaqueta leve para as caminhadas pelo campus. Temos tido dois jogos por dia com bastante frequência, agora que falta uma semana para o nosso primeiro jogo em casa.

Eu me sinto melhor do que antes, em parte pelo quão bem a equipe parece estar se integrando, mesmo com o parasita do Kane pairando sobre mim a cada treino; mas principalmente por causa de uma patinadora artística sarcástica que tem seu pequeno punho cerrado em meu peito.

Bennett finge que a noite no quarto do hotel nunca aconteceu. Assim como ele e Freddy fingem não notar quantas vezes eu saio depois de escurecer para uma rápida “corrida à meia-noite” que fica a apenas um quilômetro e meio até os dormitórios – e volto com uma pequena convidada a tiracolo. Eu a trago para casa, mas sei que eles sabem.

Encontro-me na porta dela entre as aulas com mais frequência do que admito. Eu faço oral nela com frequência, o meu favorito é com ela deitada de costas na minha cama, com as pernas sobre meus ombros enquanto me ajoelho e me masturbo. É impossível não fazer isso com os sons que ela faz, seu gosto, suas unhas curtas no meu couro cabeludo.

Seu toque me acalma tanto quanto me inflama. Eu estava flutuando antes, sentindo nada além de dormência. Ela faz eu me sentir vivo pela primeira vez desde aquele jogo. Como um homem inteiro novamente.

Não dormimos juntos, ainda não. Em parte porque, quando

estou satisfeito com ela, ela gozou pelo menos três vezes e não consigo evitar segui-la até o limite com um leve toque.

A outra razão, que mal consigo admitir para mim mesmo, é que estou com medo.

Sadie está enraizada em meu corpo e mente de uma forma que passar um dia sem ela me deixa ansioso para estar perto dela. Quero mais do que apenas as mãos dela na minha pele na penumbra. Eu a quero em todos os lugares – seu cabelo por todo o meu quarto, sua voz no barulho dos meus jogos, sua escova de dente no meu banheiro – e temo que ela se sacie de mim e siga em frente. Então, guardo a única carta que tenho para jogar em nosso acordo de amizade com benefícios.

Como a mítica líder de torcida esperando para ceder ao *quarterback*¹⁶, estou esperando por ela.

Ando ao lado de Bennett em nossa aula de cálculo, que adiei até agora. Nem sei por que Bennett está fazendo a aula, porque tenho quase certeza de que ele a fez no primeiro ano. Sem mencionar que ele é um gênio por direito próprio.

Freddy e Holden, com calouros a reboque, encontram-nos no gramado e todos seguimos em direção ao café de bem-estar para almoçar.

— Temos um treino duplo na sexta? — Holden pergunta, deslizando a alça da mochila por cima do ombro novamente, de onde escorregou.

— Não, apenas um logo cedo.

Ele concorda.

— Ótimo, então festa?

— Qual casa? — Freddy pergunta, seus olhos piscando para Bennett como se ele realmente quisesse implorar. O rosto de Bennett é um pouco severo, mas ele respira fundo e dá de ombros.

— Podemos usar a nossa ou a deles, não me importa.

Freddy e Holden batem palmas como gêmeos e começam a discutir qual das duas casas de hóquei fora do campus queremos usar para sediar nossa festa anual de volta às aulas.

Vivemos na *Hockey House*. Ela tem sido passada pelo companheiros de equipe há mais tempo do que eu realmente imagino. Bennett e eu fomos os primeiros a escolher no ano em que os veteranos se mudaram, e escolhemos a opção mais agradável e um pouco mais cara – um sobrado de dois andares colonial pintado de azul claro com a bandeira do Lobo de *Waterfell* hasteada na ampla varanda da frente.

Também fica mais perto, a uma curta caminhada do principal centro de lojas do *South College* e apenas um pouco mais longe para chegar aos dormitórios e ao campus. A outra casa, carinhosamente chamada de “dormitórios de hóquei” tem sete quartos e banheiros divididos, o que não agradou tanto a Bennett, que gosta de controle total de seus espaços. Mesmo assim, Holden e Freddy viveram lá felizes no primeiro ano. Freddy foi morar conosco no ano passado, depois de ingressar na primeira linha, como um experimento de vínculo. O quarto aposento, que está vago desde a saída de Davidson, será preenchido assim que um dos calouros decidir.

— Os dormitórios são maiores — eu ofereço, antes de parar.

Porque ela está aqui.

Eu a vejo assim como ela me vê. Ela está do outro lado do gramado, andando em direção à arena, vestida como se estivesse indo para o treino.

Tem um cara com ela. Alto, musculoso, vestido com um conjunto similar todo preto com sua bolsa – completa com a mesma maldita etiqueta pendurada em seu ombro. E só essa visão provoca uma pontada no meu peito já apertado.

Ela diz algo para ele rapidamente, antes de correr em minha direção com um aceno. Eu me envaideço sob sua atenção aberta; a maneira como seus olhos nunca deixam os meus enquanto ela corre.

Sadie fica na ponta dos pés por um minuto, sorrindo enquanto

deixa escapar:

— Encontrei uma música... ah.

Ela dá um passo para trás, com as bochechas brilhando enquanto observa o grupo ao meu redor. Freddy sorri para ela, Bennett levanta uma sobrancelha em silêncio, enquanto Holden e o calouro param a conversa para olhar para nós.

— Desculpe. — Ela dá um passo para trás novamente. —Você está ocupado.

— Eu não estou. — Eu rio, mas sinto uma pontada no meu peito, como se talvez não fosse isso que ela quisesse. *Isso também é segredo?*

Com medo de pensar no que isso significa, aceno para os rapazes e a conduzo com as mãos nos pulsos seus pulsos, puxando-a para alguns metros de distância.

— Você encontrou uma música?

Ela sorri novamente e isso alimenta minha alma.

— Ela me lembra você, adicionei no final da playlist ontem à noite.

— Vou ouvi-la no caminho para a minha aula.

Essa frase por si só faz seu sorriso crescer de alguma forma até que seus olhos quase desaparecem, enrugando nas bordas.

Isso me faz querer fazer mais do que quer que a faça olhar para mim daquele jeito, então acrescento:

— Vou te mandar uma mensagem com o que acho.

— Não verei você amanhã de manhã?

Meu estômago cai. Porra.

— Merda — murmuro. — Gray... eu sinto muito. Eu tenho... porra, tenho treinos duplos durante toda a semana. Tenho que estar na arena pela manhã.

Seu rosto se fecha, um vislumbre de decepção real e crua antes

que ela construa um muro de ressentimento. Eu já vi isso antes, os movimentos do rosto dela são quase idênticos aos de Oliver. É apenas mais um sinal, que coloco em uma lista de coisas que me deixam preocupado com aquela família – alguma outra coisa aconteceu com eles, os deixou assim.

— Desculpe...

— Não se desculpe comigo, foi para Oliver, é que você prometeu.

Tento alcançá-la enquanto ela recua, odiando a rapidez com que essa conversa mudou.

— Sadie

— Está tudo bem, Rhys. Não estamos namorando, você não me deve nada. Estamos bem sem você.

Parece que levei um soco no estômago, e novamente quando ela volta para o filho da puta bonito e arrogante que ainda segura sua bolsa enquanto eles partem juntos.

Os meninos saíram do gramado, Bennett é rigoroso o suficiente com sua agenda para não se preocupar em esperar, mas Freddy esperou, por algum motivo que não me interessa saber. Ele se acomoda ao meu lado, a mochila meio pendurada no ombro enquanto uma garota lhe envia uma saudação feliz e tímida quando ela passa, que ele retribui com entusiasmo enquanto passa um braço sobre meus ombros e me afasta, quebrando minha visão de Sadie.

— Ainda *apenas* compartilhando um horário no gelo? — Freddy pergunta, seu tom sério apesar do sorriso descontraindo que ele tem. — Porque, com o olhar mortal que você está dando ao Luc, estou pensando que é um pouco mais do que isso.

— Se era mais, acho que estraguei tudo.

— Um passo para frente, dois passos para trás. Você vai ficar bem.

Eu balanço minha cabeça.

— Quem é Luc? O cara com quem ela está?

— Oh Deus, você não conhece aquele cara? — Balanço a cabeça e Freddy ri, dando um tapinha no meu peito antes de abrir as portas do café, nos atingindo com uma rajada de ar frio. — Bom para você. Eu não o suporto.

Isso não ajuda, considerando que Freddy gosta de todo mundo.

— Quem diabos é ele?

Pegamos bandejas para a fila de alimentos – é o principal centro para atletas aqui em *Waterfell* para qualquer refeição. Servindo frango grelhado, saladas completas com todos os acompanhamentos imagináveis. Verduras, batatas – purê, assadas ou cortadas em cubos – tem tudo que podemos e vamos comer, especialmente durante a estação.

— Ele é um patinador artístico, um par; ou ele era. Ele tem dificuldade em permanecer com suas parceiras e não dormir com elas.

Não há nada que eu possa fazer para parar a leve onda de adrenalina que surge através de mim, os dedos segurando a bandeja com força enquanto pego quase todos os pedaços de frango grelhado com limão que Freddy deixa para trás. Respiro fundo para me acalmar.

Não é como se ele tivesse dito que Sadie estava dormindo com ele.

— Ele estava destinado às Olimpíadas antes de chegar aqui, eu acho. Acha que ele é um presente de Deus para as mulheres, ou algo assim.

Eu bufo.

— É preciso um para reconhecer outro, hein, Freddy?

Ele ri, balançando a cabeça.

— Claro, claro. — Ele já colocou uma batatinha na boca enquanto mastiga e fala, levando-nos até a mesa de hóquei.

Algumas pessoas acenam com a cabeça enquanto nos

acomodamos, eu à direita de Bennett, Freddy bem na minha frente. Onde todos nós temos uma grande quantidade de comida em nossas dietas estabelecidas, Bennett tem uma vasilha com divisórias com suas refeições que ele faz em casa.

— Eu sei que você disse que não estão juntos ou algo assim — Freddy continua, sua voz baixa mesmo em meio ao barulho da multidão. Ele esfrega a mão na nuca. — Mas eu juro que acho que ele e Sadie costumavam ser um caso.

Caramba.

Bennett olha para mim por um segundo.

— Sadie gosta de Rhys. Ela está em nossa casa o tempo todo. Não acho que ela teria tempo para mais ninguém.

Suspiro e aceno em direção a ele em um agradecimento silencioso.

— Ela vai ter muito tempo para isso agora.

— Sim, e se for esse o caso, capitão, você tem muito tempo para outras garotas. E quanto à P?

Como se ela tivesse sido invocada pela pronúncia de seu próprio nome — e muito menos apenas pela letra — Paloma afunda entre Bennett e mim, seus braços espanando nossos ombros enquanto ela pisca para Freddy.

— Gabando-se de mim de novo? — Ela sorri, roubando uma fatia de batata do meu prato e dançando em volta dos lábios pintados.

Paloma Blake é linda e ela sabe disso. Cabelo loiro, pele levemente bronzeada, lábios grossos e carnudos e um corpo pelo qual quase todos os jogadores na mesa — inferno, talvez toda a população masculina da escola — já salivaram em algum momento. Tudo nela parece uma modelo de passarela sexy, com uma atitude excessivamente confiante para combinar. Ela pode ser toda piscadelas sedutoras e beijos soprados, mas sempre suspeitei que a garota tivesse garras escondidas.

— Rhys está fingindo que vocês nunca namoraram. — Holden ri, balançando a cabeça e piscando para ela. — Se você quer que alguém se gabe, me dê uma noite, P. Nunca vou parar de falar sobre isso.

Paloma sorri de novo, toda sensual, e cada pedaço dela é tão falso que tenho vontade de afastar todo o meu corpo.

Bennett o faz, afastando-se completamente e ela se derrete em seu assento sem pensar duas vezes enquanto ele sai do refeitório.

— Qual é o problema dele? — Ela zomba, o corpo girando para ver Bennett sair, inclinando-se inteiramente ao meu lado. Eu levemente a empurro para longe de mim.

— Talvez ele não quisesse você em cima dele — eu sussurro. Não sou mau, simplesmente não me importo mais. O velho Rhys teria deixado ela ficar ali, deixando-a flertar um pouco antes de voltar a se concentrar no treino. — Você sabe como ele é.

— Na verdade, não sei — ela argumenta, em tom defensivo. — Mas qual é a porra do seu problema?

— Sem problemas.

— Claramente. — Ela revira os olhos. — O que subiu pela bunda dele e morreu?

Holden bufa, enfiando o resto de seu frango grelhado na boca em uma mordida excessivamente grande. Freddy olha para cima e ri, arrastando a cabeça em minha direção enquanto responde a Paloma.

— Ele gosta de uma garota que não caiu de amores por ele pela primeira vez.

Paloma levanta uma sobrançelha perfeitamente depilada enquanto abre a tampa de um iogurte infantil colorido que parece ter surgido do nada.

— Quem?

Não quero dizer, porque se a reação dela servir de referência, Sadie pode estar nos mantendo em segredo. Mas sei que se alguém

neste campus sabe de tudo, é Paloma.

— Sadie Brown.

Quase não há uma contração em seu rosto, seus traços perfeitos permanecem no lugar contra qualquer reação.

— A patinadora artística?

Faço uma pausa e olho para ela.

— Sim, você a conhece?

Ela sorri e isso faz meu estômago doer.

— Oh, eu a conheço; ela é divertida.

Algo na maneira como ela diz isso me deixa desconfortável.

— Divertida?

Paloma dá de ombros, mas o brilho em seus olhos não desaparece.

— Ela é selvagem. Ela aparece em festas para encontros e casos rápidos e não tão silenciosos, então isso lhe deu uma reputação. Não acho que ela tenha dormido com alguém do time de hóquei, mas... os outros? Sim. Ela tem um tipo: atlético e bruto. Faz um tempo que não a vejo por aí, mas no semestre passado ela estava *selvagem*.

Quero perguntar, mas forço minha boca a se fechar. Se aprendi alguma coisa com o tempo que passei namorando ela, não é de Paloma que essa informação deveria vir.

Eu me forço a comer, apesar da sensação amarga no estômago. Temos treino em algumas horas, o que pode me dar tempo suficiente para falar com ela e fazer as pazes se ela já não estiver no treino.

Mas conheço a agenda dela como conheço a minha, porque quero *saber*. Quero vê-la a cada segundo que puder e, para dois estudantes atletas ocupados, isso é um jogo de agendamento. É surpreendentemente mais fácil para mim encontrar tempo para ela do que ela para mim. Na maioria das vezes, ela está cuidando de seus irmãos. Quanto mais estou perto dela, mais tenho a sensação de que

ela é a *única* que cuida deles.

Afastando-me da mesa, peço licença rapidamente e jogo minhas sobras no lixo ao sair. Em seguida, pego meu telefone e clico na conversa de Sadie, pensando exatamente em como consertar isso.

Mas não antes de abrir sua playlist para mim, colocando na fila a nova música “*Yippie Ki Yay*” do *Hippo Campus*. Não consigo evitar o sorriso que se espalha ao saber *exatamente* por que ela escolheu essa.

VINTE E CINCO

Sadie

É sexta-feira à noite e tenho um turno no café para o qual já estou atrasada.

O treino foi horrível, concentrei-me nos saltos do meu longo programa, que executei com raiva, desleixadamente nas primeiras vezes, porque tudo em que conseguia pensar era em Rhys.

Ele me mandou uma mensagem na semana passada, depois do nosso acidente na quadra, mas eu ignorei no início, focada apenas na programação da semana – trabalho, treino e jogo de Oliver.

Eu planejei mandar uma mensagem de volta para ele, pedindo desculpas por ter ficado tão chateada – porque a verdade é que Oliver não se importava, não o suficiente para que isso o incomodasse. Fui eu quem ficou ferida e deveria ter sido honesta com ele sobre isso.

Mas então chegou a noite de sexta-feira.

Em vez de ir para a competição, passei a noite caçando meu pai – que roubou meu carro enquanto estávamos arrumando a mala de equipamentos de Oliver – e vestindo Liam depois do banho. Oliver perdeu o jogo, Liam ficou mais consciente de quão aterrorizante seu pai poderia ser, e liguei para todos os bares num raio de 25 quilômetros até encontrá-lo.

Tive que pegar carona em um táxi muito cara, lutar contra mãos de homens mais velhos bêbados em um bar decadente e lutar com meu próprio pai pela devolução das chaves do carro.

Então, a mensagem de Rhys ficou sem resposta, e o ódio que permanecia ao meu redor me engoliu inteira até que eu tomasse minha decisão. Trazer Rhys Koteskiy para a bagunça da minha vida era algo

que eu não estava disposta a fazer.

Mandei uma mensagem rápida, “*acho que não devemos mais fazer isso*”. Em seguida, deixei o resto de suas mensagens sem ler e sem abrir, porque não fui capaz de bloqueá-lo.

Tem sido uma semana de inferno absoluto desde então, evitando ele a todo momento e focando apenas no trabalho, na patinação e na minha família.

Esta noite, meu treinador me manteve muito além do treino, deixando-me maluca com novas adições para aumentar o nível do meu programa curto.

Então, por causa do meu estágio acadêmico, ele me fez fazer o dever de casa na frente dele, sentada em seu pequeno escritório até bem depois do horário de trabalho. Eu sabia que Aurora iria me cobrir, mas isso me deixa doente de ansiedade. Chegar tarde ao ringue significava que eu não teria tempo de ver meus irmãos antes do trabalho, que teria que confiar que a Sra. B, nossa vizinha idosa, iria aguentar firme até eu terminar o trabalho.

Sei que o treinador Kelley está muito consciente desse fato, das minhas responsabilidades, mas não posso odiá-lo por me incentivar a dar o meu melhor.

Ele só é assim porque acredita em mim. Ele é o único que o faz.

Ainda assim, por mais que eu odeie o quanto *tenho* que trabalhar, adoro os fins de semana em *Brew Haven*. Principalmente nas noites de sexta e sábado, quando a loja fica aberta até tarde para noites de karaokê.

Algumas pessoas cantam ou tocam violão, algumas fazem leituras de poesia ou trechos – já tivemos até um comediante *stand-up* antes, que, embora irritante, foi definitivamente uma distração divertida enquanto lavava a louça depois de fechar a caixa registradora.

Esta noite, sendo a primeira noite de microfone aberto no campus, esperamos uma multidão semi-pequena. Em parte porque é a primeira e é logo na primeira semana. Mas principalmente porque há

cerca de cem festas dentro e fora do campus com as quais teremos que competir até fechar. Incluindo uma nos “dormitórios de hóquei” para a qual Rora e eu recebemos convites por mensagem de texto.

Fiquei surpresa ao receber um, de Freddy entre todas as pessoas, mas sei que não posso ir – não posso arriscar topar com Rhys porque sei que vou ceder.

— Você vai? — Eu pergunto a ela, apontando para onde ela está sentada na bancada, olhando atentamente para o telefone enquanto preparo um café com leite descafeinado. Imagino que ela esteja lendo a mensagem de Matt Fredderick novamente. — Você deveria.

— Eu não posso — ela responde, mas seus olhos não saem da tela e ela está perto de tirar sangue onde está mordendo o lábio inferior.

Só conheço uma razão para impedi-la.

— Onde ele está?

— Quem?

— Satanás, quero dizer, seu namorado. — Eu rio, mas me interrompo ao ver sua expressão levemente abalada.

— Ele... ele me bloqueou novamente. Acho que terminamos. — Há um pequeno tremor em sua voz quando ela diz isso, mesmo quando seus ombros tentam encolher os ombros.

Não é a primeira vez que Tyler faz algo assim. Tento limitar ao máximo meu tempo perto dele porque não tenho paciência nem autocontrole para não causar problemas, e o pouco que vi dele, desprezo.

É um ciclo vicioso também; se Rora terminar com ele, ele incomodará nosso apartamento e local de trabalho por semanas até que eles voltem. Mas quando ele decide que mudou de ideia, ou que Rora errou de alguma forma, ele bloqueia todo contato dela sem aviso prévio.

Uma vez, tive que buscá-la no acostamento de uma estrada a dezesseis quilômetros do campus porque eles brigaram no jantar e ele

a deixou lá.

Entrego o café com leite que terminei para Ellis, uma das novas calouras que trabalha, antes de caminhar para colocar as mãos em cada lado do balcão onde Rora está empoleirada, tentando cortar as pernas de seu balanço ansioso.

— Você está bem, Ror?

Ela sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos.

— Sim. Na verdade, acho que irei para casa depois do turno e passarei uma noite de autocuidado.

Eu sorrio de volta.

— Vou ver se Betty consegue manter os meninos na casa dela esta noite e podemos usar máscaras e assistir *Minha Mãe Quer Que Eu Case*.

Seu sorriso cresce enquanto ela coloca outro monte de chantilly caseiro na boca e balança a cabeça, deixando a colher balançar enquanto ela empurra a tampa.

— Perfeito.

A campainha da porta toca e olho por cima do ombro para ver Paloma Blake passar pela porta.

Como sempre, ela está vestida de uma maneira que me faz querer simultaneamente arrancar seus cabelos e roubar as roupas de seu corpo para mim. Às vezes, quando nossos caminhos infelizmente se cruzam, imagino que ela está andando em câmera lenta ao som de algo como “*Maneater*” ou “*Bubblegum Bitch*” como uma trilha sonora personalizada, o clique de suas botas de salto alto até o joelho no ritmo.

Paloma Blake e eu estamos saindo e entrando na vida uma da outra desde o segundo ano, ambas frequentando a maioria das mesmas festas e muitas vezes, percebemos, saindo com os mesmos caras. Por esse motivo, quase parecia uma competição entre nós.

Ela fica bem na frente de Ellis, mas seus olhos estão apenas nos

meus enquanto ela se inclina levemente sobre o balcão, como um felino se espreguiçando ao sol.

— Paloma. — Aceno com a cabeça, cruzando os braços inconscientemente, pois não consigo deixar de olhar para o decote dela como uma vitrine, quase saindo do top lilás do espartilho.

— Sadie Brown — ela murmura, lábios carnudos se espalhando sobre os dentes brancos. — Exatamente a pessoa que eu esperava ver. Importa-se de conversarmos?

Sim.

Mesmo assim, dou a volta na bancada, prometendo a Ellis que já volto, e saio pela porta da frente. Caminhamos juntos até o pequeno beco entre *Brew Haven* e a livraria fora do campus.

— Do que você precisa?

— Ouvi dizer que você e Rhys estão conversando. — Ela se recosta no tijolo.

O som de seu nome dói e eu odeio isso.

— Fascinante. — Eu estou inexpressiva. — Nada melhor para fazer com o seu tempo do que bancar a fofoqueira?

Ela revira os olhos.

— Vim perguntar se é verdade.

— Paloma. — Esfrego meu rosto com as mãos. — Você está constantemente namorando alguém, principalmente na área esportiva. Por que você simplesmente não pergunta a ele?

— Eu namorei Rhys — ela desabafa.

Eu odeio o aperto possessivo em meu estômago. Eu sei que ele já namorou antes — *olhe* para ele, mas ouvir isso me deixa um pouco enjoada.

— E?

— E então, eu o conheço. E, infelizmente para minha psique, eu

conheço você. — Ela abandona o sorriso falso e se endireita. — Ele não precisa de você perto dele. É o último ano deles para vencer o *Frozen Four* e chamar atenção para o *draft*.

Aperto a mandíbula, odiando que, por mais que eu queira tentar brigar com ela no beco, eu possa entender suas preocupações.

Não só isso, mas eu concordo.

Você acha que ele se importa em arrancar seu tempo dos seus sonhos? Dos seus irmãos?

O sussurro acalorado do treinador Kelley reverbera na minha cabeça.

Ele nunca vai entender.

— Ano passado...

— Isso não é como no ano passado — eu respondo, interrompendo-a.

Por um momento, no ano passado, Paloma e eu quase éramos amigas. Uma pequena trégua enquanto nos auto destruímos juntas. Eu a vi entrando em espiral da mesma maneira que eu, então a acusação é mais profunda. Como se, de repente, ela estivesse melhor, com suas madeixas renovadas e seu bronzeado de verão.

Se ela pode começar de novo, por que eu também não posso?

Paloma começa a falar de novo, mas levanto a palma da mão.

— Me poupe — eu sussurro. — Eu estava conversando com ele, eu acho. Mas você está certa. Não se preocupe, eu já disse a ele que acabou. Vou deixá-lo sozinho.

Perguntei-me brevemente se ele estava fazendo a mesma coisa, mas coloquei seu contato no Não perturbe, tentando reprimir minha necessidade de olhar.

— Se você o quer, tudo bem. Apenas me deixe fora disso.

Oliver. Liam. Rora. As audiências de custódia. Trabalhar. Escola. Patinação.

Sobreviver. Isso é o que é importante.

— Não é uma questão de se eu o quero. — Ela revira os olhos, ajustando a blusa apenas assim. — É só... quer saber? Deixa para lá.

Eu vou embora antes que ela possa.

Espero me sentir mais leve de alguma forma, como se estivesse realmente me livrando de Rhys e de seus olhos tristes e assustadores.

Mas eu não me sinto. Na verdade, me sinto pior.

VINTE E SEIS

Sadie

— Você jura que ainda não fez sexo com ele?

Estamos sentadas em um amontoado de travesseiros e cobertores — quase todos de Aurora, presentes meio caseiros de sua avó, uma grande variedade de cores que parece um arco-íris apagado. Ambas deitadas de costas, rosto quase colado, com as pernas estendidas para cada lado da nossa pequena sala de estar. Os longos cachos de Rora se espalham ao meu redor, emaranhando-se com a seda lisa dos meus.

Minhas bochechas esquentam sob o leve constrangimento com a pergunta de Rora. Se alguém perguntasse, eu poderia arrancar-lhe a cabeça, mas sei que Rora tem boas intenções.

— Juro. — Eu suspiro.

É a verdade. Já fizemos quase todo o resto, mas toda vez que começamos a ir nessa direção, comigo liderando o ataque, ele me redireciona com a boca em mim tão rapidamente que não posso reclamar antes que ele me arranque orgasmos intermináveis.

O menino tem uma língua mágica.

— Por que não?

Há muitas maneiras de responder, mas não quero dizer o que realmente penso: que ele não me quer dessa forma. Talvez ele tenha ouvido falar do ano passado, afinal.

— Acho que ele estava levando as coisas devagar — digo, a pontada do pretérito quente na minha língua quando ela cai dos meus lábios. *Estava.* — Mas isso não importa. E além disso — digo, sentando-me sobre os cotovelos e inclinando-me sobre ela para que

meu cabelo forme uma pequena cortina sobre nós. — Achei que *você* tivesse dito para não falar sobre meninos. Se isso estiver de volta na mesa, você precisa me contar sobre o aluno.

O aluno.

Rora é uma estudante talentosa, tutora de matemática, inglês e diversas ciências. Ela é uma super perfeccionista em todos os aspectos, desde o primeiro ano. Nesse aspecto, ela tem se mantido profissional.

Até que, recentemente, ela começou a falar sobre uma das pessoas que ela ensina, rotulada em seu telefone como *Aluno*, o que já é estranho porque ela usa e-mail para contatar alunos, não seu número pessoal.

Não vi as mensagens, mas sei que elas estão lá e que ela gosta dele — só pelo sorriso perpétuo enquanto agenda as sessões.

Se é isso que ela está fazendo.

— Oh, de repente alguém ficou em silêncio. — Eu ri.

Nós duas nos levantamos e apoiamos as costas no pequeno sofá verde que encontramos na beira da estrada e passamos semanas limpando, apenas para derramar uma taça inteira de vinho tinto nele enquanto comemorávamos no fim de semana seguinte.

Ela encolhe os ombros, mas ainda se recusa a dizer uma palavra sobre isso.

— Certo. — Eu suspiro. — Bem, como está indo a tutoria de Matt Fredderic, então?

Ela toma um grande gole de seu *Big Gulp*¹⁷ que enchemos com raspadinha de cereja mais cedo.

— Está indo bem. Fácil.

— Estou surpresa que ele precise de um tutor. Ele não está dormindo com todas as suas professoras para obter boas notas? Ou ele simplesmente não tem nenhuma professora para seduzir este ano?

Rora revira os olhos.

— Muito engraçado.

Começo a dizer algo de novo, quando meu telefone começa a tocar.

É um número desconhecido, mas o código de área é local. Normalmente eu não atenderia, mas tive tantos sustos quando se trata de Oliver e Liam que nunca me perdoaria, então levanto um dedo para Rora e rapidamente peço desculpas antes de responder.

— Olá?

Há música alta por um momento, antes de uma porta bater e tudo ficar um pouco mais silencioso.

— É Sadie Gray?

— Sadie Brown — eu corrijo, meu estômago embrulhando porque só há uma pessoa que me chama assim.

— A patinadora artística? — O cara pergunta, parecendo confuso com a minha correção.

— Sim. — Eu respiro. — Quem é?

—Bennett Reiner. Sou amigo do Rhys. Nós nos vimos uma vez na cafeteria.

Concordo com a cabeça, mesmo que ele não consiga ver.

— Eu lembro. Bennett... o que, quero dizer... Por que você está me ligando?

Ele respira fundo, parecendo lutar para pronunciar as palavras.

— Eu não queria ligar para você a menos que fosse necessário, mas acho que algo está errado com Rhys.

Meu estômago embrulha, uma onda de calor na parte de trás do meu pescoço. O que está errado? Ele está bem? Ele está ferido? Ele teve outro ataque de pânico?

— Por que está me ligando? — Finalmente deixo escapar, ansiedade misturada com raiva; não dele, mas de *tudo*.

Ele não é meu. Não estamos namorando.

— Eu pensei, olha, não sei o que está acontecendo entre vocês dois...

— Nada está...

— ...mas eu sei que Rhys não está bem. Não acho que ele esteja bem há algum tempo e, por algum motivo, acho que você sabe disso. Então, se ele lhe contou ou confidenciou a você, não é *nada*. — Ele cospe a última parte, como se estivesse com raiva de mim por chamar assim.

— Bennett, eu não posso...

— Você não precisa sair com ele ou o que quer que seja, mas, por favor, você pode simplesmente vir ajudá-lo? Não consigo fazer com que ele saia e ele se trancou no banheiro e disse que só Sadie pode entrar. Se ele não quer que as pessoas o vejam assim, ele precisa dar o fora daqui e nenhum de nós pode dirigir.

Oh meu Deus.

Rora inclina a cabeça para mim e sei que a chamada é alta o suficiente para que ela possa ouvir pelo menos parte dela. Ela encolhe os ombros, deixando-me saber que a escolha é minha.

— Envie o endereço. Eu irei levá-lo para casa.



Parecemos terrivelmente deslocadas; Rora com seu pijama de seda listrado azul e branco, porque a garota não tem uma camiseta simples, e eu nadando em uma camiseta velha e esfarrapada que desce até o meio da coxa, cobrindo totalmente meu short.

Depois que estaciono o jipe, nós duas saltamos e caminhamos a curta distância do estacionamento na rua até os *dormitórios de hóquei barulhentos*. Rora cruza os braços, com as mãos segurando os ombros de forma consciente. Isso não ajuda, especialmente com o cabelo preso

em um lindo rabo de cavalo amarrado com uma fita, toda a pele morena nua.

Mesmo assim, ela enfrenta os murmúrios quando subimos os degraus de pedra até a varanda e a porta da frente, onde alguns retardatários conversam e riem. Passando pela porta aberta, procuro a montanha que é Bennett Reiner.

Vejo muitos rostos familiares, alguns encaram meu olhar furioso para me dizer que estão felizes em me ver ou felizes por eu estar de volta a minha “merda de sempre”. Passando por todos eles, estou a um segundo de ligar para ele quando um ombro me bate com força suficiente para jogar meu peso corporal na parede.

— Bela roupa, Aurora — uma voz sarcástica provoca.

Estou girando, pronta para derrubá-lo antes que eu possa piscar, mas Rora me impede, ficando na minha frente para bloquear meu caminho até Tyler. Ele está corado, claramente mais do que um pouco bêbado e algo sobre isso me deixa nervosa.

— Eu posso lidar com isso — Rora me diz calmamente, mas seus olhos estão dilatados e há arrepios em sua pele nua. — Vá encontrar Rhys.

— Eu não vou deixar você aqui

— Está tudo bem. — Ela sorri. — Eu posso lidar com ele. Além disso, estamos na sala lotada de uma festa. O que poderia acontecer?

Bastante. Quero discutir, mas vejo um conjunto familiar de corpos se aproximando do fundo da sala, perto da cozinha. Um deles, corpulento e vestido com manga comprida e jeans, boné de beisebol virado para trás e carranca. O outro, um pouco mais baixo, mas ainda superando a maioria dos caras na sala, vestido em seu estilo habitual de Matt Fredderic: uma camisa semi-desabotoada e o brilho da mesma corrente em volta do pescoço.

Vou em direção a eles, abrindo caminho pela multidão de pessoas que cercam cada esquina.

Bennett me vê primeiro, nós dois agora indo em direção um ao outro, cortando a distância pela metade. Matt vem também, mas seus olhos não estão realmente focados em mim, ele fica olhando para trás.

— Sua amiga está bem? — Ele pergunta quando estamos perto o suficiente para ouvir.

— Você quer dizer sua tutora? — Eu brinco, mas minha boca mal consegue captar um sorriso. — Não, ela não está. Eu preciso... Você pode simplesmente ficar perto dela e se certificar de que ela fique bem?

Ele balança a cabeça e me dá um tapinha no ombro, passando correndo.

Bennett parece inabalavelmente calmo, mas há um rubor em suas bochechas, como se ele tivesse tomado alguns drinques. Ele mexe com o seu boné de beisebol e olha para meus sapatos, um par de chinelos de segunda mão, e acena por cima do ombro.

Sigo ele pela cozinha em direção a uma escada estreita nos fundos que, felizmente, está vazia.

Bennett sobe dois de cada vez, e eu os sigo de perto até chegarmos à porta fechada do banheiro. Ele tira o boné de beisebol, passa a mão por uma massa de cachos castanhos âmbar bagunçados e reajusta o chapéu na cabeça, gesticulando em direção à porta com a outra mão.

— Certo — eu sussurro, odiando a umidade das minhas mãos e o estômago enjoado. Minha mão bate na porta.

— Ocupado! — Uma voz feminina grita. Seu tom é de raiva, mas isso não me impede de me agarrar à parede como se fosse desmaiar, ou vomitar; ou ambos.

Bennett bufa um pouco zombeteiro e bate o punho com tanta força na porta que faz barulho.

— Abra agora! — Ele não grita, mas tem o mesmo efeito.

— Vá embora — Rhys balbucia através da porta, e tenho certeza que meu rosto está cinza agora. — Estou bem, Ben.

— Rhys? — pergunto, pressionando todo o meu rosto quase contra a madeira. — É Sadie. Você pode abrir a porta para mim?

Mal passa um segundo, e ele o faz.

Ou ela, porque a menina é a primeira a sair do quarto, ajeitando o rabo de cavalo alto e a calça jeans. Ela dá um sorriso de desgosto para a sala e pisca os olhos para mim, antes de se virar para Bennett furioso.

— Freddy disse para você não mexer com ele — Bennett praticamente rosna.

Ela revira os olhos.

— Tanto faz, ele está uma bagunça. Vomitou nos últimos dez minutos enquanto fiquei ali parada. Presumo que você seja...

— Gray — uma voz resmunga.

Todos nós viramos nossas cabeças em direção a Rhys.

Seu corpo está caído na parede, sua camisa cinza um pouco mais escura no colarinho, o que me indica que ele estava suando ou jogando água da torneira no rosto. Sua pele está vermelha, o cabelo é uma bagunça emaranhada que ele tenta enrolar atrás da orelha enquanto parte dele gruda em seu rosto úmido.

Ele parece... terrível. No entanto, ele está sorrindo para mim, com covinhas profundas e olhos enevoados.

— Você é tão linda — ele balbucia, tanto que suas palavras saem todas como uma só.

Outra onda de calor quando uma luz pulsante começa na minha cabeça.

— Ele estava bêbado assim quando você entrou lá com ele? — Eu pergunto, com a visão turva enquanto olho para a garota tentando sair da nossa pequena alcova.

Rhys tropeça, apoiando seu peso na moldura novamente enquanto olha entre nós.

— Ela me puxou para lá — ele se apressa em dizer, como se fosse

ele que eu estivesse acusando. — Mas eu não queria...

Ele soluça e vejo Bennett dar um passo em sua direção, como um escudo caso ele vomite de novo ou desmaie.

— Você está brincando comigo? — Pergunto, voltando-me para a garota. Ela é alta, ainda mais com salto alto; um par de sapatos que eu gostaria de estar usando agora para poder tirar um e esfaqueá-la no olho. — Ele está desmaiado e você o levou para lá? Para quê? Ficar com a estrela do hóquei enquanto ele está literalmente tão bêbado que não consegue enxergar direito?

As bochechas da garota ficam vermelhas, arregalando um pouco os olhos. Como se ela estivesse apenas percebendo o que fez. Ela pode ter tomado um ou dois drinques, mas não está bêbada.

— Eu não sabia que ele tinha namorada.

Chamas disparam dos lados da minha cabeça.

Eu me lanço em direção a ela antes de realmente pensar sobre isso. Nós caímos na parede, meus braços em volta de sua cintura enquanto eu uso meu pé, agora faltando um chinelo, para levá-la até o piso de madeira.

— Não fizemos nada! — Ela grita. — Ele vomitou em todo lugar antes...

Eu bato nela — o que infelizmente não é a primeira vez para mim.

As poucas pessoas no corredor ao nosso redor estão começando a cantar ou gritar. Só consigo dois bons golpes — um no rosto e outro no braço — quando ela finalmente me bloqueia, gritando comigo. Mas não consigo ouvi-la além da névoa vermelha.

Ela tocou em Rhys. Ela se aproveitou dele.

Então, sou afastada.

Bennett me leva para trás com facilidade, mesmo enquanto eu me contorço em seus braços. Ele é enorme e tenho certeza de que parece um Terra Nova¹⁸ pegando um Chihuahua¹⁹ pela nuca. Meus

ouvidos ainda estão zumbindo enquanto tento me acalmar da explosão de adrenalina, então não consigo ouvir quando ele late algo para ela por cima dos meus ombros.

Rhys está sentado na frente do banheiro, olhando para mim nos braços de Bennett com olhos castanhos lacrimejantes.

Odeio o quão vulnerável ele parece, mas isso me traz de volta.

Concentre-se em Rhys.

Fácil.

Paro de lutar contra Bennett e ele me larga depois que aceno novamente. Ele me troca por Rhys, colocando um braço em volta de sua cintura enquanto Rhys se apoia pesadamente nele.

— Eu não a queria aqui, Sadie — Rhys murmura, sua voz arrastada mesmo enquanto seus olhos brilham. Ele estende a mão para mim, mas eu o evito. — Eu prometo.

— Está tudo bem, Rhys. Eu sei. — Eu suspiro. — *Você* não fez nada de errado.

— Acho que estou apaixonado por ela. — Ouço Rhys contar a Bennett, mas sua voz não diminui nem um pouco. — E ela não me deixa *entrar*.

Meu coração aperta e não consigo deixar de olhar por cima do ombro, descendo rapidamente as escadas.

Bennett estremece, ajudando Rhys enquanto saímos pela porta dos fundos.

— Acalme-se, amigo.

— Sade não acha que sou um menino de ouro, Ben. — Rhys sorri, mas está tudo errado. — Eu não preciso fingir agora que ela está aqui. Ela *sabe* que estou quebrado. — Ele solta uma risada bufada.

— Rhys... você não está quebrado. — Bennett parece tão perturbado quanto eu, apesar da dura parede de aço que levantei, meu último esforço para me proteger.

— Eu estou, Ben. E ela é a única que vê isso.

Bennett me lança um olhar inquieto, mas continua.

— Vamos tirar você daqui, cara — diz ele, com um tom mais suave.

Bennett lidera, ficando perto da lateral da casa e evitando que a outra metade da festa que está aproveitando o ar fresco do outono.

Ao chegarmos ao gramado da frente, dou um passo à frente para navegar em direção ao meu carro.

— Onde você está indo? — Uma voz grita: Paloma, percebo enquanto me viro para ela.

Ela está parada um pouco na frente dos degraus da frente, depois de saltar do colo de um homem muito grande e de aparência assustadora que eu nunca tinha visto antes. Seus olhos continuam piscando entre nós três, como se ela não tivesse certeza de a quem se dirigiu com sua pergunta.

Talvez seja a adrenalina já alta ecoando em minhas veias, ou as palavras vulneráveis e dolorosas que saem dos lábios bêbados de Rhys, mas não consigo evitar de ir em direção a ela.

Devo parecer um pouco perturbada, porque um pouco de medo arregalou seus olhos quando ela deu um passo para trás.

— Se você o quer, Paloma — respondo. — Cuide melhor dele. Ou deixe-o em paz.

Ela cora, cruzando os braços.

— Eu não disse isso.

— O que quer que seja. Esteja com ele ou não, eu não me importo — minto, meus dentes doendo enquanto pronuncio as palavras. — Só... — Estou gaguejando e então uma risada sai de mim antes que eu possa parar. — Você sabe o quê? Deixa para lá. Você não pode tê-lo, ok? Se eu não posso, você também não. Deixe-o em paz e não teremos problemas.

Ela balança a cabeça, mas não está olhando para mim. Não, ela está olhando para Rhys além de mim. Bennett zomba e pede que eu vá embora.

— Fique fora do meu caminho — eu sussurro. Olho por cima do ombro para a pequena multidão reunida. O cara de cabelos negros e pele dourada está assistindo tudo com um sorriso pecaminoso nos lábios, recostando-se como se este fosse seu *reality show* favorito. Mas, acima dele, sentada no degrau mais alto e sendo cuidada por algum jogador de futebol, está a garota de antes.

Faço um gesto para ela, fazendo seu rosto ficar pálido enquanto chamo um pouco mais alto.

— E diga a sua amiguinha lá em cima para se cuidar, porra. Não preciso de nós dos dedos ilesos para patinar.

Agora é fácil ir embora, algo em meu íntimo fica satisfeito com a pele vermelha de sua bochecha, o olhar completamente repreendido no rosto perfeito de Paloma Blake, tudo isso me faz avançar, levando-os até meu carro, a apenas duas fileiras da grama.

Bennett senta Rhys, tão gentil quanto o gigante pode ser. Rhys se recosta no assento e me viro para ver Rora correndo vindo em minha direção. Suas sandálias batem na calçada, a seda do pijama ondulando ao vento frio.

Ela agarra o braço de Bennett, que estremece sob seu toque e recua.

— Alguém tem que detê-lo.

— Quem?

— Freddy.

Bennett pragueja e volta para a festa com Aurora a reboque, deixando-me com Rhys.

Está quieto, o vento selvagem por entre as árvores e o barulho suave da festa ao fundo. E porque eu não suporto o silêncio, “*Revolution O*” do *boygenius* toca um pequeno *loop* na minha cabeça.

Ele está apenas respirando, mas olho rapidamente para ter certeza de que ele ainda está acordado e vivo e, apesar de seu estupor bêbado, ele percebe.

— Estou bem. — Ele suspira fundo novamente, pressionando a mão no peito antes de deixá-la cair. — Apenas aquelas imitações de *Darth Vader* de novo.

As palavras ainda estão arrastadas, mas é o sorriso caído que me faz desviar o olhar rapidamente.

— Não acredito que você está aqui — sussurra Rhys, sua voz se ajustando perfeitamente aos sons ao meu redor e dentro de mim.

É quase doloroso não olhar para ele.

— Onde você esteve?

— Rhys... — eu imploro.

Ele estende a mão, quase caindo do carro, agarrando minha mão. Isso me obriga a olhar, a ver a dor brilhante como gotas de um azul profundo em seus olhos castanhos escuros.

— Eu liguei para você várias vezes. Eu só... Sadie, por favor.

— Não faça isso agora. Você está bêbado e eu estou cansada.

Ele morde o lábio e balança a cabeça, mas o movimento é lento e letárgico.

Quero beijá-lo novamente, mas é egoísta porque é a minha necessidade.

É impressionante a maneira como me sinto perto dele. A necessidade de tocá-lo, de abraçá-lo — e não da maneira que sinto, *geralmente* oprimente. Isso é... é calmante, como se dissipasse todos os pensamentos ruins da minha cabeça.

— Feche os olhos — murmuro, deixando meu polegar percorrer círculos em torno de sua mão quente. Deixando-me aproveitar o conforto dele. — Você deveria dormir, campeão.

Seus lábios se curvam ao ouvir o apelido, com os olhos ainda

fechados e a mão ainda cruzada na minha.

— Você ainda estará aqui quando eu acordar?

— Sim — murmuro, roubando um momento para acariciar sua testa superaquecida e passar os dedos pelos seus cabelos. — Eu estou com você.

Mesmo assim, empoleirado no meu banco de trás com um sorriso infantil e sonolento no rosto, ele parece maior que a vida. Ele está destinado a ser algo *grande*.

Eu o deixo com Freddy na casa deles, que está com os nós dos dedos machucados e a bochecha vermelha. Não pergunto, porque a única coisa que me preocupa é Rhys.

Detesto deixá-lo lá, mesmo com Freddy. Parece errado deixá-lo sozinho.

Porque comecei a pensar nele como meu, percebo enquanto me afasto de sua linda casinha.

Ele merece muito mais. Ele está temporariamente quebrado – não há como me consertar.

Esse pensamento permanece comigo como um mantra, noite adentro e durante todo o dia seguinte.

VINTE E SETE



Minhas mãos estão tremendo.

Considerando que não há nada sobre a mesa, a não ser uma caneca disforme resultante da limitada incursão de minha mãe na cerâmica, cerro os punhos enquanto espero.

Isto é ridículo. Uma má ideia.

Só que sei que esta é a escolha certa.

Depois de acordar com uma forte dor de cabeça e um Bennett exausto encostado na parede do meu quarto, onde ele me vigiava a noite toda, fui atormentado com uma repetição da noite.

Acho que estou apaixonado por ela.

Meu *Deus*. Mas porra, se não fosse verdade, pelo menos um pouco.

Dê-me mais duas semanas de sua atitude mal-humorada e risada esfumaçada e eu estaria.

Imediatamente depois que ele terminou de me contar o que eu fiz – e disse – peguei meu telefone e enviei um pedido de desculpas – provavelmente muito rápido e desesperadamente. E, como todas as minhas mensagens desde a última, ela ficou sem resposta. Se ela ainda estiver recebendo minhas mensagens, tenho certeza de que pareço louco. Talvez ela pense que sim, considerando que estávamos apenas ficando, aos olhos dela, e eu disse à garota que estava me *apaixonando* por ela.

Bennett não estava disposto a desistir – então, eu disse a ele. Ele parecia irritado o tempo todo, mas essa é uma expressão comum para o

goleiro controlado.

Mas então, ele me abraçou. Apertado. Amoroso.

Seus olhos estavam molhados de lágrimas quando ele olhou para mim e disse:

— Se você tivesse nos contado, me contado, poderíamos ter ajudado. As coisas teriam sido diferentes.

Eu sabia que isso era verdade quando ele disse, mas, ainda assim, disse a ele para não contar a ninguém da equipe. Bennett poderia saber, deveria saber desde o início, mas isto apenas não era para todos. Essa dor é minha, assim como com quem eu escolho compartilhá-la.

Mas... há mais um que merece saber.

— *Chto eto?*²⁰ — O russo rude ainda está animado enquanto meu pai desce o último degrau até a cozinha. — O que é? — Ele repete em inglês, arrematando o botão de cima da camisa.

Ele está vestido para o trabalho – o que para ele significa uma entrevista, um evento para a imprensa ou alguma coisa para minha mãe.

— Você tem um minuto?

Observo enquanto ele mede a expressão em meu rosto, talvez até mesmo minha linguagem corporal. Ele sempre foi bom nisso, um de seus pontos fortes na liga. Seu rosto fica severo e ele acena com a cabeça.

— Precisamos da sua mãe aqui?

— Não. — Eu balanço minha cabeça. Principalmente porque não importa o quanto eu tente me esconder, ela sabe de tudo. — Só você.

Ele se senta à mesa sem avisar. Estou na cabeceira, onde ele fica pelo lado mais próximo de mim.

— Você quer um café? — Eu pergunto, de repente desesperado para protelar.

Ele balança a cabeça, esperando pacientemente.

Meus pais e eu sempre fomos próximos. Acho que se eu tivesse escolhido ir estudar em qualquer outro lugar do mundo, eles teriam se mudado para lá. E... eu nunca me importei com isso. Foi uma graça salvadora quando me machuquei, mesmo que fosse difícil enxergar através da dor.

— Meu filho — ele sussurra, sua mão acariciando a minha antes de imitar minha postura quase exatamente. Não intencionalmente, mas porque somos feitos dos mesmos materiais. Como uma réplica de sua juventude, é isso que ele vê?

Meu filho. Meu filho. Meu filho.

Eu ouço de novo, como aquele arranhão permanente em um disco, uma falha na minha memória que me causa dor de cabeça imediata. Tento tocar as músicas da Sadie na minha cabeça, repetindo a música do *Oasis* de novo e de novo.

Ainda assim, não consigo pronunciar as malditas palavras.

— Eu não estou bem — eu empurro através dos meus lábios.

— *Vchistuyu* — ele sussurra, com um sorriso triste se espalhando por seu rosto. É uma palavra que não reconheço do meu russo parcial e limitado.

— Eu não entendi. — Balanço a cabeça, minha garganta trava.

— Finalmente. — Ele sorri, mas é aguado. Entre ele e a minha mãe, a intensidade das emoções nesta casa sempre foi acolhedora. Depois do golpe, foi sufocante. Agora... agora estou começando a me sentir em *casa* novamente. — Isso significa *finalmente*, Rhys. Você vai me contar o que está acontecendo agora. O que está machucando você?

Minha testa franze quando olho para ele.

— Como você...

— Eu sei que não sou sua mãe. — Ele levanta a mão para silenciar meus protestos. — Mas junto com ela, você é a coisa mais importante da minha vida. Eu sangraria se isso significasse que poderia suportar sua dor por você. Agora me diga.

Então eu faço. Contando tudo fora de ordem, porque sei o que será mais difícil de dizer.

Conto a ele sobre os ataques de pânico à noite, os terrores noturnos dos quais mamãe teve que me acordar várias vezes. Conto a ele sobre começar a tomar os remédios para dormir que me foram prescritos, como isso me fez perder a memória, ou como em um minuto eu estava na cozinha preparando o almoço e, de repente, dirigia quase até o porto – isso me assustou o suficiente para parar de tomá-los e apenas lidar com os pesadelos.

Sou honesto quando ele pergunta se ainda os tenho. Eu tenho.

Conto a ele sobre os ataques de pânico no gelo quando comecei a voltar, e seu rosto parece perturbado com os detalhes. Eu sei que é porque não pedi a ajuda dele, que ele sabe que eu estava sofrendo, com medo e sozinho — só que eu não estava sozinho. Então, eu digo isso a ele também, sobre Sadie e sua música e tudo mais sobre ela que me traz algum tipo de paz.

Ele sorri com isso, com os olhos úmidos enquanto permanece em silêncio e me deixa contar tudo.

E então, eu digo a ele por que esta é a primeira vez que ele ouve isso.

— No hospital — começo, olhando para minhas mãos espalmadas no carvalho. —Eu realmente não conseguia ver nada ou lembrar de muita coisa. Mas eu podia ouvir você, acima de todos que estavam lá, continuei ouvindo você.

Eu ainda podia sentir o cheiro daquele anti-séptico forte misturado com metal, minhas mãos tentando apalpar e esfregar meus olhos cegos, quando uma enfermeira teve que segurá-las. Minha mãe estava chorando. Eu poderia dizer apenas vagamente porque o barulho mais alto eram os gritos soluçantes do meu pai.

Meu filho! Meu filho, ajude-o. Por favor.

E então, não posso viver sem ele. Não meu filho – ele não pode fazer isso comigo.

Não foi algo muito doloroso e seriam necessárias mais de duas sessões de terapia para entender, mas seus gritos me assombravam. Eu nunca tinha visto meu pai chateado ou com medo antes. E quando eu estava no auge do medo, a presença calma e constante de meu pai não estava lá – apenas pânico.

Então, guardo tudo para mim. Porque amo meu pai e nunca mais quero ouvi-lo daquele jeito.

Conto tudo isso a ele antes de criar coragem para olhar para ele.

Seus olhos, tão parecidos com os meus, estão brilhando enquanto lágrimas escorrem por seu rosto.

E, então, ele está se movendo, seus braços em volta de mim antes que eu possa piscar, prendendo-me ao meu assento em um abraço forte.

— Meu filho — ele sussurra em meu cabelo, e desta vez não há uma onda de medo ou pânico percorrendo minha espinha. Apenas calor. — Sinto muito, Rhys. *Prosti menya, pozhaluysta.* — *Me perdoe, por favor.*

— Você não fez nada

— Eu fiz — ele diz, segurando-me, de alguma forma, com mais força, antes de me soltar e se recostar em seu assento. O nó na minha garganta ainda está lá, forte o suficiente para engolir, então não pego o café que desejo desesperadamente. — Eu deveria estar lá, deveria ter recuado para ver o que você precisava. Mas ver você assim, o sangue no gelo, a maneira como seu corpo cedeu...

Eu o paro com a mão e ele assente.

— Ainda é muito difícil pensar nisso. Faz minha cabeça girar.

— Porque você não consegue se lembrar?

Eu concordo.

— Obrigado, Rhys. Por me contar tudo, por me deixar entrar. — Ele limpa a garganta e enxuga as lágrimas do rosto antes de encontrar

meu olhar. — Ouça com atenção. Não me importo se você jogar seus patins no lixo amanhã, não me importa o que você escolha fazer pelo resto da vida, desde que seja feliz. — Ele ri e relaxa na cadeira.

“Se você tivesse pegado uma bola de basquete anos atrás, eu estaria na quadra pelo resto da minha vida com um daqueles grandes dedos de espuma. Se você pegar um pincel, comprarei todas as peças para as quais temos paredes. Se você usar esse seu grande cérebro para engenharia ou direito, farei o que puder para mostrar que o apoio até meu último suspiro.

— Eu quero jogar hóquei. Eu quero — insisto, porque sei que ainda quero isso —, está apenas enterrado sob o pânico e a dor.

— Mesmo assim. Esta — ele gesticula amplamente. — Esta vida que temos, não é *nada* sem você seguro e feliz. Isso é tudo que eu quero. Eu te amo filho.

Lágrimas se formam nos cantos dos meus olhos e tento contê-las.

— Eu te amo.

Há um longo período de silêncio, enquanto algo novo se instala em meus ossos. A dormência ainda está lá, mas não é insuportável. Está... está simplesmente *lá*.

— Vamos ao ringue hoje — ele oferece no momento em que minha mãe desce a escada, vestida com calças e uma camisa bonita. Ele vai até ela instantaneamente, como se fosse uma memória muscular e eu me pergunto se ele sentia essa mania por minha mãe como eu sinto por Sadie.

Eu balanço minha cabeça.

— Você tem coisas para fazer hoje, e eu também. Mas... esta semana?

Ele sorri e acena com a cabeça. Eu faço o mesmo.

Parece um pouco mais como se estivesse realmente em casa.

VINTE E OITO

Rhys

Já faz uma semana sem Sadie, sóbrio ou não, e isso começou a afetar meu jogo. Jogamos em casa e fora no fim de semana passado e temos dois jogos fora de casa programados para o próximo fim de semana. Até agora, estamos onde estávamos no ano passado – perto do topo, com *Boston College*, *Michigan* e *Harvard* sendo os principais concorrentes.

Meu foco está bom, mas não ótimo – está um pouco perturbado, pois me pego demorando e chegando mais cedo todos os dias ao ringue, na esperança de ter pelo menos um vislumbre dela.

Sinto falta do jeito que ela me acalma, claro.

Mas sinto falta dela.

Sadie era minha amiga antes de qualquer coisa, mesmo que sua boca teimosa não a deixasse me chamar assim em voz alta. Aqueles dois meses patinando pela manhã são agora algumas das minhas lembranças favoritas dentro e fora do gelo. Eu quero mais disso.

E, ainda assim, ela está fora de alcance.

Por enquanto, estou esperando por ela e me tornando digno dela.

Uma semana de terapia não é suficiente, mas é um começo. Sadie não pode ser minha muleta se eu quiser que ela seja *minha*. Não vou colocar isso nela nunca mais.

A biblioteca está um pouco fria, combinando com a temperatura externa. Como a maioria dos prédios antigos do campus, geralmente está muito frio ou fervendo.

Continuei meus estudos, como é exigido da equipe, mas ainda mais, continuei em minhas funções de capitão – o que inclui organizar dias de estudo da equipe para que todos possamos trocar informações sobre professores, dicas úteis ou perguntas comuns de testes. Ainda é difícil estar perto deles e fingir sorrisos, mas ainda há uma ferida em mim que não cicatrizou. Não será da noite para o dia.

Eu tenho que me lembrar muito disso.

O bom é que Toren Kane geralmente se torna escasso para qualquer coisa relacionada à equipe, o que significa que o lembrete sempre presente em nosso tempo no gelo não me acompanha.

Antes que eu consiga chegar à mesa no fundo do primeiro andar, que é um pouco mais barulhenta que o resto, algo mais chama minha atenção.

A pequena patinadora artística que eu estava procurando, vestida com jeans apertados e outra camiseta grande, meio encolhida sob o musculoso patinador artístico, Luc. Aquele que faz minha espinha arrepiar de ciúme desconfortável – algo com o qual não estou exatamente acostumado.

— Espere, Sadie — eu grito, recebendo um olhar severo da bibliotecária na mesa próxima. Dou de ombros para ela, considerando que não estamos no piso silencioso.

Os dois estão me ignorando, percebo com uma crescente frustração, e eles não param seus movimentos apressados pelas portas da frente, mas eu os sigo mesmo assim.

Saindo da biblioteca, começo a gritar um pouco mais alto enquanto entramos no pequeno estacionamento.

Sadie se vira, com o ouvido no telefone e uma expressão de pânico em seus grandes olhos cinzentos enquanto me observa – e por algum motivo, minha presença parece deixá-la mais chateada. Parece um chute no estômago. Ela se afasta, marchando em um pequeno padrão enquanto continua discando e rediscando para alguém.

Luc suspira e acena para mim, como se fôssemos amigos.

O que é bom, a menos que ele esteja dormindo com Sadie, e então eu acho que gostaria de dar uma surra nele.

Ele caminha para ficar ao meu lado, mais ou menos da minha altura e constituição física – um atleta por completo, o que de alguma forma me deixa mais furioso com ele, apesar de nunca ter falado com o homem antes.

Enfiando a mão em seu cabelo preto, ele inclina a cabeça em minha direção, enquanto eu me recuso a tirar os olhos da patinadora artística furiosa na nossa frente, desejando poder fazer *alguma coisa*.

— Rhys, sim?

Eu aceno, apertando um pouco minha mandíbula enquanto a voz de Freddy ressoa em meus ouvidos. Tem dificuldade em ficar com parceiros de patinação e não dormir com eles. Acho que ele e Sadie costumavam ser um caso.

— Luc. — Ele olha para Sadie novamente. Outro desejo possessivo de arrancar seus olhos passa por mim, mas consigo manter minha sanidade. — Isto é ridículo. Ela não deveria estar com tanto medo de perder o treino.

— O que está acontecendo?

Ele começa a falar, mas para.

Sadie enfia o telefone no bolso de trás e gira com um pequeno grito, chutando o chão com força suficiente para que Luc e eu saltemos para frente como se pudéssemos detê-la.

— O que está errado? — Pergunto, de repente sentindo que estou me intrometendo e odiando cada segundo. É difícil engolir; mais difícil não alcançá-la.

— Rhys, por favor, não posso fazer isso com você agora. — Ela me dispensa, acenando com a mão enquanto ela xinga e disca novamente no telefone. — Onde ela está?

— Relaxe, Sadie, perca a porra do treino — Luc diz enquanto se aproxima dela e me sinto um pouco enjoada. — Ele não pode...

— Ele *pode*. E isso não importa: se eu errar, pelos padrões da universidade, posso perder minha bolsa.

Engolindo a dúvida que dói em minha pele, dou um passo à frente novamente, apertando a alça da mochila.

— Posso ajudar?

— Rhys. — Ela suspira, parecendo um vulcão prestes a entrar em erupção. — Por favor, eu...

— Eu sei — eu a interrompo, aproximando-me até que meu ombro empurre levemente Luc para fora da nossa pequena bolha. Ela começa a amolecer logo sob meu olhar, o suficiente para que eu me atreva a tocá-la, estendendo a mão e agarrando sua mão, esfregando círculos na pele da palma da mão. — Apenas me diga como posso ajudar, Gray. Porra, eu odeio ver você parecer prestes a entrar em pânico.

Ficando mais ousado com ela, eu solto sua mão e seguro seu queixo levemente, inclinando seus olhos para os meus, o coração doendo com o olhar desesperado e assustado em seus olhos.

— Diga para mim.

Ela se derrete em minha mão e acena com a cabeça, e parte de mim — a parte ridiculamente masculina do meu cérebro quer olhar para Luc agora e sorrir para ele, exibi-la em meus braços como se dissesse “*Viu? Ela só é suave para mim. É para mim que ela vem, não para você*”. Mas consigo manter minha atenção nela.

— Meus irmãos voltaram da escola e minha vizinha geralmente cuida deles. — Concordo com a cabeça enquanto ela sussurra tudo para mim, nunca soltando meu aperto suave em seu queixo. — E-e Aurora deveriam estar em casa, mas ela não atende o telefone e não posso perder meu treino...

— Você precisa que eu busque seus irmãos? — Eu concordo. — E os leve para onde?

— Está tudo bem. — Ela recua, imediatamente defensiva da ajuda

oferecida. — Não, eu só...

— Sadie — eu digo um pouco mais firme, endurecendo meu tom.
— Eu sei onde fica sua casa, eu me lembro. Para onde preciso levá-los?

Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ela não deixa nenhuma delas escapar enquanto acena para mim.

— Ok, sim. Apenas... Você pode trazê-los para os dormitórios? Rora provavelmente está cochilando entre as aulas. Apenas... sim. Vou te dar o número dela e ela pode buscá-los fora dos dormitórios.

Concordo com a cabeça e deixo que ela pegue meu telefone para inserir o número de Aurora.

— Agora, vá

Ela hesita, mesmo quando Luc pega sua bolsa do chão e espera por ela.

— Rhys...

— Eu sei... — Engulo cada palavra que quero dizer e ofereço a ela um dos meus sorrisos mascarados. — Isso não muda nada. Não significa que não podemos ser amigos. Ok, Gray?

Ela morde o lábio com força, balançando a cabeça mesmo quando seus olhos se recusam a parar de examinar meu corpo.

— Ok, Rhys.

Não consigo explicar por que dói tanto ela não me chamar de *campeão*.

Ela pega a bolsa da mão estendida de Luc e gira nos calcanhares, sem se preocupar em esperar por ele. Quando ela está fora do alcance da voz, Luc se vira para mim e dá um tapa no meu ombro.

— Não sei se você conheceu o treinador Kelley.

Eu balanço minha cabeça.

— Apenas brevemente.

— Bem, — ele bufa novamente, fechando os olhos e balançando a

cabeça, como se esta fosse a última coisa que ele quisesse fazer. — Se você tem sentimentos por ela, sentimentos reais, e acho que está claro que você tem, então você precisa cuidar dela.

Luto contra a vontade de empurrá-lo e rosnar “*eu cuido dela*” prestando atenção no tom de sua voz, no olhar derrotado em seus olhos.

— Talvez ela escute você sobre aquele treinador excessivamente intenso dela.

Minha testa franze e ajusto minha mochila no ombro direito, colocando a outra alça.

— Ela disse que isso é normal, que ele é assim com todo mundo.

Ele balança a cabeça bufando.

— Kelley não é normal. E se você não sabe o que está acontecendo naquela porra de *rinque*...

— Laroux! — Sadie grita, batendo o pé. — Se você me atrasar, vou cortar suas malditas bolas e pendurá-las no meu painel.

Um sorriso surge em minha boca só de observá-la, e Luc sai correndo, sem se preocupar em terminar sua declaração antes de correr atrás dela.



Nos degraus da frente de uma casa idêntica, mas um pouco mais iluminada do que aquela que reconheço como a de Sadie, Liam e Oliver estão sentados com as mochilas nas costas, sozinhos.

E ao lado, no gramado deles, há um homem deitado de bruços.

A visão do corpo tão perto dos meninos me assusta tanto que mal estaciono o carro antes de correr em direção a eles. Liam uiva quando me vê, um sorrisinho confuso tomando conta de seu rosto enquanto ele se levanta, batendo nos ombros de Oliver.

— Ei, amigos — eu chamo, diminuindo meu andar e exibindo um sorriso como se isso pudesse distraí-los de meus pensamentos, gritando “*perigo*” sobre o estranho a poucos metros deles. — Vocês estão bem?

— Você está aqui por nós? — Liam pergunta, em vez de responder a minha pergunta e um buraco começa a se formar no meu estômago. — A Senhorita B. não está em casa, então não sabemos o que devemos fazer. — Ele encolhe os ombros.

Olho para a casa deles novamente. O homem está cercado por algumas latas e garrafas, além de uma poça de vômito, mas ele está respirando. Dou um passo para trás e examino o resto do beco sem saída.

— Sim, eu estou.

Liam uiva novamente, pulando para cima e para baixo no lugar como se não conseguisse conter seu entusiasmo.

Olhando para Oliver, pergunto:

— Vocês dois conhecem aquele homem?

Liam morde o lábio, mas balança a cabeça, embora hesitante.

— Esse é meu pai.

Porra. Acho que vou ficar doente.

— Sadie vai ficar brava — Oliver diz, parado ao lado de seu irmão, sua mochila escorregando de um ombro. O olhar que ele me dá é, na melhor das hipóteses, cauteloso. — Ela odeia quando as pessoas sabem sobre ele.

Liam parece um pouco preocupado com isso.

— Mas ela *gosta* de Rhys.

— Exatamente. — Seu irmão ri, antes de me encarar com aquele mesmo olhar cético. — Sadie mandou você aqui?

É claro que Liam não entende, mas eu entendo. Oliver tem doze anos, mas sabe que Sadie não me contou; que ela escondeu isso de

mim.

Tento me concentrar nos pensamentos acelerados em minha cabeça.

— Sim. Sou apenas seu motorista.

— Eu não sei o que é isso. — Liam suspira.

— Isso significa que vou levar vocês para Rora.

— Sim! — Liam grita, socando o ar e correndo para o meu carro sem olhar duas vezes para seu pai desmaiado em um mosaico retorcido de garrafas de cerveja no gramado.

Como se isso fosse uma ocorrência regular.

Oliver espera, uma estranha mistura de medo e desejo em seu rosto, escondida ligeiramente atrás de sua máscara de raiva.

— Vou passar no *The Chick* se você quiser — ofereço. — Temos tempo.

Uma sugestão de sorriso aparece no rosto de Oliver e Liam grita:

— Esse é o favorito do Ollie! — Enquanto continua a puxar a maçaneta da porta do carro.

Eu sei que é o favorito dele. Perguntei a Sadie semanas antes, depois de uma sessão de amassos no banco do passageiro do carro dela, com ela montando em minhas coxas. Eu vi mais um saco de lixo de uma refeição do *The Chick* e brinquei com ela sobre seu vício, que ela esclareceu ser o vício de Oliver. Ela fez parecer uma conveniência na época.

Agora eu entendo melhor.

— Vamos. — Eu aceno por cima do ombro. — Vamos pegar um pouco de comida e eu deixo você controlar a música.

E assim como sua irmã, Oliver se ilumina. Meu coração está torcendo no peito, mas me mantenho firme e os deixo cantar músicas do ABBA durante todo o caminho até o *drive-thru*, tentando agarrar a felicidade deles como se isso fosse apagar a ansiedade das palavras de

Luc misturadas com a imagem da casa deles.

VINTE E NOVE

Rhys

Depois que eles comeram sanduíches de frango, batatas fritas e milkshakes enquanto estávamos estacionados em um parque próximo de onde Sadie me levou meses antes, abro meu telefone e pego o contato de Aurora, saindo do carro e um pouco para o lado antes de ligar para ela.

Toca duas vezes, antes de uma voz rouca rosnar:

— Que porra você quer, idiota?

Faço uma pausa, quase engasgando com minha própria saliva ao ouvir o furioso rosnado masculino que definitivamente não é Aurora. Algo desconfortável desliza pela minha espinha.

— Este não é o número de Aurora? — Pergunto, minha voz firme, ligeiramente calma, mas ainda firme. Minha voz de “Capitão Rhys” como alguns da minha equipe podem chamá-la.

Há uma longa pausa, depois um som muito mais leve:

— Rhys?

Meus olhos se arregalam e eu tusso.

— Freddy?

Nunca ouvi Freddy soar assim em minha vida.

Eu ouço alguma agitação no fundo, antes que o maldito Matt Fredderic volte.

— Estamos, hum, estudando agora. — Sua voz cai, como se ele estivesse mais longe do telefone e eu pudesse ouvir um sussurro: — É Rhys, princesa, eu posso lidar com isso.

De repente, ele volta ao volume máximo.

— Desculpe, hum, espere, por que diabos você está ligando para Aurora?

Sua voz é quase rouca, como se ele estivesse um pouco irritado comigo.

— Por que eu estou... — Eu me interrompo do discurso que gostaria de lançar e que definitivamente termina com “*Encontre a porra de um novo tutor*” e “*deixe essa garota em paz*”. Mas, em vez disso, passo a mão pelo rosto e suspiro. — Sadie quer que eu leve seus irmãos para Aurora nos dormitórios.

Outro farfalhar, e posso ouvir Freddy reclamando ao fundo enquanto Aurora assume o controle.

— Ei — ela começa, a voz leve e arejada. — Desculpe, estou tendo problemas com chamadas de spam. Hum, eu não posso, só voltarei em algumas horas. Droga.

— Está tudo bem, Rora. — Eu sorrio e olho para o meu carro, vendo os meninos mergulhando as últimas de suas batatas nos shakes, com chocolate espalhado por toda a boca de Liam. Eles parecem calmos, até Oliver, até certo ponto, relaxou um pouco. — Posso mantê-los comigo até mais tarde, se você quiser. Avise quando estiver pronta para recebê-los, ok? Leve o tempo que precisar.

Ela suspira ao telefone com um sorriso audível.

— Obrigada, Rhys.

— Sem problemas.



Quando chego na casa dos meus pais, ouço Oliver quase engasgar com seu milk-shake – que de alguma forma não está vazio, enquanto Liam grita audivelmente.

— Você mora em um castelo? — Liam pergunta, piscando para o casarão colonial que foi completamente reformado.

A frente mantém seu estilo original, mas a parte traseira foi acrescentada e se estende ainda mais do que a antiga propriedade. É pintado de cinza, mas está cheio de vida por meio de várias treliças e árvores, um dos jardins visível mesmo daqui, onde flores de cores vivas pontilham a tela verde do verão.

É um incômodo durante os meses de inverno, mas o polegar verde da minha mãe na primavera e no verão aparece intensamente, mesmo agora no início do outono.

Eu sorrio.

— Não, mas meus pais sim.

Falando nisso, vejo minha mãe saindo do jardim, ouvindo meu carro se aproximar. Seu rosto está cheio de surpresa quando ela desce do terraço elevado, botas altas de jardinagem verdes e macacão me avisando que ela está no meio de um projeto.

Meus vidros estão muito escuros e quero avisá-la, então deixo o carro parado e digo aos meninos que já volto, antes de sair.

Ela me abraça primeiro e eu beijo sua bochecha levemente antes de sussurrar:

— Preciso de sua ajuda.

— O que há de errado, Rhys?

Minha voz está tremendo quando aceno para o carro.

— Os irmãos de Sadie estão aqui comigo. Ela precisava de ajuda...

— Eles comeram? — Ela me interrompe, apenas preocupada com eles, exatamente como eu esperava que ela estivesse. — Rhys, acalme-se.

Por que estou tão chateado?

Porque Sadie esteve sozinha cuidando deles e você fez com que ela cuidasse de você também. Egoísta.

Fecho os olhos com força e aceno com a cabeça.

— Sim. Sim, ok. — Engulo novamente, passando a mão pelo meu cabelo emaranhado. — E sim, eu os levei para comer. Sadie... ela queria que eu os levasse para casa, mas... não sei. É complicado. E eles são crianças, então eu não queria levá-los para a *Hockey House*, caso alguns jogadores estivessem lá, ou e se eles não gostassem de estranhos?

Minha mãe sorri novamente e dá um tapinha na minha bochecha.

— Basta tirá-los do seu carro e nós os levaremos para dentro para comer alguns biscoitos, ok?

— Ok.

Ela se afasta enquanto eu volto para o carro e abro as portas. Os dois hesitam, Liam olhando para minha mãe com curiosidade, esticando-se no assento para vê-la pela janela.

— Quem é aquela? Ela é muito bonita.

Eu sorrio enquanto o desafivelo. Ele provavelmente deveria estar em uma cadeirinha, mas isso não é algo que tenho em mãos no momento. Eu mal consigo me impedir de pegar meu telefone para encomendar uma cegamente na Amazon.

— Aquela é minha mãe.

— Ela é legal?

— Sim — eu digo gentilmente, lutando contra o nó na garganta com a pergunta. — Ela é muito legal. Ela adoraria conhecer vocês.

Liam acena com a cabeça, mas seus olhos nunca a deixam.

Oliver sai e fecha a porta, ficando ao lado do carro e esperando que eu tire Liam.

— Isso é legal — Liam murmura baixinho enquanto eu o puxo para fora.

— O que é legal, amigo?

Ele enfia a cabeça no meu pescoço.

— Que você tem uma mãe. E uma boa.

Tenho que fechar os olhos por um segundo. *Porra, porra, porra.*

— Sim, amigo, eu sou muito grato. — Sou agora, e sempre serei, porque esse garoto está machucando minha alma.

Decido carregá-lo, pois de repente não quero largá-lo. De qualquer maneira, seus braços estão em volta do meu pescoço, a cabeça baixa parecendo um pouco tímido — é a primeira vez que vejo o pequeno corajoso tímido com qualquer coisa.

Oliver dá um passo atrás enquanto nos aproximamos da minha mãe ainda sorridente.

— Olá — ela oferece, sua atenção apenas em Oliver primeiro. — Eu sou Anna, mãe de Rhys. Qual o seu nome?

— Oliver. Eu sou irmão de Sadie.

Minha mãe balança a cabeça, ainda sorrindo brilhantemente.

— Eu ouvi muito sobre você. Meu marido diz que você é um jogador de hóquei muito, *muito* bom.

Ele cora sob a atenção dela, esfregando a mão na nuca e balançando a cabeça. Minha mãe não se aproxima dele, mas a vejo hesitar com a mão levantada como se quisesse. Talvez ela possa ver o que eu vejo, que ele é um pouco como Bennett, tenso e desesperado por espaço — pelo menos fisicamente.

— E quem é você, amor? — Ela suaviza ainda mais a voz, aproximando-se para olhar para Liam, que enfiou a cabeça no meu pescoço enquanto seus dedinhos brincam com a bainha da minha camisa.

Ele não fala, apenas continua a olhar para ela como se não quisesse desviar o olhar.

— Jesus. — Oliver suspira, revirando os olhos enquanto suas bochechas coram como se ele estivesse um pouco envergonhado pela

hesitação de seu irmão. — Você pode contar a ela.

— Liam — ele finalmente murmura, escapando por baixo do meu queixo por pouco. Mas eu sei, se eu olhar para ele, verei as mesmas estrelas em seus olhos de antes, como se ela fosse uma fada mágica que veio realizar todos os seus desejos.

— Liam. — Ela saboreia o nome dele. — Você é uma gracinha. Vamos entrar agora e comer alguns biscoitos, certo? Ainda não os fiz, mas vocês podem ajudar se quiserem.

— Sêrio? — Seus olhos se arregalam. — Com gotas de chocolate? — Ele salta dos meus braços, contorcendo-se até que finalmente o deixo cair.

Liam pega a mão estendida dela, mas só depois de verificar por cima do ombro se há um aceno de Oliver.

Oliver fica atrás de mim enquanto mamãe e Liam dão um passo à frente. Espero pela criança, estabelecendo um ritmo lento enquanto minha mãe percorre o longo caminho pelo jardim até entrar em casa.

Meu telefone vibra no bolso e verifico uma mensagem de Rora — vários emojis malucos, mas de aparência feliz, seguidos de uma mensagem em letras maiúsculas dizendo que ela garantiria que Sadie descansasse.

Você deveria fazer um esforço para estar aqui, eu a repreendi no primeiro dia em que nos falamos. A lembrança das minhas palavras me faz tropeçar nos passos. Oliver olha para mim por um momento e a culpa bate mais forte.

Idiota egoísta e arrogante.

Posso sentir de novo agora, aquela voz que me deixava em paz sempre que a presença de Sadie a silenciava. A coisa escura que vive na minha pele desde o dia em que caí no gelo. O dia em que acordei com gaze por todo o rosto e corpo, ainda com dificuldade para respirar e com raiva.

A raiva apenas desapareceu, até que se tornou apenas um vazio e

então senti falta da raiva.

Agora só resta o ódio de mim mesmo.

Mas estou aprendendo as ferramentas para isso. Também estou aprendendo que talvez precise de ferramentas melhores para lidar com Sadie Gray.

— Seu pai normalmente é daquele jeito?

Oliver fica tenso por um momento, mas evita meus olhos enquanto balança a cabeça.

— Sua mãe?

É difícil falar apesar do nó na garganta, mas tento limpá-lo, tento manter o juízo durante essa conversa minada.

— Sadie e eu temos mãe, mas ela... — Ele dá de ombros. — Ela não nos queria. Então ficamos com meu pai quando ela foi embora.

Caminhamos mais alguns passos, até a porta. Ele fica do lado de fora da porta aberta, o cheiro de massa de biscoito e açúcar começando lentamente a permear o ar, e sua expressão é de ansiedade misturada com medo.

Mas sou paciente. Serei paciente com ele, assim como serei com Sadie.

— Vamos ficar aqui por muito tempo?

— O tempo que você quiser — sai da minha boca antes que eu possa pensar duas vezes.

Oliver acena com a cabeça, aceitando.

— Bem, você deveria contar a Rora. Talvez ela possa fazer a nossa irmã dormir um pouco, ela nunca dorme.

— Por causa do seu pai?

Eu pisei em uma das minas terrestres então sua postura se tornou defensiva, os olhos afiados.

— Ela cuida bem de nós — ele corta por cima do ombro, como se

não conseguisse olhar completamente para mim enquanto diz isso. Ele está na defensiva, claro, mas está com medo. — Sadie, ela cuida de mim e de Liam; e eu ajudo. Não precisamos de nada.

Ele entra em casa sem parar, e sei que isso é tudo que vou conseguir dele por enquanto. Ele ainda não confia em mim, não de verdade. Mas estou me referindo às palavras dele: *Sadie e eu*. Isso significa que a mãe de Liam é outra pessoa? Ela está em suas vidas?

Ou Sadie está sozinha?

Oliver fica na cozinha, sem saber o que fazer, enquanto Liam passa cada segundo olhando para minha mãe, observando cada movimento dela e seguindo cada comando.

Finalmente consigo fazê-lo sentar em uma das banquetas. Ele bate nervosamente os dedos sobre o mármore — quieto, quase pensativo em sua tutela sobre seu irmão mais novo. Ambos ficam quietos enquanto minha mãe e Liam finalmente colocam os biscoitos no forno.

Eles ficam ainda mais silenciosos quando meu pai entra na sala.

Ele está barulhento, como sempre, cantando alguma música russa que não conheço, mas que já ouvi tantas vezes exatamente dessa maneira, que muitas vezes me pego cantarolando na aula.

Ele não para quando vê os meninos, apenas para para beijar minha mãe e cumprimentar Liam com um tapinha na cabeça. Isso é tudo o que é preciso para o mais novo dos filhos Brown.

Oliver é mais cauteloso, observando a movimentação do meu pai em silêncio. Eventualmente, ele pega um saco de batatas fritas da despensa e um molho na geladeira, sentando no balcão e colocando todas as mercadorias entre nós três.

Oliver olha para a comida, depois para mim, antes de informar calmamente ao meu pai que eu já lhes dei comida e me agradecer novamente.

— Você é um menino em crescimento, Oliver. Rhys costumava

limpar toda a despesa de uma só vez na sua idade.

Sua hesitação aumenta, mas há um pequeno sorriso nas palavras de meu pai aparecendo em seu rosto.

— Tem certeza?

Meu pai sorri, um pouco triste, e abaixa o ombro para que suas palavras sejam baixas o suficiente para que eu possa entendê-las.

— Sei como pode ser difícil aceitar as coisas quando você passa a vida trabalhando muito por muito pouco. Economizando e ficando com um pouco de fome.

Meu peito se aperta e vejo Oliver tentando entender como o homem famoso, alguém que ele provavelmente idolatrava em sua própria cabeça, já foi um garoto faminto que sobreviveu aos frios invernos russos.

— Sim. — Oliver engole levemente, mas continua ouvindo atentamente.

— Mas está tudo bem. Eu quero que você coma tudo. Na verdade — ele abre o recipiente de molho de frango com queijo de búfalo — quero que você experimente primeiro, e se você odiar, temos muito mais que você pode experimentar.

Oliver suaviza um pouco, o suficiente para que meu pai consiga dar um tapinha em suas costas e ele se derreta levemente.

— Ok.

TRINTA

Sadie

Estou exausta.

Tenho certeza de que há lágrimas escorrendo dos meus olhos, mas minha pele está tão úmida que não consigo perceber a diferença.

— De novo.

Sua voz não está estrondosa, é calma. Eu me pergunto quanta pressão seria necessária para cortá-lo com minha lâmina se eu girasse um pouco perto demais.

— Eu tenho que...

— Eu não perguntei.

Meus lábios se abrem como se eu fosse gritar e tudo o que ele lê em meu rosto o faz brilhar, praticamente tonto enquanto bate palmas.

Ele inicia minha música, a batida pesada do instrumental selvagem contra meu peito, na minha garganta. Kelley não me dá nem um segundo para encontrar minha posição, ele não se importa com isso. Tudo o que ele quer de mim é poder.

E funciona – como sempre funciona. Eu acertei cada salto melhor do que a noite toda, cada pose é poderosa, até emocionante. Eu me sinto elétrica, tanto que há um sorriso brilhante no meu rosto depois que tudo termina enquanto me dirijo em direção a ele.

— É uma sensação boa, não é?

Eu sorrio e aceno com a cabeça, porque é bom, é incrível. Os elogios de Kelley são apenas a cereja do bolo. Vou pegar minha água,

mas ele me impede com a mão em meu braço e depois segura meu queixo para encontrar meus olhos.

— Linda, ok? Você é tão forte. — Se possível, meu sorriso fica mais amplo. Mas então ele acrescenta: — Veja como você é capaz quando não está tão distraída. Deixe o garoto estúpido no passado, sim?

Tiro minha cabeça de seu alcance porque apenas a menção de Rhys é suficiente para que uma onda de desejo assale meu peito.

— Sim — murmuro, puxando meus protetores da tábua em que estão descansando.

— Você já pensou mais no que ofereci aos seus irmãos?

Sim, e a resposta é e sempre será não.

— Estou pensando sobre isso — minto.

Eu não contei ao treinador Kelley sobre as reuniões com o advogado, ou que acidentalmente tropecei na mãe biológica de Liam e basicamente a chantageei para renunciar aos seus direitos parentais. Não que fosse preciso muito para ela ser convencida.

— Eu não tomei uma decisão.

Ele diz que conhece um advogado que me ajudaria a garantir que eles fossem para uma família que pudesse cuidar deles adequadamente.

Não importa. Darei ao treinador Kelley cada parte de mim para ter sucesso. Mas não vou desistir dos meus irmãos.

— Você sabe que só estou pensando em você, meu terror. — Ele me chama assim desde que eu tinha doze anos, provavelmente porque eu estava aterrorizando todas as outras garotas da minha faixa etária na época. — Eu tenho o seu melhor interesse no coração. — Ele toca meu ombro enquanto passa, deixando-me sozinha na arena.

Fico sentada no banco por um longo momento, tentando não me sobrecarregar com os pensamentos repentinos e acelerados que ele me

deixou. Mas, quando percebo que deixei meu telefone no vestiário – o que significa que não tive contato com meus irmãos, nem com a Srta. B, nem com Aurora – então me levanto, deslizando minha guarda esquerda ao pisar.

Há uma figura nas arquibancadas, logo acima do túnel, ainda sentada em silêncio. Eu olho para ele na luz fraca da arena.

— Você não pode estar aqui, é um treino fechado — resmungo, alto o suficiente para ser ouvido.

Uma risada esfumaçada reverbera na sala vazia.

— Posso ver por que — diz ele com o tipo de voz que faz meu subconsciente gritar “*PERIGO*”.

— Quem diabos é você? — Eu mordo, sentindo-me levantar como um animal selvagem.

Ele pula o corrimão mais baixo, que ainda fica bem alto, e cai como um gato selvagem. Ele se endireita, elevando-se sobre mim com calças pretas e um Dri-Fit preto, parecendo muito com o que seria um encontro com o diabo.

Principalmente seus olhos – dourados brilhantes, quase etéreos mesmo no escuro. Sua boca está meio inclinada para cima, um sorriso torto que parece um modelo maluco da GQ que acabou de terminar uma matança.

— Kane — ele fornece. — E você é a pequena patinadora artística que conhece todos os segredos do Capitão.

Ele é infelizmente atraente, pele bronzeada dourada e cabelo preto, um pouco mais curto nas laterais e uma bagunça áspera de ondas na parte superior que parecia penteada repetidamente. Seu rosto tem ângulos agudos, realçados por uma cicatriz em um lado de sua bochecha e mandíbula, outro corte na pele de seu pescoço, e um pequeno puxando o arco de cupido em seus lábios carnudos.

— Estamos em um maldito navio pirata? Você está dando uma de vilão malvado de verdade agora.

Ele dá de ombros e revira os olhos, ainda sorrindo, cruzando os braços casualmente.

— Não estou sempre? — Ele está falando mais consigo mesmo enquanto rola um palito entre os dentes afiados e brilhantes; um pirulito, percebo com um sobressalto.

Satanás está chupando um pirulito.

Quase tenho vontade de rir, mas estou ansiosa o suficiente neste rinque a sós com ele para conseguir apagar o riso antes que borbulhe.

— Olha, eu não sei quem você é ou qual é o seu problema, mas eu já tenho o máximo de idiotas chatos com quem posso lidar agora, ok? Saia do caminho.

— Seu namoradinho perfeito sabe que seu treinador treina você demais?

Eu rosno, o que neste confronto provavelmente parece um *poodle toy* selvagem latindo para um pastor alemão.

— Primeiro, ele não é meu namorado...

— Ele sabe disso? — Ele pergunta, retirando o pirulito, é roxo, então presumo que tenha sabor de uva, antes de girá-lo na língua e morder levemente o palito enquanto sorri.

— E, segundo, meu treinador não me treina demais. Sou simplesmente a melhor da equipe. — Eu sorrio brilhantemente para ele, as sobrancelhas tremulando em minha provocação. — Está com ciúmes? O quê? O seu treinador está muito ocupado com sua estrela principal para não mexer com o que diabos você é?

Ele sorri, os olhos acendem fogo.

— Considerando que estou neste time, não acho que o treinador dê a mínima para Rhys.

Espero por um momento, tentando não deixar transparecer minha confusão. Eu não sou muito boa nisso.

Seus olhos se iluminam.

— Oh meu Deus. — Ele ri, e tenho a mesma visão de um sinistro vilão de quadrinhos prendendo o herói. — Você não sabe?

— Sei o quê?

— Quem eu sou?

— Eu realmente não dou a mínima.

Ele levanta a mão, o sorriso se alargando até que posso ver um pedaço de caninos afiados que de alguma forma apenas adicionam ao seu olhar vilão.

— Você irá. Dê uma pesquisada nele ou, melhor ainda, em mim. Toren Kane, tenho artigos melhores. Basta ver o que você pode encontrar.

Ele passa por mim, alcançando o banco do time da casa mais distante de mim e pegando uma sacola. Percebo que ele está calçando patins e fico pasma e um pouco abalada com a conversa, antes de sair para definitivamente *não* pesquisá-lo no Google.



Estou com *First Aid Kit* tocando, as janelas abertas de modo que, quando paro em frente ao estacionamento designado para os dormitórios, minhas bochechas estão rosadas e coradas por causa do vento.

Sou rápida, apressada e quase me esqueço de estacionar o carro antes de sair cambaleando em direção aos dormitórios, pegando a porta de alguém ao sair.

Estamos no terceiro andar, mas mesmo assim subo as escadas para evitar tempo de espera.

Eu recebi exatamente *nenhuma* mensagem de Aurora ou Rhys, o que me dá tanta ansiedade como se eu tivesse perdido uma mensagem de emergência. Mas já estou extremamente atrasada para a minha reunião com o advogado. Então, passei a maior parte da minha viagem

em alta velocidade até aqui planejando exatamente como implorar a Rora para trazer comida para eles e passar a noite com eles em nossa casa – algo que eu nunca pediria a *ela* para fazer de outra forma, para que eu ainda pudesse tentar fazer a reunião.

Quando atravesso nossa porta, Aurora está na cozinha e o cheiro que sopra é de dar água na boca.

Ela me dá um sorriso radiante que eu definitivamente não mereço, considerando a quantidade de mensagens e ligações que deixei sem resposta ultimamente.

— Ei — eu arrasto, caindo contra a nossa porta decorada com papel de embrulho.

Aguardo o barulho dos meninos que é normal nas noites que passam aqui.

Ela tem uma colher de pau na boca, como se tivesse acabado de provar o que quer que esteja na panela em nosso fogão modesto, e um elástico laranja brilhante mantendo o cabelo no alto da cabeça.

— O que está errado? — Ela pergunta, murmurando em volta da colher enquanto larga tudo o que está fazendo e vem em minha direção. — Está tudo bem.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Onde... Os meninos. Eles não estão aqui? Que diabos? — Passo as mãos pelo cabelo, puxando o coque e refazendo-o novamente. — Preciso ligar para Rhys, e depois que eu terminar de perder a cabeça com ele, tenho *que* me encontrar com o advogado...

— Ei. Está tudo bem, meu, uh, seminário acabou e Rhys se ofereceu para pegar comida para eles. — Rora sorri, mas há hesitação em seus olhos. — Na verdade, vou buscar os meninos, em tipo... — Ela olha para o relógio. — Uma hora. Acredite em mim, ele provavelmente está mostrando a Oliver alguns movimentos divertidos de hóquei enquanto Liam ri como se fosse a coisa mais engraçada de todas.

Respiro fundo, tentando acalmar meus pensamentos acelerados. Porque ela está *certa*; por mais que eu esteja furiosa com o garoto do

hóquei assombrando todos os meus pensamentos, eu confio nele. Principalmente com os meninos.

Mesmo que isso pareça uma prova de fogo.

— E eu fiz o jantar *para você*. Então coma — ela diz, arrastando-me para sentar em nossa mesinha. — E então durma. Eu cuidarei de tudo, ok? Confie em mim.

Sinto uma sensação de aperto nas entranhas, um leve desconforto. Mas se há alguém neste mundo em quem confio, é Rora.

— Ok.

— Bom. — Ela sorri. — Vou ligar para o advogado e remarcar. Agora coma.

Sorrio enquanto ela coloca um prato cheio de macarrão com pesto de frango na minha frente.

— Cheira incrível.

Ela bate as mãos com o elogio.

— Sim, sim, você sabe que cozinhar não é minha praia. Mas preciso manter minha pequena estrela do rock da patinação alimentada.

Ela senta para comer comigo e conversamos sobre tudo. É uma sensação boa, e me pego relaxando e ficando mais cansada enquanto termino a tigela inteira. Logo depois ela sai para buscar os meninos e eu arrumo suas camas no meu quarto, dispostas como um grande catre no chão.

Olhar para isso me deixava feliz, porque sabia que eles estariam aqui comigo; seguros. Agora, isso me enche de pavor. Posso fazer isso? Se eu conseguir a custódia deles, posso ficar aqui?

Eu já sei a resposta; é por isso que sobrecarreguei meus cursos neste semestre para tentar me formar no outono. Mas já acabei de sair do período de liberdade condicional acadêmica, mal conseguindo fazer meus *check-ins* com meu conselheiro e com o treinador Kelley. O que é

ridículo para uma simples estudante de comunicação.

No momento em que circulo meus pensamentos de volta, estou morta de pé. Então, arrasto-me para o chuveiro e depois volto para a cama, só acordando brevemente quando ouço o barulho de pezinhos.

Oliver cai no chão quase instantaneamente, implorando baixinho a Liam para não me acordar. Mas Liam ignora todos os seus apelos e vai direto para a minha cama. Fecho os olhos com força, fingindo dormir, e ele dá um beijinho na minha testa antes de sussurrar:

— Bons sonhos, irmãzinha.

Não sei como vou conseguir. Mas eu sei que *vou*, de alguma forma.

Porque esses dois meninos merecem muito mais do que isso.

TRINTA E UM

Rhys

É quinta-feira à noite, o que geralmente significa que saímos para um jantar de equipe ou participamos de algumas festas. Nada muito louco, porque viajamos amanhã, mas algo para deixar todo mundo animado em um ambiente controlado.

Esta noite, porém, Freddy, Bennett e eu receberemos a maior parte da equipe em nossa casa para jantar, beber e socializar.

Holden até convidou Kane.

Ele me contou primeiro, em um telefonema hesitante que me fez sentir estranhamente culpado. Ele não estava tentando tomar partido; ele estava realmente fazendo seu trabalho: conhecendo seu parceiro defensivo.

Kane não apareceu, e vejo a leve decepção no rosto de Holden quando ele se senta ao lado de um assento vazio que insistiu que as pessoas guardassem para o companheiro de equipe desaparecido.

Agora o jantar acabou, mas estamos sentados com os pratos sujos e a barriga cheia, rindo e conversando. E mesmo que eu não participe tanto quanto antes, parece... normal.

Uma batida alta e rápida interrompe a risada, e Holden olha para mim, empurrando para trás e se oferecendo para atender. Eu sei que ele está antecipando que a ovelha negra finalmente aparecerá. Mas depois de apenas alguns momentos, ele volta correndo para mim.

— Quem é?

— Hum. — Ele esfrega a nuca. — É Sadie, a patinadora artística?

Ela pediu para falar com você.

Há uma breve onda de irritação porque todos parecem conhecê-la, o que só faz com que a parte irracional de mim queira pegar ela e seus irmãos e mantê-los para mim. Ainda assim, eu aceno e me levanto, tentando parar minhas mãos trêmulas e a brisa rápida demais em direção à porta. Rapidamente enfio o quadril na mesa da entrada, onde estão todas as nossas chaves e carteiras.

Amaldiçoando levemente, abro a porta, um pouco irritado por ele tê-la fechado do lado de fora em vez de convidá-la a entrar.

E ela está lá.

Linda – como sempre – de um jeito que fica preso na minha garganta.

Seu cabelo está solto, úmido e quero tocá-lo porque sei como ele fica sedoso depois que ela toma banho. Sua pele parece um pouco rosada, sensível ao vento e com aquela marca estúpida entre as sobrancelhas que quase me faz suspirar. Começo a me perguntar se corações de desenhos animados estão surgindo na minha cabeça.

Tudo no meu sistema se acalma.

Nunca é assim com mais ninguém. Paz absoluta. Isso me deixa cheio, desprotegido, inconsciente de tudo, exceto da suavidade de sua pele e dos duros pilares de pedra que guardam seu coração. E o quanto eu quero penetrar em sua pele, ou beliscar seu pescoço, deixar algum tipo de evidência de que eu a afetei tanto quanto ela a mim.

— Ei — ela começa, sua voz rouca. Não sei se ela vai chorar ou gritar comigo, mas ela não parece feliz.

— Ei? — Tento dizer, mas sai como uma pergunta. — Você quer entrar?

Uma risada alta vinda da cozinha ressoa como um trovão e ela estremece.

— Eu não sabia que você estaria ocupado, quero dizer, meu Deus, isso parece tão vaidoso...

Não mesmo. Parece *bom*. Como se ela achasse que poderia aparecer do nada e eu largaria tudo para ficar com ela, e ela está certa. É assim que nosso acordo era antes – e ainda é para mim.

Eu não dou a mínima para o que está acontecendo nesta casa, ela é a primeira prioridade que tenho.

Eu não me importo se ela nunca mais quiser me tocar, não vou deixá-la sozinha quando se trata de seus irmãos e do que quer que esteja acontecendo com seu pai.

— Tudo bem, Gray?

O apelido escorrega da minha boca antes mesmo de eu pensar nisso.

Seu rosto desmorona, lágrimas percorrem suas bochechas e se transformam em soluços ligeiramente trêmulos – como se ela estivesse contendo um colapso completo.

— Por que você levou meus irmãos para sua casa?

Meus olhos se arregalam. Não era por isso que eu esperava que ela ficasse chateada, mas se eu ultrapassei os limites...

— Só os levei para comprar comida — sussurro, cruzando e descruzando os braços. — Aurora estava ocupada e eu não tinha outro lugar para levá-los. — Não importa quão suaves e compreensivas eu pronuncie minhas palavras, eu ainda as vejo bater nela como um tapa.

— Você poderia simplesmente ter me ligado. Quero dizer, por que você não fez isso? Você não precisava ser o maldito cavaleiro de armadura brilhante...

Ela para e posso ver a raiva deslizar sobre sua pele como um véu. Mas ela parece exausta, então está quase fraca demais para esconder a dor em seus olhos quando ela olha para mim.

— Eu só estava tentando fazer a coisa certa. — Tento fazer com que ela entenda.

Eu me preparo, sabendo o que vai acontecer.

— Isso é uma acusação? Não estou fazendo a *coisa certa*?

— Sadie...

— Você não tem o *direito* de me julgar.

Eu aceito toda a raiva que ela precisar dar. Serei seu saco de pancadas se precisar. Se isso ajudar. Eu não me importo, contanto que isso tire aquele olhar desesperado e vazio de seus olhos.

— Eu não sou um caso de caridade para você e sua pequena família rica usarem. Não precisamos da sua ajuda. Posso cuidar deles sozinha, faço isso há anos. — A última palavra é um soluço irregular.

O fósforo está aceso, a fúria, a escuridão e o enrolamento correm pelas minhas veias à medida que a implicação de suas palavras cria raízes.

Por anos. Ecoa na minha cabeça como um tambor de guerra.

— Você não deveria ter que fazer isso. Não sozinha — respondo, mas minha voz não sobe nem um pouco. — Você não é a mãe deles, Sadie.

— Eu sou! — Ela grita de volta, e percebo que só há silêncio atrás de mim. — Por enquanto... sou. Serei tudo o que eles precisarem.

Baixo a voz, esperando que ela faça o mesmo.

— Eu só queria que seus irmãos estivessem seguros. E Oliver queria que você descansasse um pouco. Seus irmãos estão preocupados com você, Oliver provavelmente mais do que com ele mesmo.

— Pare.

Dou um passo à frente, empurrando-a ligeiramente em direção à porta.

— Fique brava. Grite comigo se quiser, mas isso não vai me impedir de me importar e não vai me impedir de tentar ajudar você, não importa quantas vezes você me afaste.

— Eu... — Ela solta outro suspiro trêmulo e eu me pergunto se ela já se sentiu tão indefesa com meus demônios quanto eu enfrentando

ela agora, preocupado que a qualquer momento possa se transformar em pânico. — Eu não vim aqui para gritar com você. — Ela baixa os olhos, o queixo inclinado para baixo. Mas tenho um vislumbre de suas feições resignadas.

Vergonha.

Essa é uma com o qual estou muito familiarizado.

— Sadie — eu sussurro, minha mão levantando levemente. Seus lindos olhos cinzentos piscam para mim, uma suavidade em seus olhos aparecendo enquanto ela me acolhe. Isso faz meu peito apertar. — Por que você veio aqui, Gray?

Sua garganta treme, a coluna fina dela me distrai o suficiente para que eu segure sua mandíbula, deixando meus dedos mergulharem na pele ao longo de seu pescoço.

— Não sei como dizer isso — ela resmunga, meio choramingando, meio soluçando. Isso traz um sorriso estranho ao meu rosto e ela o imita levemente.

— Apenas tente.

Demora muito, mas ela o faz.

— Além de Rora — ela começa. — Ninguém nunca fez algo assim por eles. Para mim. Ninguém se importa, e eu... sinto muito. Aquela mensagem...

Minha testa franze, mas não consigo me importar muito com isso quando estou tocando ela agora. Quem se importa com o que ela pensou semanas antes? Ela não está me afastando agora.

— Acho que estava tentando manter você longe de tudo isso.

— Tudo o quê?

— Minha vida. — Ela encolhe os ombros e então suas mãos agarram meus pulsos. — E você ainda... — Mais uma vez ela não encontra palavras, mas balança a cabeça e olha para mim de uma forma que não tenho certeza se já vi nela antes.

Ela parece... maravilhada. Como se ela estivesse vendo algo pela primeira vez. Ainda há aquela suavidade que é nova em suas feições e eu quero desesperadamente colocar esse momento em um globo de neve para poder ver isso, nós neste semi-abraço, para sempre.

Muito cedo, porém, ela se afasta.

— Então eu só... — Um pouco atordoada, ela balança a cabeça. — Desculpe. Eu não vim para isso, eu vim para me desculpar e dizer *obrigada*. Então, obrigada.

Posso senti-la escapando e não quero. Não quero mais fazer essa dança com ela, porque não importa se eu nunca mais a verei. Não serei capaz de parar de desejá-la.

— Sadie?

Ela gira de volta para mim, a marca se formando em sua testa.

— Sim?

— Eu não quero que você me mantenha longe, ok? Quero fazer parte da sua vida.

— Não — ela engasga. — Você não quer, Rhys. É confusa e muito complicada.

— Eu não ligo.

— Rhys.

— Sadie, se você me dissesse que está ingressando no Programa de Proteção a Testemunhas, eu perguntaria para onde estamos indo e se posso tirar a barba.

Isso a faz rir, e o som deixa minha pele arrepiada.

— Gray?

— Sim?

— Eu quero te beijar.

Se ela me rejeitar novamente, acho que aguento. Na verdade, eu me preocupo mais com o fato de que, se ela permitir, aquela coisa

sombria que vive em mim vai querer tirar, tirar e tirar dela. Tenho medo de ser demais, mas ainda não o suficiente.

Sadie não fala mais, apenas respira fundo, com a boca aberta enquanto nos encaramos.

E então, ela pula em mim.

TRINTA E DOIS

Rhys

Eu a pego facilmente, como se tivesse feito isso durante toda a minha vida. Suas pernas envolvem minha cintura, apertadas o suficiente para que eu me pergunte se meu cinto deixará uma marca sob as leggings em sua pele pálida, que eu possa traçar mais tarde com minha boca.

Seus lábios batem nos meus sem hesitação, sem batalha pelo controle. Apenas puro desejo, carinho e admiração saindo de seus lábios e afundando tão profundamente em minha pele que sei que nunca vou tirá-la de lá.

Eu não quero.

Seguro sua bunda, apertando porque é impossível não fazê-lo, mantendo-a em mim enquanto me afasto de sua boca para olhar as escadas. Eu as subo, esperando não nos fazer cair para trás na minha pressa desajeitada.

Ela não para, sua boca dolorosamente doce em pequenas pressões e lambidas contra meu pescoço, meu queixo e minha clavícula com a mão puxando levemente minha camisa de botão. Estou preocupado que ela rasgue os botões com a pressa. Acho que gostaria que ela fizesse isso.

Meu quarto fica em frente ao de Freddy, os dois do lado direito do segundo andar, enquanto Bennett ocupa toda a metade esquerda atualmente.

Bato na lateral do batente da porta, jogando nós dois contra a porta e a parede como um pequeno conjunto de dominós.

— Merda — começo a xingar, puxando-a do meu pescoço para ter certeza de que ela não está machucada.

Ela está sorrindo, os dentes brilhando contra os lábios que agora estão vermelhos e inchados. Quero deixar cada parte dela corada, para combinar com o leve rosa que escorre por suas bochechas, pescoço e peito, que posso ver sob a camisa de longa manga branca que ela está usando.

— Desculpe. Você está bem?

Sadie ri, inclinando-se para me beijar novamente, apertando as pernas em volta da minha cintura. O gemido que sai da minha boca não parece humano, mas não consigo evitar. A risada dela. Seu sorriso — essa maldita boca dela.

Chuto a porta fechada atrás de nós, jogando-a levemente na minha cama.

— Onde estão seus irmãos? — Sinto vontade de me culpar por perguntar, no meio deste momento, mas não vou mais tirar mais tempo deles com ela.

— Com Rora nos dormitórios.

Ela está se despindo antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, sua blusa desaparecendo em algum lugar na ponta da minha cama, apenas um sutiã azul fino em seu lugar. Parece macio e fico paralisado, esperando para ver o que acontece a seguir.

Sonhei com esse momento durante meses; sonhei com Sadie durante meses. É surreal tê-la realmente *aqui*.

— Tire a camisa — ela exige. Minhas mãos trabalham furiosamente nos botões, escorregando; e tenho certeza de que não é excitante, tanto quanto é descoordenado. Então, diminuo a velocidade enquanto tiro a camisa e coloco na cadeira da escrivaninha no canto.

Pego meu cinto, me acomodando bem na frente de seu lugar na minha cama. Mas suas mãos tiram as minhas do caminho, alcançando a fivela e deslizando-a para fora. Ele atinge o chão com um *baque* que

mal ouço por causa dos batimentos cardíacos acelerados.

Minha calça jeans sai, deixando apenas uma cueca boxer preta, na qual ela para, antes de sua mão tentar alcançar a protuberância sob o tecido.

Ela me tocou muitas vezes, sempre com a mão, geralmente enquanto meus dedos brincavam entre suas coxas; mas esta é a primeira vez que deixo ela *realmente* me tocar, sem tentar mudar o foco para ela.

Ela agarra meu comprimento, acariciando-me lentamente.

Então, Sadie olha para mim. Olhos cinzentos de gato e um caminho de sardas que conheço melhor do que a palma da minha mão. Sua boca se abre, meu nome sussurrado como uma carícia antes que ela alcance minha cintura. Um olhar determinado passa por seu rosto fazendo aquela ruga em sua testa aparecer e de repente estou preocupado em gozar antes mesmo de estar dentro dela.

Eu afasto a mão dela, ignorando o pequeno grunhido frustrado que ela solta, e me aproximo, passando por cima dela.

O abajur na minha mesa de cabeceira é a única luz no quarto, fazendo um brilho semelhante ao do crepúsculo ao redor dela enquanto eu a pressiono de volta no colchão.

— Sua cama é tão confortável — ela geme enquanto coloco meu peso entre suas coxas.

— Durma aqui para sempre, então — eu sussurro, dando um beijo suave na pele abaixo de sua orelha. Posso sentir arrepios em seu braço, onde minha mão esfrega sua pele para cima e para baixo.

Minha mão sobe por seu ombro, puxando a pequena alça de seu sutiã para baixo até que o tecido macio e fino revela seus seios pequenos para mim. Respiro fundo em sua pele perfeita e rosada, passando meus dedos por seus pequenos mamilos rosados.

— T-tão bom, — ela sussurra, suas mãos esticando-se em meu cabelo e puxando suavemente. Eu sorrio, obedecendo a sua exigência

silenciosa e pressionando minha boca para lambe suavemente seu mamilo.

Ela grita mais alto do que eu esperava e minhas mãos fecham sobre sua boca enquanto olho para ela, sorrindo descontroladamente.

Eu me estico para pairar sobre ela e me inclino em direção a sua orelha.

— Todo o time de hóquei está na minha cozinha — eu sussurro, minha mão arrastando seu lado para prender o tecido macio de sua calcinha, puxando-a para baixo sobre seus quadris. — Então, talvez eu devesse deixar você gritar tão alto quanto quiser, Gray. Assim, não haverá dúvidas sobre a quem exatamente você pertence.

— Oh Deus, — ela choraminga, tirando minha mão de sua boca, mas segurando-a em suas próprias mãos como uma tábua de salvação. — Rhys.

— Porra, eu adoro isso.

Ela diz meu nome novamente, enquanto pressiono meus dedos contra ela, encontrando-a quente e molhada. Deslizo para dentro dela com facilidade, ainda tão chocado quanto da primeira vez que me ajoelhei embaixo dela no chuveiro, com o quão perfeita ela se sente.

Ela goza, um som agudo de seus lábios antes de sugar o ar, puxando minha mão até sua boca para morder meus dedos.

Eu quero estar dentro dela, tão desesperadamente que tenho que fechar os olhos e me concentrar para não gozar na minha boxer como um adolescente.

Eu sei que posso amá-la. Só não sei se ela vai me deixar. E por enquanto, isso... ela assim para mim, suave para *mim*. É o bastante.

Enquanto tiro minha boxer, ela tira o sutiã ficando completamente exposta embaixo de mim. Eu me inclino sobre ela para pegar uma camisinha na minha mesa de cabeceira e paro um minuto só para admirá-la, as costas da minha mão encostando em sua barriga e descansando em seu quadril.

Ela também está olhando, mas não há aquela necessidade fervorosa em seus olhos como normalmente há, como se ela fosse explodir se eu a fizesse ir mais devagar.

Sua pequena mão segura meu queixo levemente, apontando meus olhos para ela – o movimento tão semelhante aos momentos em que ela tentou assumir o controle antes, mas então sua boca macia se abre e ela pergunta:

— Tem certeza?

Meu peito dói e eu copio seu movimento, exceto que minha mão acaricia e segura sua bochecha.

— Nunca tive tanta certeza de nada.

Quase digo “*eu te amo*”, mas consigo estrangular as palavras na garganta porque sei que ela vai achar isso ridículo.

Ela sorri para mim, seus olhos vibrando de uma forma que raramente consigo ver, antes de ficarem confusos com o primeiro empurrão meu dentro dela.

— Porra — ela suspira, suas mãos pressionando meus ombros por um segundo e eu faço uma pausa, uma mistura de apreensão e orgulho girando. — Deus, eu realmente esqueci o quão grande você é. Você vai rasgar minha pobre boceta.

Beijo a ponta do seu nariz, deslizando lentamente mais um centímetro.

— Não seja ridícula, *kotyonok*. Você aguenta.

Ela pulsa com minhas palavras, gemendo enquanto o desconforto desaparece e uma pequena contorção de prazer percorre seu corpo. Outro gemido sai dela enquanto eu entro inteiro.

— Parece que sua bocetinha *me* quer — consigo grunhir, mas minha voz não está rouca com sexo como eu pretendia. Está lutando por alguma aparência de controle enquanto ela me agarra como um garrote.

— *Eu quero você* — ela esclarece, e isso parte meu controle.

Meus quadris estalam, trabalhando em um ritmo constante e rápido.

É quase ridículo o quanto uma coisa tão pequena pode se mover e se mexer embaixo de mim. Ela está me deixando louco a ponto de eu estender minha mão e firmá-la com um leve aperto em sua nuca.

Um aperto que ela usa para me puxar para mais perto, forçando meu peso com mais força sobre ela enquanto vacilo em meu ritmo perfeito, mal me sustentando sobre os joelhos.

— Eu vou esmagar você. — Eu rio da bagunça de seu cabelo fazendo cócegas em meu nariz, pressionando minha mão no colchão para levantá-lo.

— Eu não ligo. — Ela sorri, uma risadinha. — Por favor. Mais rápido.

Por favor. Risos.

Nunca foi assim antes, tão simples, perfeito e divertido. Mais do que sexo, algo mais está se formando entre nós.

Eu manobro meu corpo em torno do dela, como uma cobra enrolando facilmente em sua cintura, levantando ela da cama e a segurando em meus braços. Desse jeito, ela fica mais perto de mim sem que meu corpo inteiro esmague o dela.

Os músculos fortes de suas pernas apertam minha cintura de uma forma que é tão confortavelmente familiar que eu me aninho nela.

— Eu vou gozar — ela diz, seu tom tão ofegante que é quase um sussurro.

— Goze — eu sussurro, minha mão gentilmente contra o topo de seu sexo entre seu corpo. — Essa é minha garota. Muito bem, *baby*.

Minhas palavras apenas a levam para além do penhasco mais rápido, e eu estou pulando bem atrás dela, meu corpo frenético com vida e sentimento e tudo o que enterrei enquanto tomo sua boca e

movo seus quadris para cima e para baixo em meu comprimento, gozando com tanta força que tenho certeza de que vou desmaiar.

Quando ela atinge o pico, eu a mantenho perto e ela envolve os braços em volta do meu pescoço, com a pele úmida. Sua cabeça cai para trás contra o apoio da minha mão, os olhos preguiçosos enquanto me observam. Ela está com sono e saciada, mas ainda estou eletrizado. Pacífico, mas desesperado para não tirar as mãos ou os olhos dela nem por um segundo.

É aqui que ela geralmente desaparece e eu serei amaldiçoado se deixar isso acontecer.

— Banho? — Pergunto, penteando seu cabelo para trás. Ela balança a cabeça e não se mexe nem reclama nem uma vez enquanto eu a levanto e a carrego para o banheiro. Apenas um suspiro quando eu saio dela e inclino meu corpo em direção à parede fria de azulejos do chuveiro, certificando-me de que a água esteja quente o suficiente.

Eu entro sob o jato primeiro, puxando-a com cuidado para que ela fique debaixo d'água, usando meu sabonete e minhas mãos para fazer espuma em seu corpo, limpando suavemente e brincando levemente com o espaço sensível entre suas pernas até que ela segure meu ombro com as mãos e unhas pequenas e grossas.

Eu a faço gozar novamente, lenta e suavemente, e ela descansa contra mim enquanto eu lavo seu cabelo. Seus olhos nunca deixam os meus, apesar do estupor de seu corpo, ela parece admirada por mim.

Isso faz meu peito latejar.

O que sinto por ela é real, tão profundo que parece que uma corda passa de dentro de mim até ela, amarrando-me a ela. Mas Sadie é um enigma, toda paredes de aço e revirar os olhos. Eu não sei o quão profundo isso é para ela, e eu serei amaldiçoado antes de assustá-la com o meu nível de necessidade por ela.

Aceito tudo o que ela me der: um cachorro implorando por restos, até que ela me deixe entrar. Sou paciente.

Eu posso esperar.

Uma vez que nos deitamos juntos na cama, nus e quentes sob meus cobertores, eu acaricio suas costas enquanto ela se afasta de mim e se aproxima da borda.

— Eu não sou muito de abraçar — ela argumenta por cima do ombro, mordendo o lábio.

— Ok — eu concordo.

Mas eu acordo com seu corpinho pressionado contra meu peito na manhã seguinte e, felizmente, cancelo todos os alarmes para voltar a dormir com ela em meus braços.

TRINTA E TRÊS

Sadie

Tive o melhor sono da minha vida.

Considerando que aconteceu logo depois do melhor sexo da minha vida, vejo a semana inteira como vitoriosa. Semanas assim são poucas e distantes entre si para mim.

Não há nem um pingo de ansiedade quando acordo, porque sei exatamente em quem me enrolei como um macaco.

E eu sei que meus irmãos estão seguros.

Eu não pretendia passar a noite inteira longe deles, mas acho que Aurora queria que eu passasse, a julgar pelo seu fluxo contínuo de mensagens em letras maiúsculas para “Escalar Rhys como uma árvore”. Então, quando eu disse a ela que ficaria a noite com ele, recebi uma série de emojis de êxtase.

Eu provavelmente deveria me afastar, mas não o faço, contente em olhar para seu rosto macio e adormecido. Ele está completamente em paz, com a testa relaxada e um sorriso satisfeito aparecendo em sua boca.

É quase estranho, tenho certeza, quanto tempo eu o observo. Mas leva todo esse tempo para reunir forças para me afastar e me aliviar no banheiro, procurando uma escova de dente ou enxaguante bucal – qualquer coisa que ajude com a sujeira que sinto na boca.

Jogo água no rosto e pego uma camisa limpa do armário ao lado.

Ele se apoia nos cotovelos quando eu volto; um sorriso largo e com covinhas se espalhando por seu rosto.

— Você não tem ideia de quantas vezes eu imaginei você com

essa camisa.

Olho para o material cinza, percebendo que é quase idêntico à minha camisa de treino habitual, mas com *hóquei* impresso em letras grandes e em negrito abaixo do logotipo da universidade.

— Esta camisa? — Eu rio, caminhando lentamente em direção a ele.

Ele se levanta completamente, virando-se para se apoiar na cabeceira da cama. Os lençóis se acumulam em sua cintura, escondendo sua metade inferior muito nua e muito generosa.

— Sim — ele diz, lutando para me segurar enquanto eu rastejo pela cama. Ignorando minha tentativa de ser sensual, ele me senta em seu colo, apenas o lençol entre nós. — Tem meu sobrenome nela.

Minhas bochechas queimam, satisfação rolando através de mim. Suas mãos apertam brevemente minhas coxas, como se ele estivesse preocupado que eu pudesse fugir a qualquer momento. Mas eu decidi. Ele vale tudo isso — e se ele não se importa com o quão fodida e bagunçada é a minha vida, com o pouco tempo que posso oferecer, então não vou dizer a ele para ir embora.

— Ei, campeão.

— Ei, Gray. — Outro sorriso que reprimo com força e mantenho perto do peito. Isso faz meu coração pular e meu corpo aquecer. Eu me aconchego mais perto dele, apenas respirando o cheiro de sua pele.

— Se eu soubesse que meu pau deixaria você tão dócil, teria feito isso muito antes — ele brinca. — É como mágica.

— E por que não fez? — Tento perguntar isso de forma provocativa, mas há um toque de vulnerabilidade nas palavras.

Rhys inclina minha cabeça para fora do meu esconderijo em seu pescoço e esfrega minha bochecha com amor.

— Porque nunca seria apenas sexo para mim com você. E eu sabia que você não estava pronta para isso.

Minhas bochechas queimam. Meus olhos ardem e eu quero fugir tanto quanto quero algemá-lo a mim.

— Você acha que eu não estava pronta para o seu pau mágico?

Ele ri, a cabeça inclinada para trás contra a cabeceira da cama e não posso deixar de prender minha boca em seu pulso e lambê-lo com minha língua. Sua risada se transforma em um gemido, com as mãos apertadas, mas não para encorajar. Para me parar.

— Vamos — eu sussurro, mordiscando sua orelha. Estou viciada nele. Eu quero mais, infinitamente mais.

— Espere, Gray, — ele implora, gemendo enquanto eu chupo embaixo de sua orelha. — *Baby*, por favor.

O nome suave me faz querer rir e enrolar meu cabelo, e aproveitar tudo o que ele é. Consigo apenas me afastar e olhar para ele, minha mão espalhada por sua barriga bem definida, traçando unhas arredondadas em seu abdômen.

— O quê? — Eu pergunto.

Sua mão inclina meu queixo para que ele possa encontrar meus olhos. E ele ainda está sorrindo. Eu sorrio também.

— Eu só quero verificar. Não conversamos ontem à noite depois de tudo.

Depois que ele me fodeu e deixou sem palavras, ele quer dizer. De uma forma que fez eu me arrepender de tudo que desperdicei com outro homem, porque aquilo não era sexo — isso, parece ser ainda mais. Eu não sabia que poderia ser assim.

— Estou bem — digo, provavelmente muito animada. — Eu... foi incrível.

Ele sorri, um pouco de arrogância aparecendo.

— Isso não foi o que eu quis dizer. Mas bom para o meu ego. Eu não... — Ele franze a testa, a boca congelando por um momento. — Você realmente nunca me pesquisou?

— Eu disse que não faria isso. Porém, agora que você conhece meus segredos, posso conhecer os seus? — Digo isso principalmente em tom de brincadeira.

— Na verdade, sim.

Meu coração salta para a garganta.

— Rhys...

— Eu quero que você saiba tudo, Sadie.

Ele me leva até o colchão com beijos que são curtos demais quando ele se levanta. Eu o vejo se mover, com água na boca pelo formato provocador de sua bunda – ainda mais por seu pau meio duro pendurado entre suas pernas quando ele volta em minha direção. Estou tão distraída que não percebo que ele está com o laptop nas mãos.

Ele abre, sentando ao meu lado e digita algumas coisas antes de encontrar o que procura. Então, ele gira o computador em minha direção e se afasta.

— Eu vou tomar banho. Apenas... veja o vídeo.

A tela está pausada, mas o título diz *Rhys Koteskiy sendo carregado para fora do gelo após ataque de Kane (gráfico)* e isso é o suficiente para eu sentir meu estômago cair até minha bunda.

Por um momento, apenas fico olhando, pairando sobre o botão *play* até conseguir me forçar a clicar nele.

O jogo começa, estamos no meio do período e Rhys parece estar pegando fogo. Seu rosto está feliz e aberto, mas há intensidade e foco subjacentes. O disco cai e eles partem – acelerando em direção ao outro lado depois que Rhys venceu o confronto. Ele é rápido, bonito e poderoso enquanto suas pernas o empurram em direção ao gol. Outro jogador devolve para ele e eles estão se aproximando da rede muito rápido. Mas o outro time tem alguém bem em cima dele, que vai para a rebatida no momento em que Rhys passa para trás.

A rebatida é forte, como já vi muitas vezes no hóquei, mas não é a

rebatida que o acerta, é sua postura curvada, batendo nas tábuas a toda velocidade, de cabeça.

Ele quica, batendo primeiro nos joelhos do defensor e depois caindo de bruços no gelo.

Há um grande estalo e depois silêncio.

Mas, só por um momento, antes de todo o time começar a atacar o jogador que o acertou: Kane, vejo grandes letras amarelas em negrito nas costas de sua camisa.

Toren Kane, eu percebo.

Tipo, o cara no meu treino.

Ai meu Deus.

Abro outra aba e procuro o nome dele e, como ele disse, há uma riqueza de conhecimento ali. Manchete após manchete: expulso do *Boston College*, dispensado de *Michigan* por circunstâncias desconhecidas, proibido de jogar na arena de *Harvard*. E, mais recentemente, uma mudança surpresa para a Universidade *Waterfell*.

Página após página de entrevistas tentadas *e negadas* sobre seu ataque a Rhys.

Balanço a cabeça, sentindo meus dedos ficarem dormentes enquanto clico de volta para o vídeo principal e procuro mais ângulos *sugeridos*.

Encontro uma visão dupla, onde posso vê-lo, esparramado no gelo, de bruços, desmaiado. Um médico chega, tentando não movê-lo, mas há sangue no gelo e eles não conseguem ver de onde vem.

Então, ele começa a tremer no gelo, pequenos tremores percorrem seu corpo fortemente acolchoado. Um goleiro enorme vestido de azul e cinza, que eu sei facilmente ser Bennett Reiner, está ao lado dele agora, sem capacete e rosto contraído de preocupação enquanto ele começa a procurar alguém na multidão, o tempo todo ajoelhado e segurando a perna de Rhys.

Vejo que ele começa a se virar, o que é bom – significa que ele está acordado. Mas assim que ele se levanta, ele cai para trás como se seu pescoço estivesse quebrado. Ele está sem capacete, com sangue escorrendo pelo rosto devido a um corte causado pela pressão.

O terror aperta minha garganta, lágrimas brotam como se ele não estivesse na sala ao lado. Como se ele não estivesse bem. De repente, desesperadamente, preciso colocar meus olhos nele para ter certeza de que ele ainda está bem.

A câmera corta para os bancos onde estão os dois times, o técnico do time adversário furioso, sua mão segurando Toren Kane pela gola de sua camisa, que já está rasgada da luta. Os árbitros se aproximam e há muito silêncio antes que uma maca seja transportada, várias pessoas caminhando com ele através do gelo – um deles era um homem alto e bem vestido clamando por ele.

E então o vídeo termina.

Fecho a tela no momento em que Rhys volta, com a toalha enrolada em sua cintura fina. Seu cabelo está úmido e ele o prende atrás das orelhas, algumas mechas soltas dançando teimosamente diante de seus olhos. Ele tenta sorrir, mas para quando olha meu rosto.

— Ei — ele murmura, correndo em minha direção e segurando meu rosto em suas mãos grandes. — Você está bem?

— Você está? — Eu pergunto, um tremor percorrendo minha espinha. — Deus, Rhys...

— Eu não te mostrei isso para você ter pena de mim — ele diz rispidamente, encolhendo os ombros onde minhas mãos distraidamente alcançaram sua bochecha. — Eu só queria que você soubesse.

Eu concordo.

— Eu sei. Mas, seja sincero, você não pode me mostrar isso e esperar que eu dê de ombros.

— Foi apenas um ataque. Acontece o tempo todo. O hóquei é um

esporte de contato.

Não importa, quero dizer – claramente neste vídeo, o golpe em si é a menor parte deste problema.

Lembro-me, por um momento, da aparência dele naquele primeiro dia, caído contra as tábuas do gelo, o medo e o pânico arregalando suas pupilas. Suas mãos trêmulas, o tremor de seus músculos sob minhas mãos.

— Se foi apenas um ataque — começo. — Então o que aconteceu depois?

TRINTA E QUATRO

Sadie

Por um momento, acho que ele vai me negar e encerrar tudo.

Mas ele respira um pouco mais pesado e pergunta se pode se vestir. Quero dizer não, porque cobrir o seu corpo parece um crime. Mas sua pele já me distrai o suficiente, então ele veste uma calça de moletom cinza e uma camisa igual à que roubei e volta para seu lugar na cama, à minha frente.

— Tudo doeu, eu me lembro. Mas eu realmente não me lembro do golpe. Lembro de ver ele chegando, depois lembro do pânico de não conseguir ver nada. Achei que estava morrendo. — Ele ri, mas não há humor nisso. — E então, pensei que estava morrendo *todas as noites*.

Eu me pergunto se vou desmaiar com o quanto meu coração está batendo forte, como se eu estivesse absorvendo a ansiedade e o medo dele daqueles dias.

— Eu não conseguia dormir. No início, eram apenas os *flashbacks* que me impediam de adormecer. Então, quando eu adormecia, eu acordava, ou minha mãe me sacudia para acordar, porque eu estava gritando de cara no travesseiro e não conseguia respirar. — Ele bufa, fechando os olhos com força e vestindo a camisa. — Eu realmente a assustei no primeiro mês.

Deus.

— Então eu simplesmente... parei.

— Parou o quê?

— De dormir.

Meu peito queima com o encolher de ombros indiferente que

acompanha a confissão comovente.

— P-por quanto tempo?

— Eu poderia passar cerca de dez dias seguidos antes de desmaiar em algum lugar e, como estava me recuperando em casa, minha mãe percebeu que algo estava errado. Então, além dos analgésicos, consegui alguns comprimidos para dormir e uma terapeuta muito irritante.

— Tipo, para sua recuperação? Uma terapeuta esportiva?

Ele balança a cabeça.

— Não. Eu também tive um desses, mas meus pais insistiram em uma terapeuta focada na saúde mental de atletas. Não consigo imaginar quanto ela custou para eles, mas... — Ele dá de ombros novamente, seus dedos iniciam um padrão em minha coxa exposta, apenas roçando sob o tecido molhado.

É uma distração, mas é mais reconfortante do que qualquer outra coisa.

— Rhys.

— E então, depois disso... eu me senti *entorpecido*. Como se houvesse uma sombra escura onde tudo *de bom* estava e eu não conseguisse mais alcançá-la. — Ele ri, desta vez de verdade, e levanta os olhos para os meus. — E *então*. — Ele estica a palavra e beija meu nariz. — Essa pequena patinadora artística punk agarrou meu pulso e me disse para não tocá-la, e eu senti *algo*. Eu estava com medo de nunca mais vê-la.

— Oh? — Estou tonta, girando no poço de seus olhos castanhos. Acho que vou me afogar nas covinhas dele se elas ficarem mais profundas. — E aí?

Provavelmente pareço uma idiota chorona, mas contanto que ele esteja olhando para mim daquele jeito, não me importo.

Ele acaricia minha bochecha com a sua, um leve arranhão na barba por fazer, e então sua boca está na minha orelha.

— E aí, ela estava lá comigo. De novo e de novo. — Mas ele se afasta, com um olhar sério enquanto mantém o controle sobre meu queixo e atrai meus olhos para os dele. — E então comecei a usá-la como muleta.

Eu me estremeço com a dura verdade.

— Está tudo bem...

— Não está — ele me interrompe. Mas ele sorri levemente e continua: — Estou de volta à terapia. Eu não deveria ter ido embora... e não deveria ter usado você daquele jeito.

Quero dizer a ele que *quero* que ele me use para sempre, mas sei que ele está confessando algo profundo. Mostrando para mim que isso entre nós não é mais apenas uma dor compartilhada; não é uma liberação emocional — é algo real. Algo precioso.

Ele beija minha bochecha e envolve meu cabelo no emaranhado de seus dedos, apoiando minha cabeça.

— *Você foi a única vez que senti alguma coisa* em muito tempo.

Eu me abro para ele, nossas bocas se entrelaçam enquanto ele me mantém completamente à sua mercê.

Por ser tão pequena — mesmo tendo certeza de que os músculos das minhas coxas poderiam matar um cara se eu realmente precisasse — sempre mantive o controle quando se trata de encontros. Estar no topo, fazer isso apenas pelo meu prazer, mantendo limites rígidos sobre o que eles poderiam tocar. Mas com ele, não preciso.

Porque eu confio nele.

Digo isso em voz alta assim que percebo, aproveitando a luz que acende em seus olhos.

Ele parece querer dizer alguma coisa, mas balança a cabeça e me beija através de sorrisos e risadas intermináveis, até que caímos juntos de volta sob os lençóis.



Saímos do quarto dele no meio da manhã, quando nossos estômagos estão roncando e as caras barras de proteína escondidas no frigobar de Rhys acabaram.

Ele desce antes de mim para que eu possa me refrescar – de novo, já que não conseguimos tirar as mãos um do outro, e me dá tempo para ligar para Aurora para ver como estão os meninos.

Ela os deixou na escola esta manhã, felizes e alimentados, e sei que os dois têm programas extracurriculares até tarde. Também sei, pelo calendário muito bem conservado acima da mesa de Rhys, que ele terá que pegar um ônibus em duas horas para o jogo fora de casa. É hoje à noite no *Union College* e, para completar a pequena imagem do capitão Rhys do hóquei em *Waterfell*, vejo uma tabela de suas estatísticas com anotações rabiscadas sobre diferentes jogadores.

Sorrindo, pego uma caneta do suporte e rabisco um rápido *Boa sorte, campeão* com uma piscadela na parte inferior.

Encontro minha leggings da noite anterior, assim como meu sutiã e calcinha, mas uso a camisa com o nome dele nas costas para ir até a cozinha.

Só que, quando saio, ouço um barulho de arrastar os pés. Uma loira de pernas compridas está saltando na ponta dos pés altos e calçados com meias, empurrando um grande labrador preto de volta de uma das portas do corredor. Ela finalmente recupera o animal chorão, murmurando baixinho para ele, antes de fechar a porta o mais silenciosamente possível. É claro que ela está tentando sair sem ser pega, com o cabelo preso em um coque alto e bagunçado e uma enorme camisa surrada cobrindo-a como um vestido.

— Você está bem? — Eu pergunto, caminhando em direção a ela.

Mas eu congelo completamente quando ela se vira em minha direção, com um par de olhos castanhos arregalados e ansiosos fixos em mim. Olhos que pertencem a ninguém menos que Paloma Blake.

Nós duas ficamos boquiabertas, congeladas e inseguras.

Ela se endireita primeiro, puxando as costas com força para que sua postura fique mais confiante.

— Passou a noite, não foi? — Digo, parecendo sarcástica, depois passo por ela e desço as escadas.

— Parece que você também, hein? — Ela sorri, caminhando comigo. O que quer que a tenha impedido de descer as escadas mais cedo foi engolido pela sua vontade de brincar comigo. — Acho que deveria simplesmente desconsiderar nossa pequena conversa, hein?

Meu temperamento aumenta, mas não sei até que ponto a equipe aceitaria se eu empurrasse sua preciosa maria-patins escada abaixo. Ou arrancasse os olhos dela — embora eu não ache que minhas unhas curtas vão superar as unhas afiadas dela.

Quase chegamos ao fim das escadas quando uma risada estrondosa ecoa nas proximidades e Paloma agarra meu braço *com força*.

— Jesus, Blake — eu respondo, mas a outra mão dela tapa minha boca.

— Você pode apenas... — Ela suspira, e eu juro que se eu não soubesse melhor, pensaria que ela iria chorar. — Você pode não dizer nada sobre mim? Basta entrar lá e manter *todos* eles lá?

Eu não quero ajudá-la. Na verdade, não *suporto* ela. Mas ela parece extremamente desesperada.

— Qual é o seu problema? — Eu sussurro, minhas palavras quase inaudíveis sobre sua mão firme.

Seus olhos brilham.

— Deus, Sadie, não seja tão vadia.

— É preciso uma para reconhecer outra — eu digo, puxando a mão dela. — Agora saia daqui antes que eu mude de ideia e decida anunciar sua presença como se estivéssemos na corte medieval.

Ela se foi mais rápido do que as palavras chegaram, mas ainda conseguiu fechar a porta com cuidado.

Assim como ela fez, um jogador que reconheço por ter atendido a porta ontem à noite aparece na esquina. Ele parece uma versão mais doce de Freddy, como um menino bonito e inocente em vez do gato que pegou o canário.

— Ei, querida. — Ele sorri, mas é totalmente inofensivo. O apelido carinhoso não parece ser um flerte, mas sim boas maneiras de algum lugar ao sul de Mason-Dixon. — Perdida?

— Procurando pelo seu capitão, na verdade.

Ele ri e aponta por cima do ombro.

— Ele parece de bom humor. Acho que este pode ser seu novo ritual antes do jogo. — Passo por ele com um sorriso, mas sei que minhas bochechas estão ficando vermelhas e me amaldiçoo novamente por ser tão pálida.

A cozinha, assim como o resto da casa, é bastante impecável. Rhys está parado no topo do balcão, Freddy sentado no banco mais distante. E há um cheiro magnífico permeando o ar: gordura de bacon e xarope de bordo, tudo vindo do goleiro corpulento curvado sobre o fogão com uma toalha no ombro.

Bennett olha para mim com o queixo levantado, sem sequer um leve indício de sorriso. Rhys acompanha o movimento do amigo, interrompendo-se no meio da frase e sorrindo para mim como se não nos víssemos há semanas.

Se eu já estava corando, estou totalmente vermelho cereja agora.

Então, ando em direção a ele, deixando acontecer porque é o time dele e ainda não conversamos sobre o que exatamente é isso entre nós. Tudo o que sei é que ele nunca será *apenas* meu amigo – com ou sem benefícios. Ele sempre será mais.

Ele passa um braço em volta de mim, beijando o topo da minha cabeça e continua sua conversa com os meninos na cozinha. Ele não

para de falar, mesmo quando me levanta para sentar na banqueta à sua frente e apoia os braços no balcão, prendendo-me entre eles.

Eu escuto, mais ou menos, mas me animo totalmente quando um prato fumegante com tiras de bacon, claras de ovo mexidas, torradas de abacate com massa fermentada de aparência cara e frutas em cubos pousa na minha frente.

— Oh, eu não preciso comer primeiro.

Rhys balança a cabeça.

— Temos um conjunto muito específico de refeições antes do jogo, Gray. Isso é tudo seu.

Minha boca está salivando enquanto olho para Bennett.

— Tem certeza?

Ele grunhe e balança a cabeça, desligando o fogão com um pouco de raiva.

— Há muito mais se você quiser mais. Você pode ficar com esse.

— Ele sorri um pouco hesitante, antes de pedir licença e voltar para cima.

— Ele é sempre assim — Freddy diz, roubando um pedaço de bacon do meu prato antes que Rhys possa dar um tapa em sua mão. — É o seu humor antes dos jogos. Entããã — ele arrasta, encostando seu ombro no meu enquanto Rhys se dirige para uma máquina de café de aparência sofisticada. — O que está acontecendo aqui?

— Freddy — Rhys avisa acima do turbilhão do café expresso. — Deixe-a em paz.

— Vamos, capitão. Preciso dos detalhes interessantes. — Suas sobrancelhas oscilam exageradamente.

Reviro os olhos antes de voltar a mastigar e observar Rhys se movimentar pela cozinha como uma cena do meu filme de conforto favorito. Ele brinca com um bocal por um momento e meus olhos se fixam em seu rosto concentrado, desejando ter meu telefone para tirar

uma foto dele.

— Vocês dois estão namorando agora? — Freddy pergunta, choramingando como uma criança quando Rhys o repreende novamente.

Engulo toda hesitação; todo momento em que duvidei porque sei que Rhys quer mais. E, pela primeira vez, eu também.

— Sim — eu digo, tentando ignorar a pontada de desconforto quando ambos ficam em silêncio. — Eu sou a namorada dele.

A palavra pode parecer estranha na minha língua, mas o brilho cintilante em seus olhos e seu sorriso descarado — com ambas as covinhas — fazem com que tenha um sabor mais doce. Ele não me corrige, e só percebo depois de deixar escapar o título que ele absolutamente poderia.

Oh Deus. Minhas cólicas estomacais. Ele quer isso? Ou a noite passada foi apenas um ponto de ruptura para ele?

Começo a girar em meus pensamentos, ignorando o que quer que Freddy esteja dizendo enquanto se levanta do banco.

— Minha namorada? — Ele pergunta, presunçosamente pairando sobre meu ombro.

Não consigo olhar para ele, com medo de ter inventado tudo na minha cabeça e não ser isso que ele queria.

Mas uma caneca verde com algum tipo de desenho de flor ligeiramente disforme na espuma desliza na minha frente.

— O que é isso?

— É... ah, arte em espuma de café com leite. Era para ser uma flor — ele diz timidamente, quieto.

— Eu amei.

Rhys beija meu pescoço, prendendo meu cabelo em suas mãos e tenho a vontade ridícula de cortar tudo para que ele tenha melhor acesso à minha pele constantemente.

— Acho que nunca estive mais feliz, Gray, — ele sussurra. Outro beijo no canto da minha boca. — Minha garota.

Como um bálsamo para uma ferida que eu não sabia que carregava, Rhys me abraça. E isso é mais que suficiente.

TRINTA E CINCO

Sadie

É meu primeiro jogo, especificamente como *namorada de Rhys Koteskiy*. Estou meio emocionada, meio apavorada.

Oficialmente, apenas uma semana após o início do nosso relacionamento – uma semana em que o vi apenas duas vezes, brevemente entre os meus treinos e os dele. Mas fazer com que ele espere um pouco depois dos primeiros treinos para me beijar antes do meu horário no gelo sempre me deixa de bom humor. Na verdade, acho que quanto mais os beijos e toques de Rhys me inflamam de antemão, mais minhas rotinas recebem mais elogios do treinador Kelley.

Mesmo assim, estou nervosa.

Acrescente a essa pressão o fato de eu ter conhecido acidentalmente a mãe de Rhys quando eles entraram no café no meu dia habitual de folga.

Rhys estava sorrindo abertamente e me beijou castamente na bochecha. A pequena figura de uma mulher ao lado dele era linda e eu tenho quase certeza de que ela queria dançar um pouco quando ele me beijou, o que me fez corar ainda mais quando ela se apresentou como Anna Koteskiy.

Acabei pegando meu almoço para sentar com eles, sentindo uma mistura de ansiedade e terror até que estava limpando as palmas das mãos na calça jeans por causa da umidade constante. As figuras femininas adultas em minha vida eram poucas e raras, então eu não tinha certeza de como deveria me comportar.

Mesmo assim, ao sair, ela me deu um abraço apertado, sem me soltar até que finalmente relaxei.

No meu ouvido, ela disse que estava orgulhosa de mim. E, então, ela se foi.

Três dias desde aquela interação, e ainda não vi Rhys sozinho. Eles jogaram contra o *Colgate* ontem à noite e venceram na primeira prorrogação, mas pelo que li *online*, foi um jogo muito difícil para *Waterfell* e eles acabaram “jogando como uma merda”.

Hoje à noite, eles jogam no *Boston College*, e é para ser muito importante.

Meus irmãos também estão vindo. Rhys garantiu vagas para eles e me disse que eles ficariam com a mãe dele para que eu pudesse passar um tempo com meus amigos. Ainda estou um pouco desconfiada dela e ainda não conheci oficialmente o pai dele, apesar das vezes que o vi nos treinos de verão de Oliver e Liam.

Mesmo assim, me troco três vezes antes mesmo de me sentar em frente ao espelho do quarto de Aurora para me maquiar.

Ela termina muito mais rápido, oferecendo-se para fazer duas tranças curtas e soltas no meu cabelo, com finas fitas azuis amarrando-as. Sinto-me um pouco engraçada, mas... bonita, pela primeira vez em muito tempo. Eu me pergunto se Rhys vai me achar bonita desse jeito.

Meu peito aperta com o pensamento e me sinto um pouco enjoada.

Enquanto calço meus tênis brancos, Rora contorna a porta do armário e faço uma pausa.

— O que você está vestindo? — Eu pergunto, as sobrancelhas subindo rapidamente para a jaqueta estilo *patchwork vintage* que ela está vestindo, jeans preto com as costas recortadas, algum tipo de camisa da Universidade de *Waterfell* costurada em seu lugar. A manga é enfeitada com letras azuis “*Wolves*” em uma manga, e com estrelas brilhando na outra.

— O que *você* está vestindo? — Ela pergunta de volta, cruzando os braços para minha calça jeans preta e blusa branca. — Achei que você fosse usar o vestido.

Ignoro a pergunta dela. Eu *ia* usar o vestido de seda até que ele não coubesse na minha bunda, o que me fez sentir pior porque já posso ouvir o treinador Kelley em meu ouvido sobre a paisagem antes da próxima competição – que será em Denver durante quatro dias inteiros, então sei que ficarei de fora novamente.

— Você fez isso?

— Sim. — Ela pega algo da mesa, jogando para mim tão rapidamente que mal tenho tempo de estender as mãos. — Eu fiz uma para você também.

Espero uma cópia da dela, mas não deveria, porque esta é Aurora – com mais criatividade e inteligência no dedo mindinho do que tenho em todo o corpo.

É um bombardeiro *vintage*, com gola e punhos listrados em azul marinho e azul-petróleo, um grande logotipo *Waterfell Wolves* estampado em um lado, compensado com um remendo de jeans, enquanto o outro lado abriga um grande 51 em branco perolado com costura azul marinho.

O número de Rhys Koteskiy.

— Eu ia colocar o nome dele nas costas também, mas não tive tempo suficiente. — Ela dá de ombros. — Sem mencionar que tenho quase certeza de que escreveria errado, mesmo se estivesse copiando letra por letra.

Parte de mim quer criticá-la por se intrometer, por pensar que isso era algo que qualquer um de nós iria querer. Mas mordo a língua porque meus olhos estão ardendo de lágrimas com a gentil consideração da minha amiga.

— Você não quis costurar um número na sua? — Pergunto, voltando para o espelho e pegando o batom marrom que está sobre a penteadeira.

Ela sorri, com as bochechas coradas.

— Eu costurei — ela responde, mostrando a manga onde um

pequeno 27 está costurado na estrela mais próxima de sua mão.

Não preciso abrir o elenco para adivinhar que o número 27 é do único jogador que ela conhece parcialmente no time.

— Para o seu aluno favorito, hein?

— Quero surpreendê-lo com a pontuação do teste. — Ela sorri, e desta vez há uma verdadeira excitação em seu olhar, algo que está faltando nela desde o rompimento. E mesmo antes, na verdade. — Ele passou no meio do semestre.

— Ele ficará animado em saber que não terá uma suspensão iminente. E talvez para calar a boca de todo mundo sobre o quão estúpido...

Algo em meu comentário a deixa arrepiada e com o rosto tenso enquanto ela puxa o cabelo por baixo da jaqueta.

— Ele não é estúpido — ela bufa. — Ele é realmente muito inteligente. Quero dizer, olhe para ele jogando, ele lê cada movimento muito bem. Ele e Rhys são perfeitos juntos.

Eu aceno, advertido, mas minha testa franze.

— Você os viu jogar?

— Fui a um jogo ou dois.

Isso é novidade para mim; mas não posso dizer que estou surpresa por *não* saber. Com tudo ainda acontecendo ao nosso redor — patinação, minha distração com Rhys, os meninos, o caso de custódia, meu pai — eu realmente não tenho prestado atenção.

— Então, você entende de hóquei agora?

Ela assente.

— Li alguns livros sobre isso no trabalho antes de ir para um jogo. Queria entendê-lo completamente.

Eu rio levemente, não zombando, mas mais impressionada quando ela passa um braço nas minhas costas.

— Há anos que vejo Oliver jogar e ainda estou aprendendo.

Mas sei que Aurora aprendeu tudo. Ela provavelmente poderia treinar um time se quisesse, porque ela não faz nada pela metade.

Assim que terminamos, há uma enxurrada de batidas na porta de Rora, acompanhadas de risadas estridentes que só poderiam ser de Liam.

Rora abre a porta com um sorriso, gritando:

— *Boo!* — para iniciar outra rodada de risadas de uma criança de seis anos. Ela o persegue enquanto ele corre, e Oliver fica parado perto da cozinha.

— Você está bonita — diz ele.

Isso me faz parar por um momento, porque é o equivalente a um “*eu te amo*” e uma aprovação extrema em três palavras.

— Sério?

Ele concorda.

— Rhys vai gostar.

Oliver e Liam são tudo para mim. Mas com Oliver, é difícil encontrar qualquer coisa além de raiva. Mesmo que eu saiba que ele não me culpa, às vezes é difícil saber se estou fazendo a coisa certa. Então, aperto seu ombro e agradeço enquanto todos saímos.



A caminhada no saguão até a arena é movimentada, sendo o hóquei um dos esportes de melhor desempenho por aqui. É sábado também, o que significa que evitamos a maioria dos olhares de desaprovação do nosso AR, que viu meus irmãos mais novos nos seguindo para fora dos dormitórios.

Costumávamos ser multadas por isso, até que Rora fez algum tipo de magia. Desde então, não ouvi um pio.

A mãe de Rhys está parada dentro do complexo quando entramos, um homem alto, vestido de terno e com um sorriso largo ao lado dela. Eu sei que ele não é o pai de Rhys, e só isso me faz parar, apertando a mão de Liam um pouco mais forte.

— Ah, que linda. — Ela suspira, estendendo a mão para acariciar a manga da minha jaqueta. — Você que fez?

— Minha colega de quarto, na verdade — respondo, um pouco curta em minha resposta enquanto meus olhos se voltam para o homem atrás dela. — Esta é Rora.

Elas apertam as mãos, e posso sentir Liam tentando escapar do meu aperto para ir até ela, mas não vou deixá-lo ir.

Felizmente, não preciso perguntar porque Aurora se apresenta ao homem, provavelmente presumindo que seja o pai de Rhys.

— Adam. — Ele assente, sorrindo.

— Você é treinador? — Eu pergunto, com as sobrancelhas baixando.

— Advogado. — Ele sorri, todo calmo e controlado. Enquanto isso, minha frequência cardíaca dispara e começo a sentir o pânico aumentando.

Um *advogado*? Por que ela o trouxe aqui? Isso é... é sobre Liam e Oliver? Eles vão tirá-los de mim?

Meu aperto aumenta e até Oliver dá um passo para trás. O homem parece um pouco surpreso com a nossa reação conjunta, mas mal percebo, ocupada demais tentando encontrar uma rota de fuga e esperando que Rora faça algo insano e os distraia.

— Oh — Anna diz, seu rosto caindo em pura devastação. Estou muito ocupada em pânico para ficar envergonhada com minha reação, mas ela estende a mão para o advogado. — Não, este é um amigo da família, Adam Reiner. O pai de Bennett.

Isso não me acalma, nada acontece até que Aurora coloca a mão no meu ombro e chama minha atenção.

— Eles não estão tentando tirá-los de você — ela sussurra. Mas sei que a Sra. Koteskiy consegue ouvir suas palavras pelo barulho estremecedor que emana dela.

— Não, Sadie, Deus, eu sinto muito. Não, meu marido teve que ir a um evento de imprensa e seu voo atrasou. O Sr. Reiner apenas se ofereceu para nos acompanhar hoje. Só se estiver tudo bem para você.

Ele não está aqui para pegá-los. Ninguém vai levá-los.

Oliver continua me segurando, mesmo quando eu solto Liam para que ele possa correr para o lado de Anna Koteskiy e começar a tagarelar com ela sobre sua manhã. Mas o pai de Bennett — cuja semelhança agora posso ver facilmente pelo cabelo castanho beijado pelo sol e pelas feições fortes, sem mencionar a altura — se aproxima de nós.

— Vou pegar algumas bebidas para nós — Rora se desculpa.

Ele sorri para ela, algo que eu nunca vi em seu filho estoico, mas depois olha para Oliver e para mim.

— Se você precisar de qualquer coisa...

— Nós não precisamos — eu o interrompo. — Quero dizer... Eu tenho um advogado. Tenho os papéis da custódia e tudo mais. Estou apenas em um período de espera.

Tenho a data do julgamento marcada para janeiro e meu advogado espera que possamos convencer meu pai a abrir mão de seus direitos. Então, tudo o que preciso provar é que posso sustentá-los e abrigá-los — cuidar deles.

Ele sorri de novo, e é tão perfeito que parece uma máscara.

— Tudo bem.

A Sra. Koteskiy os surpreende com camisas do time, Liam está nadando dentro da dele, mas eles ficam felizes quando eu os deixo com os dois adultos muito bem arrumados.

— Você acha que ela me odeia? — Pergunto, seguindo Rora até

nossos assentos, algumas fileiras acima do vidro, perto do gol.

Aurora me dá um gentil empurrão de ombro, mas seu rosto está aberto e brilhante.

— Não seja ridícula. Tudo o que aquela mulher quer é pegar você e levar para casa no bolso.

— Ela acha que não posso cuidar deles...

— Não. Ela pensa a mesma coisa que *todos nós*. Que você não deveria precisar fazer isso. — Ela para por um momento, colocando a mão no meu ombro e brincando com a ponta da minha trança.

— *Seus* pais ainda estão vivos, e você é uma patinadora artística talentosa e uma garota inteligente que passa a maior parte do tempo equilibrando três empregos, mantendo seus irmãos alimentados, dentro do cronograma e em seu dormitório. Você não fez nada só por você desde que Liam apareceu.

Ela está certa. Eu odeio o quanto ela está certa.

— Bem, exceto Rhys. Isso foi definitivamente para você. E você merece; você o merece.

Eu corro novamente, acomodando-me em nosso lugar e observando as equipes saírem para o aquecimento. Estamos do lado da casa, então Bennett lidera, colocando sua garrafa de água na rede e indo para um canto para se esticar.

Os meninos parecem estar correndo no gelo, algo que sempre achei poderoso, mas instável. É irritante, considerando o estado em que o gelo fica quando tenho que patinar depois deles.

Eu o vejo facilmente, seu cabelo balançando com a brisa pela rapidez com que ele patina. Ele dá uma volta com Matt Fredderic em seus calcanhares antes de eles pararem e começarem uma pequena rotina de alongamento enquanto alguns dos outros caras começam a driblar e praticar arremessos em uma rede vazia.

Então, enquanto eles se alinham para para atirar o disco para Bennett no gol, ele me vê e sorri. Ele dá uma cotovelada em Freddy,

que olha para nós com um grande sorriso e pisca. Depois de darem a próxima tacada, eles vão até o nosso lado do vidro.

Uma garota sentada na nossa frente fica com os olhos esbugalhados quando eles se aproximam, gritando sobre o quão gostosos eles são com sua amiga e isso me faz sorrir, embora um pouco presunçosamente.

Mas, então, Freddy bate no vidro acima delas, completamente direcionado para Rora, que brilha sob sua atenção, antes de fazer uma careta ridícula para ele que faz Freddy rir alto o suficiente para ouvir através do acrílico.

Rhys apenas sorri para mim e acena, o que eu retribuo com alegria.

— Controle-se, filho — grita um senhor mais velho à nossa direita para Rhys. — Não deixe aquele filho da puta do Kane entrar na sua cabeça. De olho no prêmio.

Posso ver como Rhys o ignora, mas sei que ele pode ouvir.

Meus pelos estão arrepiados, prontos para arrancar a cabeça do cara, não importa quão boas sejam suas intenções, mas então outro idiota alguns assentos depois de Aurora e no vidro decorado com o vermelho da *Boston College* começa a gritar com a dupla.

— Ei, olhe para isso. O pequeno capitão deles conseguiu voltar ao gelo — ele grita. — Quantos golpes são necessários para você ficar mais forte, maricas?

— Vamos ver se você aguenta um, idiota — eu retruco, girando em direção a eles com tanta força que uma de minhas tranças me dá um tapa na boca.

Os meninos ao redor deles soltam um uivo coletivo como se estivessem assistindo ao início de uma batalha de rap dos anos 2000.

Meus olhos se voltam para Rhys, que parece estar dividido entre uma onda de orgulho e querer que eu pare de me envolver com eles. Dou uma piscadela rápida para mostrar que estou bem, mas cruzo os

braços e encontro o sorriso do intrometido com um dos meus.

— Essa é a sua namorada, então? A pobre garota parece chateada — diz ele, subindo os degraus e passando pelos assentos vazios para se inclinar sobre uma Aurora sentada e sussurrar. — O dano cerebral prejudicou a capacidade dele de foder? Eu serei voluntário se você precisar...

Dou uma joelhada nas bolas dele, rápida e forte, e então observo com um sorriso satisfeito enquanto ele tropeça nos pés de Rora e cai de bunda. Ele se levanta e desce, envergonhado.

Rhys bate no vidro com a luva, esperando até que o cara o encare. Meu namorado está sorrindo, seus olhos escuros.

— Olhe para ela novamente, veja o que acontece. — A ameaça é clara, apesar do sorriso falso com covinhas que se estende em suas bochechas. Ele bate forte no vidro com a ponta do taco, fazendo o cara pular para trás enquanto uma gargalhada ecoa ao redor deles.

Olho para ele novamente antes que ele saia do gelo, recebendo dele uma piscadela que preenche cada pedaço vazio da minha alma.

TRINTA E SEIS

Sadie

Posso dizer que Aurora está irritada – mais irritada do que eu a via há algum tempo.

É o fim do segundo período e eles estão ganhando por dois. Os fãs do *Boston College* que fizeram a curta viagem até nossa arena resmungam muito alto, mas *Waterfell* é mais alto. Estamos gritando cantos de torcida a noite toda, cantando músicas e ouvindo mais alguns fãs embriagados chamarem os jogadores pelo nome e baterem no vidro.

E, também, há fato de assistir ao Rhys.

Ele patina como se tivesse nascido com lâminas presas aos pés, como se tivesse mais coordenação ali do que para correr ou andar em terra firme. Sua capacidade de ler todos os outros jogadores – em vermelho e em azul – é quase mágica.

Ele é exatamente como eu imaginei, o garoto de azul fica dourado sob as luzes da arena e os aplausos dos fãs apaixonados. Seus confrontos estão 100% esta noite, e ele pode muito bem estar brilhando. E posso vê-lo daqui a alguns anos, jogando profissionalmente e iluminando o *jumbotron*²¹ e as telas dos telefones em todos os lugares com seu sorriso com covinhas sob o visor.

Rhys marcou duas vezes, uma durante o primeiro do outro lado, patinando através de seu time dando *high five* e humildemente inclinando seu taco no ar como celebração. Depois, novamente no segundo tempo, do nosso lado do gelo – a mesma comemoração, só que ele apontou o taco bem para mim.

E eu me transformei em uma bagunça pegajosa.

No geral, foi uma noite incrível.

Porém, assistir Aurora brigar contra o trio de garotas à nossa frente também foi incrível.

Freddy marcou pouco antes da campainha encerrar o segundo período, patinando e tocando seu taco como uma guitarra imaginária, o que arrancou várias risadas de Rora e de mim – só depois que ela terminou de gritar como uma alma penada por ele.

Mas, então, a linda garota de cabelos pretos e camisa *Waterfell* na nossa frente diz: — Deus, ele é tão gostoso.

— Você viu o *OnlyFans* dele? — A loira ao lado dela pergunta. Se ela pensa que está sussurrando, não chega nem perto. — Se você acha que ele vale a pena babar agora...

— Oh meu Deus, Ericka. — O garoto à sua esquerda com cachos cor de morango, também vestido com uma camisa do time, e um par de tênis Converse de couro preto que estou babando desde que os vi, suspira. — Isso foi um *boato*. O cara nem mostra a cara.

Ericka revira os olhos e joga um pedaço de pipoca no rosto dele.

— Oh meu Deus, Ron, *a ex dele* foi quem contou a todos. Tem que ser ele.

A outra garota diz:

— Acho que não. Ele negou, e, quero dizer, ele tem uma reputação no campus, claro, mas isso não significa que ele esteja vendendo sexo.

— Ele poderia se quisesse. Quero dizer, meu *Deus*, ele é de dar água na boca. E ouvi dizer que ele não é apenas generoso, mas *enor...*

— Ai meu Deus! — Rora grita, avançando entre os assentos, a cabeça na altura deles, uma mecha de cachos caindo em cascata como água ao redor de todos eles. — Ele não é a porra de um objeto. Cale a boca e pare de fofocar sobre rumores dos quais você *não sabe nada*.

Ela então se levanta, resmungando sobre pegar algo para beber e

sai antes que eu possa perguntar se ela quer companhia.

Rora parece um pouco desgastada quando volta, mas a sensação desaparece quando o terceiro período recomeça.

Os meninos estão dominando, o tempo está diminuindo e eu estou...

Estou muito excitada.

Rhys é claramente um de seus melhores jogadores, e posso ver muitos dos golpes direcionados a ele, mas seus companheiros de equipe em todas as linhas fazem um bom trabalho ao protegê-lo.

Na verdade, é Kane quem eles continuam a mirar. Seja por saber que sua habilidade e tamanho dão vantagem a *Waterfell*, ou por algum tipo de desavença entre os times, é surpreendente, considerando que ele jogou pela *Boston College*.

Eles parecem odiá-lo.

Sua própria equipe agora também não parece gostar dele, mas não os culpo. Parte de mim quer confrontá-lo, mas a outra parte só espera que ele deixe o time antes do fim do ano.

Não contei a Rhys sobre nosso impasse no treino, não porque estou escondendo isso, mas mais porque quero usar cada pequeno tempo que tenho com Rhys para outras coisas.

— Você viu onde eles sentaram os meninos? — Rora pergunta, engolindo outra cidra forte.

— Sim. — Concorro com a cabeça, apontando para onde ficam os bancos da casa e dos visitantes. Logo depois do final, pressionados contra o vidro, estão Oliver e Liam, com a mãe de Rhys e o pai de Bennett à direita. Considerando a atenção que a maioria dos jogadores lhes deu, eu diria que é uma vitória para eles. Mesmo tão longe, Liam está radiante.

E Oliver parece revigorado e feliz.

Um estrondo alto soa, seguido pelo rugido da multidão enquanto

todos se levantam para assistir uma briga.

Tento decifrar o que aconteceu, a princípio só consegui localizar Toren Kane travando uma luta com um dos maiores jogadores da BC22.

Mas então vejo Rhys, esparramado de costas, sem se mover – o peito ou a cabeça.

Estou na escada antes que possa piscar, com o coração na garganta enquanto pressiono as mãos no vidro e bato nele. Ele não está perto o suficiente, mas Bennett ouve, virando para olhar para mim através de sua grade – não consigo ver sua expressão, mas ele se vira e patina em direção ao seu capitão.

Deus, parece que ele nem está respirando.

Já existem treinadores ao seu redor, mais rápidos do que já vi na maioria dos jogos e sei que é por causa de sua história. Porque ele provavelmente já está na lista de observação deles.

Bennett está patinando de volta em direção à rede, lento e gracioso apesar de seu tamanho corpulento. Mas ele passa perto da rede e para ao meu lado.

Sinto-me como uma criança olhando para ele através do vidro, ele é tão grande. Ele tira o capacete e sacode os cachos molhados de suor, franzindo a testa.

— Ele está bem — diz ele. — Pode ir sentar.

— Ben...

— Se ele vir você em pânico, isso fará com que ele se sinta pior. Vá se sentar.

Faço o que ele diz, quase tropeçando nas escadas enquanto tento andar com a cabeça girando.

Ele se levanta e é recebido com aplausos de todos na arena, ambos os times batendo seus tacos no gelo. Ainda assim, eles o forçam a sair e atravessar o túnel.

Considerando que não acho que conseguirei respirar direito até colocar meus olhos nele, digo a Rora onde a encontrarei depois, e agradeço meu conhecimento em competições de patinação artística por conhecer os caminhos da arena como a palma da minha mão. Não me importo se eles não me deixarem vê-lo, só quero estar perto o suficiente.

Ando pela alcova perto do corredor do vestiário por um momento, antes que uma mão em meu ombro me faça tremer.

Olho para cima e vejo um homem de aparência desgredada se elevando sobre mim. Só depois de recuar contra a parede é que percebo exatamente para quem estou olhando.

Eles são cópias um do outro, Rhys e seu pai. E embora eu tenha conhecido o homem de passagem, nunca o vi de perto. Rhys tem os mesmos olhos chocolate que dão um toque infantil, até mesmo ao rosto ligeiramente envelhecido de seu pai. Ele parece jovem, mas desarmante de uma forma que sei que Rhys também parece. Queixo forte, lábios macios, o mesmo cabelo escuro.

— Desculpe — ele diz, seguido por uma palavra que não reconheço, mas que soa como uma língua áspera, russo ou polonês? — Você está aqui pelo meu filho?

— Sim, eu... — Eu limpo minha garganta presa, meu coração ainda acelerado. — Eu só quero saber se ele está bem.

O sorriso que ele me dá é gentil e caloroso, e dolorosamente familiar, exceto que ele tem apenas uma covinha.

— Venha, *dochka*²³ — ele acena com a mesma palavra, colocando a mão firme entre meus ombros e me guiando pelo circuito e pelos vestiários pungentes até uma sala menor equipada com uma mesa médica e suprimentos.

Rhys está lá, sem camisa e suando, com suas calças grossas de hóquei ainda vestidas. O treinador está com as mãos na cabeça, passando uma pequena lanterna nas pupilas, enquanto Rhys repete os meses do ano na ordem inversa.

— Um momento — sussurra seu pai, dando um passo na minha frente em direção ao filho.

Ele fica preso em junho por um momento, o que parece alarmar um pouco o treinador, antes que ele espie o Sr. Koteskiy pairando sobre seu ombro, percebendo a distração de seu jogador.

— Rhys. — Seu pai suspira. — Tudo bem?

— Tudo ótimo — Ele suspira de volta e eles soam tão parecidos quanto parecem, sem o leve toque de sotaque de seu pai. — Você acabou de voltar?

— Sim, entrei na pista e vi meu filho deitado de costas no gelo. Que tipo de boas-vindas é essa, hein?

Rhys ri, apenas uma leve bufada.

— Apenas perdi o fôlego. Mamãe está assustada?

— *Nyet*²⁴, mas há alguém que achei um pouco confusa lá fora. — Ele dá um passo para trás, imediatamente me colocando à vista de onde estou pairando na porta.

— Gray. — Ele suspira, um sorriso gigante em seu rosto. Os treinadores voltam às suas funções agora que seu centro está liberado, então somos só nós três. — Venha aqui.

Bastam duas palavras para que eu me apresse até ele, deixando seus braços me envolverem e sua cabeça suada pressionar meu peito.

— Você cheira horrível — eu digo sarcasticamente, um pouco de raiva enquanto meu coração ainda não para de acelerar.

— Vou dar um minuto para vocês dois — diz seu pai, antes de nos deixar sozinhos na sala de treinamento.

TRINTA E SETE

Rhys

Ela é perfeita.

Posso sentir um pouco da raiva saindo dela e é inebriante. Ela é inebriante.

Sadie Gray é a porra da minha *namorada* agora. Quero gritar na salinha para que meu pai, os treinadores – caramba, todo o prédio – possam me ouvir.

Minha boca se abre, desesperado para encontrar algum motivo para me referir a ela como *minha namorada*, quando sua mãozinha me dá um tapa no peito. Uma, duas vezes – antes de eu segurar seus pulsos com uma mão e usar a outra para inclinar seu queixo de onde ela está se escondendo de mim.

— Estou começando a pensar que não posso fazer isso — ela murmura, fechando os olhos. Meu estômago dá um salto e não consigo evitar de agarrar seus pulsos com um pouco mais de força.

“É o hóquei”, aquela voz sombria e zombeteira que estou percebendo ser uma versão da minha própria afirma. “O hóquei faz de você algo inútil e patético. Ela pode ver o que você era antes e não quer isso que você é agora. Aquilo que você será para sempre”.

Mas já passei por isso antes e, por mais que queira usá-la para afastar a escuridão, quero amá-la mais. Então fecho os olhos e me lembro que estou bem. Estou me curando.

— Sadie. — Eu respiro, minha mão enfiando em seu cabelo.

Seus olhos se abrem, nadando em lágrimas e eu vejo a visão como um golpe no estômago. Um golpe que ela dá bem.

— Você me *assustou* — ela chora, irritada e triste, e tão linda que dói. — Você estava deitado ali e eu não sabia se você estava bem ou vivo...

Ela me bate de novo, apenas um pequeno movimento da palma da mão no meu peito.

Eu solto uma risada e a puxo para mais perto, beijando sua bochecha.

— Eu estava apenas fazendo minha imitação de *Darth Vader*. Tentando fazer justiça à sua morte.

Ela ri, o som quase chocante contra as manchas vermelhas de suas bochechas, as lágrimas ainda escorrendo livremente.

— Achei que você não estava respirando.

— Dedicado ao papel. — Eu sorrio.

Ela me empurra completamente para longe dela, franzindo a testa enquanto ela me olha novamente. Aproveito o momento para examinar suas costas, com os olhos arregalados e o sorriso cada vez maior para o 51 acima da placa torácica direita de sua jaqueta enorme.

— Você está tão perfeita, Gray. Eu gosto da jaqueta.

Ela franze ainda mais a testa.

— Rora que fez.

— Eu quero você na minha camisa também.

Ela me ignora, ainda examinando cada pedaço de pele exposta, olhando entre meus olhos.

— Você está bem?

Eu sussurro:

— Estou perfeito, *baby*.

O nome suave a deixa emocionada.

Seu corpo bate no meu, me derrubando na mesa enquanto ela

sobe em mim. Ela está me dando beijos entre risos e soluços, e acho que poderia ficar assim para sempre, com o peso reconfortante dela em cima de mim.



Parece como antes, a *Hockey House* lotada de pessoas – metade das quais eu nunca vi na minha vida – e depois o nosso círculo; Freddy, Bennett, Holden e eu junto com a maior parte da nossa segunda linha; Caleb, Sanders e um calouro que se tornou regular.

Sadie e Rora já deveriam estar aqui, mesmo que tivesse sido como arrancar dentes para trazê-las aqui. Meus pais quase se ajoelharam para implorar para que ela deixasse Liam e Oliver darem uma festa do pijama na casa deles, mas só depois de ser convencida por Rora e eu, ela concordou.

Ela confia neles.

Algo pelo qual pretendo recompensá-la mais tarde.

Apesar da vitória e de ter sofrido apenas dois gols, Bennett parece chateado.

Ao meu lado, ele toma uma cerveja – algo ainda raro para o goleiro meticoloso –, mas está mais distraído e frustrado mais do que o normal.

Alguns dos jogadores de futebol com quem saímos vêm se juntar a nós perto da fogueira, seguidos por Rora e Sadie – ainda com suas jaquetas feitas em casa, mas agora enfeitadas com cachecóis e gorros.

Eu me levanto tão rapidamente que Holden dá uma risadinha quando Paloma se senta em seu colo e tenta distraí-lo da conversa que estava tendo com Freddy. Mas ela não precisa, porque Freddy já está de pé e arrancando risadas de Aurora, que brinca conscientemente com seu cabelo liso.

— Ei. — Eu sorrio, agarrando Sadie e puxando-a para perto de

mim, dando um beijo em sua testa e esfregando minhas mãos para cima e para baixo em seus braços. — Rora, seu cabelo está lindo.

Ela cora, mas posso dizer pelo aperto da mão de Sadie e seu aceno sorridente que fiz certo com o elogio. Freddy a coloca debaixo do braço e grita algo sobre *beer pong*, e ela lhe dá outro sorriso surpreendente.

Eu me preocuparia, mas Freddy me garantiu que está apenas no modo amigo. Ainda assim, fico um pouco nervoso porque Rora olha para ele com estrelas nos olhos – romântica e pegajosa. Mesmo que Bennett e eu a avisássemos, Aurora ainda poderia se machucar pelo atacante sedutor.

— Quer jogar? — Pergunto, beijando Sadie novamente, mas ela balança a cabeça.

— Só quero estar perto de você, na verdade. — Suas mãos serpenteiam sobre meus ombros e seguram os músculos ali, provocando um gemido baixo enquanto ela pressiona. — Podemos ir para o seu quarto?

—Já? — Eu provoco, afastando-me e sacudindo seu nariz. — Eu não sou esse tipo de homem, Gray.

Ela ri, rouca e sexy e meu jeans parece apertado.

— Um banheiro, então — ela brinca de volta.

Agarro seu queixo com um grunhido e me inclino para beijá-la suavemente.

— Tudo o que minha namorada quiser, ela consegue.

E então, eu a envergonho, jogando ela por cima do ombro enquanto ela grita em protesto – mas é alegre e cheio de risadas.

— Desculpe, pessoal, vamos remarcar o *beer pong*. Tenho que cuidar da minha namorada muito carente — anuncio, radiante de orgulho.

Aplausos e risadas se espalham ao nosso redor enquanto faço

uma rápida saudação à minha equipe e levo meu pequeno prêmio leve, com os punhos suaves nas costas, pela porta dos fundos e subo para o meu quarto.

Eu a coloco de pé e me viro para fechar a porta, mas ela já está tirando a jaqueta quando me viro para ela. Antes que eu possa me mover, ela me empurra contra a porta e cai de joelhos.

— Oh, *merda* — eu falo, soltando a maçaneta da porta e afastando o cabelo do rosto e pescoço suavemente. — Sadie.

— Sim, capitão? — Ela diz, suas mãos ansiosas e rápidas enquanto desfazem meu cinto e puxam meu short e boxer para baixo de uma só vez. Não posso nem tentar dizer outra palavra antes que seus lábios — vermelho cereja escuro e recém-mordidos — sejam pressionados no topo do meu pau. Sua boca se abre então, a língua lambendo levemente antes de ela pegar sua pequena mão e envolvê-la em meu pau, batendo-me em sua língua.

Eu vou gozar e minha garota nem fez nada.

Minhas mãos agarram seu cabelo, massageando a base do seu pescoço e descendo até os ombros enquanto ela me explora com a boca.

Ela é perfeita e quero que ela saiba o quão profundos são meus sentimentos. Eu colocaria um anel no dedo dela se isso não a assustasse. Sei que ela não fugirá de mim agora, mas estou preparado para a força que isso exigirá no futuro.

— Você é tão linda, — repito, pressionando meu dedo em sua bochecha com ternura. — Tão foddidamente perfeita. Deus, vendo você assim...

Ela geme e as reverberações percorrem meu pau como um arrepio. Eu mal agarro meu controle escorregadio, enquanto suas mãos descansam sobre os joelhos e ela olha para mim, meu pau a meio caminho de sua boca.

Ela está me dando o controle. Nosso morde e assopra, ela está me deixando ter esse momento.

— Essa é minha garota — eu sussurro, empurrando lenta e gentilmente em sua boca. Ela se contorce sob o elogio, como se quisesse se tocar, mas não o faz. A menos que...

— Você está molhada para mim, *baby*? — Eu pergunto, e ela se entusiasma, balançando levemente e me levando mais fundo. — Você precisa de mim?

— Quero você — ela suspira, se afastando e me sugando de volta com um barulho inebriante.

— Toque-se, Gray. Faça o que você precisa.

Sua mão mergulha na faixa de sua calça jeans, empurrando para baixo e eu odeio não poder ver o que ela está fazendo de perto, mas seus movimentos me dão o suficiente para imaginar. E quando se trata de Sadie Gray, tenho uma imaginação incrível.

Ela balança para frente e para trás, usando a mão para esfregar.

Sadie geme novamente, seus olhos se fechando de alívio antes de piscar para mim, um prazer perverso esticando sua boca como se ela estivesse sorrindo em volta do meu pau.

Mal tenho tempo de avisá-la, tentando me afastar, mas ela se ajoelha e agarra minha bunda, me puxando para dentro de sua garganta. Estrelas disparam atrás dos meus olhos, perdido entre a necessidade de jogar minha cabeça para trás, mas desesperado para manter meu olhar nela enquanto gozo.

Esperar até mesmo um segundo parece muito tempo, então quando eu me lanço nela e quase tropeço nas minhas calças, nós dois caímos na risada. Consigo tirar os sapatos, junto com tudo menos a camisa, e então agarro seus quadris, puxando a calça jeans para descer pelas coxas. Tento não me distrair muito com a extensão de sua pele sob minhas mãos. É quando ela tira a blusa, *revelando estar sem a porra do sutiã*, que não consigo me impedir de agarrá-la em meus braços e jogar seu corpinho musculoso na cama.

Eu pressiono suas costas e tento comê-la, mas ela implora e puxa meus braços até que eu me afaste.

— Isso deveria ser um presente.

Eu rio.

— Você é sempre um presente, amor.

— Uma recompensa — ela geme. — Por vencer, embora eu esteja pensando que "por estar vivo" pode ser um incentivo melhor para você, capitão. — Seu pé se conecta com meu peito e eu envolvo sua mão em seu tornozelo, levantando uma sobrancelha.

— Não seja atrevida. — Eu rio. — Apenas me diga o que você quer, eu te darei qualquer coisa.

Sua cabeça balança e ela suspira no colchão, embalando-se de um lado para o outro.

— Você é bom demais para mim. Pare com isso, eu estava tentando ser *sexy* e... e eu tinha todo esse plano. E sua bunda estúpida está estragando tudo.

O jeito que ela está choramingando parece muito com sua voz *sexy* de gatinha e estou duro novamente.

— Quer começar de novo?

Ela bufa e cruza os braços, fazendo beicinho como uma adolescente mal-humorada, mas eventualmente concorda.

— Tudo bem. O que você quer que eu faça, Gray?

Seu corpo se levanta do colchão, o cabelo caindo em cascata ao redor dela em pequenas ondas que mostram que foi trançado antes. Suas mãos pressionam meu peito e me empurram para trás, o que eu obedeço facilmente, me esticando embaixo dela enquanto ela monta em meus quadris. Há apenas um pedaço de tecido de seda impedindo que o calor dela pressione diretamente meu pau duro.

Seus olhos são escuros sob a sombra esfumaçada, ainda mais escuros quando ela me observa, completamente à sua mercê.

— Tudo bem, campeão. — Ela sorri e meus quadris pulsam para cima. — Calma — Ela ri.

Mas Sadie fica um pouco séria enquanto inverte nossa postura habitual e segura meu queixo com sua mãozinha.

— Quero fazer você se sentir bem, porque você sempre me faz sentir bem. E você não vai controlar isso, ok? Você só vai se deitar. — Ela se inclina para frente, pressionando seu peito nu no meu. — Relaxe — ela diz, mordiscando e lambendo minha orelha. — E deixe eu cuidar de você.

Estremeço violentamente quando ela passa a língua em meu pescoço, mordendo minha clavícula até eu assobiar.

Quando ela recua, suas mãos apertam os músculos dos meus ombros o melhor que podem – suas mãos são pequenas demais, mesmo que sejam fortes, para realmente fazer alguma coisa. Mas parece celestial.

Tudo o que ela faz parece celestial, porque é ela.

Ela empurra a calcinha de cetim para o lado, antes de deslizar em cima de mim, quente e molhada e infinitamente pronta para mim.

— Deus, *Rhys* — ela geme. Eu empurro para cima novamente com o barulho. — Você é tão perfeito.

Seu elogio é como estar sob o sol, aquecendo-me em todos os lugares.

Ela me monta lentamente, agarrando-me como um garrote entre suas pernas enquanto elogios escorrem de seus lábios como água. Não importa o quão pequena ela pareça agora, empoleirada em cima de mim assim, ela poderia me matar se quisesse e eu diria obrigado enquanto sangro embaixo dela.

Ela goza, e é como todas as vezes que vi isso antes – como se ela estivesse um pouco surpresa, como se isso pegasse a garota cuidadosa e controlada totalmente desprevenida. E então, seus lábios se abrem em um sorrisinho sonolento e ela olha para mim.

Estou dominado por esse sentimento novamente – o desejo de mantê-la aqui, protegida, segura e minha. Até que estou mordendo

minha língua, desesperada para enfiar o “*eu te amo, eu te amo, eu te amo*” de volta na minha garganta.

Não tenho certeza de quanto tempo mais poderei me segurar, mas estou desesperado para mantê-la. E isso – ela se derretendo em meus braços e beijando meus ombros, enchendo-me de movimentos suaves que copio até que estejamos deitados com a cabeça na cabeceira, sussurrando segredos silenciosos na escuridão brilhante – isso é mais que suficiente.

TRINTA E OITO

Rhys

Nós ganhamos. De novo.

Porra, finalmente.

A equipe está vibrando, *Gym Class Heroes* berrando de alguma forma mais alto enquanto eu caminho pelo túnel até o vestiário. Eu sorrio abertamente enquanto meu time bate nas minhas costas, Freddy e Dougherty pulando e cantando com alguns dos calouros mais extrovertidos.

Cada um deles merece isso; sem mencionar que isso aumenta nossos pontos o suficiente para não me preocupar tanto antes do jogo com *Cornell* no próximo fim de semana. *Harvard* ainda aparece no horizonte, um dos nossos principais concorrentes este ano, mas, esta noite, uma vitória é uma vitória.

— Um maldito *aplausos para o Reiner!* — Freddy grita, assobiando por toda parte enquanto ele pega o nó sagrado de corda, enrolado em fios cortados das redes vencedoras da conferência, e o entrega a Bennett, declarando ele nosso jogador do jogo. Todos aplaudem quando Bennett, ainda com suas grossas almofadas nas pernas, mas apenas com uma camisa de compressão de manga comprida, se levanta e aceita com um aceno de cabeça.

Sei que não devo esperar qualquer tipo de discurso, e ele não oferece nada além de:

— Não poderia ter feito isso sem meus defensores e toda essa equipe. Vamos, *Wolves*. — Ele levanta a longa corda novamente, antes de se recostar em seu cubículo.

O técnico Harris sorri, porque conhece seu goleiro estrela da

mesma forma que eu, aprecia suas peculiaridades e rituais. Ele construiu a confiança de Bennett, de todos nós, mas sei pessoalmente o quanto ele trabalhou com Bennett.

Ele acena para todos nós uma vez e sai com um rápido:

— Aproveitem a noite, rapazes. Não sejam idiotas — diz por cima do ombro.

Mas é em Toren Kane, sentado carrancudo no canto, com os braços cruzados sobre o peito, o suor escorrendo do cabelo preto molhado, que ele dá um tapinha no ombro enquanto caminha para fora

Algo aperta meu peito com a visão.

Freddy já está anunciando a festa nos Dormitórios de Hóquei — que será enorme, como sempre são nossas festas de Halloween. E se os grandes sacos de pintura facial que atualmente estão em nosso balcão da cozinha servirem de base, ele estará forçando qualquer um dos calouros despreparados a vestir fantasias designadas.

Nós, como equipe, geralmente damos tudo de nós.

Mas, considerando que *minha namorada* foi embora pouco antes do segundo período por mensagem de texto, tenho outros planos em mente.

Minha namorada. Duas semanas depois e ainda tem o mesmo gosto doce.

Ontem à noite, eu consegui que ela concordasse em ir a uma das festas de gala dos meus pais com meu rosto enterrado entre suas coxas.

Tomo banho rapidamente, vestindo uma calça de moletom cinza e uma camisa laranja neon que diz “*Estou aqui apenas para as vaías*” com um fantasma ostentando olhos de coração — um presente de Freddy em seu primeiro ano, quando eu disse que estava ocupado demais para me vestir bem antes de irmos centro da cidade. Definitivamente, parte da maneira como ele se infiltrou em meu coração como um dos meus melhores amigos. Desde então, as camisas cafonas para todos os feriados importantes se tornaram uma espécie de

tradição estranha entre nós dois.

Vou embora antes que Freddy tente me impedir, apenas aviso a Bennett para onde estou indo. Conheço a direção como a palma da minha mão agora, já que passo todo o meu mínimo tempo livre com ela – e estar com Sadie muitas vezes significa levar seus irmãos a algum lugar, conseguir jantar para eles ou buscá-los nos treinos.

Mesmo assim, ainda não tive um encontro com o pai dela. O que, tenho certeza, é algo muito significativo para ela.

Se eu estiver envolvido nos planos, nunca passaremos a noite na casa dela. Ela evita isso, mesmo que isso signifique que eu termine a noite ajudando-a a colocar as crianças sonolentas em um colchão de ar no chão do dormitório. Às vezes consigo convencê-los a dormir na *Hockey House*, onde Liam e Oliver recebem atenção interminável de quaisquer jogadores que estejam em nossa casa – jogando com eles até que Sadie liga sua voz severa e os força a irem para suas respectivas camas.

Camas que comprei impulsivamente um dia e coloquei no quarto não utilizado no final do corredor.

Eu sei que ela está em casa esta noite, porque há apenas alguns motivos pelos quais ela cancelaria. Aurora compareceu ao jogo, nossa nova fã leal, mas ela balançou rapidamente a cabeça para me dizer que Sadie não apareceria.

A rua onde ela mora é escura, sem decoração de verdade, todas as luzes da varanda apagadas, exceto a deles. Bato repetidamente antes de recuar para que ela possa me ver pelo olho mágico antes de responder.

— Puta merda — murmuro, sorrindo amplamente enquanto observo sua aparição na porta da frente.

Ela está vestida com um macacão marrom felpudo – completo com um capuz flexível – uma grande tigela plástica de abóbora cheia de doces na cintura e um pequeno Darth Vader pendurado em sua perna.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, mas não há nada além de alegria em seu rosto, levemente escondida sob minha expressão favorita de sobrancelha franzida.

— Quem você deveria ser? — Eu pergunto, ignorando completamente a pergunta dela. Porque é ridículo, onde mais eu estaria senão com ela?

Sadie sorri, mas é Liam quem grita:

— Um *Wookiee*! ²⁵ — enquanto ele salta para mim.

Eu o agarro, e sigo Sadie para dentro de casa, então fecho e tranco a porta atrás de mim. Este foi o máximo que estive na casa dela, que é pequena e fria. Parece que não há aquecimento – e talvez não haja.

Há um lance de escadas que parece um pouco desgastado. Diretamente à direita está uma pequena cozinha de azulejos azuis com biscoitos em uma assadeira em cima do fogão, o que explica o cheiro açucarado. À minha esquerda, vejo Oliver sentado em um sofá floral manchado, com um abajur na mesinha lateral e a TV piscando como as únicas luzes acesas.

— Ei, camarada.

— Koteskiy. — Ele acena com a cabeça, antes de voltar sua atenção para a tela.

Minhas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo. Sadie cobre a boca para evitar que a risada exploda, virando-se para a cozinha. Sigo com Liam ainda no meu colo enquanto ele me conta sobre ir pedir doces ou travessuras no “bairro dos ricos” e que Sadie não vai deixar ele comer mais doces esta noite.

Pego um biscoito da bandeja, mas Liam bate em minhas mãos e grita:

— Temos que cantar primeiro!

— Cantar o quê?

— Feliz aniversário!

— É seu aniversário, amigo? — Meus olhos dançam enquanto olho entre ele e Sadie corada.

Ele ri, brilhante e alto, como se eu tivesse contado alguma piada ridícula.

— Não, é da irmãzinha. Ela está fazendo... hum... — Ele se inclina para a irmã e sussurra alto: — Quantos anos você tem mesmo?

— Vinte e dois.

— Vinte e dois — ele grita para mim imediatamente.

Meu coração cai, minhas sobrancelhas franzem enquanto olho para ela novamente.

— Eu... eu não tinha ideia.

Sadie balança a cabeça e cruza os braços.

— Obviamente, porque eu não te contei, campeão. — Ela enfia um biscoito açucarado na boca antes que Liam possa impedi-la, sorrindo maliciosamente para ele enquanto mastiga.

Pode ser ridículo, mas estou um pouco magoado por ela não ter me contado.

Liam desce dos meus braços e exige que eu chame seu irmão para que eles possam cantar e Sadie possa fazer seu desejo de aniversário. Pego um biscoito com uma pequena abóbora laranja impressa e volto para a sala.

Eu me inclino no encosto do sofá, vendo *Halloween 3* passar na TV aquela mesma música estúpida que atormentava meus pesadelos quando criança.

— Como foi seu jogo? — Pergunto a Oliver, lembrando que ele teve um esta tarde.

Ele não olha para mim.

— Nós ganhamos.

— Marcou alguma coisa? — Eu sorrio, empurrando seu ombro. Ele se levanta, contornando o encosto do sofá e parando na minha frente, mais perto de mim do que nunca. Inferno, mais perto do que eu o vi chegar de alguém além de Sadie.

Ele coça a nuca, antes de baixar a voz para sussurrar.

— Meu terapeuta disse que Sadie teve um trauma com seu aniversário porque quando ela tinha a minha idade, algo aconteceu com nossa mãe. — Ele dá de ombros. — Sempre pensei que era porque papai fica muito, *muito* bêbado nos feriados. No Natal, ele fica triste. No Halloween, ele geralmente fica com raiva. Mas eu não sei.

Fico olhando para ele por um longo tempo, com enjoo no estômago, azedando o gosto que sobrou do biscoito ainda na minha língua.

— Mas, provavelmente, é por isso que ela não te contou. E... eu não quero que você fique bravo com ela.

Tento engolir o nó que se forma na minha garganta.

— Não estou bravo com Sadie — digo a ele calmamente. Há uma hesitação em sua postura, em cada linha de seu rosto, como se ele quisesse dizer mais, mas não soubesse como. Então, eu dou um palpite. — Eu não vou deixá-la, Oliver. Nunca, ok? Ela pode me pedir para ir embora um dia, mas eu *nunca* a abandonarei. Nem ela, nem seu irmão ou *você*. Diga que você entende isso.

Suas bochechas coram quando ele inclina os olhos para o chão.

— Eu entendo.

— Bom — digo, e por um momento sinto vontade de chorar. Quero envolver esse garoto em meus braços, porque seus ombros parecem pesados com o peso que ele carrega, mas sei que ele é um pouco como Bennett, ele realmente não gosta de toque.

Então dou um tapinha em seu ombro e nos direcionamos para a cozinha, comigo seguindo atrás dele.

Cantamos “*Parabéns pra você*” a plenos pulmões e batemos

palmas enquanto Liam adiciona sua própria pequena versão no final, que parece completamente inventada conforme ele avança, adicionando muitos ruídos bobos com a boca até que ele esteja rindo tanto de sua própria piada que ele não consegue continuar.

Eu beijo Sadie na têmpora quando ela vai pegar outro biscoito e ela acalma meu toque por um momento.

Estou apaixonado por ela.

TRINTA E NOVE

Rhys

Estamos deitados na cama dela, apenas respirando um ao outro e posso dizer que ela está tentando me ler.

Estou fazendo o mesmo com ela.

Depois de colocar Liam na cama, o que exigiu no mínimo três histórias para dormir, e fazer Oliver jurar que iria para seu próprio quarto depois de mais uma hora de filmes de terror, Sadie me levou até o quarto dela.

Foi difícil – ver os lindos lençóis azuis e os pequenos troféus e medalhas de patinação artística, as fotos das competições e das versões bebês de Liam e Oliver – fingir que não a imaginava neste quarto toda vez que ligava para ela da estrada. Ou que minhas fantasias oníricas, quando estava no chuveiro do hotel ou na cama em um jogo fora de casa, não eram de mim dando prazer a ela por horas, de tomá-la lentamente por trás enquanto olhos de gato cinzas olhavam para mim por cima de um ombro delicado e sardento.

Mas não é isso que eu quero agora.

Passo a mão pelos cabelos dela, sua cabeça em meu peito enquanto meu outro braço está em volta dela, patinando em círculos em suas costas por baixo de sua camisa surrada e enorme.

— Por que você não me contou sobre seu aniversário?

Ela encolhe levemente os ombros.

— Esqueci.

Mentirosa. Beijo sua testa novamente.

— Oliver acha que tem a ver com a sua mãe.

Silêncio.

— Você nunca fala sobre ela.

Não posso dizer que não esperava por isso, mas saber que isso aconteceria não dói menos quando ela afasta seu corpo de mim e se senta.

— Não há nada a falar — ela retruca, com o veneno no sussurro ecoando na escuridão do quarto de sua infância.

— Sadie

— Deixa pra lá, Rhys.

Se ela espera que eu recue e a deixe descontar o que quer que esteja sentindo em meu corpo — como tenho certeza que muitos garotos antes de mim fizeram — ela está prestes a experimentar algo novo.

Sento, recostando para relaxar na cabeceira da cama.

— Não. O que aconteceu no Halloween? — Quando ela não fala, eu continuo. — Eu não estou aqui *apenas* pela Sadie feliz na minha cama. Estou aqui pela minha Gray frustrada e irritada. Pela minha *kotyonok assustada*.

— Essa maldita palavra de novo — ela bufa baixinho. Ela fica me perguntando o que significa, então sei que ela ainda não pesquisou. Se ela realmente soubesse o que isso significava, provavelmente me daria um tapa. — Não tenho medo de você, Rhys.

Eu me pergunto se ela sabe que está em posição fetal, com os braços em volta de si protetoramente.

— O que aconteceu no seu aniversário? — Eu pergunto novamente. Minha voz permanece gentil e suave.

Ela me olha como um estranho em sua cama e, embora o olhar queime, eu aguento.

— Minha mãe foi embora quando eu provavelmente tinha a idade de Liam. E então, ela voltou. Ficou grávida de Oliver, e por alguns

anos... foi incrível. E então, ela simplesmente começou a desaparecer.

— O que você quer dizer?

Ela dá de ombros.

— Ela começou a ter esses episódios maníacos. Ela decidiria pela manhã fazer uma viagem, não importava se eu tivesse uma competição de patinação, treino ou escola, ela simplesmente... iria embora. Como se tivesse desaparecido, às vezes por semanas, às vezes por um dia ou dois. De vez em quando, ela levava a mim ou Oliver com ela. E então, um dia, papai chegou em casa e Oliver estava sozinho no berço. Ele entrou em pânico, ligou para a escola e descobriu que eu não aparecia há três dias.

Minha testa franze e eu resisto à vontade de alcançá-la.

— Por que ele demorou tanto para perceber?

— Ele jogava hóquei naquela época. Nada parecido com o seu pai, mas ele jogou em uma liga secundária e estava viajando para jogos fora de casa.

— E... Oliver? — Não quero expressar a implicação.

Ela expressa.

— Ele estava sozinho, sem comida em seu berço há dias. — Algumas lágrimas escapam de seus olhos, embora elas não se movam ao olhar para um buraco nos lençóis entre nós. — Não sei como ele está vivo. Mas então, meu pai a fez fazer terapia. Eu também, por um tempo. E as coisas ficaram bem por um mês? Eu não me lembro. Só me lembro de acordar um dia e meu pai estar chorando, segurando Oliver no sofá e me disse que ela não voltaria para casa.

Estremeço, porque posso *sentir* que isso não está melhorando, apenas piorando. E posso apostar que esta não é a pior das memórias presas em sua linda mente, atormentando-a.

Eu me pergunto se ela já falou tudo isso em voz alta. Ela consegue sentir a maneira como tremeu ao dizer algumas palavras com tanta força que a cama balançou?

— Então, quando eu tinha doze anos, eu acho? Ela voltou para casa. Foi... o melhor dia de todos. Ela me pegou na escola neste conversível vermelho brilhante e me levou ao shopping para experimentar fantasias de Halloween. Ela queria que combinássemos e fizéssemos uma festa só nós duas. Compramos um bolo, balões – tudo. E quando chegamos em casa, ela mandou a babá para casa, vestiu Oliver e me disse para subir para me arrumar, que ela ia pegar algumas velas para o meu bolo.

Um soluço brota de sua garganta, mas a vejo estrangulá-lo antes que ela levante seus olhos ardentes e esfumaçados para mim e conclua: — Fiquei sentada lá fora na calçada com Oliver, de três anos, até que meus vizinhos ligaram para meu pai.

— Gray — eu sufoco, desejando desesperadamente poder segurá-la. Inferno, meus braços levantam, como se eu pudesse tentar, mas ela estremece.

Acho que se ela me batesse, doeria menos.

— Quando minha mãe deixou Oliver, eu sabia que ela não voltaria.

Ela diz isso com naturalidade, como se isso não tivesse alterado seu mundo.

— Ela não simplesmente deixou Ollie, Gray — eu sussurro, gentil, mas implorando do mesmo jeito. — Ela também deixou você.

Mas ela balança a cabeça.

— Ela me deixou quando eu era muito mais jovem. Ela voltou para ter Oliver e depois o deixou.

Ela foi abandonada pela mãe duas vezes. *Dois vezes.*

— E seu pai?

— Ele começou a beber, mais do que já bebia. Apareceu bêbado para um ou dois jogos e, eventualmente, eles o demitiram. Mas foi aí que meu treinador começou a ajudar, abrindo um programa de bolsas para eu continuar patinando. Oliver começou no hóquei porque a pista

de gelo era meu porto seguro, então se tornou dele também.

Não quero perguntar, mas preciso.

— Liam?

— Hum — ela solta um suspiro e morde o lábio. — Sim. Eu não sei muito. Mas uma manhã desci para a escola e havia um bebê no chão, ao lado do meu pai desmaiado.

Eu engulo.

— Quantos anos você tinha?

— Dezesseis. Foi... assustador, por um tempo. Mas comecei a trabalhar nessa época e minha mãe começou a pagar pensão alimentícia ordenada pelo tribunal. Então, meu pai estava pelo menos sóbrio o suficiente para fazer alguma coisa. — Ela ri disso, mas não há humor nisso.

Imagino-a como uma menina de dezesseis anos, menos zangada e cuidando das crianças, fazendo orçamentos, limpando o pai mesmo quando ele não merecia. Para proteger seus irmãos. Para mantê-los por perto, porque não havia nenhum adulto em sua vida em quem pudesse confiar.

E ninguém estava cuidando dela.

Exatamente como ninguém tem cuidado há anos. Este era o normal dela.

Meu peito aperta novamente.

Não mais.

— Posso te abraçar? — Eu pergunto, antes que eu possa me conter. — Por favor.

Espero pela rejeição, pelo muro de frustração — e estou preparado para lutar por ela. Eu sempre vou.

Mas ela apenas balança a cabeça, exausta, enquanto se aproxima de mim e se aconchega de volta ao meu lado.

Só quando ela está dormindo profundamente, esgotada, mas tão linda, é que eu sussurro:

— Eu nunca vou deixar você. Feliz aniversário, Sadie.

Juro que ela sorri durante o sono, mas estou quase delirando quando se trata dessa garota.

— Eu te amo — murmuro, pressionando as palavras na pele de sua testa, esperando que de alguma forma ela as ouça. De alguma forma, ela sabe.



Acordo de repente.

O relógio na mesa de cabeceira está piscando 3h47 em fonte vermelha brilhante. Minha testa franze enquanto esfrego os olhos por um momento, tentando descobrir o que me acordou. Tive outro pesadelo? Não tenho um há meses, mas dormindo em algum lugar estranho eu poderia ter...

Algo bate novamente, alto, fazendo Sadie se mover e se enrolar mais contra mim.

Ela mal abre os olhos quando a pressiono de volta no colchão.

— Fique dormindo, *baby*. Só vou dar uma olhada nos meninos.

Seu corpo rola flexível para o outro lado, e eu coloco minha calça de moletom antes de sair.

Está muito frio nesta casa, o que Sadie explicou que era, na verdade, um problema com a casa deles sendo bastante antiga e com a conta de gás astronômica do ano passado; eles planejaram evitar o aquecimento até que fosse absolutamente necessário.

Um problema que eu já planejava resolver o mais rápido possível.

Liam está dormindo profundamente, sem se mover nem um centímetro enquanto fecho a porta. Mas Oliver está acordado, parado

no topo da escada, ouvindo.

— Ei, amigo — eu sussurro, preocupado com o olhar irritado em seu rosto. — E aí? Não consegue dormir?

Sua testa franze.

— Você não ouviu aquilo?

— Ouvi. Aquilo te acordou?

Ele bufa.

— Papai sempre nos acorda. Liam vai dormir com qualquer coisa. — Ele me olha de cima a baixo novamente. — Mas estou surpreso que Sadie esteja dormindo.

— Eu tentei evitar que ela acordasse. — Exceto que agora me sinto ridículo. Nunca tive que lidar com um alcoólatra, exceto no contexto de amigos bêbados da faculdade ou do ensino médio. Não um adulto. — Ele... ele é violento?

— Normalmente, não. Mas o Halloween o deixa com raiva. — Oliver encolhe os ombros e cruza os braços. — Normalmente ele quebra algumas coisas e depois desmaia no sofá. Mas...

— O quê?

Oliver está com aquela mesma expressão de novo, como se não tivesse certeza se o que está dizendo é permitido ou certo — como se alguém fosse ficar chateado com ele. Um pouco como confusão misturada com raiva.

— Você pode me contar qualquer coisa, lembra? — Tento lembrá-lo das minhas palavras de antes. *Eu não vou te deixar.*

— É a bolsa da Sadie. Eu sei que ainda está lá embaixo. Ela geralmente se lembra de esconder, mas ela...

— Eu a distraí.

Ele concorda.

Porra.

— Ele rouba dela?

— O tempo todo. E... eu sei que ela economizou o suficiente para o torneio em dezembro. Estou com medo que ele...

Minha mão se levanta para parar o leve pânico que posso ouvir gravado em sua voz.

— Eu vou cuidar disso, ok?

— E se ele brigar com você?

Eu sorrio, todo charme desarmante.

— Vamos, Ollie, olhe para mim.

— Eu só não quero que seja por isso que você vai embora.

Outro soco no estômago. Outra razão pela qual estou planejando nunca mais deixar essas crianças fora da minha vista. Eu me casaria com Sadie amanhã se isso significasse tirá-los desta maldita casa.

Quem estou enganando? Eu me casaria com Sadie amanhã. Ponto. Sem estipulações.

— Deixe-me lidar com isso, ok?

QUARENTA

Sadie

Acordo com gritos.

Meu corpo sacode como se eu tivesse sido eletrocutada. Um dos meus maiores medos de estar nesta casa é Oliver crescer e sua raiva o levar ao confronto. De acordar com gritos e uma briga entre um homem bêbado e uma criança.

Eu tenho que tirá-los daqui.

Estou descendo as escadas, duas de cada vez, e vejo Oliver na base, na cozinha. Ele tenta me impedir, mas passo por ele e vejo meu pai com uma garrafa de cerveja quebrada esticada como uma arma sobre sua cabeça. E Rhys, com as palmas para cima e os braços esticados, tentando acalmá-lo.

O olhar do meu pai muda para mim e ele muda de posição.

— Sadie — ele grita, dissolvendo-se em lágrimas quase imediatamente.

Não quero que Rhys veja essa parte. Onde meu pai pede desculpas e chora, e me implora para ajudá-lo. Não quero que ele saiba que às vezes ele me diz que me odeia porque sou *igual a ela*. Não quero que Rhys perceba que, quando chego perto o suficiente para ajudá-lo, ou ele dá um tapinha na minha cabeça com delicadeza ou empurra meu rosto com tanta força que quase quebrou meu queixo no armário uma vez.

Eu odeio isso.

— Você precisa ir embora — eu respondo, dando um passo na frente dele.

A voz de Rhys fica quase desesperada.

— Sadie, pare.

— Eu posso lidar com ele. Eu sempre lido, e nunca com a sua ajuda. Agora vá.

Oliver parece perturbado, apenas por um momento antes de sair furioso quando chego até meu pai e tiro a garrafa de sua mão. Ele a puxa de volta e a joga na parede, gritando algo sobre tudo isso ser minha culpa, antes de começar a chorar de novo.

Há vidro por toda parte e Rhys ainda não foi embora.

— Sadie, tenha cuidado — ele implora.

— Vá... por favor, Rhys. Eu não preciso da sua ajuda!

— Por favor, *baby*. Há vidro por *toda parte*. Apenas... deixe eu ajudar.

Eu me viro para ele.

— Pare com isso! Não preciso que você me conserte, Rhys. Eu não preciso ser *consertada*. Tenho tudo sob controle. Oliver vai para seus treinos e *eu* me certifico de que ele tenha novos patins e equipamentos quando precisar deles. *Eu* que faço isso! Liam aprendeu a ler porque eu o ensinei, antes mesmo de ele ir para a porra da escola, porque eu tinha dezenove anos e honestamente não tinha *ideia* do que ele deveria saber. Eu não precisava da sua ajuda naquela época e não preciso dela agora.

Espero que ele vá embora. Para dizer que ele sabia que eu era assim, miserável, terrível. Uma cadela, muito zangada e desagradável.

Mas ele apenas fica ali parado, quieto e solene.

Minha respiração está falhando e tenho certeza de que estou chorando — o que é bastante embaraçoso, mas mantenho meu rosto furioso, braços cruzados. Eu quero que ele vá embora, eu preciso que ele...

Ele pega o pequeno espanador e a panela pendurados na parede

e começa a varrer o vidro, ajoelhando na minha frente.

— Rhys — quase grito desta vez, minha fúria só aumenta.

Ele balança a cabeça, antes de finalmente olhar para mim, todos os olhos escuros de chocolate e uma expressão severa que raramente vejo nele.

— Não. Eu não vou a lugar nenhum, porra. Nem agora, nem nunca. Vamos conversar sobre tudo isso depois que estiver resolvido. Agora... — Ele estremece e gira seus ombros enormes e musculosos. — Vou limpar esse vidro, porque se você cortar a porra do seu pé aqui, mesmo que seja um maldito corte, não acho que vou conseguir evitar chutar a cara dele, ok?

Cada palavra é calma, quase serena, mas posso ver sua própria raiva e fúria sob a superfície. Como se ele estivesse se segurando porque *sabe* que não consigo lidar com isso.

— Ok — eu digo, me surpreendendo.

Meu pai já está quase desmaiado, encostado na parede atrás de mim, seu choro agora silencioso, exceto por roncos. Agarro seu corpo cada vez mais magro e o levo até a sala, atenta ao vidro, antes de jogá-lo na poltrona reclinável e torcer para que ele continue desmaiado.

— Rhys...

Ele levanta a mão para mim e olha por cima do ombro.

— Suba, Sadie. Espere por mim lá. Preciso de um minuto.



Parece que minha pele vai começar a derreter, e tenho certeza de que estou à beira de um surto psicótico, quando Rhys finalmente sobe.

Ele fecha a porta atrás de si, virando-se completamente em direção a ela e apoiando a testa. São necessárias várias respirações longas antes que ele se vire e ande pelo espaço do meu quarto, evitando

meus olhos. Ele coloca algo sobre a mesa – minha bolsa, percebo, e meu estômago se aperta.

— Você está indo embora?

Isso o faz olhar para cima, antes de se afastar novamente. Sinto aquela respiração em pânico aumentar, como se eu estivesse me afogando e lutando para chegar à superfície. Quero agarrar seu pulso e implorar, então cruzo os braços para me conter.

— Eu não sei o que terei que fazer para provar para você e Oliver que não vou embora; e honestamente, não me importa o que seja, eu farei.

— Espere... — Eu paro, atordoada e sem palavras. — Então... então por que você não olha para mim?

Aversão, ódio por si mesmo. Se você alimentá-los o suficiente, eles crescerão como vinhas inamovíveis. As minhas cresceram espinhos e me envolveram quando criança, e ninguém nunca se preocupou em tentar entrar. Até agora.

— Porque, Sadie... — ele grita, uma voz mais áspera do que eu já o ouvi usar, especialmente comigo. — Se eu olhar para você, vou ver aquele medo que vi *claramente* quando você entrou na cozinha. Não consigo tirar o rosto de Oliver do meu cérebro, e agora o seu. E se eu vir isso, não acho que serei capaz de evitar confrontá-lo.

Eu não digo nada. Mal respiro, como se qualquer barulho pudesse estragar esse momento.

Você estraga tudo. Olhe para ele: o menino de ouro que nunca fica com raiva, fica furioso de repente. Você pega tudo de bom e estraga tudo. O próximo é Oliver, já com muita raiva. Liam não ficará muito atrás.

Eu fecho meus olhos.

— Olhe para mim — ele ordena, e eu o faço, instantaneamente. Ele está andando ao pé da minha cama, brilhando sob a luz fraca do abajur de cabeceira. Ele parece maior que a vida, sempre pareceu.

Como imagino que seriam os filhos dos deuses antigos, de alguma forma que os diferenciasse dos meros mortais.

— Achei que você fosse como eu — sussurro, as palavras jorrando. — Mas você não é. Você é... Rhys, você é incrível. Você é tudo para as pessoas ao seu redor, mesmo aquelas que não te conhecem. Lá fora? No campus ou no gelo? Você é uma estrela cadente lá fora. Simplesmente de ouro. E você pode ter estado machucado quando você me conheceu, mas... você está melhorando. E minha vida vai ser assim por muito tempo. Tipo, estou tentando ganhar a custódia dos meninos, tentando me formar no início deste semestre para conseguir um emprego e provar para um bando de adultos que sou suficiente para cuidar desses meninos. E eu... — Minha voz fica embargada, porque percebo que poderia estar prestes a dizer algo insano. — Eu me importo com você o suficiente para ver que você está a caminho desta vida enorme, barulhenta e incrível.

A mão de Rhys se levanta para me silenciar, e eu paro facilmente. Em parte porque não *quero* dizer o que ia dizer. Eu o *quero* egoisticamente, sempre, não importa se sempre estarei puxando ele para baixo ou segurando ele para trás.

— Vou dizer algo agora, Gray. E eu preciso que você me ouça. Realmente me ouça, ok?

Eu concordo.

— Eu te amo. — Ele respira e está sorrindo, ambas as covinhas brilhando. Como se eu não tivesse simplesmente contado a bagunça da minha vida, primeiro com minha mãe, depois com meu pai bêbado tentando atacá-lo, e agora com meu discurso sobre como é terrível para ele me ter em sua vida.

Minha raiva nunca funcionou com Rhys; nem meus esforços para afastá-lo.

Então eu escuto, meu coração batendo tão rápido que tenho certeza de que criará asas e voará do meu peito.

— Eu te amo. Eu amo tudo em você. Eu amo sua raiva e seu

sarcasmo. Adoro o jeito que você patina, como se você estivesse de fogo, e isso me faz lembrar de quando me apaixonei pelo hóquei. Amo como você cuida dos seus irmãos, como você protege e ama Aurora. Eu adoro o jeito que você fica com aquela expressão confusa e frustrada no rosto – a mesma que você tem agora – com a pequena marca entre as sobrancelhas.

Eu rio com ele agora, mas meus olhos nunca deixam seu rosto, mesmo quando ele inclina a cabeça para trás e sorri novamente.

— E nada, nenhuma parte obscura de você, ou de sua vida, jamais mudará isso. Então, como eu disse ao Oliver, se você não me quer mais, terei que lidar com isso. Mas *nunca* haverá um dia em que eu não te queira.

Ele caminha para o lado da cama agora, elevando-me onde estou sentada, meus dedos torcendo os cobertores. Ele se inclina e segura meu queixo suavemente.

— Diga que você entende.

— Eu entendo.

Ele concorda.

— Bom.

Minha boca se abre por um momento, como se eu pudesse responder, mas então fico assim. Boquiaberta como um peixe fora d'água.

Ele aproveita o momento para beijar meu lábio inferior, sugando suavemente entre os lábios e os dentes. Nossas testas se pressionam enquanto ele se senta na cama, me fechando no conforto do seu calor.

— Você não precisa dizer nada agora, ok? Posso amar você o suficiente por nós dois.

— Por enquanto — eu deixo escapar.

Ele sorri, e posso ver o brilho em seus olhos calorosos agora. Que ele entende que as palavras que dei são uma promessa.

— Por enquanto, *kotyonok*.

— Você vai me dizer o que essa palavra significa?

— Talvez um dia — ele diz antes de me empurrar de volta no colchão e pressionar “*eu te amo*” em cada centímetro da minha pele enquanto ele faz amor comigo, suave, doce e lento.

Depois, ele pede meu pequeno alto-falante Bluetooth, colocando-o na cama entre nós. A grande janela acima da minha cama deixa vazar a luz da lua sobre sua pele nua como se ela estivesse banhando a ele com brilho.

Enquanto ele procura seu telefone, eu me inclino para frente e beijo e mordo seu pescoço novamente.

Dois cliques e a música toca. Uma música que conheço bem, mas não das minhas playlists.

A voz de Brandi Carlisle é suave, o toque das cordas da guitarra é lento e suave, enquanto Rhys Koteskiy toca “*Heaven*” nos alto-falantes subitamente suaves do meu quarto.

— É minha música para você. — A resposta automática é pará-lo aí. Convencê-lo de que ele não deveria ter uma música para mim. Especialmente não esta.

Mas seu rosto está tão aberto, todos os músculos relaxados, e eu *acredito* nele. Que ele me ama.

Há uma inocência infantil em seu rosto, como se ele não tivesse me fodido lentamente no colchão com a mão sobre minha boca para me manter quieta, antes de perguntar:

— Você tem uma para nós?

Apenas um milhão, quero dizer.

Mas Rhys Koteskiy nunca poderia ficar confinado a apenas uma música — ele é uma sinfonia, uma playlist sem fim que quero repetir para sempre.

— Vou pensar — digo, me enrolando em sua pele.

Ele está gravado em mim, eu acho, como uma marca.

Eu nunca vou me recuperar dele.

QUARENTA E UM

Sadie

Eu estou linda.

Rora encontrou o vestido, embora tenha se recusado a me dizer onde, mas ele cabe como uma luva. Seda preta até os tornozelos com uma única fenda no meio da coxa. Apenas o suficiente para ser sexy sem ser indecente.

Minha melhor amiga trabalhava no meu cabelo enquanto eu fazia a maquiagem, prendendo tudo em um coque, deixando duas mechas penduradas na frente e emoldurando meu rosto. Eu ainda uso meus habituais lábios cereja escuros e olhos esfumados, mas é mais majestoso. Menos a Sadie competitiva. E mais como a Gray do Rhys.

Do Rhys. Dele.

Nunca pertenci a ninguém, nem a lugar nenhum.

É uma sensação calorosa quando pensei que seria sufocante.

Estamos na *Hockey House*, Rora se ofereceu para pegar os meninos depois que eles voltarem do treino para casa – algo que tenho certeza de que os pais de Rhys ajudaram a organizar. Então, parece um baile de formatura quando desço as escadas para uma sala cheia de garotos vestidos de *smoking*.

Rhys, Freddy e Bennett – os dois últimos indo sozinhos, parecem de dar água na boca.

Bennett se parece ainda mais com seu pai agora, sua altura e largura são igualmente assustadoras, mas agora em um *smoking* preto impecável, sem gravata. Seus rebeldes cachos castanhos dourados são apenas um pouco alisados, mas seu rosto está bem barbeado – o que de alguma forma o torna mais intimidante.

Freddy está de terno azul, o cabelo penteado para trás, a camisa aberta apenas o suficiente para brilhar a corrente que ele normalmente usa.

Talvez eu seja tendenciosa, mas Rhys parece capa de revista ou alguma celebridade no tapete vermelho. Seu cabelo está cortado mais curto agora, não tão desgrenhado como antes, e ele colocou algo nele para mantê-lo domesticado. Seu *smoking* é preto, simples, com uma gravata borboleta perfeita no centro da gola.

Uma gravata borboleta que resolvi consertar mesmo assim, mesmo sem saber nada a respeito. Apenas mudando de um lado para outro, porque esse momento parece um sonho e quero que continue assim.

Ele agarra meus pulsos de qualquer maneira, parando-me para um beijo gentil, seus olhos ardendo enquanto ele se afasta e me absorve.

— Você é tão perfeita, Gray. — Ele sorri. — E eu tenho muita sorte.

Quase digo de novo, digo a ele as palavras que estão na ponta da minha língua, que estão ali há cinco dias, desde o Halloween. Mas estamos cercados de amigos, e se eu conheço Rhys, no momento em que essas palavras saírem da minha boca, não sairemos do quarto dele por um tempo.

Então, em vez disso, beijo sua mão. Mais suave em meu carinho, e vejo como isso faz suas bochechas corarem.

Ele pode ser um sólido capitão do gelo quando patina, o destemido líder dos *Waterfell Wolves*. Mas para mim, ele sempre será suave.

Os pais dele planejaram nos encontrar na entrada, mas já estão cercados no canto quando chegamos lá. É uma arrecadação de fundos para a *First Line Foundation* – que recentemente percebi que não era apenas uma oportunidade de voluntariado para Max Koteskiy; é *sua* instituição de caridade. Ele começou, financiou e tudo mais, para que

todas as crianças tivessem a chance de patinar.

Anna, a mãe de Rhys, está deslumbrante em seu vestido verde profundo. Já ouvi os meninos zombarem de Rhys sem parar sobre como sua mãe é linda – e eles não estão errados. Ela é linda, claramente em forma e sempre com os olhos brilhantes. Mas é fácil estar perto dela; ela faz todo mundo sorrir e acho que essa é a verdadeira razão pela qual todos se sentem atraídos por ela.

Esta é apenas a quinta ou sexta vez que estou perto deles, e sem a proteção dos meninos ocupando sua atenção, estou nervosa. Estou aprendendo a confiar nela. Devagar. Em seu pai também.

Eventualmente, depois de algumas voltas na pista de dança – o que me surpreendeu agradavelmente com a habilidade de Rhys para valsar, nós seguimos até eles.

Os fotógrafos aproveitam a oportunidade para tirar fotos do grande Maximillian Koteskiy com seu filho estrela do hóquei em ascensão, Rhys Maximillian Koteskiy. Eles não se preocupam com Anna, até que seu pai faz barulho e começa a gritar sobre suas conquistas arquitetônicas, que ele diz serem muito mais importantes do que um jogador fracassado da NHL.

E eu vejo então a razão pela qual Rhys me ama do jeito que ele ama. A razão pela qual ele se preocupa com os meninos e quer nos manter por perto. Porque ele viu isso durante toda a sua vida. Foi cercado de amor.

Amar a mim, amar meus irmãos, é fácil para ele.

Meu peito aperta.

E não consigo parar, continua apertando até que tenho quase certeza de que vou morrer.

Então, quando eles terminam as fotos, eu o arrasto para o corredor acarpetado do centro de conferências e desço em direção às entradas dos funcionários, empurrando-o para uma sala de conferências vazia, vasta, escura e cheia de mesas e cadeiras desarrumadas.

Ele ri enquanto eu o prendo fracamente na parede. Seus olhos ardendo para mim, semicerrados e cheios de chocolate quente, me aquecendo em seu olhar.

— Não dá para aguentar nem algumas horas, hein? Precisa tanto de mim, *kotyonok*?

Ele não usa a palavra com frequência, mas nunca deixa de me animar quando fala russo.

— Eu te amo.

Não é exatamente como planejei na minha cabeça, nenhum discurso bonito que corresponda ao que ele fez e que repasso na minha cabeça quase constantemente. Então, eu continuo.

— E me desculpe por não ter...

Ele me cala com um beijo, agarrando meus quadris com as mãos que cobrem quase toda a minha cintura, levantando-me para que eu possa envolver minhas pernas em torno dele. Isso faz com que a seda deslize pelas minhas pernas e se amontoe na minha cintura, o que parece ser o objetivo dele.

— Sem desculpas, Gray. — Ele beija meu pescoço. — Nunca preciso de desculpas com você. Eu te amo muito. Eu te amo.

Ele nunca para de dizer isso enquanto me deita sobre uma das mesas cobertas de pano, o brilho da luz da lua iluminando minha pele. Sua gravata-borboleta desaparece junto com o paletó, antes que ele coloque a boca em minha clavícula e deslize suavemente as alças finas do meu vestido pelos meus braços, até que meus seios fiquem à mostra para ele.

Minha respiração é interrompida enquanto sua mão se desloca para o meu centro. Ele sibila quando encontra apenas pele nua.

— A noite toda? — Ele pergunta, pressionando firmemente contra meu clitóris, deslizando seus dedos mais levemente pelos meus lábios antes de circular de volta em um pequeno padrão cruel.

— Para não marcar o vestido. — Eu mal empurro pelos meus

lábios, seguido por um gemido alto e desesperado quando seus dedos entram em mim.

Tento me acalmar e não gozar ainda, porque sei que *Rhys* está prestes a cair de joelhos e me lambe até que eu esteja tremendo, mas nada do que faço está funcionando.

Já estou no precipício, apenas olhando para ele nas sombras escuras da sala. O menino de ouro Rhys Koteskiy desapareceu, e em seu lugar está a escuridão que eu sei que vibra em suas veias. Talvez isso o tenha assustado antes, mas esta versão liberta dele: eu a amo tanto quanto a estrela brilhante.

Ele me lança aquele olhar sombrio e provocador, como se soubesse exatamente o quão perto estou.

— Diga de novo — ele exige.

— Eu te amo.

— Boa menina — diz ele, caindo de joelhos e provocando minha fenda com a língua, sem se preocupar em remover os dois dedos que ele ainda tem dentro de mim. Demoro apenas dois minutos com seus lábios em volta do meu clitóris, chupando e lambendo em rápida sucessão que eu explodo como uma bomba.

Eu aperto seus dedos, mesmo quando seus lábios me deixam. Ele aparece sobre mim novamente, beijando-me e o meu gosto em seus lábios, em sua boca, é tão erótico que pulso novamente.

Ele usa as mãos agora para desfazer o cinto e as calças, libertando-se enquanto eu fico deitada como uma massa desossada de músculos.

Acho que faria qualquer coisa que ele quisesse agora.

— Deus — ele diz, deslizando lentamente para dentro de mim, mesmo quando minha boceta ainda pulsante aperta em torno dele. Não importa que eu mal tenha saído do meu orgasmo, posso sentir que o meu batimento cardíaco fixou residência no meu centro, como se estivesse implorando por mais.

— A primeira vez que te vi assim, pensei que você era pequena demais para mim.

Eu gemo alto e alto enquanto ele avança novamente, ainda se contendo.

— Mas você me serve como uma porra de uma luva, *baby* — ele murmura, antes de estocar com força. Minhas costas se curvam, os seios arfando quando ele começa a me foder, forte e insistente.

Sempre parece que é a primeira vez que estou com ele, e me pergunto se daqui a alguns anos, quando tivermos filhos, um quintal e um cachorro, ainda me sentirei assim.

Ele não desiste, não faz uma pausa, continua a empurrar e me fazer passar por outro orgasmo, antes de beliscar meu mamilo com uma mão e segurar meu queixo com a outra.

— Me dê mais um, *kotyonok*. — Sua voz está rouca agora, sua têmpora brilhando com uma leve camada de suor.

— Rhys... eu não posso — eu choro.

— Você pode. Diga de novo e goze para mim.

Ele passa os dedos pelo meu clitóris novamente, esperando até que as palavras “Eu te amo” saiam dos meus lábios, antes de me pressionar, como riscar um fósforo, eu me perco novamente.

Ele me segue, dizendo que me ama, um fluxo constante de elogios enquanto descarta a camisinha e me limpa, colocando as alças de volta no ombro e me ajudando a levantar. E ele nunca para de me beijar. Arrumo meu vestido enquanto ele joga a toalha de mesa que usamos na lata de lixo do canto.

Não consigo parar de sorrir para ele, mas me viro para pegar meu celular enquanto ele se arruma.

Porque está iluminado, com cinco chamadas perdidas de um número desconhecido, mas com código de área local.

Assim que vou clicar, a chamada chega novamente.

— Olá?

— É Sadie Brown?

Os olhos de Rhys piscam para mim com leve preocupação e sei que no silêncio da sala ele pode ouvir cada palavra.

— Sim, quem é?

— Sou Samantha, enfermeira do *Greenwood General*. — Meu estômago embrulha com a menção do hospital em uma cidade perto de *Waterfell*. — Estamos tentando entrar em contato com você. Seu pai foi trazido há cerca de uma hora, após um acidente ao dirigir embriagado.

Meus olhos ardem, mas tento me controlar até ela terminar.

— Mas, hum, seus irmãos, eu acho? Liam e Oliver? Eles estavam no carro com ele. E você está listada depois do seu pai como parente mais próxima.

— Ai meu Deus — eu choro, já correndo descalça para a porta e para o corredor claro e barulhento. — Eles estão bem? Eles estão...

Não consigo respirar, mal consigo ouvir o que ela diz. Minha visão fica cinza por um momento e tropeço na parede.

Rhys está lá, como sempre está, sua mão envolve a minha e gentilmente tira o telefone da minha mão, assumindo o controle.

E ainda não consigo respirar.



A sala está fria. Eu sei porque a mãe de Rhys está enrolando a jaqueta do marido nos braços enquanto ouvimos o médico falar sobre meu pai. Mas não consigo sentir nada, apenas dormência.

E constrangimento.

A mãe e o pai de Rhys me levaram de volta, mas não vi para onde Rhys foi. Ele pode ter me contado, mas não me lembro. Sinto que estou

observando tudo de longe.

Finalmente, eles nos deixaram entrar.

Meu pai está em uma contenção de quatro pontos. Eu ouvi a enfermeira tentar avisar os Koteskiy sobre isso antes de subirmos, mas é um pouco pior de ver do que eu pensava. Ele ainda está se debatendo, gritando com a enfermeira que ignora tudo e termina as dosagens e anotações, antes de sair com um sorriso simpático.

Não, não é simpático. Com pena.

— Sadie — ele diz, com o peito arfando. Seus olhos cinzentos e avermelhados são uma zombaria dos meus. — Deus, Sadie, por favor, tire-me daqui. Eles estão tentando levar os meninos. Vamos, querida.

Não consigo olhar para ele. Sinto um pouco como se estivesse morrendo.

Ele muda como um interruptor

— Não seja uma maldita pirralha, Sadie. Eu preciso de você.

Anna Koteskiy fica na minha frente de repente, com os braços cruzados. Ela é uma mulher pequena, mas ainda mais alta que eu, e me cobre completamente; intencionalmente.

— Acalme-se se quiser falar com ela — ela exige, mantendo a voz semi-baixa, mas firme. — Você precisa se acalmar de qualquer maneira.

— Vocês são as pessoas que estão tentando levar meus filhos.

Ele está ficando maníaco, mas não digo nada. Ninguém está tentando levar ninguém. Ele não percebe que já nos ferrou o suficiente? Que nenhuma família como os Koteskiy nos quereria?

— Fique longe da porra dos meus filhos — ele grita, rasgando as restrições e chutando a cama. — Sadie e eu cuidamos deles muito bem.

Um fogo acende nos olhos de Anna, sua forma esbelta parece se expandir na sala enquanto ela continua parada na minha frente, seu lindo vestido roçando o chão áspero do hospital.

— Sua filha está cuidando de seus filhos. Sadie não deveria ser a responsável por aqueles meninos, enquanto estudava, trabalhava e cuidava de seu pai alcoólatra.

Fico em estado de choque, abalada pela onda avassaladora de emoções que percorrem meu corpo. Raiva, medo, confusão, tudo confuso sob o peso da vergonha e do constrangimento. Mesmo assim, não consigo me lembrar de uma ocasião em que alguém tenha me defendido dessa maneira — e não apenas alguém, uma mãe.

— Sua vadia de merda — ele grita, cuspidando na direção dela em um movimento que faz meu estômago embrulhar.

— Já chega.

Max Koteskiy dá um passo à frente abruptamente, seu rosto é uma máscara dura de raiva. Ele se parece muito com Rhys. Tirando as leves rugas da idade e os fios grisalhos do cabelo mais escuro de Max Koteskiy, eles poderiam passar por irmãos.

Ele agarra sua esposa com delicadeza, puxando-a ligeiramente para trás. E mesmo quando ela começa a protestar que está bem, ele passa a mão pela bochecha e sussurra:

— Eu sei que você está, Encrenca. Mas me deixe cuidar disso, ok? Pelo meu *estúpido orgulho masculino*.

Posso dizer que é algum tipo de piada interna entre eles, só pela forma como isso a suaviza.

— Por que você não leva Sadie para ver seus irmãos? — Ele sugere, enquanto seus olhos nunca deixam de vigiar meu pai.

Ela balança a cabeça, embora com um pouco de relutância, e ele lhe dá um sorriso particular.

— Eu te amo tanto que dói, *rybochka*.

Suas palavras são suaves, mas sua intenção é clara. Proteção.

Ainda assim, o som deles ecoa na minha cabeça como tiros. Carinho, abertura, honestidade e profundidade — é assim que Rhys

seria, como pai ou marido. Se isso fosse algo que eu pudesse ter. É algo que não conheço, algo que nunca vi antes de ver seus pais.

Eu não tinha tempo para amigos.

As garotas com quem patinei eram competidoras e, de acordo com o treinador Kelley, eu não tinha permissão para patinar ou brincar com elas. Na escola, eu estava muito preocupada em guardar meu segredo. Então, nunca vi como eram realmente os verdadeiros pais e o verdadeiro amor.

— Vamos, garota Sadie — ela murmura, seu tom de repente gentil, mais gentil do que a aspereza de suas feições lindamente redondas enquanto ela puxa meu corpo quase catatônico para o corredor. — Rhys e Matt estão com seus irmãos na sala de espera.

Matt?

— Freddy está aqui?

Outra onda de vergonha faz minha pele corar, uma coceira percorrendo minha espinha que sei que não vou coçar.

Eles veem, eles sabem agora — todo mundo sabe. Meu pai a chamou de vadia. Cuspiu nela. Eu sei que eles não vão querer a família deles perto da minha, especialmente Rhys.

Tento repetir as palavras do Halloween novamente, mas tudo que ouço são os gritos do meu pai. A honestidade do meu treinador. Nunca serei como essas pessoas, assim como nunca patinarei como qualquer uma das garotas que admirava. Estou destinada a ser apenas *isso*.

Meu terror.

Odeio o quanto tenho que resistir à vontade de ligar para Kelley e pedir ajuda. Porque Rhys me ama, mas acha que posso melhorar, posso me curar.

Será que ele me amará quando perceber que isso que sou é tudo que serei?

Viramos a esquina e entramos em outra sala, quase como uma sala de conferências, mas não questiono Anna enquanto ela me conduz por ela.

A vista por si só é um tiro no estômago.

Freddy está segurando Liam, ajoelhado enquanto meu irmão mais novo ri e joga em um iPad que definitivamente não é nosso. E Rhys...

Rhys está abraçando meu irmão de 12 anos com força, sentado no grande parapeito da janela do hospital para que Oliver possa ficar entre suas pernas e manter a cabeça apoiada no peito dele. Rhys está sussurrando em seu ouvido em um ritmo constante, e os acenos de cabeça de meu irmão sem sair do abraço, os punhos puxando seu paletó, me contam tudo.

Oliver odeia ser tocado, mas está completamente envolvido nos braços de Rhys.

A porta se fecha suavemente atrás de nós, mas ainda chama a atenção deles, Liam primeiro com um grito de

— Irmãzinha! — e um salto sem cerimônia do colo de Freddy que deixa o homem segurando-se com dor.

Eu o pego rapidamente, a expressão praticada de serenidade se instalando facilmente enquanto meus irmãos olham para mim. Liam, ainda com os olhos brilhantes e de alguma forma bem, mas os olhos de Oliver estão vermelhos, as bochechas inchadas enquanto ele olha para mim sem sair da bolha de segurança em torno de Rhys.

E eu não o culpo — eu estive lá. Eu sei o quão quente e seguro é.

— Ei, besourinho. — Eu sorrio, beijando sua bochecha com força e envolvendo Liam em meus braços. — Eles fizeram um *check-up* em você?

Ele sorri e levanta o cotovelo, onde um Band-Aid laranja brilhante do Bluey26 brilha. Isso faz meu peito doer.

— Ele está bem, só ralou um pouco o cotovelo, certo,

homenzinho? — Freddy diz, levantando-se e mexendo no cabelo de Liam. O *playboy* de *Waterfell* ainda está vestido com esmero, parecendo mais que deveria estar na capa da GQ e não na sala de reuniões de um hospital. Mas, por baixo do sorriso que ele oferece ao meu irmão, há uma expressão de simpatia em seus olhos.

— Freddy disse que tinha a mesma idade que eu quando ele começou a jogar hóquei — Liam oferece, pulando para um novo assunto tão rapidamente como de costume. — Ele diz que um dia serei ainda maior que ele.

— Não disse não!

Meu irmão cai na gargalhada, mas meus olhos nunca saem da janela, observando Oliver e Rhys com uma dor desesperada corroendo meu peito.

QUARENTA E DOIS

Rhys

Sou cuidadoso em cada movimento, caminhando lentamente em direção a ela, apesar do medo que sinto no peito. Não consigo engolir a pedra presa em minha garganta ao vê-la assim.

Horas atrás, eu a tinha em meus braços. Por que parece que de repente ela está completamente fora de alcance?

Mantendo a calma, estendo minha mão para ela, porque só quero abraçá-la.

O pai dela a assustou, quase machucou seus irmãos, e posso sentir seus pensamentos acelerados do outro lado da sala – se eu puder apenas falar com ela, apenas acalmá-la e tranquilizá-la de que estou aqui, então ela não irá embora, ela não vai entrar em pânico e arrumar seu sorriso e seu sarcasmo e seus irmãos e tudo que eu amo, para tirar isso de mim.

Deus, mesmo na minha cabeça, sou um maníaco por controle.

Ela não se move em minha direção, mas também não se afasta.

Minha mãe levou Liam e Oliver, junto com Freddy, para pegar alguma comida em qualquer coisa que estivesse aberta a essa hora no refeitório. Ambos, para distrair os meninos que pareciam um pouco desgastados desta vez, e para dar algum tempo a Sadie e a mim.

— Rhys — ela começa, com os olhos vazios de uma forma que eu não via desde o verão, na verdade. Desde as patinações de manhã ao som de “*Fast Car*” quando pude sentir sua desesperança através de seus movimentos.

Eu gostaria de ter sabido então o que sei agora.

— Sadie — respondo, mas cruzo os braços para me preparar. Empurre-me para longe de novo, amor. Vá em frente, tente me fazer pensar que você estaria melhor sem mim.

Não importa o que ela diga agora, não vou desistir.

— Nós precisamos parar com isso. Preciso deixar você em paz e você precisa...

— Não. — Eu a paro. — Vou deixar você dizer o que precisar agora, para colocar tudo para fora. Mas vou lhe dizer agora mesmo o que preciso, para que não haja confusão. Eu preciso de você. Agora você pode decidir o que *você* precisa.

Posso ver a raiva tomando conta dela, enquanto ela veste seu escudo de confiança. Eu me preparo para o golpe de sua melhor arma.

— Você é um maldito jogador de hóquei que tem problemas suficientes em sua vida para lidar sem adicionar uma família fodida de três pessoas ao pacote. Essa é a merda mais estúpida que consigo pensar. Deus, Rhys, há apenas alguns meses você estava em pânico demais para patinar. O que faz você pensar que poderia ajudar qualquer um de nós quando mal consegue se ajudar?

Dói, mas eu aguento. Porque eu sei que ela não quis dizer isso. Posso ver isso nos soluços que destroem seu corpo, nas lágrimas escorrendo por seu rosto, na maneira como sua mão se move para quase cobrir sua boca.

Como se ela estivesse em choque com o que acabou de dizer.

— Acabou? — Pergunto, respirando devagar, mantendo a calma, apesar da minha própria vontade de entrar em pânico.

— Eu...

— Eu sei. Você não deveria ter dito isso. Mas está tudo bem, Sadie. Eu sei que você está com medo, com raiva e magoada. Mas eu te disse, não vou embora...

— Eu sei — ela me interrompe, e uma pontada de medo se enraíza em meu peito. A raiva dela, eu posso aguentar. Estou pronto

para ela. Isso... seja lá o que for, me assusta. — Mas acho... acho que precisamos desacelerar.

— Gray...

— Escuta, por favor. — Concordo com a cabeça e mordo minha língua com força suficiente para sentir gosto de sangue. — Você e seus pais são incríveis. Mas preciso ter certeza de que Liam e Oliver estão seguros. E *you*, você deveria ser meu namorado da faculdade; o figurão do hóquei da Universidade *Waterfell*, atualmente sendo observado por pelo menos três times da NHL.

Sorrio apesar de suas palavras, porque a garota pode reclamar de jogadores de hóquei e do gelo arruinado o quanto quiser, mas sei que minha garota fica de olho em mim.

Aposto que ela poderia nomear as equipes.

— E é isso que você deveria estar fazendo agora. Não cuidando de mim, ou dos meus irmãos ou se preocupando comigo. Você deveria estar *prosperando* e mostrando aos olheiros por que eles deveriam escolher você. Certo?

Não quero concordar, mas vou ouvir. Então eu encolho os ombros.

Seus olhos reviram, mas posso dizer que isso está ficando mais difícil para ela.

— Rhys, por favor.

— O que você quer que eu diga? Eu não vou concordar com você. Eu posso fazer as duas coisas.

— Você não deveria precisar.

— Nem você deveria! — Eu finalmente quebro. — Você deveria estar aproveitando sua vida, sem se preocupar se conseguirá alimentar dois meninos em crescimento ou como vai pagar as contas de uma casa onde nem mora o tempo todo. Você não deveria ter que fazer isso, mas *definitivamente* não deveria ter que fazer isso sozinha.

Ela suspira, mas posso vê-la absorvendo minhas palavras, trabalhando através daquele grande cérebro em sua linda cabeça.

Por favor. Quero implorar, mas não quero ser um manipulador. Se ela me quer, ela tem que me *querer*.

— Eu não sei o que fazer, Rhys. Eu só... preciso que a gente diminua a velocidade, ok?

— Não vamos terminar.

Eu nem tento fazer com que pareça uma pergunta. Mas ela balança a cabeça.

— Não. Eu não quero terminar. Eu só... não sei. Eu *não posso* te amar como você quer que eu ame agora. Não sobrou nada em mim.

— Tudo bem — concordo, porque o que mais posso fazer? Vou até ela, seguro seu rosto em minhas mãos e deixo que ela se aninhe em minhas palmas, com os olhos fechados. — Mas o negócio é o seguinte, Gray. Você vai deixar meus pais ajudarem, ok? Meu pai vai ajudar com a custódia e com o advogado, meus pais, Bennett, Freddy e Rora; e eu. Estamos todos ajudando você, ok? Se precisar de algum espaço e algum tempo para se mover um pouco mais devagar, tudo bem. Eu vou te dar isso. Mas você não estará sozinha. Ok?

— Tudo bem — ela concorda, as lágrimas finalmente caindo de seus lindos olhos.

Passo meu polegar ao longo das sardas abaixo do canto dos seus olhos de gato, antes de beijar sua testa solidamente.

— Estarei aqui, para o que você precisar. — *Mesmo que não seja de mim.*

QUARENTA E TRÊS

Rhys

Liam já está sorrindo, com o rosto pressionado contra a porta de tela quando eu paro. Assim como ele tem feito todas as vezes que apareci sem avisar.

O carro dela morreu no caminho para casa na noite anterior, e Rora ligou para Freddy para me encontrar em casa para ir buscá-la – porque ela não pediu minha ajuda.

Eu a encontrei na beira da rua andando para casa, tomando um minuto inteiro para absorver minha raiva e respirar, para que eu não tornasse a pior raiva dela que encobria seu pior medo.

Eu calmamente parei meu carro na lateral e andei um pouco ao lado dela, apenas vigiando-a, até que ela finalmente se virou para mim. Eu teria caminhado ao lado dela por quilômetros, mas fiquei feliz por ela ter desistido da defesa mais cedo ou mais tarde.

Ela não falou, apenas abaixou a cabeça como uma criança repreendida e se esgueirou atrás de mim de volta ao meu carro. Eu odiei como ela estava tremendo, pegando um cobertor na caminhonete do meu carro – um cobertor que eu planejava chamar de nosso cobertor *drive-in*; grande o suficiente para nós dois e seus irmãos – para envolvê-la.

Não nos falamos, mas liguei uma de suas playlists e deixei os sons suaves de Damien Rice ecoarem no espaço entre nós. O espaço que eu odiava que existisse.

Mas ela não tirou minha mão de sua coxa enquanto eu a colocava ali como uma marca. Ela ficou sentada no silêncio da cabine do meu carro até o álbum inteiro terminar, deixando-me traçar padrões em sua mão enquanto ela olhava para a casa escura de sua infância como se

fosse aquilo que a torturava todos os dias. Como se ela quisesse queimar tudo.

Eventualmente, ela saiu e eu a acompanhei até a porta, forçando-a a entrar para que eu pudesse ter certeza de que o aquecimento estava ligado lá dentro, antes de me oferecer para pegar os meninos da casa ao lado, da senhorita B. Parcialmente para que ela pudesse descansar e se manter aquecida. Principalmente, para que eu pudesse ouvir de Liam e Oliver exatamente como as coisas estavam indo.

Então, mesmo que não tenhamos falado sobre isso, ela está logo atrás do irmão agora – um gorro cinza dos *Waterfell Wolves* puxado para baixo na cabeça, um cachecol cinza grosso enrolado de modo que a cubra quase até os olhos. Ela está olhando para mim, uma expressão gentil em seus olhos. Como ela sabia que eu iria aparecer. Como se ela confiasse em mim.

É o bastante.

Oliver parece mais irritado do que eu já vi, passando por sua irmã e por mim, de modo que eu realmente não sei com quem ele está bravo, sua bolsa de hóquei balançando descontroladamente ao seu lado.

Liam está em outra fantasia de *Star Wars*, mas com um casaco grosso que o faz parecer um grande *marshmallow* azul recheado. Sadie puxa seu corpo para trás enquanto ele uiva para mim, colocando um gorro de lã em seus cachos antes de soltá-lo na neve, batendo em minhas pernas em um abraço.

— Senti sua falta — ele murmura.

— Sinto sua falta também, amigo. — Eu bagunço seu gorro e seus cachos antes de me abaixar para ajeitar novamente. Eu me levanto, ajeitando meu casaco azul marinho escuro e sorrindo para ela.

Ela está vestida de preto e imóvel – ela é tudo brilhante na minha vida. Eu a amo, faria qualquer coisa por ela.

E agora isso significa dar apoio, mas espaço para trabalhar seus próprios sentimentos.

Eu queria colocá-la em contato com meu terapeuta, mas o Dr. Bard disse que essa era uma decisão que Sadie precisava tomar sozinha.

Espero que ela o faça. Eu só quero que ela se sinta bem novamente.

Feliz.

— Ei, Gray — eu digo, minha mão coçando minha nuca para me distrair de alcançá-la.

— Campeão — ela sorri e meus joelhos tremem. Bom humor hoje, então. Ela caminha até mim e mexe no meu colarinho. — Você parece bem.

Minhas bochechas esquentam, um sorriso cresce sob sua atenção e a familiaridade do apelido provocador.

— Sim... eu, uh... temos um jogo em casa hoje. Geralmente nos vestimos bem.

Suas sobrancelhas se abaixam e ela me solta, abaixando um pouco a cabeça enquanto diz: — Oh. Eu, hum... eu não posso ir. Tenho um projeto em grupo para minha prova final e eles concordaram em se encontrar perto do ringue onde fica o treino de Oliver. E Liam...

O garoto coloca a cabeça para fora do carro, onde Oliver já o prendeu em sua cadeirinha, que eu definitivamente não tinha comprado antes da festa de gala, quando percebi que estar com Sadie significava ser responsável o suficiente para lidar com seus irmãos.

— Eu quero assistir Rhys!

Sadie está exausta. É fácil ver em seus olhos e em sua postura, mas posso dizer que isso a ajudará. Mesmo que ela não pergunte.

— Meus pais têm lugares e queriam convidar Liam se você precisasse de ajuda.

Ela morde o lábio.

— Eles não se importariam?

— Não. — Eu sorrio tristemente para ela. — Eles adorariam. Eles os amam.

— Sim. — Ela balança a cabeça, mordendo o lábio.

Eles também amam você, você só precisa deixá-los entrar. Eu quero dizer, mas fico quieto.

— O que você vai fazer depois do jogo?

Sorrio de novo, porque posso dizer que ela está protelando um pouco. E para ser honesto, eu ficaria feliz em chegar atrasado ao meu jogo por mais alguns momentos com ela.

— A que horas você termina? — Pergunto, sendo um pouco mais ousado e tirando o gorro do cabelo brilhante, prendendo algumas mechas para trás e alisando-as antes de colocá-lo novamente. — Estarei lá para buscar você.

— Rhys...

— Silêncio. Essa parte é inegociável.

Ela balança a cabeça novamente, com as bochechas rosadas; seja por causa do tempo ou de mim, nunca saberei.

Todos nós entramos no carro da minha mãe, um SUV para crianças – onde meu pai e eu passamos a manhã inteira tentando colocar a cadeirinha no carro corretamente. A coisa era como uma maldita nave espacial.

Todo o trajeto até o ringue local leva vinte minutos de ABBA, com Liam cantando aos gritos a plenos pulmões. É ridículo e barulhento, e ainda assim, posso ver que suaviza tanto Oliver quanto Sadie.

Quando entro no estacionamento, antes que Oliver possa sair do carro, paro e olho para Sadie.

— Só quero que você saiba que cuidar sozinha dos seus irmãos é muito corajoso. Você é tão forte e inteligente, e espero poder ser tão incrível um dia.

Digo isso na frente dos irmãos dela, porque preciso que eles entendam o quão corajosa e incrível sua irmã mais velha é – e como nada que está por vir mudará isso. Que ninguém quer tirá-los dela, nem ela deles.

— Estou aqui, por todos vocês, ok? Eu amo vocês.

Meus olhos piscam no espelho retrovisor, fixando-se nos de Oliver.

— Eu amo todos vocês.

Liam ri.

— Eu também te amo, Rhys.

Eu destranco o carro e Oliver espera um pouco antes de sair do carro. Ele se vira para mim, porque está do meu lado do carro e acena com a cabeça.

— Amo você.

Meu coração se aperta porque sei o quão raras são essas palavras dele, até mesmo para sua própria família.

Ele fecha a porta e segue em direção à entrada do complexo de gelo.

Sadie hesita, mas se vira e me beija na bochecha. Por um momento penso em me virar para tentar pegar seus lábios, mas fico imóvel enquanto ela encosta a boca em meu ouvido.

— Amo você — ela repete. — E obrigada, campeão. Agora vá lá e acabe com eles.



Nós fazemos exatamente isso.

Foi um jogo de prorrogação e não jogamos bem o suficiente para o que está por vir, mas estou radiante enquanto tomo banho depois,

porque o último gol foi meu.

Isso, e porque eu sei que minha garota viu, porque bem no vidro estava Aurora, enfeitada com nossas cores, gravando vídeos com seu telefone quase constantemente. E quando saímos para comemorar no camarim, a mensagem dela foi a primeira coisa que vi.

SADIE

Você é de ouro,
campeão. Mal posso
esperar para assistir você
na minha televisão em
breve.

Eu busco ela e Oliver, Liam dormindo profundamente no banco do carro – ele dormiu nos braços do meu pai durante metade do jogo. Então, a viagem de volta é quase silenciosa.

Carrego Liam, deitando ele no sofá e odiando o frio que faz na casa dela. Mas posso dizer que ela pensa que estou rondando, então saio pela porta da frente, rezando para que ela me siga.

Ela segue.

Sadie está na frente de sua casa, com a mochila pendurada no ombro. Quero pedir para passar a noite com eles, só para ter certeza de que estão bem, mas me contenho. Só se ela me pedir.

— Eu, hum, tenho uma competição na próxima semana. — Sua mão brinca com uma mecha de cabelo e ela parece mais nervosa do que jamais a vi antes. — São três dias, em *New Hampshire*. Perdi a última porque foi no Colorado. E eu ia desistir para cuidar dos meninos, mas...

Meu peito aperta. Ela está pedindo ajuda.

— Meus pais adorariam que os meninos ficassem com eles por alguns dias, Sadie.

— Sério? — Ela pergunta, mas eu já estou caminhando em direção a ela.

Seguro sua cabeça em minhas mãos e beijo sua testa com força, antes de envolver todo o seu corpo em um abraço apertado que preciso tão desesperadamente quanto ela, mesmo que ela não peça. Ela afunda em meus braços, a tensão se dissipando.

— Estou tão orgulhoso de você — eu sussurro. — Eu sei que é muito difícil para você pedir ajuda. Mas estou muito orgulhoso.

QUARENTA E QUATRO

Rhys

Basta uma frase da minha boca para convencer meus pais a me deixarem levar os meninos para a competição de Sadie. Inclusive, eles decidem que querem estar lá também.

Minha mãe, principalmente. Algo em Sadie torna sua proteção feroz, mais forte do que era comigo quando criança. Ela não me conta nada sobre isso, mas posso ver o que ela sente estampado em seu rosto e em suas perguntas frequentes sobre minha namorada – além do normal.

Então, quinta-feira, dia de seu longo programa de competição, saímos antes do sol nascer e, enquanto os meninos dormem no carro que meu pai alugou, converso tranquilamente com meus pais.

A pista está um pouco lotada, mas a maioria das pessoas no complexo de gelo são treinadores e equipes, algumas equipes de notícias e repórteres se preparando para as transmissões e um público bastante pequeno.

O que significa que conseguimos bons lugares.

— Eu nunca fiz isso antes — diz Liam, balançando os pés para frente e para trás no assento ao meu lado. Minha mãe senta do outro lado dele, só porque Oliver optou por sentar entre meu pai e eu.

— O quê?

— Ele quer dizer assistir Sadie patinar — Oliver diz, examinando os bancos distantes enquanto procura por sua irmã. Estou fazendo o mesmo, mas nenhum de nós a viu ainda. — Nós nunca tivemos a chance. Não desse jeito.

Outro nó se forma na minha garganta, e minha mãe claramente

percebe quando ela começa:

— Bem, então esta será a primeira vez para todos nós. E temos que torcer muito alto por ela, ok?

Liam uiva e me dá uma cotovelada na lateral do corpo.

— Vou gritar mais alto para que a nossa irmãzinha saiba que sou eu.

A competição é lenta à medida que avançam pelos grupos. Mas cerca de uma hora depois, Sadie aparece no aquecimento com seu grupo.

Ela está usando uma jaqueta da *Waterfell* por cima do vestido, então só consigo ver um pedaço do tecido preto por baixo, as pernas em meias-calças preta em vez de bege como suas concorrentes. Seu cabelo está trançado firmemente contra a cabeça, em um coque igualmente apertado e brilhante, sem uma mecha fora do lugar.

Ela não está sorrindo, nenhuma delas está enquanto entram no gelo e patinam um pouco. Ela dá alguns pulos, gira um pouco, mas posso dizer pelas linhas de suas pernas apertadas que ela está esperando. Ela está segurando tudo agora.

Vejo Victoria patinando também, igualmente focada e determinada. Vejo o treinador delas também, de braços cruzados, parado nas pranchas e observando. Eu o observo por alguns minutos e percebo que ele está *apenas* observando Sadie.

A julgar pelas jaquetas circulando, metade de sua equipe está lá fora, e ainda assim ele está focado exclusivamente nela. Corrigindo-a, chamando-a repetidamente.

Mesmo assim, espero. E ainda assim, ele nunca faz isso por outro patinador.

As palavras de Luc me assombram novamente. Kelley não é normal. E se você não sabe o que está acontecendo naquela porra de ringue...

Cruzo os braços, o calor lambendo minha nuca enquanto o

treinador Kelley fala asperamente com ela. Vejo Sadie revirar os olhos, e isso quase me faz sorrir, até vê-lo agarrar a manga da jaqueta dela e torcê-la até funcionar como uma coleira.

Que porra é essa?

Levanto antes que eu possa pensar duas vezes sobre isso, peço licença para ir ao banheiro e vou direto para a outra entrada lateral, onde estão as equipes. Espero que alguém me pare, mas então percebo que usar minha jaqueta de atletismo *Waterfell* está funcionando a meu favor.

Sadie me vê antes que eu chegue aos bancos seus olhos se arregalam enquanto ela se afasta de Kelley e patina rapidamente em direção à saída.

Há uma mistura de apreensão e excitação em seu rosto, como se ela quisesse me bater, mas também não consegue acreditar que estou aqui.

Porque ninguém nunca esteve antes.

Espero o treinador dela me expulsar assim que me vê, mas outro de seus patinadores está muito ocupado discutindo com ele no portão – ou talvez eles estejam apenas conversando, mas é ele quem está cuspiendo as palavras.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Ela pergunta, mas suas bochechas estão vermelhas enquanto ela me puxa para um lugar atrás contra a parede, longe do clamor dos patinadores e do cheiro de gelo fresco e spray de cabelo. — Onde estão meus irmãos?

Eu sorrio e coloco minhas mãos em seus ombros, girando-a para que eu possa apontar para o nosso grupo na extrema direita.

— Eles queriam ver sua *irmãzinha* patinando. — Faço uma pausa, mergulhando a cabeça em seu pescoço para respirar seu perfume em sua pele. — E eu também.

— Você já me viu patinar mil vezes — ela murmura, mas suaviza sob minhas mãos, relaxando levemente.

— Não desse jeito.

— Nunca se sabe. Eu posso ser péssima — ela retruca, virando-se para olhar para mim, os olhos de alguma forma mais intensos com a sombra escura e o brilho. Os lábios ainda têm a mesma cor cereja escura, mais foscos e ferozes agora contra sua pele muito pálida.

Minha mão se levanta quase inconscientemente, encontrando minha pequena mancha favorita de sardas sob seu olho, deixando minha palma roçar seu rosto levemente.

— Você será a melhor — eu sussurro. — Ok?

— Você não tem permissão para estar aqui — seu treinador sibila enquanto ele se aproxima por trás, ficando tão perto que se Sadie recuasse, ela iria bater em seu peito. — Você é a terceira, meu terror.

Ele sibila o nome, e a fúria — incandescente e aterrorizante — percorre minha espinha ao ouvi-lo. Na implicação. A mão dele envolve o pescoço dela, antes de inclinar sua coluna e pressionar o punho no centro até que ela se endireite, com os ombros para trás.

Ela tenta esconder, mas eu vejo o estremecimento — meus olhos se voltam para o seu treinador com uma ameaça reunida em minha boca. Mas antes que eu possa dizer uma palavra, assim que puxo Sadie em meus braços, ele sai furioso. Uma legião de patinadores está saindo atrás dele, o aquecimento provavelmente acabou.

— Pare — ela sussurra, e por um momento penso que a segurei com muita força, que a *machuquei*. Meus braços caem dela como se eu estivesse deitado contra um fogão aceso.

Levo apenas um momento para perceber que ela está me advertindo sobre seu treinador.

—Ele não pode tocar em você desse jeito, Gray — eu sussurro, embora um pouco duramente.

Suas costas estão levantadas, novamente, a marca de sua testa que eu amo tanto me provocando enquanto ela cruza os braços.

— Você não o conhece. Ele só se preocupa comigo. Ele quer que

eu me saía bem, trabalhe duro.

— Você trabalha mais duro do que a maioria dos atletas que conheço, Gray. E eu conheço muitos.

— Ele simplesmente não me quer distraída. Ele está focado.

— *Você* está focada. Ninguém é mais determinada do que você.

O que quero dizer é que o que o treinador dela teve coragem de fazer na minha frente é apenas a ponta do *iceberg*, que só pode significar que a maneira como ele a trata a portas fechadas é pior. E claro, eu *nunca* pratiquei patinação artística, mas cresci em um rinque. Fui para uma maldita escola particular de hóquei com uma das equipes técnicas mais rigorosas que já experimentei.

E nenhum deles jamais levantou a mão para mim.

Mas ela está prestes a patinar e a última coisa que quero é perturbá-la. Nunca mais.

Então, engulo minhas palavras por outro momento e dou um beijo profundo em sua testa, antes de levantar seu queixo.

— Você arrasa, Gray. Diga.

— Eu arraso — ela murmura, revirando os olhos enquanto eu reprimo o sorriso escorregadio.

— Boa menina. — Eu sorrio. — Eu beijaria você, mas não quero estragar seu batom. — Enquanto digo isso, ela pressiona uma marca de beijo vermelho escuro na palma da minha mão, para que eu possa segurá-la.

— Estou orgulhoso de você, e seus irmãos também. Agora, vá mostrar a eles que a irmãzinha deles é durona.

Ela mostra.

Quando volto ao meu lugar — com chocolates quentes para os meninos, ela é a próxima.

Sem a jaqueta, Sadie está vestida com um vestido de malha preta de alças que combina com o preto fino de sua meia-calça, mangas

longas de malha que ficam na altura dos ombros, painéis estratégicos de preto grosso cobrindo algumas partes, enquanto os outros painéis transparentes exibir as linhas duras de sua barriga e cintura.

Ela toma seu lugar no centro, equilibrada e bonita, antes dos alto-falantes começarem a tocar “*Enter Sandman*” do *Metallica*, o que provoca uma risada vibrante em meu pai e em mim.

E assim como a primeira vez que a vi patinar enquanto me escondia no túnel, Sadie Brown patina como se estivesse pegando fogo. Pura paixão, pura força implacável. Seus movimentos são fortes e rápidos, ela gira tão rápido que ela se transforma em um borrão. Ela executa todos os saltos com força, mas os acerta. Todos eles.

Meus dedos estão fundidos na cadeira no final do programa dela, para me manter sentado quando quero pular toda vez e gritar:

— Essa é minha garota — a plenos pulmões.

Liam comemora tão alto quanto prometeu. Oliver sorri feliz, observando sua irmã com admiração nos olhos. “*Eu também, amigo*”.

No final, minhas bochechas doíam por causa do meu sorriso incontrolável e radiante. Estou tão orgulhoso dela, tenho muita sorte de chamá-la de *minha*.

Que sorte ela me chamar de dela.

Ela se curva e olha para nós, piscando para seus irmãos e mandando um beijinho sarcástico que eu sei que é todo meu. Aperto a mão com um pouco mais de força onde ainda está a marca de batom escuro.

Não importa quanta distância exista agora, contanto que ela me tenha, estarei aqui. Esperando e torcendo nas arquibancadas, se é disso que ela precisa.



Outra inquietação desaparece durante a noite.

Kane não está apenas optando por não participar do jogo com *Harvard* – Freddy aparentemente fez algumas pesquisas, foi o que ele se apressou em me informar quando entrei na *Hockey House*.

Toren Kane não pode jogar em Harvard.

Foi necessária uma intensa busca na internet para encontrar um vídeo, pois parece que alguém tentou encobri-lo. Mas há um vídeo rápido do incidente, filmado com um celular trêmulo.

Alguém diz algo provocativo, cuspiando na cara dele. Kane agarra a grade do capacete do garoto e o arremessa como um inseto irritante, antes de entrar em transe, facilmente visto com seu capacete descartado. Há uma garota, uma pequena estudante ruiva de *Harvard*, pelo suéter que veste, sentada a duas fileiras do vidro, olhando para ele daquele mesmo jeito cheio de admiração.

Seu companheiro de equipe puxa a gola de sua camisa, quebrando o combate de olhares e, de repente, ele se move para frente e bate a luva no vidro.

— Dê o fora daqui! — Ele grita, e a garota já pálida fica quase branca, levantando-se e tropeçando pelas escadas até a saída, o garoto ao lado dela seguindo cegamente.

Ainda assim, Kane continua a gritar no vidro por um momento antes de ouvir um som de vidro quebrando e o vídeo ser interrompido.

— Pelo menos não teremos que lidar com ele amanhã — diz Freddy.

É um pequeno presente, mas ficarei feliz em aceitá-lo.

QUARENTA E CINCO

Sadie

Não importa quantas vezes estive aqui nas últimas semanas, a casa dos Koteskiy sempre parece uma mansão dos sonhos.

E ultimamente tenho estado muito aqui. Mesmo sem Rhys.

Hoje, eles estão me deixando usar o escritório de Anna para uma reunião com meu advogado, que parece um pouco mais motivado desde que Max Koteskiy e Adam Reiner se envolveram. O pai de Bennett aparentemente se ofereceu para ajudar, mas admitiu que essa não era sua área de especialização.

Tenho treino em uma hora quando a reunião terminar. De qualquer maneira, pretendo chegar cedo, principalmente para evitar ficar sem jeito na casa dos Koteskiy apenas com Anna, já que meus irmãos estão com Max em um evento da Fundação Primeira Linha. Rhys está viajando para o jogo de *Harvard*.

Mas no momento em que estou vestindo minha jaqueta grossa, Anna desce as escadas.

— Sadie. — Ela sorri. — Como foi?

— Ótimo. Acho que estarei bem até janeiro para a audiência, mas obrigada por me deixar usar seu escritório. Eu vou...

— Você tem um minuto, querida?

Eu tenho, mas gostaria de não ter. Ela me assusta, e talvez se eu olhasse um pouco mais fundo – ou fizesse uma terapia tão necessária, eu perceberia o porquê.

Ela se senta no banco do balcão da cozinha e bate no banco ao

lado dela para eu segui-la.

— Você sabia que eu tinha trinta e três anos e estava grávida quando conheci Max?

Eu não me movo, apenas fico sentada em silêncio enquanto a mãe de Rhys se senta ao meu lado. Não consigo olhar para ela, porque parece demais.

— Do Rhys?

— Não. — Ela sorri, balançando a cabeça e chegando um pouco mais perto da minha forma curvada. — Foi antes de Rhys, e o pai era meu ex-marido de quem eu estava fugindo, absolutamente apavorada. E, ao se esconder de alguém, correr para os braços de uma estrela do hóquei de 24 anos em ascensão não foi um bom começo.

— Eu não sabia que ele era mais novo que você. — As palavras escapam muito rapidamente, e minhas bochechas esquentam com o quão rude isso pode ter soado. — Desculpe, só quero dizer...

— Não, Sadie, considero isso um elogio. — Ela suspira. — Max era tão maduro para sua idade, mas ele deveria ter ficado tagarelando e sendo bagunceiro em seus anos de estreia, não cuidando de uma mulher grávida do bebê de outra pessoa. Mas ele fez. Porque... bem, esse é Maxmillian. Ele era tão bonito, tão seguro; e o auge de seu sotaque aparecia sempre que ele me chamava de *rybochka*, o que eu acreditava ser algo doce, até que ele me disse em nosso casamento que significava peixinho!

Não consigo evitar a gargalhada que sai dos meus lábios.

— Ele não fez isso.

— Ah, ele fez, e pior ainda, ele me chama de *rybochka* na cama há anos! — Ela ri enquanto eu coro, lembrando o quanto Rhys enfatizou que sua mãe não tinha filtro.

— De qualquer forma, não estou aqui para falar sobre isso. Quero dizer que estava fugindo de alguém que me machucou, e por mais que eu implorasse a Max para me deixar em paz, sabendo quanta merda eu

estava causando em sua vida pública, ele nunca desistiu. Eu fui um segredo por um longo tempo, mas apenas porque implorei para ser – eu ainda estava me escondendo e me recusava a contar qualquer coisa a ele, apesar do quanto Max queria resolver meus problemas por mim.

— Rhys é muito parecido com o pai; fisicamente, fiz um mini Max, mas mentalmente também. Ele é forte e muito capaz e ama com cada célula do seu corpo.

— Mas eu...

Ela levanta a mão.

— Meu filho tem mais proteção em seu corpo do que sabe o que fazer com isso. Isso faz dele um bom jogador de hóquei, um bom amigo e um bom filho. Mas com você? Eu sei... ele quer proteger você mais do que qualquer coisa.

— Por que você está me contando tudo isso?

Ela suspira profundamente, passando a mão suavemente pela minha bochecha e alisando o cabelo em volta da minha orelha.

— Porque eu gostaria que houvesse alguém lá para me dizer que não havia problema em pedir ajuda e que eu não era fraca ou um fardo por aceitá-la.

Ela começa a se levantar, para me permitir sair para o treino, antes que eu a impeça.

— Você sabe falar russo?

— Só um pouco. Não tanto quanto Rhys ou Max; a linguagem nunca foi minha especialidade.

— Você sabe o que significa *kotyonok*?

Ela ri, sorrindo mais do que eu tenho certeza que já vi.

— Significa gatinha, meu amor.

Minha pele fica vermelha e tenho vontade de ligar para ele agora, e ameaçá-lo tanto quanto dizer que o amo.

Mas isso pode esperar. Mesmo assim, tive espaço suficiente. Assim que ele voltar, eu contarei a ele.



O treino é brutal.

E meu tornozelo está latejando – tenho quase certeza de que torci, mas o treinador Kelley não para por um segundo sequer. Tento colocar meu peso nele novamente, minha cabeça girando enquanto olho para o relógio do estádio e vejo que já ultrapassamos a marca de duas horas.

Ele recusou todas as pausas para beber água que pedi, ignorou minhas reclamações e agora tenho certeza de que ele me machucou.

— Não consigo.

— Você consegue. Dê a porra do pulo de novo.

Eu patino mancando até onde ele está bloqueando minha saída para os túneis. Perto o suficiente para ver a fúria em seus olhos, antes de tentar passar por ele novamente.

Ele agarra meu pulso *novamente*.

— Isso é sobre o menino de novo? O patético jogador de hóquei?

— Isso é sobre você me *machucar*. Meu tornozelo está me matando. Por favor, preciso de apenas alguns minutos.

Não pareço zangada, eu percebo. Parece que estou prestes a chorar.

— Não seja um bebê, meu terror. Pare de ser preguiçosa e salte novamente. Faremos isso até que esteja perfeito.

— Você vai fazer com que eu me machuque seriamente.

Ele me agarra com mais força pelo pulso, antes de levantar meu braço para olhar de soslaio para mim.

— Não se você fizer certo. De novo.

Eu não aguento mais. Eu não *preciso* disso.

— Não.

— Tente novamente. — Ele agarra meu braço com mais força, torcendo o suficiente para sentir uma dor aguda e de repente estou preocupado que ele pode quebrar meu braço. Meu estômago embrulha quando percebo exatamente o perigo que posso correr. Confio nele há anos. Agora...

Um som aterrorizado sai de mim, antes que eu reúna fôlego para gritar.

Mas eu não preciso.

Alguém agarra Kelley por trás, arrancando-o de cima de mim e socando seu rosto, fazendo-o cair, inconsciente.

Toren Kane.

Seus olhos são brilhantes brasas douradas, igualmente perturbadores e inebriantes. Ele olha para meu treinador inconsciente antes de olhar para mim com um meio sorriso que é tão falso que tenho certeza que conseguiria arrancá-lo como um adesivo.

— Diga ao seu namoradinho que estamos empatados.

Não tenho mais uma palavra dentro de mim que não seja um soluço ou um grito, então aceno com a cabeça e quase tropeço de patins nos tatames.

QUARENTA E SEIS

Rhys

Não tenho certeza do que me faz desviar da estrada que leva à *Hockey House*. Possivelmente o peso da nossa derrota em *Harvard*, ou o desejo de evitar as frustrações e tristezas dos meus colegas de equipe.

Mas, de qualquer forma, me vejo parando na garagem dos meus pais trinta minutos depois que o ônibus nos deixou na arena.

Meu coração aperta levemente, o peso da derrota da equipe tirado dos meus ombros só de saber que ela está aqui.

Quando entro pela garagem, ouço gargalhadas de crianças ao longe – Liam e Oliver.

Na sala, porém, só encontro Adam Reiner e os irmãos de Sadie jogando Xbox, mas nenhum sinal de Sadie ou dos meus pais.

Assim que abro a boca para perguntar, uma figura desce as escadas e se vira para a porta da frente. Uma figura alta que reconheço.

— Kane — eu grito.

Meu grito chama a atenção dos meninos, Liam gritando pela minha atenção imediatamente. Oliver olha apreensivo para o outro grande jogador de hóquei no saguão.

— Fale com sua namorada, Koteskiy. Não comigo.— diz ele, mas não se move.

Minha frequência cardíaca dispara e o medo entra em guerra com minha raiva – não importa o quão irracional seja, enquanto olho para Toren Kane em minha casa, falando sobre minha garota.

Oliver se aproxima de mim.

— Quem é esse? Foi por isso que Sadie estava chorando?

Com a garganta se fechando, olho para o irmão dela.

— Sadie estava chorando? Ela está bem?

Oliver dá de ombros e cruza os braços, olhando furiosamente para Kane.

— Sua mãe a levou para cima e então seu pai trouxe aquele cara aqui. Você pode apenas ver se ela está bem? Ela precisa de nós? — O tom ansioso de sua voz faz eu me sentir um pouco tonto.

Respiro fundo e aceno para Oliver.

— Você é um bom irmão. Deixe-me ver o que está acontecendo.

Entro no saguão, com os punhos cerrados e prestes a começar uma briga de verdade com o idiota, mas seu olhar passa por cima do meu ombro.

— Rhys — meu pai chama.

Um pequeno sorriso malicioso toma conta do rosto de Kane e ele ri.

— Melhor responder ao seu pai, Capitão. — Sua mão dá um tapinha no meu peito condescendentemente, empurrando um pouco áspero. — E diga à sua garota que aceito patinar com ela a qualquer hora

— Seu filho da puta.

— Pare com isso — meu pai retruca, agarrando-me pelo ombro.

Kane sai pela porta da frente sem dizer mais nada, e ouço o que parece ser uma motocicleta decolando.

— Que porra é essa? Por que Toren Kane estava em nossa casa?
— Eu me volto para meu pai.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição, mas posso ouvir meu coração batendo em meus ouvidos, a ansiedade e a frustração

começando a aumentar.

— Acalme-se, Rhys. Por favor. Sadie realmente precisa de você agora. Faça seus exercícios.

Começo a contar imediatamente, desesperado para me recuperar disso. Quando consigo respirar normalmente de novo, meu pai me chama para subir as escadas e ir para o meu quarto.

A porta se abre e minha mãe sai, deixando levemente aberta atrás dela.

— Rhys — ela sussurra, os olhos vermelhos como se ela estivesse chorando. Ela tenta me impedir de entrar na sala, mas eu me movo ao seu redor.

Abro a porta suavemente, entrando silenciosamente enquanto observo sua forma adormecida.

Exceto que dormi ao lado da garota durante meses, vi exatamente como ela dorme. E não é assim. Ela está fingindo.

Seus olhos parecem inchados e fechados, seu rosto rosado e seu tornozelo está elevado com gelo e um envoltório nele.

Saio em silêncio, tentando desesperadamente me segurar nos fios desfiados do meu temperamento atual.

— Eu vou matá-lo — eu falo, mas há um nó na minha garganta quando olho para o meu quarto, onde sei que Sadie está fingindo dormir. Lágrimas queimam em meus olhos quando me viro para minha mãe e estendo a mão para ela.

— Ah, Rhys, querido. — Ela me envolve em seus braços. — Não, está tudo bem. Ela torceu o tornozelo patinando e não conseguiu voltar para casa. Toren a seguiu até aqui para ter certeza de que ela não batesse. Ela estava... chateada.

— Sobre o quê? Se ele ao menos...

— Ela não disse — minha mãe diz, seus olhos fechados piscando para meu pai da mesma forma que têm feito quase constantemente.

Meu pai dá um passo à frente.

— Quanto você sabe sobre o treinador de patinação artística sob o qual ela treina?

Dou de ombros, um pouco desconfortável. Isso é algo que eu deveria ter prestado atenção? Por que eles estão me perguntando isso?

— Sadie nunca reclamou nem nada. Mas... eu o vi ficar agressivo com ela na competição.

Meu pai balança a cabeça como se isso fosse algo que ele esperava, depois troca um olhar astuto com minha mãe. Penteio e puxo o cabelo de novo, porque ainda estou tremendo e se não fizer alguma coisa com as mãos, tenho medo de que todo o meu corpo comece a tremer.

— Sabe alguma coisa sobre ele como patinador? Alexan Kelchevsky?

— Kelchevski? Ele atende por Kelley. Ele é russo? — Meu pai assente. Balanço a cabeça, mas estou começando a me sentir mal. — Do que se trata? Você está me assustando, vocês dois.

— Você precisa ver isso, então.

QUARENTA E SETE

Sadie

Quando acordo, não tenho noção de que horas são, mal percebo onde estou.

— Ei.

Minha cabeça gira.

Rhys está lá, sentado no sofá de pelúcia que fica perto da cama. Seu cabelo está bagunçado, como se ele estivesse mexendo nele há horas, vestido com calça *jogger* cinza e camisa de hóquei da *Waterfell*.

— Que horas são? — Minha voz soa grogue e estranha.

Ele me entrega uma garrafa de água, abrindo para mim.

— Seis da manhã. Você conseguiu dormir a noite toda.

No entanto, ele não parece ter dormido nada. Ele parece exausto, como se tivesse voltado do jogo já cansado e ainda não tivesse dormido. Como se ele estivesse sentado lá, cuidando de mim a noite toda.

— Como foi seu jogo?

Por alguma razão, a pergunta parece perturbá-lo.

— Não quero falar sobre meu jogo. O que aconteceu com o seu pé?

Oh.

— Eu torci, eu acho. Enquanto treinava.

O rosto severo que raramente vejo nele está de volta com força total quando ele se levanta e cruza os braços. Assim, ele se eleva sobre mim. Ele é tão forte — tão bonito. Estou quase distraída demais com

sua beleza para perceber exatamente por que ele está com raiva.

— Excessivamente, você quer dizer. Você torceu porque estava treinando demais.

Merda. Merda. Merda.

Meu coração martela contra minha caixa torácica.

— Não. Por que você...

— Por favor, Sadie — ele sussurra. E então, algo muda enquanto ele me observa. Ele solta um suspiro e coloca o cabelo bagunçado atrás das orelhas. — Não tenha pressa, meu banheiro é logo ali se você quiser tomar banho. Mas me encontre no escritório da minha mãe quando terminar.

Ele se inclina e beija minha testa com força, antes de sair.



Está tranquilo no escritório de Anna Koteskiy.

Rhys e seu pai estão de pé, conversando baixinho quando entro. Anna está sentada e puxou uma cadeira para mim ao lado do computador.

— O que há de errado? — Pergunto antes que eu possa pensar duas vezes sobre isso. — Eu fiz alguma coisa...

— Você não está com problemas, garota Sadie — ela sussurra, acenando para mim novamente. Eu sento, com as costas retas e rígidas enquanto olho apenas para ela.

— Só queremos perguntar sobre o seu treinador.

— Treinador Kelley? — Ela assente. — Oh, bem, ele é meu treinador desde que eu tinha uns onze anos, talvez? Ele me seguiu até aqui. Hum, ele já me ajudou com meus irmãos antes, mas... — Respiro fundo porque não sei o que eles esperam que eu diga aqui.

Porém, está claro que eles estão esperando por algo.

Rhys quebra primeiro.

— Ele nunca machucou você? Treinou demais você?

Tenho cuidado com a forma como escolho minhas palavras.

— Tudo o que ele faz é porque acredita em mim. Ele pode ser durão, mas é só porque me ama.

Minhas palavras apenas fazem Rhys soltar um som de raiva, seus braços envolvendo meu corpo e despertando o monitor. Nele, bem aberto, há um vídeo – um vídeo de competição de anos atrás. Tem quatro horas de duração, mas parou em algum lugar no meio.

Eu sabia que estava por aí em algum lugar, mas não foi em alguma competição importante, então nunca pensei que ele iria encontrá-lo.

Mas aí está, tocando para mim como um ciclo interminável de pesadelos. Tenho quinze anos, estou vestida com um figurino preto e vermelho e termino uma rotina que ainda conheço como a palma da minha mão. Caí durante minha combinação que me garantiria o primeiro lugar e uma chance nas eliminatórias olímpicas, e não consegui afastar a ansiedade, então o resto dos meus movimentos e giros foram espasmódicos, robóticos, sem nenhum sentimento.

É claro o quão ansiosa estou enquanto patino, com o rosto vermelho e choroso em direção ao meu treinador, que está furioso. Sua mão segura minha nuca com força – mesmo na câmera você pode ver, enquanto ele me repreende, sussurrando em meu ouvido.

Eu odeio isso agora, espero recuar, dar um tapa nele, afastá-lo ou fazer birra. Em vez disso, eu me enterro nele, segurando-me como se ele fosse minha âncora, apesar do aperto que ele exerce sobre mim sob a jaqueta de aquecimento que ele colocou sobre meus ombros. Praticamente ainda posso ouvir suas palavras em meus ouvidos.

Você está pesada, perdeu a rotação.

Tornozelos fracos não são algo que eu possa consertar, terror.

Você deve treinar mais.

Era sempre para ser útil, para me incentivar – pensei. Ao contrário das outras meninas do meu grupo, eu não tinha pais para me assistir e torcer, ou uma família de patinadores aposentada para me treinar. Eu estava sozinha até o treinador Kelley me encontrar.

— Isso parece normal para você? — Rhys pergunta, com os braços cruzados, a raiva clara em seu rosto.

Não há palavras quando abro a boca, mas avalio a reação dos pais dele enquanto espero.

— Ele é meu treinador desde os onze anos. — Não é a coisa certa a dizer, mas é tudo o que sai. — Ele... ele me ama, mas me pressiona. Não é tão ruim.

Mentiras, mentiras, mentiras.

Uma mão cai no meu ombro tão de repente que estremeço, observando o Sr. Koteskiy recuar com um olhar sombrio no rosto, desculpas nos olhos. Mas é Anna quem me envolve por trás, com o queixo pousando no topo da minha cabeça enquanto ela me abraça.

— Você não fez nada de errado — ela sussurra em meu cabelo. — Nada, ok? Mas você merece coisa melhor do que isso.

— Eu não...

— Sadie — Rhys acena. Ele ainda está furioso, mas sua expressão feroz suaviza quando ele olha para mim. — Você tem que denunciá-lo.

Não consigo falar, minha língua está pesada na boca. Só quando a mãe dele me agarra num abraço apertado é que percebo que estou tremendo.

As lágrimas vêm então facilmente, e Anna Koteskiy me abraça até que parem.



Rhys me segue escada acima depois que coloco meus irmãos em seus quartos temporários.

— Não tenho certeza para onde devo ir — admito, a sensação de desesperança e perda em meu estômago subindo até apertar minha garganta. — Eu não...

— Venha aqui, Gray — ele sussurra, abrindo os braços para que eu possa rastejar para o espaço seguro e quente de seu abraço. Ele apenas me segura ali por um momento, murmurando palavras suaves em meu cabelo e espalhando beijos em meu couro cabeludo e testa.

— Desculpe-me por ter te afastado — murmuro no tecido de sua camisa.

— Eu nunca iria a lugar nenhum, de qualquer maneira. — Ele ri, as palavras sérias, mesmo enquanto tenta arrancar um sorriso de mim.

Funciona, como sempre funciona.

Eu me afasto um pouco, mantendo meus punhos cerrados no tecido de sua camisa na cintura. Como se eu estivesse segurando firme, só para garantir. Mas se há algo que este homem me mostrou é que ele não vai embora.

A culpa tenta criar raízes, e ele deve vê-la passar pelo meu rosto, porque está segurando meu queixo e direcionando meu olhar para o dele antes que a primeira lágrima possa escapar.

— Vou passar todos os dias para sempre lembrando você de como você é incrível e especial. Que sorte tenho de ter alguém tão corajosa, inteligente, talentosa e linda que me ama. Vejo como você ama seus irmãos. Eu sei o quão especial é o seu tipo de amor.

Ele coloca meu cabelo atrás das orelhas e segura todo o meu rosto no berço de suas enormes palmas.

— Você merece. E se eu tiver que lutar contra os pequenos demônios em sua mente que te convencem do contrário todos os dias pelo resto de nossas vidas? Eu farei isso com prazer. Você entende?

Ele espera por uma resposta.

— Eu te amo — digo em vez disso. — Eu confio em você. E me desculpe por não ter mostrado isso antes.

Ele me beija, suave e doce.

— Temos todo o tempo do mundo para você me compensar. — Ele sorri, todo infantil, e isso faz meu coração disparar e todo o meu corpo virar mingau em seus braços.

Eu amo Rhys Koteskiy. E estou aprendendo que o mereço.

Nunca mais vou soltar a mão dele.

QUARENTA E OITO

Sadie

Três semanas depois

— Hoje foi ótimo, Sadie — diz a mulher na tela. Concordo com a cabeça gentilmente e afundo um pouco mais nas cobertas.

— Sim, eu também acho.

Ela sorri calorosamente:

— Tudo bem. Bom. Hoje é nossa última sessão antes das férias, e você não tem outra sessão até janeiro. Mais alguma coisa sobre a qual devamos conversar antes disso?

— Acho que não.

— Se você pensar em alguma coisa, lembre-se que você tem meu número agora, ok?

— Ok.

— Ah, e Sadie? — Ela consegue dizer antes que qualquer um de nós termine a ligação. — Você vai se sair muito bem esta noite, ok?

Agradeço novamente antes de desligar, e me deitar no grande sofá do escritório de Anna Koteskiy enquanto relaxo.

Comecei a terapia dois dias depois de denunciar o treinador Kelley ao reitor. Quando apareci para treinar para a Gala de Natal, ele estava em seu carro, no estacionamento, pronto para tentar me emboscar, para conversar.

Felizmente, eu trouxe reforços.

Max Koteskiy me acompanhou de seu carro até a entrada da pista de gelo, percorrendo apenas a metade do caminho antes de se virar em direção ao meu treinador, mudar de direção e começar a discutir com

ele. Levei um minuto inteiro para perceber que eles não estavam discutindo em inglês, mas em russo. Eu sabia que meu treinador nasceu lá, antes de ser adotado e trazido para a América, mas nunca o tinha ouvido falar isso antes.

Seu rosto empalideceu diante do que quer que fosse que o Sr. Koteskiy falou e eu não tive notícias dele nem o vi desde então.

Provoquei o pai de Rhys por causa de seu complexo de salvador. Ele não negou nenhuma vez.

Foi Anna Koteskiy quem me conectou com minha nova terapeuta e gosto muito dela. Temos muita coisa pela frente, e alguns dias gosto da terapia, enquanto outros odeio e fico sentada taciturna em vez de realmente tentar – mas minha terapeuta diz que isso é normal. E está tudo bem.

Tudo o que estou sentindo agora está bem.

Hoje, conversamos principalmente sobre os feriados e o Natal – então, inevitavelmente, conversamos sobre meu pai.

Meu pai está em reabilitação, mas isso não mudou meus planos de conseguir a custódia. Principalmente porque já passamos por essa estrada antes em uma reabilitação ordenada pelo tribunal. Nunca dura.

Há uma batida na porta e me sento lentamente.

Eu me levanto no momento em que Rhys levanta a cabeça levemente, um olhar caloroso e gentil em seu rosto enquanto ele me observa.

— Ei — ele diz, entrando e fechando a porta atrás de si. — Você está bem?

— Sim. Hoje foi bom.

Ele se senta ao meu lado e eu me enrolo em seu colo como um gato. Sua mão começa a acariciar meu cabelo e subir e descer pelas minhas costas. Esta se tornou nossa rotina pós-terapia – para nós dois. Minha terapia é às quintas-feiras e a dele todas as quartas-feiras alternadas.

Às vezes conversamos sobre nossas sessões, às vezes não.

Mas sempre fazemos questão de contar um ao outro quando vemos uma mudança. Para louvar um ao outro onde pudermos.

Meus irmãos também começaram a terapia, graças aos Koteskiys. Quero dizer que devo tudo a eles, mas estou aprendendo que não há problema em pedir ajuda e aceitá-la sem me preocupar constantemente em como retribuir.

Ficamos com eles durante todas as férias de inverno, que começaram como uma necessidade durante uma tempestade de neve, e depois, por insistência deles, todos nós ficamos. Os meninos estão felizes e a cada dia os vejo se apaixonando um pouco mais por Anna e Max. Isso cura uma ferida profunda em mim toda vez que Oliver deixa Anna abraçá-lo ou decide deitar no sofá um pouco mais perto de Max enquanto assistem hóquei na “maior TV do mundo” segundo Liam.

Liam também está prosperando. Ele se instalou facilmente como se este lugar fosse um novo lar. Rhys e seus pais os mimam, mas eles merecem.

— A que horas você precisa estar no ringue? — Ele pergunta, beijando minha testa e bochechas respectivamente.

Eu sorrio e bocejo, um pouco exausta emocional e fisicamente.

— Daqui a duas horas?

— Ótimo. — Ele sorri, me pegando no colo e me carregando para fora da sala. — Vamos tirar uma soneca.

A patinação individual ganhou um novo treinador da noite para o dia – e espelho o quanto o financiamento da família Koteskiy ajudou a conseguir isso, mesmo que nenhum dos três admita isso.

Ela é legal, mas firme. De certa forma posso ver isso como uma firmeza saudável, como um verdadeiro treinador. Não manipulação, isolamento ou brutalidade. Estou aprendendo que isso também não foi culpa minha – eu era muito jovem, sem nenhum adulto ao meu redor para evitar que isso acontecesse ou perceber que não estava tudo bem.

Ela também me deixou coreografar toda a minha apresentação de Gala de Natal, que vou apresentar esta noite. É ao som de “*Wish You Were Here*” do *Pink Floyd*. O treinador Kelley nunca me deixaria escolher algo tão lírico, jurando que minha força estava apenas na minha brutalidade, mas a treinadora Amber me incentiva a tentar algo novo o tempo todo, mesmo quando caio.

Estou cansada, mas não durmo, mesmo quando Rhys desmaia no momento em que sua cabeça bate no travesseiro. A luz do dia entra pelas persianas fechadas de seus quartos, dançando em seu rosto bonito enquanto eu o encaro com um pouco de admiração.

Eu o observei crescer, mudar desde aquele dia no gelo no verão passado. Eu vi seu corpo mudar e crescer, preenchendo-se novamente agora que a ansiedade não sufoca seu enorme apetite habitual.

Ele é bonito.

Em seu amor fácil por meus irmãos, em seu apoio em tudo que faço. Sua gentileza com meu coração, mas teimosia contra minha raiva. Ele cortou as vinhas da minha raiva e do meu ódio por mim mesma, como se fosse a única coisa para a qual ele foi feito.

Demorei muito tempo, mas sei quem ele é agora.

Rhys Koteskiy é ouro puro. Eu sei isso. E em breve o mundo inteiro também o fará.

Então eu aproveito esses momentos, só nós dois entre os lençóis azul-escuros da cama dele. Sob a luz bruxuleante do dia, segura e aquecida no conforto de seus braços, adormecendo ao som de seu coração forte e constante.

EPÍLOGO

Rhys

Três anos depois

Se eu pensava que a imprensa seria pior comigo oficialmente *sozinho na NHL*, isso não se compara nem um pouco com o fato de meu pai e eu estamos na mesma vizinhança.

Sua fama nunca acabará. Ele ainda detém o recorde de mais vitórias na *Stanley Cup*. E embora este seja meu terceiro ano no *New York Rangers*, os rumores de uma troca são infinitos, o que significa que estou sendo constantemente perseguido por emissoras esportivas.

No entanto, de alguma forma, meu pai conseguiu manter o rinque local de *Waterfell*, e a Fundação First Line que ele abriga lá, longe de tudo.

Entrar no rinque da minha cidade natal parece um pequeno pedaço de privacidade.

Privacidade e felicidade absoluta, graças à garota vestida com meu velho moletom e *leggings* da Universidade de *Waterfell*, parecendo um pouco mais com uma estudante universitária sonolenta e não com a atual treinadora principal do novo setor de patinação artística da instituição de caridade da minha família.

Sadie Brown sempre será a única coisa que quero ver, brilhando e ardendo como fogo no gelo. Ela sempre foi linda, mas acho que minha atração por ela cresce a cada dia.

Ela cortou o cabelo recentemente e não me contou antes, apenas

apareceu no meu apartamento com o cabelo escuro e brilhante em um corte reto na altura dos ombros, a pele rosada por causa dos ventos do inverno de Nova York e eu quase a ataquei no corredor.

Eu me transformei em um animal quando se trata dela, sem sinais de que vou parar.

— Isso foi bom? — Uma vizinha relutante pergunta.

Embora eu devesse estar em meu apartamento, dormindo o máximo possível antes da próxima série de três jogos fora de casa — desta vez para Montreal e Flórida na mesma semana — peguei o trem direto para cá. Porque mesmo que isso signifique alguns dias de pequena exaustão, farei qualquer coisa por apenas uma hora com ela.

Fico perto do grupo de pais esperando que seus filhos sejam dispensados, observando-a.

Eu poderia observá-la a cada minuto e isso nunca seria suficiente.

— Ótimo, Tiff. — Ela acena para a jovem esbelta vestida em rosa e dourado. — Você estará girando ainda mais rápido em pouco tempo.

As palavras de elogio praticamente fazem a garota brilhar enquanto ela sai correndo para mais uma volta.

Um baque alto seguido por um gritinho de frustração chama a atenção de todo o ringue para a garota mais baixa, com um par de patins mais velhos e bege e uma camiseta grande. É a garota de quem Sadie fala, reclama e defende ao mesmo tempo. Parece o mini-eu dela, se você me perguntar, mas mantenho minha boca fechada.

A garota luta com unhas e dentes com as correções de Sadie, mas se veste como ela e — não importa o quão relutantemente — faz tudo o que ela pede. Posso dizer que ela é igual à minha linda namorada. Um pouco espinhosa, mas macia por baixo; só precisa do cuidado e atenção certos. O tipo certo de orientação.

E por mais que ela não perceba, Sadie é essa orientação.

— Everly — ela responde. — Você não precisa fazer uma cena

toda vez que *não* faz o que eu digo. — Ela cruza os braços e patina um pouco mais perto da garota. — Agora, tente novamente. Você estava tão perto.

— Isso é besteira.

— Linguagem — ela retruca, como se ela não tivesse a boca de um marinheiro na maior parte do tempo. Posso ver as pequenas ameaças de um sorriso daqui. — Por favor.

— Que seja.

Sadie suspira e coloca as mãos em volta da boca.

— Ok, circule.

Ela dispensa todos eles, ignorando como sempre o modo como seus pequenos protegidos a observam com estrelas nos olhos. Todos saem rapidamente e Sadie começa a juntar seus mini cones e apagar o marcador do quadro branco do gelo.

Estou sorrindo e provavelmente parecendo obviamente apaixonado enquanto me inclino contra a entrada aberta do ringue e espero que ela me note.

Ela o faz, com os olhos arregalados, um sorriso rapidamente seguindo enquanto ela corre em minha direção, jogando tudo pela soleira antes de agarrar minha jaqueta e quase me jogar no gelo. Agarro com força o vidro ao lado, deixando-a devorar minha boca por um momento, antes de alcançar sua cintura e pegá-la.

— Senti sua falta — ela murmura em meu pescoço enquanto eu a carrego para a arquibancada.

— Senti mais sua falta, Gray. — Eu beijo o topo de sua cabeça. — Onde está sua bolsa?

Ela aponta para ela e eu a agarro, desfazendo seus patins e massageando seus pezinhos antes de colocá-los em seus tênis. O tempo todo, ela fica olhando para mim como se eu fosse desaparecer.

A distância não é muita, mas é o suficiente para ser difícil —

principalmente no meu primeiro ano.

Eu queria que ela fosse comigo para *New York* quando eles me convocassem, mas sabia que ela não deixaria Oliver e Liam para trás. Eu também sabia que ela queria cuidar deles e estava com muito medo de confiar totalmente nos meus pais.

Meu ano de estreia foi difícil e um processo de aprendizado, principalmente pelo pouco tempo que teria durante a temporada, mas também trouxe muitas recompensas. Além de chegarmos aos *playoffs*, apesar de termos sido derrotados no primeiro *round*, fiz amigos. Um que se abriu comigo sobre suas próprias lutas contra uma lesão e saúde mental.

Até co-escrevemos um artigo para *a Sports Illustrated* sobre a saúde mental dos homens e como pedir ajuda quando precisar. Eu quase diria que foi mais bem sucedido do que qualquer uma das minhas jogadas durante aquele primeiro ano, atraindo a atenção da mídia mundial, entrevistas, contas de fãs do *TikTok* e as trabalhos.

Também atraiu atenção suficiente para me deixar com uma Sadie ciumenta, pronta para me atacar e me devorar toda vez que eu a buscava na estação de trem, ou depois de jogos que ela pudesse assistir, e especialmente ao voltar para casa, para onde ela se mudou para meu antigo quarto na casa dos meus pais.

O que fez com que meus instintos protetores por não estar perto dela se acalmassem, sossegando alguma parte estranha e primitiva de mim, sabendo que ela estava adormecendo todas as noites na *minha* cama.

Ela acabou se formando tarde, terminando no outono seguinte, depois que todos se formaram na primavera. Isso a ajudou a se formar com mais orgulho de si mesma e de seu trabalho, e a ter mais uma rodada de patinação competitiva sem a pressão de seu treinador abusivo.

— Eu não posso acreditar que você está aqui. Achei que você só tinha dois dias antes de viajar.

Eu estremeço, pressionando alguns círculos em suas panturrilhas vestidas com legging.

— Eu tenho. Mas prefiro estar aqui a estar lá.

Sadie aceitou o emprego que meu pai lhe ofereceu quando ela se formou, querendo que ela o ajudasse a abrir um setor inteiro da Fundação First Line dedicado a patinadores artísticos necessitados.

Ela está feliz agora, ajudando e ainda fazendo o que ama.

— Você dirigiu?

Ela balança a cabeça.

— Seu pai me pegou esta manhã antes da nossa reunião com os executivos do *Trust*. Então, sou toda sua.

Voltamos para seu novo apartamento — um lindo empreendimento um pouco fora de *Waterfell*, na estrada que leva a *Boston*. São apenas alguns minutos a pé até o trem, onde nossa pequena cidade universitária está começando a realmente crescer.

Mas não chegamos em casa antes que Sadie suba no console do meu carro alugado, no meu colo, com as mãos no meu cabelo e os lábios pressionados com força nos meus. Está quase congelando lá fora, mas estou suando e ofegante embaixo dela quando ela me solta.

— Vamos entrar, campeão — ela murmura, deitando a cabeça no meu peito, debaixo do meu queixo. Eu a aperto um pouco mais forte e sorrio. — Eu preciso de mais de você.

— Ok, Gray.



Sadie

Acordo com um grande estrondo e me viro para os lençóis frios.

Ambos inflamam minha irritação. Mas principalmente, pela falta dos músculos de 1,90 que deveriam estar nus e enrolados em volta de mim, dormindo.

Em vez de gritar por ele, saio da cama e entro no meu pequeno banheiro, vestindo uma de suas camisetas velhas, com as quais praticamente moro agora, e uma calça comprida de pijama porque está *congelando*.

Nascida e criada no Nordeste e, ainda assim, nunca vou me acostumar com quão frio pode ficar.

Depois de escovar os dentes e pentear o cabelo curto, aumento um pouco o aquecimento enquanto caminho em direção à cozinha, parando quando ouço uma risadinha familiar.

Eu paro no corredor, vendo Rhys de calça de moletom e um moletom azul marinho dos *Rangers* que é grande o suficiente para a largura renovada de seus ombros, colocando pratos na minha pequena mesa de café da manhã do lado de fora da cozinha de azulejos verdes que me vendeu o apartamento inteiro.

Ele parece maior que a vida, assim como sempre pensei que seria. A NHL o fortaleceu ainda mais, seu corpo está em ótimas condições e minha boca fica cheia de água, apesar de ainda sentir a dor das várias vezes que ele me tomou na noite passada.

Mas, com ele, nunca será suficiente. Vou desejar cada parte dele por dentro e por fora para sempre.

Oliver, com quinze anos e tão alto que agora se eleva sobre mim, está sentado em uma das cadeiras, balançando a cabeça para Liam, de oito anos, agarrando panquecas com as próprias mãos e rasgando-as como um cachorro com um bife.

Ele ri e olha para Rhys, certificando-se de que o cara que ele idolatra mais do que qualquer um ainda está assistindo. Rhys ri de todo o coração, bagunçando seus cachos ruivos de brincadeira.

Não importa que Liam não jogue mais hóquei – agora totalmente obcecado pelos quadrinhos e pela arte da Marvel, passando a maior parte do tempo desenhando suas próprias histórias de super-heróis em intermináveis blocos de arte fornecidos por Anna Koteskiy – ele ainda olha para Rhys como ele se ele tivesse colocado as estrelas no céu.

Nosso terapeuta acredita que a adoração do herói vem do tratamento que Rhys me dispensa na frente dos meninos, da maneira como ele cuida de mim. Para Liam, ele é o primeiro modelo masculino que já teve; o primeiro homem adulto a cuidar dele. A dizer “*eu te amo*” para ele.

Oliver é diferente. Ele *ama* Rhys, e como Oliver ainda joga hóquei, ele o vê como alguém a quem respeitar, algo para aspirar ser. Mas foram os Koteskiys que o fizeram sentir-se seguro pela primeira vez na vida.

O que tive que aprender que não significa que fiz um mau trabalho com eles. Fiz o melhor que pude. Eu os protegi. Mas Oliver era muito velho e entendia tudo, o que significava que queria *me proteger*. Então ele sempre viveu no limite, pronto para lutar por mim.

Quando meu pai foi preso por causa do incidente ao dirigir embriagado e por uma série de mandados pendentes dos quais eu não tinha ideia, ele desistiu facilmente da custódia. Assinei como guardiã principal, com Anna e Max ao meu lado.

A partir daí, depois de vários meses de discussões – e da promessa de que, não importa o que acontecesse, eu sempre seria sua verdadeira guardiã, Anna e Max Koteskiy adotaram meus irmãos.

Mesmo assim, tem sido uma jornada para nós três e a terapia tornou tudo melhor.

Mas agora, posso ser irmã deles. Amá-los, louvá-los, observá-los crescer – e não me preocupar com a origem da próxima refeição ou como pagarei o aluguel.

Agora, Oliver pode frequentar academias particulares de hóquei e campos de treinamento, se quiser. Agora, Liam vê suas notas e projetos

de arte expostos em uma geladeira que não contém garrafas de cerveja e promessas vazias.

Agora posso vê-los florescer e saber que quando durmo à noite, eles estão felizes.

Que *eu* fiz isso. Eu os tirei daquele lugar.

Eu me inclino contra o arco da entrada, relaxada enquanto observo meus irmãos fazerem perguntas e mais perguntas sobre seus jogos, que eles assistem religiosamente na TV, vestidos com a camisa dele – a camisa que tem sido campeã de vendas em todos os lugares. Eles quase rivalizam com o pai de Rhys em nível de energia no sofá, quando ele não está viajando para os jogos de Rhys.

— Panquecas hoje, hein? — Pergunto, sorrindo enquanto chego por trás de Oliver e passo as mãos em seu cabelo escuro e desgrenhado.

— Significa que será um bom dia — responde Rhys, inclinándose para beijar minha bochecha. — Certo, rapazes?

— Sim — Liam canta, dando uma mordida gigantesca em panquecas pingando calda, balançando em seu assento como se estivesse dançando uma música que não está tocando. — Vai ser um bom dia porque Rhys está pedindo você em casamento...

A mão de Rhys pousa sobre a boca de Liam, enquanto sinto um baque de Oliver chutando Liam por baixo da mesa. Liam parece completamente envergonhado e arrependido enquanto engole e abaixa a cabeça.

— Desculpe.

Um sorriso desliza pela minha pele, felicidade borbulhando em meu estômago até que estou praticamente rindo, observando enquanto Rhys esfrega a nuca ansiosamente, mas também luta contra a risada.

— Deixe-me pegar suas panquecas — ele murmura, virando-se para a alcova da pequena cozinha.

Sigo atrás dele, silenciosa e rapidamente deslizando meus braços em volta de sua cintura elegante por trás, meu rosto pressionado no

meio de suas costas e inalando seu cheiro limpo de chuva de verão.

— Rhys vai fazer o quê? — Eu pergunto, pressionando beijos entre as palavras.

Tenho quase certeza de que sei, mas estou explodindo de uma necessidade desesperada de que ele diga isso *agora*. Eu não quero esperar. Eu quero ser *sua* Gray para sempre.

Ele suspira e cai para frente antes de se virar em meus braços, inclinando meu queixo para cima em um leve aperto.

— Case comigo — ele respira, com as bochechas rosadas e um pequeno tremor na mão. Ele está nervoso.

Isso faz eu me sentir quente, tão quente que tenho certeza de que minhas bochechas estão mais vermelhas que as dele, mas puxo sua mão até meus lábios e beijo sua palma.

— Sim, campeão — digo em sua pele, como se estivesse contando um segredo. — Para sempre, sim.

Ele grita:

— Ela disse sim! — a plenos pulmões, antes de me erguer no ar com um grito. E enquanto Oliver sorri e bate palmas, e Liam uiva como um lobinho, eu olho diretamente nos olhos do meu menino dourado, cujos olhos tristes não estão mais tristes.

E se eu tiver alguma coisa a ver com isso, eles nunca mais estarão.

Notas

[←1]

National Hockey League (Liga Nacional de Hóquei, em tradução livre).

Um *slapshot* é um tiro poderoso no hóquei no gelo. Sua vantagem é ser um tiro em alta velocidade que pode ser disparado de longa distância; a desvantagem é o longo tempo de configuração e também a baixa precisão.

[←3]

Idiota, em russo.

[←4]

Peixinha, ou algo assim.

[←5]

Um passe feito pela parte de trás da lâmina do taco.

[←6]

É o nome comercial para a fibra têxtil elastano, feita a partir de petróleo. Ela é amplamente utilizada por sua característica de esticar, e pode ser encontrada em moletons, *leggings* e roupas de academia e yoga.

[←7]

Acalme-se, em russo.

[←8]

É o troféu dado à equipe vencedora da NHL, principal liga de hóquei no gelo do mundo. É disputado desde 1893, sendo uma das taças em disputa há mais tempo.

É a competição final do campeonato de hockey universitário da Divisão I, onde a NCAA coroa seu campeão nacional todos os anos. Os dois jogos de semifinal, e a própria final, são disputados em três dias, no período da primavera norte-americana.

[←11]

Gatinha, em russo.

[←12]

É um prato turco de ovos escalfados com iogurte.

Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

[←14]

No Draft da NHL, as equipes da National Hockey League selecionam jogadores amadores para se juntarem às suas equipes.

Casa do Hóquei.

Posição do futebol americano.

Linha de bebidas.

Raça de cachorro de porte grande.

Raça de cachorro de porte pequeno.

[←20]

O que é, em russo.

Tela grande que exibe informações, avisos, imagens.

Boston College.

[←23]

Filha, em russo.

[←24]

Não, em russo.

Os Wookiees são uma raça fictícia do universo de Star Wars. São grandes humanoides peludos de constituição forte e cultura tribal. Os wookies costumam ter cerca de 2,1 m de altura e uma pelagem natural uniforme que cobre todo o seu corpo.

Desenho animado.